

«O piano é como uma pessoa com quem tenho uma relação muito forte»

BURMESTER MÃOS DE MESTRE

Burmester, Pedro, português, um «master» do piano. Para ele, «o piano é como uma pessoa com quem tenho uma relação muito forte».

A comunicação entre o homem e o instrumento passa por uns dedos muito finos que reflectem a vida da música. «Para estar com as pessoas é porque se gosta delas», diz. E comenta: «O piano é igual, funciona da mesma maneira para mim». Mãos de mestre que, assim, andam à conquista do mundo. Foi

seleccionado, com mais 39 pianistas de todo o mundo — entre três mil —, para tocar no VIII

Concurso Internacional de piano Van Cliburn, em Fort Worth, Estados Unidos. Confessa que gostaria de trazer uma «medalha de ouro». Mas, à pergunta sobre se vai representar Portugal, ele habitualmente responde: «Não, vou representar-me a mim». Boa, «mester».

Págs. 26 e 27



68

ANOS

«Não existe Informação pura, não há uma necessidade colectiva de Informação totalmente racional. Mas a mensagem de Imprensa perde toda a sua eficácia, mesmo emotiva, se não lhe for possível referir-se a uma realidade objectiva». Tentando trilhar este caminho, o «Diário de Lisboa», como qualquer outro jornal, tem sofrido altos e baixos ao longo dos seus 68 anos de existência. Caminhando com o tempo, para nunca deixar de ser um jornal do seu tempo, o «DL» foi sujeito às pressões e aos choques da «realidade objectiva». Mas, algum tempo passado, reencontrou-se consigo próprio, com os princípios que o norteiam desde o início. E ele aqui está, cumprindo mais um aniversário. Com uma promessa: não obedecer à moda transitória, tentando ganhar em extensão a influência que pretender alargar, mas em profundidade.

EM SUPLEMENTO NESTA EDIÇÃO

REVISTA DE 88 PÁGINAS:

PASSADO E FUTURO NO «DL»

Parlamento quer levar averiguações até ao fundo

DOIS MINISTÉRIOS JÁ SOB FOGO E UM TERCEIRO VEM A CAMINHO

Tudo indica que a Assembleia da República se vai ver, nos próximos tempos, a braços com três inquéritos. Assim, após os dois relativos às actividades do Ministério da Saúde, que foram apresentados na passada terça-feira respectivamente pelo PS e pelo PSD, o grupo parlamentar do PCP deverá obter hoje as cinquenta assinaturas de que necessitava para viabilizar o inquérito a Miguel Cadilhe, estando a formalização da sua entrega no gabinete do presidente do AR prevista para o início da próxima semana.

Recorde-se que no dia 2 de Março, o PSD «chumbou» o pedido de realização deste mecanismo regimental de investigação à actuação do ministro das Finanças na compra do andar das Amoreiras.

Na altura, os restantes partidos da Oposição - apesar de terem apoiado a iniciativa dos comunistas - não cederam as assinaturas necessárias à sua realização. O PCP precisava apenas de 19 apoiantes, uma vez que já contava com 27 do seu grupo parlamentar, duas de «Os Verdes» e outras duas da Intervenção Democrática.

No entanto, a situação parece agora ter-se alterado com a decisão do PS, anunciada na tarde da passada quarta-feira, de ceder 10 assinaturas ao documento apresentado pelo PCP. Tal atitude acabou por ser seguida pelos centristas, com a cedência do apoio de dois dos seus três deputados. Esta opção veio contrariar as declarações prestadas no início de Março por Basílio Horta ao «DL», segundo as quais o seu partido não cederia as assinaturas. A mudança deve-se provavelmente, a novos elementos que o CDS terá recolhido sobre o caso, e que levaram mais tarde o mesmo deputado a pedir a demissão do actual ministro das Finanças.

Também o PRD, após algumas hesitações, concordou na cedência de sete assinaturas. A direcção da bancada renovadora tinha dado liberdade de voto aos seus deputados, tendo inclusivamente havido uma voz, a de Natália Correia, que se pronunciou declaradamente contra a viabilização da iniciativa comunista por considerar que legalmente não iria provar nada.

O inquérito propõe-se investigar a actuação de alguns serviços oficiais, nomeadamente da administração fiscal, sobre a forma como foi celebrado o negócio de aquisição de um andar na torre 4 das Amoreiras, pelo titular da

pasta das Finanças, Miguel Cadilhe.

Mas a dança dos inquéritos parece não ficar por aqui. Segundo uma notícia publicada na edição de hoje de semanário «O Jornal», o CDS terá detectado indícios de actos susceptíveis de inquérito parlamentar no sector das Comunicações e Transportes, estando os centristas a preparar-se para desencadear uma iniciativa em São Bento para o apuramento de eventuais actos ilícitos.

Estatutos do TC incendeiam debate

A carta que o presidente do Tri-

bunal de Contas (TC), Sousa Franco, enviou ontem à Assembleia terá sido o rastilho que inflamou a discussão da proposta do Governo sobre a alteração dos estatutos daquele órgão, apresentada pelo ministro das Finanças, e que afirma pretender «modernizar e simplificar o TC sem lhe limitar os poderes».

A proposta acabou por ser aprovada na generalidade com os votos favoráveis do PSD e do PRD, e os votos contra dos restantes partidos da Oposição. A bancada comunista apresentou igualmente um documento sobre esta matéria, que foi «chumbada» pela maioria social democrata.

O teor da carta foi evidenciado por socialistas, comunistas e centristas. Segundo a missiva, «a ser aprovada a proposta do Governo iria cair-se numa situação em que o tribunal não poderá exercer convenientemente a sua acção fiscalizadora com prejuízo da democraticidade do sistema». Os juizes do

TC criticam igualmente o Executivo por ter mantido o tribunal à margem da apreciação da sua própria reforma, recusando-se a aceitar as suas sugestões. «Esta proposta não constitui uma solução indispensável a um verdadeiro controlo democrático da acção financeira do Estado», pode ainda ler-se na carta.

Mas enquanto a Oposição realçou o conteúdo da missiva, o Governo, pela voz do ministro das Finanças, ignorou-a totalmente, que se limitou a afirmar: «Embora respeitando a opinião do tribunal, nós não a acolhemos na nossa proposta», acrescentando que cada órgão tem domínios diferentes.

Os partidos da minoria acusaram o texto governamental de reduzir os poderes de controlo do TC relativamente às despesas do Estado, quer através da decisão de não consagrar como competência do tribunal a realização de inquéritos e auditorias por iniciativa própria,

quer devido ao facto de o relacionamento entre o TC e o Parlamento passar a ter como intermediário o Executivo.

João Cravinho, do PS, afirmou que se «está a criar um desequilíbrio do poder que levanta algumas dúvidas de ordem constitucional, pois o Governo não só governamentaliza a Assembleia da República, como tenta fazê-lo com a Presidência da República e com o Tribunal de Contas». A sua colega de bancada e o comunista Octávio Teixeira acrescentaram ainda que «esta proposta afasta do controlo do TC cerca de 60 por cento das despesas orçamentais do Estado».

Por seu lado, Basílio Horta considerou que o texto abre um conflito entre o Governo e o TC, pondo em causa e sua independência. O deputado centrista elogiou ainda a atitude dos juizes daquele órgão.

Tal não é, porém, a opinião do Governo, segundo o qual a proposta não só reforça a independência e dignidade do TC, como «liminai a burocracia, fortalecendo os seus poderes».

O secretário de Estado do Orçamento, Rui Carp, negou que o texto do Executivo isente os ministérios da fiscalização do TC e levantou dúvidas quanto à constitucionalidade da proposta do PCP, que se aproxima das posições defendidas pelos juizes do referido tribunal.

Jovens estudam Sida em Portugal

Entretanto, a Comissão Parlamentar da Juventude anunciou que vai preparar um relatório sobre a situação da Sida em Portugal e no mundo, à semelhança do que elaborou anteriormente com respeito à droga. O trabalho, que deverá estar concluído no início da próxima sessão legislativa, focará temas como a caracterização da doença, a Sida e a sociedade, acções preventivas, perspectivas de evolução e recomendações.

Na sua realização participarão o Ministério da Saúde, o Grupo de Trabalho para a Sida e especialistas e representantes dos grupos de alto risco, bem como a sociedade civil que poderá dar o seu contributo através de audiências ou cartas.



Miguel Cadilhe: cinquenta assinaturas contra a vontade do PSD



Oliveira Martins: o CDS quer investigar o sector das Comunicações



Assinado por Cavaco Silva, Leonor Beleza e Miguel Cadilhe

UM DECRETO-LEI COM O SENTIDO DAS OPORTUNIDADES

O Conselho de Ministros aprovou em 23 de Fevereiro um decreto-lei que dá poderes ao Ministério da Saúde para libertar verbas sem que esse acto tenha o visto do Tribunal de Contas, afirma hoje o semanário «O Independente», que acrescenta que tal diploma «foi guardado em tal sigilo que nem sequer foi referido no comunicado do Conselho de Ministros» desse dia.

Afirma o decreto-lei, assinado pelo Primeiro Ministro, Ministro das Finanças e Ministra da Saúde que «a título excepcional e até 31 de Dezembro de 1990, a consignação de empreendimentos para a construção, ampliação, remodelação, beneficiação e conservação de unidades de saúde pode ser feita imediatamente a seguir ao despacho de adjudicação, sem prejuízo de posterior submissão do processo a visto do Tribunal de Contas» é hoje divulgado pelo semanário «O Independente».

Leonor Beleza, ao introduzir este diploma, invocou «a indispensável rapidez de execução de empreendimentos», acrescenta o jornal segundo o qual a ministra «precisava de um organismo que protegesse os seus pagamentos rápidos e não tivesse de obedecer aos formalismos legais de vistos e mais vistos».

Todos os pagamentos do Ministério da Saúde referidos no relatório da Inspeção Geral de Finanças, nomeadamente o adiantamento de 840 mil contos no caso do Hospital de S. Francisco Xavier, foram feitos através do Serviço de Utilização Comum dos Hospitais (SUCH), que a Ministra classificou como «uma entidade privada, não sujeita às regras da Contabilidade Pública».

Como sublinha «O Independente», «de facto, nenhuma entidade privada está sujeita ao controlo do Tribunal de Contas. Mas estão obrigados a todo o controlo quaisquer que sejam os pagamentos ou transferências de dinheiro efectuados por entidades públicas».

O semanário sublinha «a estranha coincidência»: «este diploma é apresentado a Conselho de Ministros pouco antes de se começar a dizer que no relatório da Inspeção-Geral de Finanças estava o adiantamento para o

Hospital de S. Francisco Xavier».

A autorização de compra através de uma portaria conjunta dos Ministérios da Saúde e das Finanças posterior também ao adiantamento do preço do hospital, invocada por Leonor Beleza como tendo autorizado a compra do edifício «não serve para este caso», afirma ainda o artigo que sublinha que «autorizar a compra não é o mesmo que visar o pagamento de 840 mil contos».

«Para fazê-lo, seria sempre necessário recorrer ao Tribunal de Contas» acrescenta «O Independente».

A autora do artigo, Graça Rosendo, pergunta: ao ouvir a ministra dizer que o visto do Tribunal de Contas é uma formalidade, «o que terão pensado os 500 mil funcionários públicos» que «não podem gastar mil escudos sem esse visto!»

Obras de Santa Engrácia no Hospital de Fafe

Outro «caso» ligado ao Ministério da Saúde é referido pelo diário «Europeu» que a Assembleia Municipal de Fafe vai apreciar hoje uma moção de censura apresentada pelo PS aos «atropelos do Ministério da Saúde na construção do Hospital de Fafe».

As obras de remodelação naquele hospital, que já totalizam custos da ordem dos 400 mil contos, «são ilegais e do estilo das de Santa Engrácia, começaram e nunca mais acabam, para desespero dos médicos e da população», refere o Presidente da Câmara de Fafe, Patrício Summerville, segundo o qual «o município de Fafe nunca viu o projecto das obras efectuadas no hospital».

A mesma fonte declarou ao «Europeu» que «nem uma correcta rede de esgotos se fez no Hospital» e que a planificação das obras é nula.

O antigo Hospital de Fafe era um edifício com cem anos, construído com

dinheiro de emigrantes da terra no Brasil, que ali quiseram fazer uma réplica da Casa da Misericórdia da Baía, acrescenta o «Europeu» segundo o qual a Câmara Municipal de Fafe apresentou queixa ao Instituto Português do Património Cultural por o edifício centenário ter sido parcialmente destruído.

A firma encarregada das obras no Hospital de Fafe foi a Edibloco, contratada para o efeito pela firma «PA».

Hospital fantasma em Vale de Cambra

O semanário «O Jornal» refere-se, por sua vez, ao «hospital fantasma» existente em Vale de Cambra, que «é um hospital exemplar» inaugurado oficialmente em 1985 por Mário Soares, então primeiro-ministro.

«Quatro anos volvidos continua por entrar em funcionamento, não obstante estar concluído e apetrechado, assistindo-se à deterioração das instalações e do moderno equipamento com que foi dotado, enquanto tarda a surgir uma solução do Ministério da Saúde», afirma «O Jornal».

O presidente da Câmara de Vale de Cambra, Gonçalo Pinho, entrevistado pelo semanário, afirma: «acontece por vezes que doentes assistidos na sala de observações do SAP têm que ser transferidos de manhã para continuarem a ser vigiados noutro hospital, simplesmente porque aquele serviço encerra às 8 horas e não existe qualquer possibilidade de internamento».

A mesma fonte disse que «Leonor Beleza garantiu que se iria empenhar em pôr a funcionar alguns serviços, nomeadamente o internamento» em Julho do ano passado.

A população do concelho de Vale de Cambra, com cerca de 30 mil habitantes, «tem de descer as serras, e por mau acessos recorrer aos hospitais de S. João da Madeira, de Oliveira de Azemeis e, por vezes mesmo a Aveiro e ao Porto, sobrecarregando serviços já de si superlotados e com dificuldade de resposta», acrescenta «O Jornal».

PCP envia ao TC lei dos despedimentos

O grupo parlamentar do PCP vai requerer ao Tribunal Constitucional que se pronuncie pela inconstitucionalidade do decreto-lei relativo à lei dos despedimentos, solicitando ainda àquele órgão que aprecie o seu pedido com carácter de urgência. Os comunistas pretendem igualmente que a Assembleia da República ratifique os diplomas referentes à cessação do contrato individual de trabalho e da celebração e caducidade do trabalho e termo. Segundo aquele partido, «o regime criado vai abrir caminho à admissão dos despedimentos sem justa causa, violando frontalmente os princípios da liberdade sindical e da segurança no emprego».

Comemorações do 25 de Abril recebem apoio

«A data do 25 de Abril tem um valor simbólico: é o momento fundador de uma nova etapa da nossa vida como nação» - pode ler-se num texto divulgado ontem, e no qual mais de 300 personalidades tornam público o seu apoio às comemorações populares do dia da revolução e ao habitual desfile na Avenida da Liberdade, em Lisboa. Os subscritores do documento - entre os quais se contam políticos como António Guterres, Torres Couto, Angelo Veloso, José Luís Judas e Helena Cidade Moura, e ainda os poetas Ramos Rosa e Natália Correia, e os escritores José Saramago e Mário Dionísio - justificam esta tomada de posição considerando que «esta data reafirma sempre que não há participação cívica sem liberdade, nem liberdade sem participação cívica».

Governantes marroquinos em Lisboa

A organização, em Casablanca, da II Conferência sobre o Atlântico, é o motivo que trouxe dois directores do Ministério marroquino do Interior a Lisboa. Os dois governantes, que permanecerão na capital portuguesa até segunda-feira, terão reuniões de trabalho com o presidente da Associação para a Cooperação e Desenvolvimento Social (ACDS), António Gomes de Pinho. Este responsável esteve, em Dezembro, em Rabat para debater o mesmo assunto. Recorde-se que a ACDS organizou, em Abril de 1988, na Madeira, a I Conferência sobre este tema, que contou com a participação de

numerosos convidados estrangeiros.

UDP/Madeira tem 30 delegados no congresso

O VIII Congresso da UDP, que se realiza este fim de semana, contará com a participação de apenas 30 dos 250 delegados a que a estrutura partidária dos democratas populares na Madeira tem direito, pelo facto de se tratar do local onde tem, proporcionalmente, maior implantação. A representação madeirense será liderada pelo presidente da Comissão Política Regional do partido, Paulo Martins, deputado à Assembleia Regional desde 1976.

Os delegados madeirenses deverão apresentar uma moção destinada a salvaguardar os interesses políticos e eleitorais da UDP no arquipélago, onde tem três deputados. Os democratas populares madeirenses apoiam, contudo, as teses em discussão na reunião magna do partido, acrescentando que as suas conclusões são semelhantes às obtidas no III Congresso Regional daquela estrutura, realizado no ano passado.

Mota Amaral nos EUA

O presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, inicia hoje uma visita de quatro dias aos Estados Unidos, durante a qual terá encontros com congressistas e senadores norte-americanos descendentes de açorianos ou eleitos em estados onde residem comunidades açorianas importantes. Mota Amaral visitará também uma exposição de baleeiros açorianos e participará na abertura de uma semana dedicada à cultura daquele arquipélago, que decorrerá na Universidade de Massachusetts.

JC prepara congresso

A Direcção Nacional da Juventude Comunista (JC) continua os trabalhos preparatórios do seu terceiro congresso, que decorre a 15 e 16 deste mês, com a organização de um debate sobre questões vão desde o desemprego juvenil à ausência de informação sobre os perigos da Sida. Na reunião, os jovens comunistas prosseguirão igualmente com a resolução de problemas técnicos relacionados com a organização do congresso, no qual participarão mil delegados e 22 delegações estrangeiras.

Soares conseguiu cativar os italianos

«PATRÃO DA FIAT» PROMETE INVESTIMENTOS EM PORTUGAL

Paula Sá

Enviada especial

Mário Soares enfrentou ontem em Roma, uma valente chuvada, ao depôr uma coroa de flores no Altar da Pátria, no início de um dia decisivo para os contactos económicos que veio estabelecer à Itália. Mas foi recompensado, mais tarde, quando o presidente da «Fiat», um dos «patrões de Itália», Giovanni Agnelli, lhe garantiu que vai reforçar os seus investimentos em Portugal. Foi o próprio empresário de Turim que convidou Soares para o encontro. Cavaco Silva quando visitou este país, em Outubro de 87, não conseguiu semelhante façanha.

Agnelli disse ao Presidente que está satisfeito com os resultados dos seus investimentos em Portugal, e com o associado português da «Fiat» - o Grupo Espírito Santo. Segundo uma fonte ligada a questões do comércio externo, o industrial italiano frisou também ao Chefe de Estado português que tem, projectos para Moçambique, que deseja levar a cabo com o Grupo Espírito Santo e com a colaboração oficial dos portugueses.

O Giovanni Agnelli não especificou a que projectos se referia, mas tudo aponta para que não sejam ligados ao sector automóvel. O presidente da «Fiat» pediu ainda a Mário Soares que o informasse sobre a evolução política em Macau. Prova, desta forma, ser um investidor atento a todas as oportunidades.

Mário Soares foi mais esquivo e não revelou os assuntos tratados com o empresário de Turim, durante o encontro de trinta minutos, na Embaixada de Portugal em Roma.

Limitou-se a dizer aos jornalistas que convidou, tanto Agnelli

como Pirinfarina líder da Cofindustria - que também esteve presente na reunião - a investirem em Portugal. «Disse-lhes que estando instalados em Espanha não cobriam toda a Península Ibérica. Que só teriam vantagens em fazer o mesmo em Portugal», explicou Soares.

No jantar que o presidente da Cofindustria - a maior associação industrial italiana - lhe ofereceu, os discursos foram de circunstância. O principal já estava decidido. O Chefe de Estado português frisou que «se impõe um esforço sério no sentido de corrigir o défice comercial e sobretudo um maior conhecimento dos investidores italianos no que respeita às realidades portuguesas». Afirmaria ainda julgar que o aparente desinteresse dos investidores italianos radica na falta de informação relativamente a Portugal.

O Presidente português reconheceu, no entanto, a falta de agressividade dos exportadores portugueses. O seu discurso foi, sobretudo, persuasivo. Apontou a consolidação da democracia, o fim da austeridade, a integração na Comunidade Europeia, e o consequente crescimento

da economia, como factores a considerar. Sérgio Pirinfarina, por seu turno, apelando para as vantagens do Mercado Único Europeu, considerou que «as relações económicas e comerciais entre Portugal e a Itália são inferiores às potencialidades dos dois mercados». O «patrão dos patrões» assegurou, contudo, que «está aberta neste momento uma nova fase nas relações económicas entre os dois países». De facto, se Giovanni Agnelli mantiver a promessa que fez a Soares, alguma coisa vai mudar neste campo, nos próximos anos. A Cofindustria, essa, aponta para o próximo Outono para a sua deslocação para Portugal.

Antes mesmo do jantar, a Cofindustria reuniu-se com os empresários portugueses, onde estes problemas foram debatidos. Pode-se dizer que ao considerável naipe de trunfos que Mário Soares vai recolhendo nesta viagem, junta-se o encontro entre os dois grupos empresariais. O secretário do Comércio Externo, Horta e Costa, frisou que «o entusiasmo do empresário italiano para investir em Portugal ficou bem patente na reunião».

Comunistas italianos defendem Estados Unidos da Europa

Os contactos políticos assumiram, ontem também, especial importância.

Soares recebeu os líderes do Partido Comunista Italiano (PCI), Aquile Ocheto, e do Partido da Democracia-Cristã, Arnaldo Forlani. Como ontem o «DL» já referia, o Presidente português mostrou particular interesse pelo processo de transformação do PCI, partido que hoje, integrado na Internacional Socialista, se vê mais identificado com os ideais da revolução francesa do que com os da

própria revolução italiana.

Aquile Ocheto, secretário-geral do PCI, defendeu, neste encontro, a criação dos Estados Unidos da Europa, dotado de um governo executivo. Facto curioso, e digno de registo, uma vez que contraria completamente a filosofia do PCP face à integração europeia.

O líder comunista italiano debruçou-se sobre a situação a Leste, sobretudo no que respeita aos mais recentes acontecimentos ocorridos na Polónia. Relatou ainda a conversa que teve com Gorbachev, na sua última deslocação à União Soviética.

Aquile Ocheto descobriu que Mário Soares faz uma análise semelhante da situação política nos países de

Horta e Costa com empresários

A qualidade de mão-de-obra, as ajudas comunitárias e os incentivos fiscais e financeiros são algumas das vantagens oferecidas aos empresários italianos pelo secretário de Estado do Comércio Externo, Horta e Costa, no encontro de ontem com 50 empresários na sede da Cofindustria. Até agora, «os grandes investimentos em Portugal foram feitos pela «Fiat», pelo «Grupo Lepori» e pela «Portugal Presidente» (seguros), mas estão em preparação investimentos de relevo, seja do grupo Benedetti, associado a Américo Amorim, seja do grupo «Fiat» em colaboração com Ricardo Espírito Santo», revelou Horta e Costa

Leste, como a Hungria, Polónia e URSS.

Numa «tirada» filosófica, Ocheto salientou que o seu partido defende, acima de tudo, «a liberdade e os direitos do homem» e que «toda a esquerda europeia se deve unir na defesa destes valores».

O encontro com o líder do PDC teve um cariz completamente diferente. Forlani pediu ao Presidente português que lhe explicasse o sis-

tema eleitoral português, talvez na tentativa de descobrir a fórmula «mágica» que deu a maioria absoluta ao PSD nas últimas eleições legislativas...

Soares e Arnaldo Forlani debateram ainda as perspectivas eleitorais para o Parlamento Europeu, tendo o Chefe de Estado português aproveitado para falar da campanha eleitoral de Lucas Pires.

O problema da África Austral ocupou, por outro lado, a cerca de hora e meia de conversações entre o vice-primeiro-ministro italiano, De Michelis, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Giulio Andreotti, e Mário Soares. Os italianos quiseram saber qual é a posição de Portugal face ao problema da Namíbia, de Angola e de Moçambique. A atitude não é inocente: os italianos têm fortes interesses económicos em África.

Os responsáveis governamentais pediram ainda a Mário Soares que interceda junto do executivo de Cavaco Silva para que este reveja o processo de facilidades na indústria química, área em que os italianos estão fortemente interessados em investir.

Hoje, último dia da visita de Estado, Soares prossegue os contactos políticos com o presidente da Câmara dos Deputados, Leonilde Jotti, e com o presidente do Conselho de Ministros, Ciriaco de Mita (que entretanto regressou ao país). A noite será mais calma. O Chefe de Estado português janta com o presidente do Partido Socialista Italiano, Bettino Craxi. Certamente, falarão como dois socialistas, como dois amigos, que se conhecem desde os tempos de exílio de Mário Soares, aqui na Itália.

Escritores com estudantes

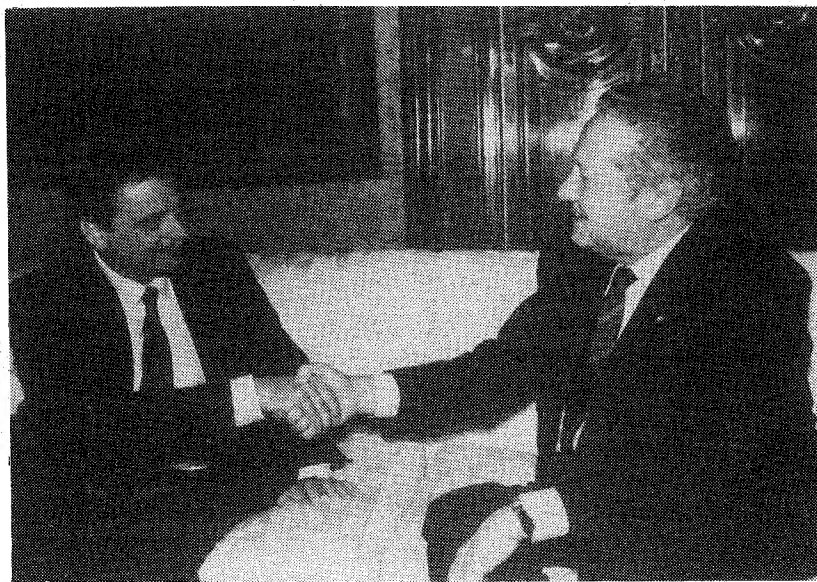
Três escritores portugueses que integram a comitiva presidencial, José Cardoso Pires, José Saramago e David Mourão-Ferreira, estiveram reunidos três horas com estudantes da Universidade de Roma. Segundo Cardoso Pires, «foi interessante, pois os estudantes crivaram-nos de perguntas sobre a situação portuguesa e a actividade dos escritores. Quiseram saber particularmente qual a diferença que existe no País antes e depois do 25 de Abril. Não haja dúvida que há uma nova mentalidade em certos sectores estudantis face ao que se passa em Portugal e ao próprio estudo do português»

Futebol «abafa Soares»

Não há ninguém que goste mais de futebol do que os brasileiros, mas poder-se-á dizer que os italianos gostarão quase tanto. Na quarta-feira, dia da chegada de Mário Soares a Roma, três equipas de «peso» italianas disputaram jogos no campeonato europeu, entre elas o Inter de Milão. A televisão transmitiu os jogos em directo, provocando uma debandada geral no Parlamento italiano àquela hora. E todo o italiano que se preze deu, certamente mais atenção dos eventos desportivos do que à visita do Presidente Mário Soares. É o azar do «desporto rei» ser mais popular que a política... republicana.

No entanto, a visita presidencial fez eco na Imprensa italiana. O jornal «La Stampa», dedicou-lhe, no dia da chegada, uma entrevista de página, sob o título «A Europa, salvação de Portugal». Nesta entrevista, Mário Soares afirma que «a entrada na Comunidade é uma garantia política para a nossa democracia e indica a estrada para o desenvolvimento económico». O que marcou verdadeiramente o fim do isolamento de Portugal do resto do mundo, como o Chefe de Estado português confessou ao matutino «La Stampa», foi a integração na Comunidade Económica Europeia. Ontem, os diários deram mais destaque à visita de Soares, mostrando simpatia para com «o companheiro e amigo de longa data», como dizia o jornal «Avanti!», o órgão focal do PS italiano. De restat, toda a Imprensa destacou a vertente económica da visita, chegando mesmo o matutino «Il Giorno» a frisar que «Lisboa cercou o capital italiano».

Esperemos que o facto de ontem, à noite, Liza Minelli, Frank Sinatra e Sammy Davis Jr. terem participado juntos, pela primeira vez, num espectáculo, aqui em Roma - espectáculo que um dos muitos canais italianos se encarregou de patrocinar e transmitir - não «abafe», como fez o futebol, a visita presidencial...

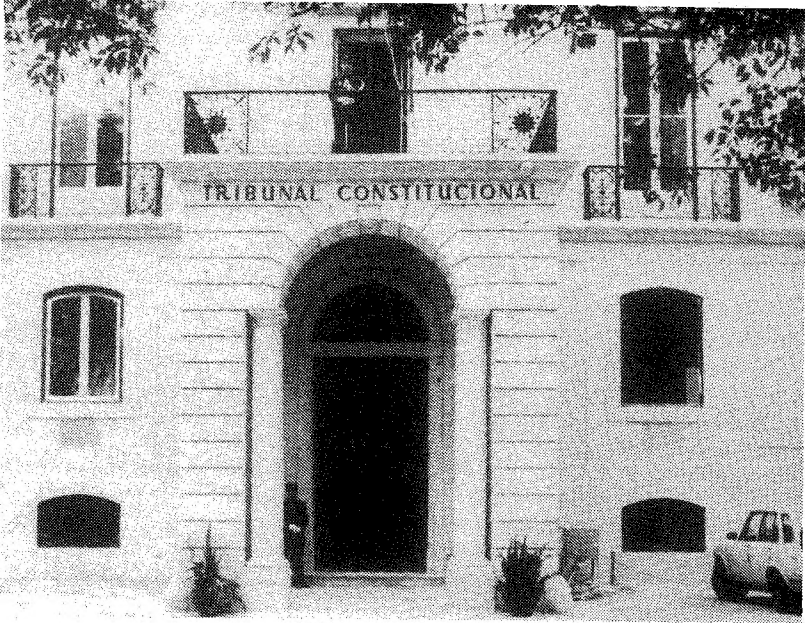


REVISÃO CONSTITUCIONAL: TERMINOU ANÁLISE EM COMISSÃO

A fase de apreciação na especialidade do processo de Revisão Constitucional encerrou ontem, com a aprovação na respectiva Comissão Parlamentar do relatório final. A discussão em plenário do novo texto está marcada para começar no próximo dia 13 de Abril.

Os critérios a que obedecerá o debate estão a ser analisados, à hora a que fechamos esta edição, pela Conferência de Líderes. Também a Sub-Comissão para a Revisão Constitucional se debru-

cará sobre aquelas questões, na próxima segunda-feira. Da reunião, terá de resultar um projecto de regimento da discussão, a aprovar pelo plenário no dia da abertura da discussão na generalidade.



Trata-se, no essencial, de distribuir tempos de intervenção pelos diversos grupos parlamentares e analisar a hipótese -que continua de pé, em função da premência de avançar com o processo- de as sessões se prolongarem noite dentro.

Entretanto, o PCP efectua hoje um debate-colóquio subordinado ao tema «As Grandes Opções da revisão Constitucional», durante o qual deverão ser uma vez mais salientadas as críticas já conhecidas dos comunistas ao acordo entre os dois maiores partidos

Artistas manifestam-se

Glicínia Quartin, Hélder Costa, Irene Isidro, José Maria Branco, Júlio Pereira, Lourdes Norberto, Maria do Céu Guerra, Mário Viagas, Rogério Paulo e Rui Mendes são alguns dos artistas, na sua maioria profissionais de teatro, que acabam de subscrever um apelo ao PS para que «reconsidere» os acordos estabelecidos com o PSD em matéria de revisão constitucional.

Medidas de restrição dos poderes da Assembleia da República,

extinção ou governamentalização do controlo democrático da Comunicação Social, eliminação da gratuidade do Serviço Nacional de Saúde, desmantelamento do Sector Público Empresarial e eliminação dos mecanismos demo-

cráticos de planeamento são alguns dos aspectos considerados gravosos pelo vasto número de profissionais subscritores deste «apelo nacional», veiculado pelo Movimento de Defesa da Constituição.

Actual colectivo cessou ontem funções

Tribunal Constitucional: PSD e PS esperam pela revisão?

Ainda não foi tomada qualquer decisão quanto aos nomes dos juizes que vão substituir o colectivo do Tribunal Constitucional, que ontem cessou funções, prosseguindo os contactos nesse sentido entre os partidos com assento parlamentar.

Como é natural, nenhuma solução poderá «passar» sem a aprovação do PSD e do PS, pelo que estes dois partidos assumem uma posição central na escolha. As alterações introduzidas a este respeito no futuro texto constitucional, poderão, por outro lado, ser apresentadas como justificativas do prorrogamento de uma solução na matéria, uma vez que os actuais juizes terão de permanecer em funções até à substituição.

O acordo entre socialistas e social-democratas prevê que seis de entre os 13 juizes do TC, independentemente da sua condição de designados pela Assembleia da república ou cooptados por estes, terão de ser obrigatoriamente juizes dos restantes tribunais.

Uma Assistência cada vez mais eficaz 12 Centros de Assistência em Lisboa e Arredores

FASSIO, LDA. Rua João Chagas, Junça Est. Linda-a-Velha — ALGÉS Tel: 419 82 93	ALMADA MORGADO & AMADO, LDA. Rua D. Sancho I, n.º 34 Tels: 275 50 42/276 09 83
FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO, S.A. Av. Infante D. Henrique - 2.ª Circular Tels: 859 25 41/859 08 57	AMADORA E. J. P. — COM. AUT. LDA. Est. Salvador Allende, 2—B Tels: 493 11 54/492 02 55
GARAGEM CARAVELA Largo do Mastro, 29 A/D Tel: 54 58 49	MEM-MARTINS MULTIPNEUS Av. Almirante Gago Coutinho, 54 Tels: 921 55 28/94 26
GARAGEM VICTÓRIA, LDA. Rua Nova de S. Mamede, 38 Tels: 60 47 28/65 81 31	ODIVELAS SERVIPOR Rua Heróis de Chaimite, Lote 8 Tels: 957 60 10/37 61
IBERPEÇAS, LDA. Rua dos Soeiros, Lote 2-B Tels: 78 52 18/78 52 84	PAREDE UNIMEC — STARAUTO Rua João Soares, Lote 1 Tel: 247 90 64
SAIDECAR Rua João Saraiva, 15 D Tels: 89 11 81/89 10 65	SACAVÉM AUTO-MECA, LDA. Praça da República, 56-B Tel: 251 59 04



CADA VEZ MAIS PERTO DE SI.

MACAU: LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS EM PERIGO

Fernando Oliveira
Serviço Lusa/«DL»

A língua e a cultura portuguesa irão desaparecer «rapidamente» em Macau, após a entrega da administração do território à China, prevê um dos cinco deputados de Macau ao Congresso Nacional Popular.

Chiu Iu Nang, director do jornal de língua chinesa «Va Kio», e presidente da Associação de Jornalistas de Macau, encontra-se em Pequim para participar nos trabalhos da segunda sessão do sétimo Congresso, que durante 15 dias apreciou e votou a política do Governo da República Popular da China.

Juntamente com Ma Man Kei, Edmund Ho, Ke Zheng Piong e Tong Sing Tsui, Chiu Iu Nang representa os interesses do território sob administração portuguesa junto da administração central chinesa.

Os cinco deputados de Macau e os 16 de Hong-Kong integram-se no Parlamento chinês no grupo de mais de 160 deputados eleitos pela província de Guangdong.

Chiu é casado, tem duas filhas, uma a estudar no Canadá e outra no Japão. A família possui passaporte português.

O director do «Va Kio», que é também vogal do Conselho Consultivo do Governo de Macau, não fala português, mas domina o cantonense, o mandarim e o inglês.

Em tom polémico, afirma ter «vergonha de não saber falar português», e diz

que Macau, durante séculos sob administração portuguesa, deveria ter a totalidade da população a falar essa língua. Mas remete a responsabilidade do facto para as sucessivas administrações que passaram pelo território.

«Não acredito nos resultados do esforço que está a ser feito para ensinar português aos chineses de Macau» - sublinha - «se em mais de 400 anos não conseguiram por os 97 por cento da população chinesa a falar a língua, não é em dez anos que o vão conseguir».

«Penso, muito sinceramente, que a língua portuguesa irá desaparecer rapidamente, bem como a presença cultural, afirma sem rodeios Chiu Iu Nang, que tem um mandato de cinco anos no Congresso Nacional Popular e passa três semanas por ano em Pequim, debatendo, com os outros cerca de 3.000 deputados, o futuro do país, «mas principalmente o desenvolvimento económico de Guangdong», onde considera estar desde já naturalmente inseridas as realidades de Macau ou Hong-Kong.

Sobre a situação específica na colónia britânica, o director do «Va Kio» diz que ela é muito diferente da de Ma-

cau, pois «os cidadãos de Hong-Kong estão entalados, sem confiança tanto no actual administrador como no futuro».

A questão dos passaportes (os chineses de Macau têm direito a um passaporte pleno português, que lhes dá acesso à Comunidade Europeia a partir de 1992, enquanto os chineses de Hong-Kong têm um passaporte britânico de segunda categoria, que lhes corta o acesso à Europa do Mercado Único) é, segundo o deputado chinês de Macau, factor essencial para estes dois estados de espírito.

«O Governo português tem tentado até agora fazer tudo para que os cidadãos de Macau tenham um futuro melhor. Os chineses de Macau confiam no papel de Lisboa em todo o processo de transição», salienta o deputado.

No entanto, não deixa de dizer que «nesta fase, o mais importante é as divergências políticas de Portugal não serem transpostas para o território, que deve ser governado nos próximos dez anos em clima de máxima estabilidade».

«Falei pessoalmente desse problema ao Presidente Mário Soares quando ele esteve em Macau, há um mês» - disse Shiu - «pedi-lhe que controlasse pessoalmente a estabilidade da administração portuguesa no território, pois a comunidade chinesa está muito preocupada».

Em Hong-Kong, onde todos os dias dezenas de técnicos qualificados apanham o avião e emigram para o Canadá, Estados Unidos ou Europa, face ao que já se classifica de «efeito chinês», o deputado macaense prevê um agravamento da situação até 1 de Julho de 1997, altura em que a China passa a exercer a sua soberania.

«Em Macau esse efeito não se tem feito sentir com intensidade, nem penso que venha a ocorrer. Os acontecimentos de 1966 (Revolução Cultural) tornaram a mentalidade dos chineses de Macau mais progressista do que a dos seus vizinhos» - diz o director do «Va Kio».

Para ele, «os chineses de Macau têm mais confiança na China» e «os partidos políticos não são necessários para a realidade do território, que já tem associações representativas que cheguem».

Quanto ao futuro económico de Macau, Chiu tem também uma posição polémica, e assumidamente minoritária: está contra os dois grandes projectos da administração portuguesa para os últimos anos de influência no território - o aeroporto e o porto de águas profundas.

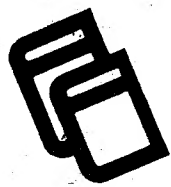
«Sei que estou em minoria, não só em relação aos meus colegas deputados por Macau no Congresso Nacional Popular como em relação às próprias autoridades centrais em Pequim, mas penso

que os investimentos são demasiado avultados, arriscam muito face a uma futura transição que pode influenciar negativamente a nossa economia e comprometer-nos o futuro, para lá de 1999», afirma.

«Quanto ao aeroporto, os números do turismo são enganadores, pois quem nos visita vem na esmagadora maioria de Hong-Kong e não do estrangeiro. Quanto ao porto de águas profundas, nunca deixará de ser um porto limitado, regional, e sem garantias de poder concorrer com Hong-Kong, onde os exportadores macaenses têm fácil acesso. Ambos os projectos necessitam de pessoal altamente qualificado para a sua gestão, pessoal que, de momento, não vejo no mercado macaense», acrescenta.

«Gostava que a administração portuguesa, nestes nove anos que lhe restam, se preocupasse mais em resolver problemas da vida comum do território, mas tão importante como o saneamento básico ou a circulação de trânsito», pensa o director do «Va Kio».

Chiu Iu Nang, que regressa a 9 e 10 de Maio a Pequim, para mais uma reunião do Comité da Lei Básica, diz que a principal tarefa durante o período de transição será a harmonização do sistema legal com a nova realidade. «Vamos ter muito trabalho».



Sociedade de Língua Portuguesa

Instituição de Utilidade Pública
Membro-Honorário da Ordem do Infante D. Henrique

Rua de São José, 41-2.º - 1100 Lisboa - Tel. 363949

1989 - 40.º ANIVERSÁRIO

2, 3 e 4 de Novembro
COLÓQUIO INTERNACIONAL «LÍNGUA PORTUGUESA - QUE FUTURO?»

Angola + Brasil + Cabo Verde + Guiné-Bissau + Moçambique + Portugal + São Tomé e Príncipe e Núcleos de Emigrantes
Pedir formulário e boletim de inscrição à Biblioteca da SLP, Rua de São José, 41 - 2.º - 1100 Lisboa - Telefone 346 39 49

(Horário: das 13 às 20 horas, de 2.ª a 6.ª feira)

Actividades:

«3.ªs Feiras da SLP» às 18 horas e 30, semanalmente

«África/Quinta-Feira» às 18 horas e 30, semanalmente

Cursos Breves

Exposições de Bibliografias Temáticas e de Artes Plásticas e Fotografia

Todas as 3.ªs feiras de Maio, às 18 horas e 30, com entrada livre:

DISCUSSÃO DO ANTEPROJECTO 1988 DE BASES DA ORTOGRAFIA UNIFICADA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Biblioteca - Auditório Um - Auditório Dois - Auditório Três - Sala de Exposições

**PARTIDO
RADICAL**

22/26 ABRIL

35.º Congresso

BUDAPESTE

**ASSEMBLEIA PRÉ-CONGRESSUAL
LISBOA**

9 de Abril - 15 Horas

Hotel Diplomático - Sala PORTO

Rua Castilho, 74

ENTRADA LIVRE

PARTICIPANTES:

Sergio STANZANI - Secretário

Gianfranco Dell' ALBA

Secretário federal

INFORMAÇÕES: Congresso de Budapeste

Associação Radical

Rua do Salitre, 139 - 1.º

1 200 LISBOA

Telefones: 52 72 55 / 53 31 09 / 2233102



Faria de Oliveira

Nenhum banco vai ficar por privatizar

O secretário de Estado do Tesouro, Faria de Almeida, revelou ser intenção do Governo rever o limite máximo das participações que podem ser adquiridas pelos investidores nas empresas a privatizar, logo que feita a revisão constitucional.

Auele membro do Governo, que falava no encerramento de um seminário no Banco de Portugal, acrescentou que essa revisão vai abranger os limites estabelecidos, quer para os investidores nacionais quer para os estrangeiros.

Considerando que a alienação de 49 por cento do capital das empresas «não é a solução perfeita, mas a possível no momento», o secretário de Estado do Tesouro sublinhou a importância, para a economia portuguesa, da constituição de grupos económicos privados.

Fazendo o balanço dos anos 80 classificou-os como um período de mudanças profundas, em todo o mundo, sendo uma das mais importantes «o crescente descrédito em que caíram as políticas que conferem uma excessiva importância ao papel do Estado na sociedade levando-o a intervir em áreas em que não é especializado».

No âmbito do programa global das privatizações em Portugal, o secretário de Estado disse que, embora embora respeitando as regras básicas, cada empresa será um caso particular, cuja passagem para o sector privado vai ser analisada segundo critérios específicos.

Referindo-se ao caso concreto do sector financeiro, declarou que, em princípio, « todos os bancos do sector público, excepto a Caixa Geral de Depósitos, serão privatizados, o mesmo se passando com as seguradoras».

De acordo com Faria de Oliveira, o Governo decidiu não anunciar em bloco quais as empresas que vai alienar, «mas isso não significa que esteja ainda por definir uma estratégia clara ou que não tenham sido já tomadas muitas opções».

«Parece-nos mais vantajoso anunciar, passo a passo, as empresas em questão, na altura em que se dá início a cada um dos processos», disse, explicando ser esta a melhor forma de manter a estabilidade interna das empresas e evitar a especulação.

Não obstante, Faria de Oliveira adiantou que vai ser anunciado brevemente o nome de uma quinta empresa a privatizar.

AMANHÃ É DIA DE «APRESENTAÇÕES» PARA A EUROPA

PS: ACABOU A «GUERRA» DA MADEIRA

A aceitação, por parte da Federação socialista da Madeira, da integração de António Trindade em 11º lugar na lista do partido para o Parlamento Europeu, tornada pública ao fim da tarde de ontem, pôs fim à «guerra» da estrutura daquela região autónoma, que se considerava preterida na candidatura.

«O lugar atribuído é aceitável e obedece às condições apresentadas ao secretário-geral e à direcção do partido», salienta em comunicado o Gabinete de Imprensa do PS/Madeira, que revela ter sido o próprio Jorge Sampaio a confirmar a alteração operada. Os madeirenses congratulam-se com a decisão, que confere ao empresário hoteleiro indigitado a possibilidade de entrar no «roulement» de Estrasburgo, afirmando que «venceu o interesse regional e a solidariedade nacional».

A notícia confirma informações divulgadas em primeira mão pelo nosso jornal, segundo as quais António Trindade, colocado em 15º lugar na lista para o PE em consequência do acordo com o PRD, poderia vir a «subir» na hierarquia. A manifestação de força dos socialistas madeirenses ajudou a esse movimento.

Esta manhã, não foi possível confirmar a disposição final da lista, necessariamente diferente da divulgada pelo «DL» na passada terça-feira. Isto porque Trindade passa a ocupar a posição destinada a Carlos Candal.

Em definitivo, estão confirmados, pela ordem que se segue, os nomes de João Cravinho, cabeça-de-lista, Torres Couto, Fernando Gomes, Pedro Canavarro (PRD), Coimbra Martins, Cunha Oliveira, Luis Marinho, Maria Belo, José Apolinário, Martinho Gonçalves e António Trindade. Candal, Helena Torres Marques ou Hasse Ferreira ocuparão o 12º lugar e Silva Lopes (PRD), o 13º.

Como se sabe, aos renovadores foi ainda atribuído o lugar de suplente, para Miguel Galvão Teles. As dúvidas, no entanto, permanecerão, quando muito, até à tarde de amanhã, momento que o PS apresentará os seus candidatos e o manifesto eleitoral, no Forum Piccos, em Lisboa.

O dia de amanhã, aliás, afigura-se como decisivo para as eleições para o Parlamento Europeu, uma vez que, além do PS, também a CDU (ver texto nestas páginas) e o PSD apresentam as respectivas listas.

PSD: «giram» dez nomes

Os social-democratas, que esta tarde elaboram em reunião da Comissão Política uma proposta a su-

bmeter ao Conselho Nacional, marcado para amanhã, no Estoril, consideram possível eleger dez representantes, tantos quantos dispõem actualmente em Estrasburgo. Será, portanto, em torno desse lote que tudo girará.

O ministro dos Assuntos Parlamentares, António Capucho, parece «seguro» na posição de cabeça-de-lista. O seu nome, insistentemente apontado pela Comunicação Social, nunca foi desmentido. Por outro lado, Carlos Pimenta e Carlos Coelho deverão ficar também em posições elegíveis. O algarvio Mendes Bota, fortemente apoiado a Sul do País, deverá também entrar na lista.

Dois nomes controversos são os de Pedro Pinto e Rogério Martins. Quanto ao antigo líder da JSD, revela a agência Lusa que poderá ser sacrificado em favor de equilíbrios regionais, arbitrados por Cavaco Silva. A explicação, no entanto, poderá ser mais vasta, associando-se precisamente ao caso de Rogério Martins. É que a Comissão Permanente «chumbou» estes dois nomes, apresentados pela Distrital de Lisboa, «confirmando» ser a estrutura da capital um foco de confrontação interna.

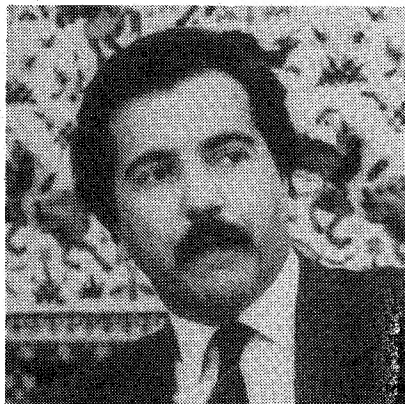
A argumentação foi, então, distinta. De Pinto, afirmou-se que terá de ceder o seu lugar em Estrasburgo, assegurando a renovação. De Martins, que não garante dedicação exclusiva. O gestor não será, aliás, muito bem visto por diversos sectores social-democratas.

A «questão feminina» continua em aberto. Diversos órgãos de Comunicação Social têm aludido à vontade de Cavaco de atribuir o quarto lugar a uma mulher. Helena Vaz da Silva é, aparentemente, a melhor colocada. A professora Maria Moura Guedes e a antiga directora do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa, Raquel Ribeiro, são os outros dois nomes apontados.

Manuel Pereira, líder do eurodeputados do PSD está, aparentemente, de saída. Proposto uma vez mais por Coimbra, fontes do PSD revelaram recentemente que deverá ser afastado, para lhe ser atribuído um «cargo importante». Poderá assim subir na «cotação» o presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro, Manuel Porto.



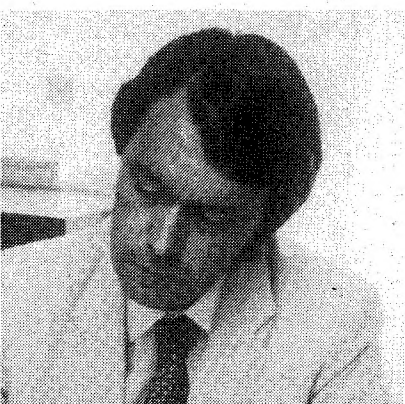
João Cravinho



Torres Couto



Fernando Gomes



Pedro Canavarro

Órgão consultivo da CDU divulga lista

O Conselho Nacional Consultivo da CDU, cuja formação foi ontem anunciada, vai reunir pela primeira vez amanhã, a fim de discutir o estilo e conteúdo da campanha daquela coligação para as eleições ao Parlamento Europeu e as linhas mestras do manifesto eleitoral, bem como dar parecer sobre as listas de candidatos que a CDU vai apresentar para aquele organismo comunitário. Os nomes constantes deste documento serão divulgados publicamente no final da sessão do Conselho.

«Este novo órgão tem como objectivo dar apoio à CDU, através de pareceres sobre as grandes questões que se põem à coligação e a sua acção reveste-se de particular importância no momento em que se aproximam dois actos eleitorais», explicou o dirigente comunista, Luís Sá, ao «DL».

No entanto, a actividade deste órgão não se esgotará após as eleições. Na realidade, os seus organizadores pretendem que ele se mantenha em funções depois disso, reunindo regularmente para debater as questões que na altura surjam.

O facto de cerca de metade dos 250 elementos que integram o Conselho Nacional Consultivo serem independentes, é considerado por Luís Sá como «uma forma de valorizar a participação de personalidades não filiadas politicamente na resolução dos grandes problemas da actualidade». Segundo este dirigente do PCP, «é preciso não esquecer que, se os partidos têm um papel fundamental na sociedade, a verdade é que a grande maioria da população não milita em nenhuma força partidária».

Neste sentido, Luís Sá comunicou ao «DL» que está em processo de formação uma rede de comissões coordenadoras concelhias e de freguesias, cujo objectivo é igualmente o de fomentar a participação das populações na vida política da comunidade em que se inserem. Neste momento, a sua actividade primordial tem a ver com a formação das listas concorrentes às eleições autárquicas de Dezembro próximo.

Representado por Luís Sá, da Comissão Política do Comité Central do PCP, Isabel Castro de «Os Verdes», António Gonçalves, da Intervenção Democrática e Anselmo Aníbal, um independente, o Conselho, o Conselho conta também com os escritores Baptista Bastos, José Saramago e Alice Vieira, os professores universitários Avelãs Nunes e José Barata Moura, o pintor Angelo de Sousa e os actores como Rui Mendes e Raquel Maria. Desta lista, que por hora não está completa, fazem ainda parte vários deputados, cientistas, desportistas, além de outras personalidades.

Idosa esteve 16 dias bloqueada

MORADORES E EVACUADOS DE PRÉDIO EM RUÍNAS

Antonio Marujo

De Bragança a Quintanilha

O troço do IP4 que ligará Bragança à fronteira de Quintanilha será posto a concurso no próximo ano, anunciou ontem em Bragança, o secretário de Estado das Vias de Comunicação.

Falcão e Cunha disse que os 22 quilómetros actualmente em construção serão abertos ao tráfego ainda este ano e que o traçado da via rápida no distrito de Bragança estará concluído em 1990-91.

«No próximo ano vamos completar todo o traçado do IP4 no distrito de Bragança, lançado a concurso o troço até Quintanilha, e tentar que, de uma forma programada com os nossos vizinhos espanhóis, esteja concluído ao mesmo tempo dos dois lados», afirmou.

O troço Bragança-Quintanilha é considerado «fundamental» pelos sectores comercial e industrial do distrito, pois concederá aos produtores da região melhores condições rodoviárias de acesso à Europa, dado que «a estrada actual é má».

O secretário de Estado visitou obras do IP4 e reuniu-se com presidentes das Câmaras do distrito para debater o plano rodoviário da região.

A Polícia Judiciária deteve quarta-feira à noite em Chaves um dos presumíveis autores de um assalto à mão-armada numa bomba de gasolina em Feces de Abajo, Espanha -, disse hoje fonte da PJ.

O detido, 26 anos, solteiro, sem profissão, natural e residente em Chaves, com cadastro por furtos em residências, viu a sua prisão confirmada pelo juiz de Instrução Criminal de Chaves.

Pelo menos dois espanhóis estiveram envolvidos no assalto, que «rendeu» um milhão de pesetas (mais de 1300 contos), um dos quais como vigia, tendo sido então utilizados um revólver e uma pistola e roubado um automóvel de um português que ali abastecia a sua viatura.

Aquela bomba de gasolina situada na zona raiana, é muito procurada por portugueses, dado o preço dos combustíveis.

Trinta feridos é o balanço da colisão entre um automóvel ligeiro de mercadorias e um autocarro de passageiros da empresa Resende, ocorrida às 21h00 de ontem, na EN 1, próximo de Rodinha, Pombal, disse a Brigada de Trânsito da GNR.

Os feridos foram transportados para os hospitais de Pombal e Coimbra.

Apenas um dos feridos na colisão se encontra em estado grave, disse uma fonte do Hospital dos Covões, em Coimbra.

Os outros 10 passageiros que deram entrada neste hospital sofreram apenas ferimentos ligeiros.

Cerca de uma dezena de feridos recebem tratamento no Hospital de Pombal e já regressaram a casas, disse uma fonte deste hospital.

O autocarro da empresa Resende que colidiu fazia a ligação entre Porto e Lisboa.

O choque ocorreu quando o ligeiro de mercadorias, sem luz, efectuou uma mudança de direcção brusca, disse a Brigada de Trânsito da GNR.

Sinistralidade em números

no período de vinte e quatro horas, que findou ao meio-dia de ontem, a brigada de Trânsito da GNR e a Divisão de Trânsito da PSP registaram nas respectivas áreas de vigilância, estradas e zonas urbanas, 194 acidentes de viação de que resultaram sete mortos e 109 feridos dos quais 22 em estado grave.

Lisboa, 6 de Abril de 1989. A notícia é de ontem, mas a história começou há quatro anos, quando houve um incêndio no quarto andar. Desde então, com as chuvas dos sucessivos invernos, viver naquele prédio tornou-se cada vez mais uma aventura e um desafio ao risco.

Ontem, cerca das 14 horas, a D. Alice, que morava num primeiro andar da Rua Monte Olivete, gritou por socorro. A estrutura da escada ruíra há 16 dias e bloqueara-lhe a porta. Até aí, tinha sobrevivido sozinha, e finalmente arranhou forças para chamar por alguém.

Salva a D. Alice - «descei por uma escada dos bombeiros», conta - não se salvou, no entanto, o edifício. Os seis actuais moradores - no rés-do-chão e no primeiro andar - foram evacuados e esta noite já não ficou lá ninguém a dormir.

A história da notícia, aliás, é igual a outras centenas de histórias de edifícios lisboetas. De tal maneira, que todas começam por dizer: «Mais um prédio ruíu em Lisboa...»

Segundo as assistentes sociais do Serviço Municipal de Protecção Civil, os moradores tinham sido avisados já há tempos de que o edifício estava dado como em ruínas. No entanto, os moradores do rés-do-chão contestam essa afirmação: «Nunca nos disseram nada!». E mostram uma carta do vereador Vasco Franco, em que este diz que a situação «não se pode arrastar por mais tempo» e que tem que se fazer um orçamento para obras. Tudo isto, ainda se-

gundo a carta, para resolver o problema em 1988.

Os moradores dos andares de cima foram saindo, conforme a ruína foi «descendo». No entanto, continuaram a pagar renda para garantir o direito à habitação. Uma das inquilinas, quando foi para o prédio há 35 anos, ficou a pagar 400 escudos de renda. Hoje, paga 1750 - mas apenas por duas divisões.

Entretanto, no rés-do-chão, a renda actual é de 1330 escudos. Mas o estado de conservação da casa não garante, efectivamente, segurança para o descanso nocturno. Ao entrar, fica a sensação de que, dum instante para o outro, tudo aquilo nos pode cair em cima...

Repete-se, assim, o «eterno» problema dos senhorios que não fazem obras, porque «as rendas são baixas». E dos in-

Continua «revolta» da Maria da Fonte

Enquanto se resolveu rapidamente uma situação - dos moradores evacuados do prédio da Rua Monte Olivete que ontem ameaçou ruína - outra continua adiada. Na Rua Maria da Fonte, as 13 famílias desalojadas continuam na rua, a suportar o frio e a chuva - forte - que esta noite caiu sobre Lisboa.

Entretanto, a Junta de Freguesia dos Anjos e a Santa Casa da Misericórdia divulgaram ontem que os moradores despejados «manifestaram indisponibilidade» para aceitar ofertas de alojamento temporário que, «desde a primeira hora», lhes foram feitas.

Segundo aquelas instituições, foi dito aos desalojados que, «consoante a situação económica de cada uma das famílias», a Santa Casa apoiaria total ou parcialmente as rendas que tivessem que pagar.

Em contacto estabelecido com um dos moradores, este afirmou à agência Lusa que «uma assistente social ofereceu-nos alojamento por dois ou três dias, mas isso não resolve o nosso problema».

Pelo menos, até agora, não está resolvido...



quilinos que não aceitam nenhum aumento, porque o senhorio não faz obras. E, no meio, sem «culpa» nenhuma, o prédio que se vai degradando.

Os seis moradores dos números 18, 20 e 22 da Rua Monte Olivete, ali ao Príncipe Real - os três números correspondem a uma porta e duas janelas - foram, ontem, «viver» provisoriamente para um centro de realojamento de emergência da Câmara de Lisboa. Levaram apenas o mínimo indispensável para dormir uma noite. Esta manhã, sim, acompanhados dos bombeiros e da Protecção Civil municipal, retiraram os seus haveres.

A solução para o problema, entretanto, foi rapidamente encontrada e os moradores têm já casa em Chelas, enquanto a D. Alice ficou em casa de familiares.

«Ao que uma pessoa chegou», desabafava um dos moradores, em 6 de Abril de 1989. A notícia é de ontem e será repetida, com certeza, muitas mais vezes, em Lisboa...

Projectos sem qualidade não mereceram Prémio Valmor

O Prémio Valmor relativo ao ano de 1986 não foi atribuído por nenhuma das obras concorrentes o merecer, anunciou ontem Vítor Reis, vereador do Pelouro da Cultura, durante a cerimónia de apresentação dos projectos que decorreu no Palácio Galveias. «Foi uma decisão tomada por unanimidade», frisou o autarca.

O júri, presidido por Vítor Reis, e constituído por Estevão de Figueiredo, representando a CML, Luis Benavente, pela Academia Nacional de Belas Artes, Manuel Salgado, pela Associação dos Arquitectos e Antero de Ferreira, representante da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa resolveu, no entanto, a-

tribuir uma Menção Honrosa ao arquitecto Rodrigo Rau, pelo seu projecto de um bloco de edifícios situado em Telheiras Sul. Além do arquitecto, a Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (EPUL), proprietária dos edifícios, foi igualmente galardoada com uma menção honrosa.

A este propósito o vereador da Cultura da CML, salientou o papel desempenhado por aquela empresa na arquitectura de Lisboa. A EPUL já ganhou no ano passado um Prémio Valmor e uma Menção Honrosa.

Vítor Reis referiu-se ainda à evolução qualitativa no conjunto das obras em concurso. «Em 1985 registou-se uma subida da qualidade e no conjunto de pro-

jectos concorrentes do ano de 1986 houve um saldo qualitativo, que não chegou para a atribuição do Prémio», acrescentou.

A Menção Honrosa

O arquitecto Rodrigo Rau, galardoado com a Menção Honrosa, é chefe do departamento de arquitectura da EPUL, trabalha há 12 anos naquela empresa e no seu palmarés conta já com uma Menção Honrosa que lhe foi atribuída o ano passado. Para o arquitecto duas menções honrosas consecutivas «são o reconhecimento do trabalho, mas o Prémio Valmor é sempre o mais apetecido».

Rodrigo Rau disse ao «DL» que o seu estilo «não se insere numa corrente específica». O arquitecto perfilha antes uma perspectiva personalizada do que é a arquitectura.

Os edifícios galardoados constituem um bloco de apartamentos, de um piso e também do tipo «duplex». Têm um campo de ténis e um parque de estacionamento destinado aos condóminos, na sua maioria, casais novos da classe média que recorreram ao Crédito Jovem.

Durante a cerimónia de ontem, foi inaugurada uma exposição de todos os projectos a concurso que estará patente ao público até 13 de Abril, no Palácio das Galveias.

GALP
Lubrificantes

«DL» revela estudo sobre autarquias

«EM QUÊ E COMO APLICOU O DINHEIRO?»

— pergunta sacramental das eleições

Paulo Martins

«Em quê e como aplicou dinheiro?» -eis o que querem saber dos seus autarcas mais de 40 % dos portugueses, quando em Dezembro forem às urnas. Esta uma das conclusões de um estudo de opinião encomendado pelo Governo, a que o «DL» teve acesso. «Obra feita» já não surge entre os principais critérios de selecção de candidatos. Mas a ignorância ainda faz lei. Um conjunto de dados a ter em conta pelas diversas forças políticas concorrentes.

O estudo, sob o tema genérico das Autarquias Locais, foi elaborado pela Norma, a solicitação da Secretaria de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território. Envolveu 975 entrevistas no Continente a maiores de 15 anos, amostra considerada representativa de um universo de 7 600 milhões de pessoas. O trabalho de campo foi desenvolvido entre 11 e 31 de Janeiro passados.

Entre as matérias que gostariam de ver esclarecidas no decorrer das próximas eleições locais, 44 % dos inquiridos atribuiu a primazia à questão financeira — «Em quê e como aplicou o dinheiro?».

A resposta, uma das várias possíveis apresentadas pelo questionário, é de longe considerada a mais importante. Basta verificar que apenas 19 % deseja conhecer as «obras projectadas» e ser informado sobre o «andamento das que estão em curso», enquanto 14 % dá prioridade à problemática da «situação financeira da autarquia».

A estas duas questões, foi atribuído o segundo lugar na hierarquia de importância por parte, respectivamente, de 29 e 24 % dos inquiridos. A tendência geral, aliás, corresponde a estas análises parcelares: a aplicação do dinheiro «vence» com avanço, «finanças» e «obras projectadas» surgem em segundo lugar, em posição semelhante.

No entanto, a percepção dos municípios quanto à utilização

das verbas é positiva. Na questão a esse propósito inserida no estudo, a resposta «sempre ou quase sempre bem» atinge os 18 % (43 no Interior Norte) e «mais vezes bem do que mal» 25 %. As respostas de pendor negativo não passam, assim, dos 23,5 %.

«Obra feita» já não é critério principal

Vale a pena destacar, ainda no tocante a esta questão, que é reduzido o número de inquiridos que gostaria de ser esclarecido sobre as «coisas que se modificaram no Concelho ou Freguesia durante o mandato».

Apenas 5 % coloca esta resposta em primeiro lugar e 12 % em segundo. A associação desta conclusão a outra (a pouca importância atribuída às «provas dadas» pelo candidato), permite inferir que a demagogia «barata» que tantas vezes entra pela porta grande das campanhas tem os dias contados, pelo menos em matéria de eleições autárquicas.

Com efeito, as respostas demonstram que os inquiridos não precisam que lhes façam a «lista das conquistas». Eles próprios as conhecem e avaliam, pois constituem o seu quotidiano, mais próximo do que o embate da alta política nacional.

Na campanha, segundo este estudo, os portugueses desejam que a «menor burocracia dos serviços» ganhe prioridade entre as propostas. 25 % dos in-

quiridos coloca a questão em primeiro lugar, enquanto 19 % deseja conhecer os novos projectos a implementar e apenas 18 % considera prioritário o chamado «perfil» do candidato, o que o distingue na prática dos restantes.

Apenas 7 % afirma que o mais importante são as provas dadas no decurso do mandato, o que constitui uma inflexão em relação à ideia generalizada de que o poder, nas autarquias, não desgasta quem o detém, antes reforça.

Uma explicação para o fenómeno poderá residir precisamente na inversão dessa lógica: um elevado número de autarcas está a finalizar o terceiro mandato, detendo o comando das edilidades desde as primeiras eleições após a Revolução de 1974. Queira-se ou não, muitos não conseguem escapar a esse «desgaste», por mais «admirados» que sejam junto das populações.

Ignorância faz lei

O estudo permite, por outro lado, avaliar a dimensão do desconhecimento da população em relação à vida política, neste particular no que concerne às autarquias. De facto, 56 % dos inquiridos não faz ideia — ou não responde — quando questionado acerca do montante dispendido pelo Estado em concessões financeiras às autarquias. O desconhecimento atinge os 70 % no Interior Norte e mesmo em Lisboa é de 50 %.

O montante é «pouco elevado» — foi a resposta de 24 % dos consultados, enquanto 9,2 % considerara ser «elevado». Esse montante é «insuficiente», em termos de média nacional, para 38 % (atingindo a cifra de 51 % na Grande Lisboa) e «suficiente» para 13 % (3 no caso do Interior Norte).

Só um por cento considera «mais do que suficiente» a qua-

lidade do montante concedido pela Administração Central às autarquias. Diga-se, por outro lado, que o grau de desconhecimento destas matérias eleva-se a 65 % no Interior Norte.

A avaliação do trabalho desenvolvido pelas entidades locais não é propriamente muito abonatória para os seus titulares. 46 % dos inquiridos afirma que as melhorias introduzidas na sua autarquia foram «algumas, não muito importantes», «queixa» que toca os 60 % no caso do Interior Norte.

Há ainda 26 % que considera não ter sido alcançada «praticamente nenhuma melhoria». Esta última percentagem eleva-se a 37 e 33 por cento, respectivamente no Porto e em Lisboa. A resposta «melhorias importantes» é escolhida por 13 %. Outro facto que merece reflexão é a percentagem de 45 % de «não sabe, não responde» relativa à apreciação acerca do dinheiro utilizado pelos autarcas, questão a que já aludimos, muito embora esta média nacional não seja comparável aos 20 % verificados no Interior Sul.

Para o «bloco de notas» dos partidos

O conjunto de conclusões susceptíveis de retirar deste estudo da Norma é aparentemente de extrema utilidade para as forças políticas que já começam a afinar estratégias para as Autárquicas.

Mais do que estabelecer «alianças preferenciais», quantas vezes fundadas em exclusivo na base de apoio conhecida, mas destituídas de afinidade ideológica, talvez os partidos tenham hoje de preocupar-se com o destinatário e a evolução das suas opiniões acerca dos detentores de cargos políticos.

Talvez sejam obrigados a afinar estratégias localizadas, bebendo em estudos desta natureza algumas ideias. Sob pena de sofrerem amargos de boca...

Seminário sobre informação nos municípios

Câmaras ouvem o público

Se todos somos consumidores também todos somos munícipes. Contudo, a ideia que as populações têm do que é uma Câmara Municipal está, na maior parte dos casos, desfazada da realidade. Na verdade, os municípios não existem só para concederem alvarás, licenças de loteamentos, taparem buracos nas ruas e cobrarem as taxas sobre o lixo. Também ouvem o público. É essa tarefa que se discute no Fórum Picoas, desde ontem.

Durante muito tempo no nosso país, mais concretamente durante o regime anterior, as edilidades não passavam de meros prolongamentos institucionais do poder central. Hoje têm um estatuto autónomo. São um interlocutor privilegiado, que estabelece contactos estreitos com a população. O papel dos gabinetes de Informação e Relações Públicas nos municípios tornou-se por isso cada vez mais importante e começou a ser ontem debatido no seminário «Informação e Relações Públicas nos Municípios», a decorrer no Fórum Picoas.

Para José Rebelo, vereador da Informação e Cultura da Câmara Municipal de Setúbal e participante no seminário, o papel das autarquias adquiriu a partir de 1976 um relevo notável quando efectivamente passaram a assumir «responsabilidades consideráveis».

Fazendo uma breve resenha sobre a vida das autarquias, José Rebelo sublinhou que estas encontraram pela frente a tarefa árdua de implementar medidas essenciais como o saneamento básico, ou o abastecimento público. Passada a época de «desbravar caminhos» passaram a enfrentar a necessidade de consolidar os trabalhos realizados. O contacto com as populações mostrou-se a via indicada para a prossecução de tal objectivo. Segundo José Rebelo, os municípios procuraram assim: apresentar o Poder Local como uma das principais inovações do regime democrático; divulgar as suas iniciativas e popularizar os seus responsáveis.

«Boletim Municipal já fez o seu tempo»

O suporte escolhido para assegurar o contacto entre a Câmara e o público foi o boletim municipal. Para José Rebelo, aquele meio já está ultrapassado. Na sua opinião, os executivos camarários devem privilegiar a criação de um serviço de informação «cada vez mais estruturado», em detrimento dos núcleos anteriormente existentes que tinham por função «sensibilizar a imprensa e convidá-la para inaugurações». Segundo o autarca, os boletins municipais apresentam, na sua actual fórmula, o risco de não serem lidos pelo público a que se destinam e, por outro lado, constituem um meio de propaganda da maioria vigente no executivo municipal.

Contudo, esta posição foi contestada por alguns funcionários municipais, presentes no seminário, e pela prática que se verifica em diversos concelhos do País. Efectivamente, o boletim municipal assume, em diferentes municípios, o modelo de intervenção cultural, de notícias do concelho ou da simples publicação das deliberações da Câmara e da Assembleia Municipal.

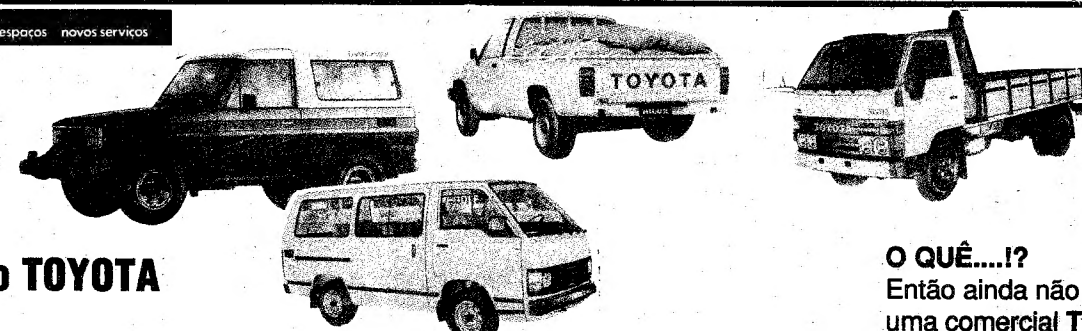
A criação de uma dinâmica forte nos serviços de informação das autarquias passa igualmente pela utilização, da imprensa e rádios locais, pela elaboração de comunicados de imprensa a enviar aos órgãos de informação de expansão nacional, pelo estreitamento das relações inter-municipais e pela promoção cultural e social das comunidades,

TOITORRES novas instalações novos espaços novos serviços



O seu concessionário TOYOTA NO Oeste

VISITE OS NOSSOS STANDS



O QUÊ...!?

Então ainda não tem uma comercial TOYOTA?

TOITORRES um projecto para a EUROPA

Aberto aos Sábados

TOYOTA TOYOTA TOYOTA TOYOTA TOYOTA

Telefs. 25171/25174 - Edifício Toitorres - 2560 TORRES VEDRAS

Luta poderá ser intensificada com revisão salarial

BANCÁRIOS CONFIRMAM GREVES DE UMA HORA NOS DIAS 12 E 19

Dirigentes das direcções dos três sindicatos dos bancários - Norte, Centro e Sul e Ilhas - confirmaram ontem, durante um almoço com os jornalistas, as greves de uma hora nos próximos dias 12 e 19 pelo reajustamento salarial de 4 por cento, devido à derrapagem da inflação o ano passado. As paralisações retardarão a abertura dos bancos para as 9 e 30 horas.

O reajustamento salarial de 4 por cento reivindicado pelos bancários desde Dezembro do ano passado foi, no passado dia 4, claramente negado pelos representantes das instituições de crédito, em reunião efectuada com as três direcções sindicais do sector, por considerarem «não se justificar».

Segundo afirmou ontem o presidente do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, Barbosa de Oliveira, naquela reunião os representantes da banca «vieram dizer que eram as instituições de crédito que não estavam dispostas a proceder à correcção salarial».

Tal posição contrária, explicou o dirigente bancário, a demonstrada em reuniões anteriores, realizadas «antes do célebre

encontro de seis horas entre a UGT e Cavaco Silva», em que as instituições de crédito afirmaram a sua disposição de proceder à correcção salarial dos bancários, dizendo que só não o faziam por não terem 'luz verde' do Governo.

Recorde-se que os sindicatos dos bancários concordaram com o aumento de 6 por cento, baseado na inflação prevista, sob compromisso das instituições de crédito que se houvesse desvios na meta do Governo, seria feita a correcção salarial conforme estabelecido no Acordo de Rendimentos e Preços.

Os dirigentes sindicais consideraram que a luta dos bancários, tal como a de outros sectores que reclamam uma correc-

ção salarial, foi prejudicada pela UGT, quando a central deixou cair a reivindicação de não negociar com o Governo enquanto não fossem cumpridos os acordos anteriores.

A reunião do dia 4 foi de tal modo infrutífera que «nem uma acta foi possível fazer», além de ter ficado explícito, por parte dos representantes da banca, que não haveria mais negociações.

Luta poderá aumentar com a revisão da tabela

A resposta dos bancários a esta posição é, para já, as greves de uma hora cada, nos dias 12 e 19, que se traduz no retardamento para as 9 e 30 horas da abertura das agências bancárias.

Os dirigentes sindicais explicaram que a luta dos bancários será «paulatina e progressiva», pois pretendem «fundamentalmente não colocar os trabalhadores, já de si credores, em sacrifícios ainda maiores. Os bancários já têm a haver 4 por cen-

to, não os queremos fazer perder ainda mais, para já».

A intenção é «dizer ao Governo e à Associação Portuguesa de Bancos que estamos dispostos a lutar e mostrar-mo-lhes a nossa força», explicou Barbosa de Oliveira, recordando que «dentro de um mês tem início a revisão da tabela salarial e não deixaremos de ter em conta os 4 por cento que não foram corrigidos».

«Os bancários farão concertiza greves de dias inteiros, enquanto não forem atendidas as suas reivindicações. O ano passado fizeram três dias», acrescentou o dirigente sindical.

Apesar dos vários esforços efectuados pelos sindicalistas para que a revisão da tabela salarial seja alterada para Janeiro, ela continua a ser feita em Julho.

O presidente dos Bancários do Sul e Ilhas revelou ainda o receio dos sindicalistas de que nesta revisão da tabela salarial as instituições de crédito tentem aplicar aumentos por acto de

gestão, a exemplo do que já aconteceu no sector dos transportes.

Barbosa de Oliveira justificou o seu receio pelo facto dos representantes da banca, na reunião de dia 4, terem chegado ao ponto de perguntarem porque é que os sindicalistas protestavam, se tinham assinado o acordo de 6 por cento, o que leva a supor que este ano, se os sindicatos no assinarem um acordo, o aumento será processado por acto de gestão.

Governo instaura inquérito

Quanto ao impacto que este tipo de greves parciais tem, o presidente dos Bancários do Sul e Ilhas deu como exemplo o facto do Ministério do Emprego e Segurança Social ter mandado instaurar um inquérito sobre quantos trabalhadores paralisaram nas anteriores iniciativas do género.

Para já está também programado que cada bancário envie

um postal ao Ministério das Finanças, onde manifestará o seu protesto pelo não cumprimento, por parte do Governo e da Associação Portuguesa de Bancos, dos compromissos assumidos e a distribuição de um comunicado à população.

Osório Gomes, presidente do Sindicato dos Bancários do Centro, afirmou, por sua vez, que «vive-se actualmente o clima de maior conflitualidade social dos últimos anos», com sectores como os médicos, professores, estudantes, polícias, militares e advogados a protestarem contra a política social e profissional do Governo, pelo que o Executivo terá que acabar por resolver estes problemas.

No caso do sector bancário, salientou o facto de se aproximar o Mercado Único, com a liberalização de circulação de capitais, o que deveria levar a uma reestruturação da banca nacionalizada, para que não sejam os bancos estrangeiros a ficar, com a melhor fatia da actividade bancária, as cambiais.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48\$00	54\$00
ALEMANHA FED. (marco)	81\$55	82\$75
ÁUSTRIA (xelim)	11\$60	11\$80
BÉLGICA (franco)	38\$701	39\$951
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	127\$95	130\$45
(notas de 5 a 1000)	128\$45	130\$95
DINAMARCA (coroa)	21\$95	22\$40
ESPAÑA (peseta)	15\$282	15\$402
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	152\$80	156\$60
(notas de 5 a 1000)	157\$30	156\$80
FINLÂNDIA (marka)	36\$25	36\$85
FRANÇA (franco)	24\$15	24\$85
HOLANDA (florim)	72\$35	73\$45
IRLÂNDIA (libra)	218\$70	222\$70
ITÁLIA (lira)	\$101	\$116
JAPÃO (iene)	1\$116	1\$171
NORUEGA (coroa)	22\$45	22\$95
REINO UNIDO (libra)	261\$00	265\$50
SUÉCIA (coroa)	23\$95	24\$45
SUÍÇA (franco)	92\$90	94\$40
VENEZUELA (bolívar)	3\$677	4\$477

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Trabalhadores dos impostos ameaçam fazer greve

Os trabalhadores dos impostos farão greve nos próximos dias 26, 27 e 28, se a aplicação do decreto 265/88 não for extensiva a todas as categorias da carreira técnica da administração fiscal, decidiu ontem a direcção do Sindicato dos Trabalhadores dos Impostos (STI).

Segundo o presidente do STI, Helder Ferreira, «o sindicato decidiu dar um prazo à Direcção-Geral das Contribuições e Impostos e à Secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais até ao dia 21 para assumir um compromisso escrito com a direcção».

Nesse compromisso será dado um

prazo de 30 dias para a resolução dos problemas. Caso o Governo não aceite iremos para a greve, que se poderá prolongar continuamente até à satisfação dos nossos problemas», acrescentou.

Além da aplicação do decreto-lei 265/88 a todas as categorias, o sindicato pretende a reorganização dos serviços distritais da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, bem como a reestruturação das carreiras profissionais e a revalorização das carreiras auxiliares.

O vice-presidente do Sindicato, Carmin Carmo, disse à agência Lusa que «até agora o decreto-lei 265/88 só

foi aplicado às carreiras técnicas e técnicas-superiores, deixando para trás todos os outros funcionários».

«Consideramos que o Governo deve fazer a reclassificação em todas as categorias. A greve é o último recurso e não hesitaremos em usá-lo», acrescentou.

A direcção do Sindicato dos Trabalhadores dos Impostos reuniu-se de emergência quarta-feira e ontem a fim de analisar a situação e tomar decisões.

Além dos trabalhadores dos impostos, o sindicato abrange todo o pessoal das alfândegas.

Trabalhadores da Rodoviária exigem 10 por cento

Os trabalhadores da Rodoviária Nacional reformularam a proposta de revisão salarial apresentada há três meses à administração da empresa, exigindo agora um aumento de 10 por cento, contra os 8 então pretendidos, afirmou uma fonte sindical.

As razões invocadas para a reformulação são «os indícios de que a inflação será superior à inicialmente calculada», acrescentou a mesma fonte

à agência Lusa.

A decisão foi tomada durante um plenário nacional das Organizações Representativas de Trabalhadores (ORT's) da empresa, ontem realizada em Lisboa, no Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários do Centro (afecto à CGTP).

Como há três meses, os sindicatos pretendem receber com efeitos retroactivos, de Julho e Dezembro de 1988,

o correspondente a 4 por cento sobre os seus salários, por forma a corrigir a diferença entre os aumentos então aplicados e o valor da inflação.

O aumento salarial de 10 por cento pretendido deverá reportar-se a Janeiro e vigorar até Dezembro deste ano, defendem também os sindicatos.

Outra das reivindicações é a alteração do período de vigência do Acordo de Empresa. Actualmente, o convénio

A propósito dos genéricos

Farmacêuticos opõem-se à respectiva Ordem

Um grupo de cerca de 270 farmacêuticos afirmaram que, na direcção da respectiva Ordem «prevalecem os interesses da indústria farmacêutica multinacional» e existe «uma posição de subserviência» relativamente aos médicos.

Estas declarações foram divulgadas a propósito das reservas manifestadas publicamente pela direcção da Ordem dos Farmacêuticos acerca da introdução dos medicamentos genéricos, posição que, afirmam os signatários do documento, foi divulgada «sem qualquer debate prévio em que os farmacêuticos pudessem ter manifestado a sua opinião».

Considera o abaixo-assinado que «a Ordem emitiu um juízo globalmente desfavorável em relação ao projecto de medicamentos genéricos, alinhando nesta posição ao lado da indústria farmacêutica e da Ordem dos Médicos contra os farmacêuticos».

«O papel reservado ao farmacêutico no projecto de medicamentos genéricos é extremamente positivo uma vez que, pela primeira vez, lhe é reconhecida na prática a importante função social de técnico do medicamento», afirma a mesma fonte.

O grupo de farmacêuticos critica a preocupação da direcção da Ordem dos Farmacêuticos com o controle da qualidade, segurança e eficácia dos medicamentos genéricos, já que «nunca» a manifestou em relação aos medicamentos de marca.

De igual forma, as preocupações em matéria de biodisponibilidade e bioequivalência dos medicamentos genéricos, e ainda em matéria de patentes por parte daquele organismo «não se compreendem muito bem», consideram os farmacêuticos.

O abaixo assinado refere que «o sistema de patentes» é uma

matéria «em princípio estranha aos interesses profissionais dos farmacêuticos», além de que «o sistema de patente europeia é contrário aos interesses nacionais, não sendo por acaso que o mesmo é tão intransigentemente defendido pelas multinacionais farmacêuticas».

Os farmacêuticos afirmam ainda não compreender o argumento segundo o qual a introdução dos genéricos vai provocar conflitualidade com os médicos, dada a possibilidade de substituição dos medicamentos prescritos que lhes é conferida.

«É uma posição de subserviência contrária aos interesses estritamente profissionais dos farmacêuticos e que, por isso mesmo, rejeitamos em absoluto», sublinham.

«Contrária» também «aos legítimos interesses profissionais dos farmacêuticos» é, consideram, a posição assumida pela direcção da Ordem que «sobre o tema, não realizou qualquer debate».

O comunicado afirma ainda que aquele organismo directivo «se lamenta de não ter sido ouvido» pelo Ministério da Saúde sobre o projecto de introdução dos genéricos, «mas entendeu por bem não ouvir ela própria os seus filiados, atitude que veementemente se repudia».

Associação Nacional de Farmácias acusa multinacionais

A Associação Nacional de Farmácias (ANF) atribui a «poderosos interesses comerciais» a «hostilidade desencadeada pelas empresas multinacionais contra os medicamentos genéricos».

«Não podemos pactuar com a campanha de manipulação da opinião pública sobre questões de saúde», afirma a ANF que acrescenta que os medicamentos genéricos «têm uma grande divulgação a nível mundial».

Dia Mundial da Saúde defende comunicação como forma de prevenção

«Vamos falar de saúde» é o lema do Dia Mundial da Saúde, que hoje se assinala, e subjacente ao qual está a defesa do objectivo «Saúde para todos no ano 2000», proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

O director-geral desta organização, o japonês Hiroshi Makajima, na comunicação enviada a propósito da efeméride a todos os países membros da OMS, realçou «o papel essencial da comunicação no dealbar do século XXI, em que a saúde e o desenvolvimento económico e social são indissociáveis».

«Que aqueles que possuem o saber, a informação e a experiência se empenhem em partilhá-la», frisou Hiroshi Makajima.

Nos documentos que distribuiu para assinalar o Dia Mundial da Saúde, a Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários oferece um conjunto de sugestões e pistas aos pais, jovens, mulheres e idosos sobre questões como a nutrição, o álcool, o tabaco, abuso de droga, exercício físico, saúde mental, acidentes, planeamento familiar, ambiente e terceira idade, em textos que defendem «modos de vida saudáveis».



Mário de Carvalho

RIA FORMOSA: 1400 MIL CONTOS PARA DEFESA DO AMBIENTE

Integrada numa zona de grandes interesses económicos, a ria Formosa, classificada como parque natural, vai receber 1400 mil contos para a concretização de um dos maiores projectos realizados em Portugal em defesa da natureza.

Considerada uma área de interesse nacional e internacional do sector da avifauna e classificada pela convenção de Ramsar como zona húmida, a ria Formosa está integrada nos conceitos de Loulé, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António.

Sujeita principalmente a pressões de índole urbana com o aparecimento de equipamentos turísticos, «paredes meias» com o Parque Natural, esta zona lagunar do litoral algarvio será alvo até 1991 de acções de preservação com vista a «eliminar estrangulamentos».

Marques Ferreira, presidente do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação na Natureza (SNPRCN) reconhece que «o litoral português está sujeito a enormes pressões, particularmente na costa vicentina. A ria Formosa, pela sua localização, não foge à regra».

«Deparamos com constantes pressões e no caso da ria estas assumem proporções razoáveis devido à sua localização», adianta Marques Ferreira.

O presidente do Parque Natural da Ria Formosa (PNRF), Nuno Lecoq, refere que o principal projecto da zona da ria está virado para a Quinta do Marim, propriedade da reserva, tendo em vista o desenvolvimento agrícola e turístico «de modelo único no País». Com uma superfície de 60 ha, a Quinta do Marim vai absorver cerca de 600 mil contos do total do investimento na ria, com vista «defesa do património natural e cultural».

Criação e reprodução do cão de água

Actualmente existe já em funcionamento um canil para a criação e reprodução do cão de água e um centro de recuperação de aves.

A escolha da Quinta do Marim ficou a dever-se, segundo o presidente do SNPRCN, a esta reunidas nesta zona natural «as amostras (sapal, dunas, salinas e espécies naturais e vegetais) significativas que caracterizam a ria Formosa».

A criação de um canil para cães de água destina-se, segundo Nuno Lecoq, a estimular a sua recuperação e «num futuro próximo efectuar a sua reprodução, sendo alguns exemplares para os pescadores e outros para venda a interessados em preservar este tipo de cão».

O canil foi construído para receber seis casais, actualmente tem 4 machos e 2 fêmeas, estando prevista a contratação de um especialista para ensinar os cães a nadar e a pescar.

Os cães de água dispõem dentro da quinta de um tanque para os «treinos» tendo em vista desempenharem no futuro a sua função de grandes auxiliares dos pescadores.

O centro de recuperação de aves, encerrado ao público, é um dos mais importantes do País, pois a zona da ria Formosa é um local privilegiado de passagem de migrações entre o Norte da Europa e a África.

As águias de asa redonda e calçadas são alguns dos «doentes» em tratamento no centro.

«As aves que não for possível recuperar serão utilizadas para nidificação em cativeiro», adiantou Lecoq que sublinhou a importância da construção de um túnel de voo para o processamento total da recuperação das aves de rapina.

As aves não se podem habituar ao homem

Uma das principais preocupações manifestadas pelo chefe dos vigilantes do Parque Natural da Ria Formosa reside no facto de as aves não se habituarem à presença humana.

«Caso contrário quando forem soltas ainda acabam por poisar junto aos caçadores», desabafa.

Assim, o centro foi construído para evitar o mínimo de contacto visual da ave rapina com o seu tratador, e todos os sistemas de limpeza das gaiolas são realizados do exterior através de canalizações especiais.

A questão alimentar das aves de rapina assume igualmente, na opinião de Lecoq, particular importância, pelo que vai ser criada uma zona especial para a criação de coelhos.

A espécie camarão japonês vai igualmente ser testada numa zona da Quinta do Marim, na sequência de um protocolo entre o PNRF e a Universidade do Algarve.

«Vamos testar a criação de camarão japonês para estudar os seus efeitos e não nos acusarem mais tarde de que esta espécie pode ser prejudicial», diz Lecoq, relativamente ao «crescente interesse pela produção de moluscicultura na região algarvia».

A recuperação de um moinho de maré existente na zona «teve que ser suspensa pois foram detectadas deficiências nas fundações e, posteriormente, técnicos do laboratório Nacional de Tecnologia Industrial estiveram a estudar as formas de as consolidar», adiantou o presidente do parque natural.

Para Lecoq, a recuperação do moinho de maré é importante, uma vez que «são já raros os existentes na região algarvia».

Barco de pesca para visitas guiadas

Outra aposta na recuperação do património cultural feita pelo Serviço Nacional de Parques está relacionada com o único navio para a pesca do atum actualmente existente em Portugal.

Trata-se da Marselhesa adquirida a um particular holandês por 75 contos com custos de recuperação orçados em cerca de quatro mil contos.

Esta embarcação de pesca do atum vai ser utilizada para visitas guiadas na zona marítima da Ria Formosa onde existem cerca de 300 espécies de moluscos, sendo uma área de produção natural de bivalves onde se produz 80 por cento destas espécies e de crustáceos para exportação.

O Centro de Informação e Interpretação do Parque e a casa do poeta algarvio João Lúcio «vão ser recuperadas e construídas a muito breve prazo», garante Marques Ferreira.

O edifício do Centro de Informação e Interpretação vai ter um auditório para 200 lugares e local para a projecção de filmes e realização de conferências e exposições.

Na Quinta do Marim foram descobertas em 1988 «acidentalmente» salgadeiras romanas (sete tanques), estando actualmente a ser alvo de estudo a cargo do arqueólogo Tavares da Silva.

A equipa de arqueólogos é de opinião que as conservas de peixe eram exportadas para Itália devido à descoberta «de um número considerável de ânforas e pratos».

A galinha sultana, símbolo do PNRF, «encontra-se ameaçada por existirem apenas seis exemplares», diz Lecoq que referencia a sua zona de habitat, no ludo, local considerado como um dos mais ricos espécies do parque.

CENTRO DISTRIBUIÇÃO ALMADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Avisam-se os consumidores de energia eléctrica em baixa tensão que, devido a trabalhos a efectuar nas instalações desta empresa, se procederá à interrupção do fornecimento de energia eléctrica, nos locais e períodos abaixo mencionados, no próximo dia 09/04/89 (domingo).

Concelho de Almada: Almada (Lusitano) das 07.00 h às 13.00 h;
Vale de Fetal (Palhais) das 07.00 h às 12.00 h;
Cova da Piedade (Caramujo) das 08.00 h às 14.00 h.

Concelho do Seixal: Arrentela (Boa Hora) das 07.45 h às 18.00 h;
Murtinheira (Murtinheira) das 07.00 h às 15.00 h.

Concelho de Sesimbra: Azóia (Facho de Azóia, Fornos, Serra da Azóia, Azóia);
Zambujal (Zambujal, Bimbanas) das 07.00 h às 17.00 h

Por motivo de segurança, durante o período de interrupção do fornecimento de energia, as instalações deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

Lisboa, 7 de Abril de 1989

Direcção Operacional Distribuição Sul
Centro Distribuição Almada
O responsável

(José Resende Nascimento)

EDP - A SUA EMPRESA DE ELECTRICIDADE

Direcção Distribuição Tejo

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo, será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

CENTRO DISTRIBUIÇÃO LISBOA

CONCELHO DE LISBOA - SECTOR 5 — Rua Saraiva de Carvalho e imediações.
Sector 6 — Avenida Almirante Reis, do n.º 78 ao n.º 90-A e imediações.
Sector 7 — Rua Marquês de Suberra, n.º 6-E e 6-B, Rua Castilho do n.º 161 ao n.º 173 e imediações. **Sector 9** — Rua Gualdim Pais, Rua Direita de Xabregas (frente ao Beco dos Toucinheiros), Rua Gregório Lopes, Estrada de Chelas, Rua Projectada à Avenida Afonso III, Avenida Afonso III, Rua Martens Ferrão, Cruz da Pedra, Estrada da Circunvalação, Beco dos Toucinheiros e imediações. **Sector 10** — Alameda das Linhas de Torres, n.º 211 a 215, Rua Duarte Lopes — Zona de Chelas, Rua Luís de Freitas Branco, Rua Rainha D. Amélia e imediações. (Das 8 às 12 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO OESTE

CONCELHO DE CASCAIS - Zona 1 — Abóboda (parte). Livramento: Largo do Livramento, Estrada para Bicesse, B. do Pinhal, Estrada de Alapraia e imediações. (Das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE OELHAS - Zona 2 — Algés: R. Damião de Góis, R. Major Afonso Paia, R. João Chagas, Av. Combatentes da Grande Guerra, Av. da República, Alameda Marechal Carmona, R. Ernesto da Silva, R. de Oliveira, R. General Humberto Delgado, R. Luís de Camões, R. General Vicente de Freitas (imediações). Barcarena. Dafundo: R. Policarpo Anjos, Estrada Nacional 6-5, Estrada Nacional 117, Calçada de St.ª Catarina, R. Bombeiros Voluntários do Dafundo, B. S. Mateus, R. Direita do Dafundo, R. Clemente Vicente, R. Sacadura Cabral R. S. João de Deus (imediações). Leceia e Leilão. Porto Salvo: B. da Auto-Construção, Casal da Choca (imediações). Queluz de Baixo: Rua A, R. D. João II, R. Diogo Cão, R. Bartolomeu Dias, R. António Aleixo, R. Cândido dos Reis, R. Consiglieri Pedrosa (parte) (imediações). (Das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE SINTRA - Zona 3 — Anços, Aruil (parte) e Camarões. Casal de Cambra: R. Principal, Rua 3, Rua 6, R. Garrido, R. da Boa Esperança (imediações). D. Maria: Ginjal. Montelavar: Alameda D. Afonso Henriques, R. do Vimal, R. Espírito Santo, B. Amarelo, R. do Rio, R. da Fonte, R. do Paraíso, R. do Adro, R. 1 de Maio, B. do Outeiro, Av. 25 de Abril (parte), Largo Maestro Modesto F. Alves Velho, Trav. da Sociedade, R. 5 de Outubro (imediações). Mourão, Pedra Furada e Pinhal Verde. Várzea de Sintra: Casal da Granja, B. das Chesmas (imediações). (Das 8 às 14 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO VALE DO TEJO

CONCELHO DE LOURES - Zona 4 — Sacavém (B. do Chafariz, Fonte Perra, Courela do Fogueiro, Sete Casas, Infante, B. da Milharada, Murteira, Tocadelo, Salemas, Canaças: Arco Maria Teresa) e Póvoa de St.ª Adrião (Qt.ª da Serra). (Das 7 às 15 horas).

CONCELHO DE ALENQUER - Zona 5 — Paredes (parte), Charnequinha, Casais da Marmeleira, Carregado (parte). (Das 7 às 15 horas).

CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA - Zona 6 — Povos (parte), Castanheira (parte). (Das 7 às 15 horas).

CONCELHO DE SOBRAL DE MONTE AGRADO - Zona 7 — Nogueira. (Das 7 às 15 horas).

Afirma Denis Huisman

RELAÇÕES PÚBLICAS E COMUNICAÇÃO SÃO ESSENCIAIS NA INTEGRAÇÃO EUROPEIA

«As relações públicas e a comunicação podem contribuir para a promoção do ideal europeu». Denis Huisman, professor associado da Universidade de Nova York, na Universidade de Paris 1-Sorbonne destacou assim o papel daquela área das Ciências Sociais, no plano da integração europeia.

Para Huisman, «o pensamento e espírito europeus são realidades palpáveis, tanto no plano das Relações Públicas como no filosófico. Portugal como membro do Centre Européen de Relations Publiques faz parte dessa Europa. A Psicologia, a Filosofia e as Relações Públicas contribuíram substancialmente para a consciencialização do que é a Europa e do que é ser Europeu. No caso concreto dos franceses, o facto de fazerem parte da Comunidade Europeia intensificou-lhes esse sentimento». No caso português, Huisman defende que com a comunicação se verificará um alargamento e melhoramento das condições de vida e das relações entre os vários países, já que a livre circulação de trabalhadores contribuirá igualmente para essa nova situação.

«Penso que a uniformização do trabalho só se concretizará em 1992 quando por exemplo,

os diplomas dos diferentes cursos foram aceites nos diferentes países da Comunidade», sublinhou Huisman.

TV transnacional não é perigosa

Para o professor francês, «com a queda das barreiras físicas entre os países e a transnacionalização das emissões de Televisão é muito provável que os cidadãos europeus venham mais tarde ou mais cedo a falar sete ou oito línguas, o que é muito bom». Quanto à hipótese da perda de identidade de cada povo, Huisman disse que no caso português não deverá haver grande perigo, já que consumimos os programas de televisão europeus filtrados pela legendagem.

Ainda sobre a livre circulação de trabalhadores Huisman, sublinhou que «com a integração haverá uma melhor regula-

mentação das leis do Trabalho, porém, de momento podemos apenas sonhar com uma Europa da Comunidade onde os profissionais poderão trabalhar em harmonia, sem estarem preocupados com a sua nacionalidade e sim com a eficácia do seu trabalho».

Em França a xenofobia ainda existe

A integração de trabalhadores em comunidades diferentes das suas poderá trazer vantagens económicas, mas também desvantagens de carácter social. Denis Huisman reconhece que em França «ainda existe um certo xenofobismo que não é representativo da totalidade dos franceses». Para o catedrático, trata-se de um fenómeno histórico, «não é por acaso que a França foi o país «pai» do chauvinismo, palavra que tem origem no nome do «granadeiro» da Revolução Francesa, Nicolas de Chauvin».

O papel das Relações Públicas é para Huisman, importante para obstar a este tipo de fenómenos. «As Relações Públicas têm um papel preponderante na 'comunicação das consciências',

ou seja na circulação das ideias e dos espíritos e também na formação de um pensamento genuinamente europeu».

Escola europeia Escola americana

As Relações Públicas tiveram o seu berço nos Estados Unidos, todavia para Denis Huisman, «é possível que dentro de pouco tempo se comece a falar numa Escola Europeia de Relações Públicas. Para tal, é necessário que os teóricos elaborem uma doutrina fundamentada em conceitos verdadeiramente europeus, já que a ideia de relações Públicas anglo-saxónica assenta basicamente na ideia do lucro e do dinheiro, enquanto que a perspectiva latina das Relações Públicas é mais subtil.

Nunca se fala declaradamente em dinheiro, pois é «sujo», pratica-se antes o mecenato. Esta é aliás um das fórmulas utilizadas pelos gabinetes de Relações Públicas para melhorarem a imagem de uma empresa, de um homem, ou mesmo da Administração Pública».

Associação de Estudantes de Medicina comemora aniversário

A Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa (AEFML) promove hoje e amanhã, sábado, um seminário sobre o tema «Ética e Saúde», a realizar-se no âmbito da comemoração do seu 75º aniversário.

Neste encontro, que terá lugar na Aula Magna da Faculdade estarão presentes vários es-

pecialistas que debaterão problemas relacionados com o direito à verdade clínica, a eutanásia e o doente com SIDA, entre outros.

Igualmente no quadro das comemorações de mais este aniversário, a AEFML vai realizar, entre 10 e 15 de Abril, a «Semana do Japão», para a qual estão agendados um ciclo

de cinema japonês e a explicação da origem da língua japonesa.

O embaixador do Japão e o Presidente da Associação de Amizade Luso-Japonesa estarão presentes na abertura desta «Semana», marcada para a próxima segunda-feira nas instalações da AEFML.

Albufeira expõe séculos XVIII e XIX

O Arquivo Histórico da Biblioteca Municipal da Câmara de Albufeira e a Escola Secundária local estão a preparar, conjuntamente, uma mostra de documentos dos séculos XVIII e XIX sobre o concelho, que estará patente ao

público entre os dias 2 e 5 do próximo mês de Maio.

Esta exposição, que terá lugar na Escola Secundária de Albufeira, integra-se numa «Semana Histórica», que será promovida por este estabelecimento de ensino.

Escolas dos Açores poderão encerrar

O pessoal auxiliar das escolas açorianas vai iniciar uma greve de cinco dias a partir de 21 de Abril, paralisação que se destina a obter a reclassificação da classe de acordo com a legislação vigente no continente há mais de um ano.

Num comunicado divulgado pelo Sindicato da Função Pública do Sul e Açores, os trabalhadores consideram que o anúncio do pagamento de retroactivos por horas extraordinárias é um «aliciante» criado pelo Governo Regional para «desmobilizar a

classe», referindo igualmente que, «com o mesmo objectivo desta nova paralisação», já em Março os trabalhadores auxiliares das escolas dos Açores efectuaram uma greve de dois dias que, na altura, levou ao encerramento de diversos estabelecimentos de ensino.

Morreu Mário Graça



Vítima de doença súbita faleceu ontem na sua residência, na Rua Viana da Mota, 15, res-do-chão-A, em São Pedro do Estoril, o nosso antigo camarada de trabalho, Mário Graça de Jesus, de 68 anos.

Trabalhou no «DL» desde 1971, nos serviços técnicos e comerciais, tendo granjeado inúmeros amigos pela alegria e simpatia constante que punha na convivência com todos os que aqui trabalhavam.

Embora se encontrasse reformado já há alguns anos, eram frequentes as suas visitas aos antigos colegas, nada fazendo prever o triste acontecimento.

O corpo encontra-se no Hospital de Cascais, não estando ainda marcado o funeral.

A viúva, Cândida da Silva Martins de Jesus, à filha, aos netos e restante família o «Diário de Lisboa» e todos quantos aqui trabalham apresentam as mais sentidas condolências.

Professores não-profissionalizados progridem negociações com ME

Representantes do Ministério da Educação «mostraram-se sensíveis às propostas dos professores não-profissionalizados e às posições de solidariedade manifestadas pelos conselhos pedagógicos» em relação aos problemas que afectam este grupo da classe.

De acordo com a Comissão Coordenadora dos Professores Não-Profissionalizados (CCPNP) dos ensinos preparatório e secundário, que recentemente reuniu com o chefe do gabinete do secretário de Estado adjunto do ministro e com o director e sub-directora gerais da Administração e Pessoal, «o Ministério assumiu o compromisso de reelaborar toda a legislação de concurso e formação de professores, criando mecanismos que evitem a injustiça de mais de vinte mil professores, nestas condições, serem ultrapassados».

Segundo um comunicado divulgado por aquela estrutura representativa dos professores que se encontram na situação de não-profissionalização, e que, cada vez mais, têm visto dificultado o seu acesso aos estágios, «houve, da parte do ME, o compromisso de alterar a legislação relativa aos mini-concursos a realizar durante este ano e de eliminar futuramente o período especial de candidatura para os recém-formados em estágio».

Insistindo na «necessidade de no ano lectivo de 1989/90 ser alargado a todos os grupos de letras o acesso à profissionalização, com o apoio da universidade aberta, aos professores nas condições de dispensa do segundo ano de formação», a CCPNP acrescentou que o Ministério da Educação se comprometeu a aceitar o direito à progressão e à profissionalização de todos os candidatos colocados na segunda parte do concurso.

A Comissão Coordenadora dos Professores Não-Profissionalizados manifestou ainda ao Ministério da Educação a sua pretensão de ser ouvida pelo grupo de trabalho que vai ser constituído para proceder à reestruturação daquela legislação.

Das bases, descontentamento chegou à própria direcção

ACENTUAM-SE AS DIVERGÊNCIAS NO SEIO DO SPGL

«Construir uma alternativa ao actual controle burocratizado e partidizado do sindicalismo docente, devolvendo-o aos professores» é a proposta de um grupo de professores sindicalizados e afectos ao SPGL (Sindicato dos Professores da Grande Lisboa) que entraram em ruptura com a direcção daquela estrutura, filiada na FENPROF.

As «falsas negociações com o Ministério da Educação, efectuadas nas costas dos professores e sem os informar devidamente», o «controlo da acção reivindicativa» e a «mobilização, por métodos anti-democráticos, que tem impedido os professores de obterem resultados nas suas reivindicações» são, na perspectiva deste grupo de docentes, as principais razões que têm «dividido e enfraquecido a classe».

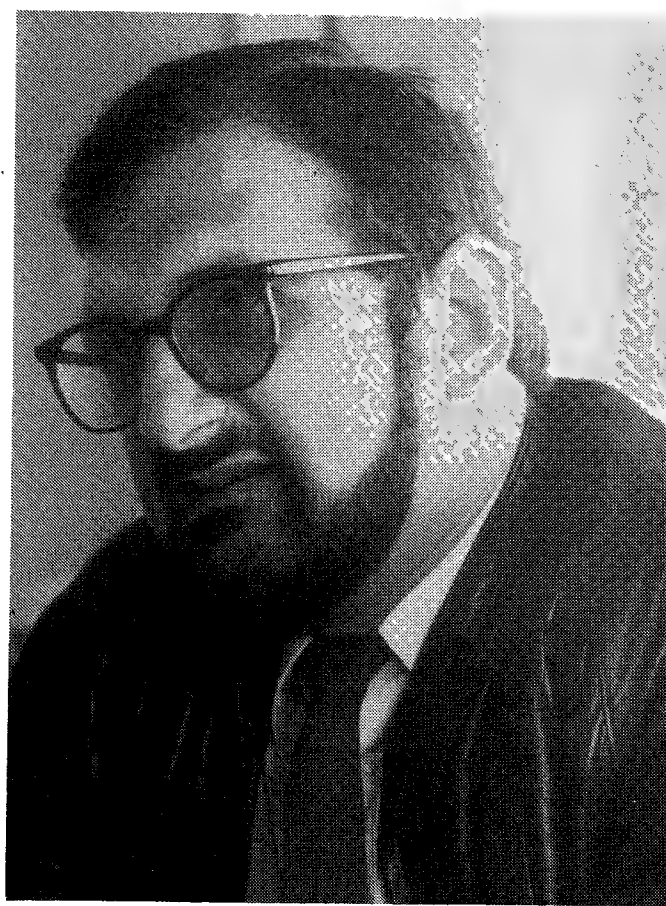
Descontentes com a sua situação profissional e com uma orientação sindical «incapaz de defender eficazmente os interesses da classe», os professores «dissidentes», entre os quais se contam diversos quadros da mais «alta hierarquia» do SPGL, em reunião ontem efectuada na Escola Secundária de Camões, acusaram a direcção daquele sindicato de dirigir a luta dos trabalhadores que representa «sob condições ideológicas óbvias que dão cobertura a certas situações que prejudicam os professores».

Oscar Soares, da Comissão Nacional da FENPROF e da

Comissão Executiva do SPGL, afirmando que os «grandes pontos da luta dos professores há um ano continuam a ser os mesmos de agora quando, entretanto, já o ME modificou a sua acção tendo inclusivamente feito aprovar medidas que não favorecem a classe», o que, em seu entender, «revela a inactividade e incapacidade da actual direcção sindical», sustentou que os grandes objectivos deste grupo de docentes é porem a descoberto «as diferenças das características dos diversos sectores do ensino» para o que a «democracia sindical é possível, forjando-se a unidade e a acção na diversidade e no debate».

«Carreira digna e revalorizada»

Uma carreira com um topo acessível a todos - conforme a recomendação da OIT/UNESCO -, uma situação remuneratória condigna com um estatuto social valorizado que permita a dedicação plena à função, uma nova grelha salarial retroactiva a 1 de Janeiro de 1989 e uma gestão democrática «amplamente participada nas escolas que permita o trabalho colectivo dos professores para uma melhor prática educativa, estas são, basicamente, as linhas propostas pelos professores ontem reunidos que, sustentando serem de «consenso» e «encontrando o seu reflexo nas propostas da FENPROF», são igualmente «princípios que a direcção do SPGL não sabe ou não quer impôr», «optando por compromissos pouco claros e desconhecidos da generalidade da classe que boicotam a sua capacidade de mobilização».



António Teodoro, presidente da FENPROF, prestes a ter «cabeça a prêmio»?

Com vista ao alargamento da participação e à unidade dos professores e «rejeitando um

sindicalismo que não respeita as regras mínimas da democracia», este grupo de professores, que ontem mesmo lançou um manifesto segundo o qual ainda «é possível libertar a força da classe e lutar por uma carreira digna» pretende que o III Congresso Nacional da FENPROF (a realizar de 19 a 22 de Abril)

seja um congresso de «mobilização e luta onde a acção reivindicativa seja debatida e finalmente decidida».

Tal como afirmou ao «DL» o profº Augusto Pascoal, da Comissão Nacional da FENPROF e vice-presidente da Mesa da Assembleia Geral do SPGL, a actual direcção do sindicato «não tem noção nenhuma dos problemas sindicais com que nos confrontamos e certos elementos que a compõem têm tido actuações em relação a outros membros da direcção que são perfeitamente atentórias contra a nossa dignidade e os nossos direitos enquanto, para além de professores, também sindicalizados».

Esta foi a terceira reunião deste grupo de professores afectos ao SPGL que sublinham «não pretender uma cisão no seio do sindicato mas, sobretudo, ver mais gente sindicalizada e que o crescimento que o SPGL tem tido se traduza por um debate mais alargado a todos os campos e que, perante esse crescimento, os professores não fiquem à deriva».

«Com uma direcção que não os consegue controlar e por tal utiliza métodos para que não sejam conhecidas muitas das propostas discordantes apresentadas por professores, estes acabam por agir autonomamente o que se traduz numa desmobilização generalizada e com pesadas consequências para a dignidade e poder negocial da classe».

PS contesta Prova Geral de Acesso

O Secretariado Nacional do PS para a Educação considerou ontem, em Setúbal, que a prova geral de acesso ao ensino superior (PGA) «foi fácil», mas que «ninguém sabe agora qual será o critério da escolha dos alunos que ingressarão nas universidades».

Ana Maria Bettencourt, responsável socialista pelo sector da educação, afirmou que a prova «serviu para seriar os alunos», sublinhando que «o que tem que mudar em Portugal é a escola» e que «não se podem punir os alunos por aquilo que a escola não faz».

A propósito do «Encontro de Educação para o Trabalho e Formação Profissional» que decorrerá nos próximos dias 3, 4 e 5 de Maio em Setúbal e que irá contar com a participação de comissões de professores do PS e do PSD, Ana Maria Bettencourt afirmou que «nesta cidade há falta de estruturas escolares, as escolas estão mal equipadas e a maior parte dos jovens abandona a escola para entrar no desemprego».

O encontro, que, entre outros, irá abordar estes temas, terá igualmente a participação de elementos oriundos de Espanha, França, Bélgica, Holanda e Suécia, devendo ser «estabelecidas comparações entre os diferentes métodos de ensino».

Os estatutos da Federação Nacional dos Estudantes de Instituições com Formação Inicial de Professores, que funcionará como parceiro social dos estudantes em geral, deverão ser aprovados amanhã, em Coimbra.

Estudantes criam Federação Nacional

Os estatutos da Federação Nacional dos Estudantes de Instituições com Formação Inicial de Professores, que funcionará como parceiro social dos estudantes em geral, deverão ser aprovados amanhã, em Coimbra.

Manuel Loff, da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras do Porto e ligado a este projecto, afirmou que a reunião do Conselho Fiscal daquela fe-

deração, que decorrerá em Coimbra, deverá nomear uma Comissão Nacional Coordenadora a funcionar como órgão executivo da Federação.

A ideia da criação de uma Federação Nacional dos Estudantes de Instituições com Formação Inicial de Professores saiu de um encontro nacional de estudantes realizado em finais do ano passado em Aveiro.

Os princípios gerais desta Federação, que congrega vinte e

oito associações de estudantes das Faculdades de Letras, Ciências, Universidades Novas e Escolas Superiores de Educação de todo o país, foram já aprovados.

Segundo sublinhou ainda Manuel Loff, a federação agora constituída «terá um peso negocial importante enquanto parceiro social dos estudantes, concretamente na questão da Reforma Educativa e formação de professores».

Estudantes de Coimbra sem refeições

Vários milhares de estudantes poderão ficar sem refeições durante quinze dias, a partir de 17 de Abril, devido a uma greve dos trabalhadores dos Serviços Sociais Universitários.

Segundo revelou ontem uma fonte sindical, a greve está marcada para os períodos das 13 às 15 horas e das 19 e 45 às 21 e

45 horas, alturas em que são normalmente servidas milhares de refeições aos estudantes da Universidade de Coimbra.

Os trabalhadores lutam pelo pagamento dos subsídios de trabalho nocturno e de alimentação aos sábados, que está em falta desde 1985 até 1987.

CNE discute planos curriculares

Os novos planos curriculares dos ensinos básico e secundário foram ontem discutidos pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), mas o seu parecer sobre esta matéria só deverá ser ultimado numa próxima reunião deste órgão, a realizar no dia 19.

Mário Pinto, presidente do CNE, justificou que o adiamento da apresentação de conclusões se ficou a dever ao facto de o debate «ter sido animado e com muitas intervenções».

Mário Pinto afirmou que as questões mais polémicas foram as da inclusão nos currículos de uma segunda língua estrangeira obrigatória (no terceiro ciclo do ensino básico) e a iniciação e formação tecnológica.

A criação de um espaço curricular autónomo de formação pessoal e social «onde, além das disciplinas tradicionais, existiria um espaço para a formação pessoal», foi outro dos temas em torno do qual surgiu «mais polémica».

Segundo o presidente do CNE, os conselheiros manifestaram igualmente o seu «descontentamento pelo facto de ainda não terem instalações próprias».

**Perspectivas são boas
segundo os especialistas**

**Mais 10% de escandinavos farão turismo
em Portugal**

O número de dormidas de turistas escandinavos em todos os meios de alojamento deverá atingir este ano em Portugal mais de 2 milhões de noites, previu, em declarações à Lusa, o director do Centro de Turismo de Portugal (CTP) na Escandinávia.

César Faustino falava das perspectivas que se apresentam para a oferta turística nacional no mercado escandinavo, durante a Feira Internacional de Turismo de Gotemburgo — TUR/89 — que está a decorrer nesta cidade sueca até ao próximo domingo.

Para este responsável, «o crescimento sólido e estimulante do mercado nórdico par Portugal, expressivamente, actuado em 1987, manteve-se uma grata realidade em 88 e deverá atingir este ano um aumento de 10 a 15 por cento, tanto em entradas como, o que é mais importante, em dormidas».

A confirmar-se esta previsão, tal significará que «Portugal registará o maior volume de todos os tempos do turismo escandinavo para Portugal», ultrapassando, assim, todos os recordes anteriores.

Segundo César Faustino, esta evolução positiva deriva, fundamentalmente, da gradual recuperação do tráfego para o Algarve, de uma expansão «notável» da corrente finlandesa, do prolongamento dos programas para a Madeira durante o Verão e de alguns para Lisboa e Costa do Estoril e Algarve na baixa estação, e do aumento das frequências aéreas Escandinávia/Lisboa/Porto.

A Feira de Gotemburgo, inaugurada na quarta-feira pela princesa Lilial, constitui a maior manifestação do género do turismo emissor da Escandinávia, crescendo de ano para ano em importância e volume de negócios. Na presente edição estão presentes 1205 expositores, representando 1768 empresas, de 85 países.

**Noruega desce
Finlândia sobe**

Na sua globalidade, o que é, aliás, expresso na feira, os países nórdicos, com excepção da Noruega, têm fortalecido a sua estabilidade económica, na sequência da recuperação iniciada em 1986.

Daí que a tendência actual permite prever para 1989, no conjunto da área nórdica, uma aumento do PNB de cerca de 3 por cento e do consumo privado em quase 5 por cento, tendência apoiada por uma firme contenção das taxas de inflação e desemprego e uma sensível melhoria da balança comercial, de acordo com as estatísticas oficiais.

«A situação da Noruega é, sítio grandemente, porém, o quadro positivo geral, devido a enfrentar uma profunda crise económica», reconheceu o director do CTP da Escandinávia.

A crise norueguesa está a ser amplamente comentada na Feira de Gotemburgo, sendo reconhecido que ela é agravada pelo dé-

bito externo e pela carga tributária, a par de um crescimento inflacionário que os especialistas classificam de «preocupante».

O resultado de tal situação é a de uma quebra substancial do poder de compra por parte do consumidor, com consequências negativas em todos os sectores.

A Finlândia, de certa forma, surge, no entanto, a compensar a estagnação norueguesa. Este país mantém os mais altos índices de valorização económica de todos os países nórdicos, proporcionando um vasto crescimento do poder aquisitivo.

As previsões do CTP da Escandinávia apontam para um aumento de turistas finlandeses dos 44.5000 entrado em 1988 para 65.000, e nas dormidas para um aumento de 355.000, em 1988, par mais de meio milhão este ano.

As previsões apontam, ainda, para a consolidação e mesmo aumento das posições já ocupadas pela Suécia e pela Dinamarca.

**Aumento de programas
e valorização**

Segundo César Faustino, é ainda de registar um incremento «sensível» de programas turísticos especializados e temáticos, do tipo desportivo/ cultural/ gastronómico/ rural, etc., assim como de incentivos e convenções, o que, ultimamente «pressupõe uma nítida valorização da qualidade socioeconómica da corrente turística nórdica para Portugal».

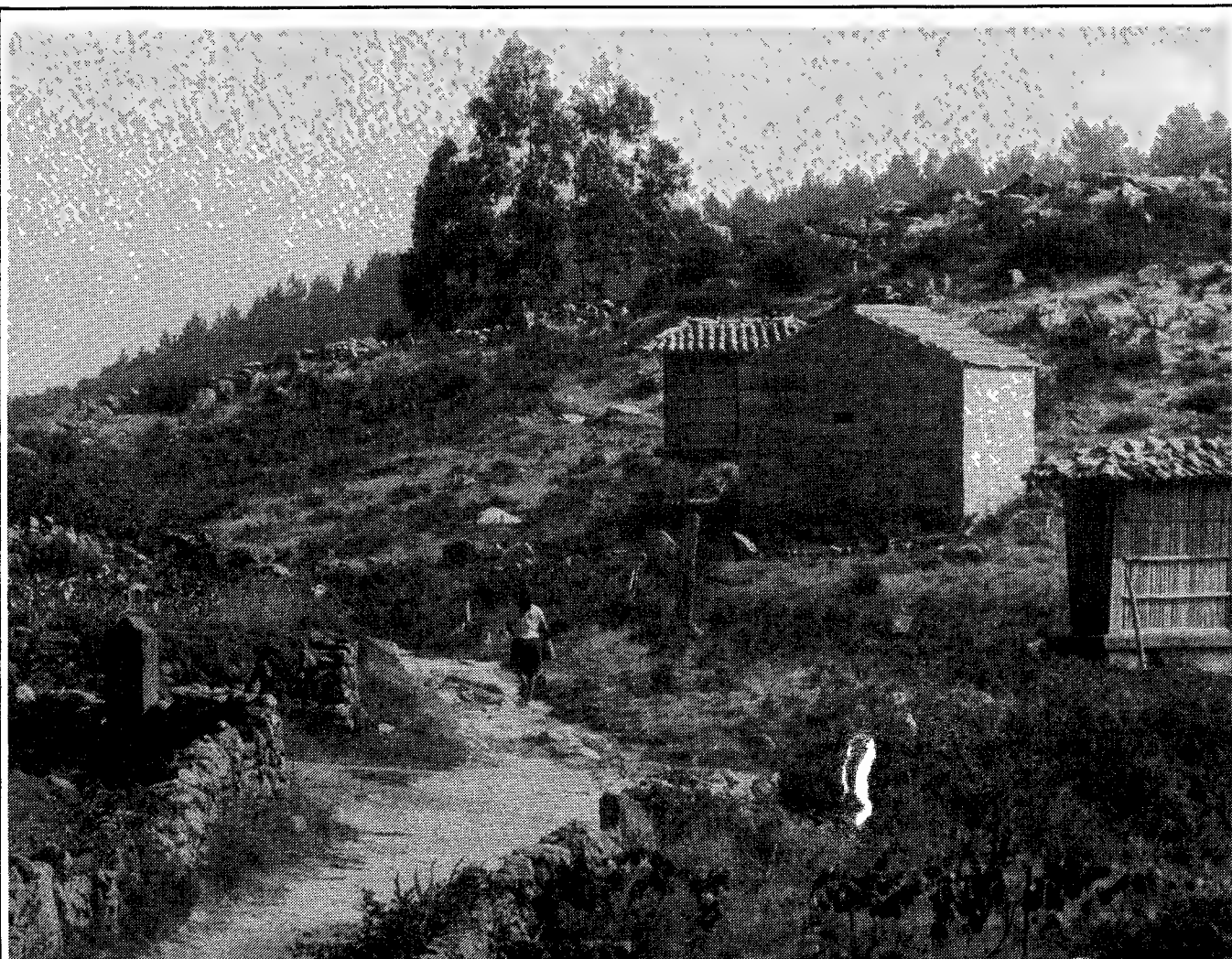
Por outro lado, é patente na distribuição mais equitativa das quotas dos vários componentes geográficos do mercado, através de uma redução do peso da Suécia (que não deixa de constituir, ainda assim, o maior fornecedor nórdico) e um crescimento substancial de dinamarqueses e finlandeses.

Simultaneamente, verifica-se «uma progressão cada vez mais vasta e equilibrada na distribuição geográfica do turismo nórdico pelo território português».

Assim, além dos destinos clássicos da Madeira, Algarve e Lisboa/ Costa do Estoril, novos fluxos passaram a procurar o Centro/ Costa de Prata e Oeste, o Porto/ Costa Verde/ Alto Minho e a Costa Azul e Açores.

«É também notório que o factor da sazonalidade tem cada vez menor relevância no mercado nórdico», afirmou César Faustino, acrescentando, serem disso exemplo as operações para a Madeira de duração contínua, ano inteiro, de 9-10 meses (Fevereiro - Dezembro) para o Algarve e de 8-9 meses (Maio - Novembro) para (Lisboa/ Costa do Estoril).

«De resto, os escandinavos continuam a afirmar-se como o segundo mercado externo, após o Reino Unido, de baixa estação na hotelaria do Continente e ilhas e o terceiro, depois do Reino Unido e da Espanha, em termos de todos os meios de alojamento, também na estação baixa», disse o director do CTP da Escandinávia.



**«VERDE MINHO» QUER MELHOR REDE
VIÁRIA PARA FACILITAR TURISMO**

A Região de Turismo «Verde Minho» (CRT/VM) aponta a melhoria urgente da rede viária e ferroviária nacional, nomeadamente na região, como forma de desenvolver as suas potencialidades turísticas, refere um comunicado daquele organismo enviado à Lusa.

O documento indica como «meios necessários» ao desenvolvimento do turismo naquela área a conclusão, até 1993, da ligação Braga/Vila Real de Santo António (IP1), conclusão da autoestrada Porto/Braga em 1992, «urgente» regularização e pavimentação da estrada Braga-Chaves, além da conclusão a curto prazo das infra estruturas da linha ferroviária do Minho.

A Região de Turismo «Verde

Minho» propôs ainda, em reunião do Conselho Nacional de Turismo, a inclusão do aeródromo de Palmeira/Braga na rede secundária, com vista à sua utilização pelas Linhas Aéreas Regionais (LAR).

De acordo com o comunicado daquela região de turismo, a melhoria das condições de saneamento básico, elaboração de projectos de «zona de caça turística», construção de «clínicas de apoio a grupos de turistas organizados ou grupos desportivos», bem como a criação de estruturas para a realização de reuniões técnico-profissionais, são condições capazes de aumentar a procura da região como mercado turístico.

Por outro lado, a CRT/VM aponta para a elaboração de re-

gulamentos que visem o ordenamento dos parques nacionais e que «acabem com todas as indefinições», alertando para a «rápida recuperação de áreas urbanas degradadas, designadamente aquelas que se situam em centros históricos ou em zonas antigas», o que — salienta o comunicado — implica a definição do conceito de «aldeia típica» ou «aldeia tradicional».

A revisão do «Programa Nacional de Turismo» — objecto de uma reunião que decorreu recentemente em Tomar — aponta para a transformação dos mosteiros de Tibães e Santa Maria do Douro (ambos no distrito de Braga) em estabelecimentos turísticos, o que aumentará a capacidade da região em número e qualidade de camas.

O documento da CRT/VM salienta a existência, na região de 114 casas a trabalhar no «turismo de habitação», 71 no «turismo rural» e nove no «agroturismo», estando ainda em apreciação a criação de mais 27 projectos.

Finalmente, aquela estrutura de dinamização turística indica a promoção de actividades de animação e cultura como coadjuvantes da oferta turística.

O comunicado da Região de Turismo «Verde Minho» revela a previsão de disponibilização a nível nacional, por parte do poder central, regional e local, de cerca de cinco milhões de contos, para acções de promoção e diversificação de mercado para 1990, 1991 e 1992.

Portugal e Galiza aproximam-se com Papa na «agenda»

A visita do Papa João Paulo II à Galiza, em Agosto deste ano, representará a primeira acção concertada da conjugação turística entre a Galiza e o Norte de Portugal, disse o presidente da Confederação dos Empresários daquela região espanhola.

Miguel Perez Perez, que se reuniu no Porto com responsáveis pelas Associações Regionais de Turismo do Norte de Portugal, defendeu o estabelecimento de acções conjugadas no domínio turístico entre as duas regiões da Península Ibérica, designadamente através da promoção do turismo religioso.

O presidente da Confederação dos Empresários da Galiza (CEG) adiantou que muitos dos turistas que em Agosto visitarão a Galiza poderão ser canalizados

para o Norte de Portugal, já que aquela região espanhola não tem capacidade hoteleira para receber mais de 300 mil pessoas.

Perez referiu que o segundo passo poderá ser dado em 1990, altura em que se comemorará o ano do turismo da Comunidade Económica Europeia.

O presidente da CEG defendeu também a necessidade de portugueses e espanhóis «comercializarem» o eixo Santiago de Compostela/ Braga/ Fátima, no sentido de canalizarem o actual fluxo turístico para as duas regiões, que apresentam no domínio do turismo «alguma complementaridade».

No âmbito das acções a desenvolver entre a Galiza e a Região Norte portuguesa, Perez Perez defendeu ainda a promoção de

competições no domínio do desporto marítimo, designadamente regatas frequentes entre Baiona e o Porto ou outras localidades portuguesas.

O incremento de acções culturais e de turismo de habitação foi também preconizado, quer pelo responsável pela CEG quer pelo presidente da Comissão de Coordenação da Região Norte (CCRN), Braga da Cruz.

O responsável pela CCRN salientou as vantagens que estas duas regiões podem obter se forem desenvolvidas e implementadas acções concertadas nos diversos domínios do turismo, seja ele de habitação ou termal.

Braga da Cruz referiu que os espanhóis terão oportunidade de apreciar algumas das potencialidades turísticas do Norte, em

Maio, altura em que decorrerá na Galiza a «Semana Verde», iniciativa em que a região setentrional de Portugal estará representada.

No entender daqueles dois responsáveis, o fortalecimento das relações turísticas passa também pela elaboração de mapas turísticos conjuntos, num espaço alargado, onde as fronteiras representem pontos de passagem.

Na oportunidade, Braga da Cruz lembrou que o programa transfronteiriço elaborado pelos governos português e espanhol é já um exemplo do fomento das relações entre os dois países ibéricos.

Em seu entender, importa «promover ligações com vista ao estabelecimento de uma fachada atlântica de que Vigo e Porto sejam capitais».

Namíbia: Continuação dos confrontos origina reunião de emergência convocada pelos EUA e URSS

SWAPO EM DESESPERO DE CAUSA?

Jorge Ferreira

Depois de terem conhecido uma breve acalmia, os confrontos entre guerrilheiros da Swapo e as forças lideradas pela África do Sul, no norte da Namíbia, ao entrarem ontem no seu sexto dia, registaram um recrudescimento, não obstante vários apelos no sentido de os homens da Swapo deporem as armas. Com efeito, sejam quais forem as "razões" que possam assistir à Organização do Povo do Sudoeste Africano, a sua irredutibilidade no terreno é, em nosso entender, um grave erro que poderá ter efeitos de "boomerang". Mesmo admitindo que as acusações de Sam Nujoma a Pretória tenham fundamento, não é com armas que poderá fazer valer os seus direitos. Há um acordo assinado em Nova York, que aponta para um processo pacífico em direcção à independência. E persistir na luta armada, neste momento, poderá, mesmo a nível interno, prenunciar um "suicídio" político.

O que se passa afinal na Namíbia? O ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano, "Pik" Botha, dias antes do início do processo de transição para a independência do território, tinha advertido o representante oficial da ONU, Marti Ahtisaari, de que a Swapo estava a infiltrar elementos seus no norte da Namíbia, contrariando o acordo tripartido de Nova York. Mas parece que pouco ou nada foi feito para impedir tal movimento, provavelmente pela insuficiência de "capacetes azuis", que até ao momento só tinham menos mil e quinhentos homens no território, e quase todos concentrados na capital, Windhoek. Assim, no próprio dia do início do processo (1 de Abril) registam-se confrontos entre elementos da Swapo e as forças territoriais namibianas, colocadas ao longo da fronteira com Angola. Seguem-se acusações mútuas (Swapo-Pretória), mas não se chega a saber ao certo quem provocou quem. "Pik" Botha, quando a situação parecia agravar-se, ameaça suspender o processo de transição para a independência e mandar regressar a parte das forças da ONU que já se encontravam no território. Sucedem-se esforços múltiplos, das mais diversas origens, entre as quais as Nações Unidas e União Soviética, para sanar o obstáculo, mas até ontem, nada de concreto resulta dessas diligências. Nujoma diz em Harare, onde ainda ontem se encontrava: "os guerrilheiros da Swapo não saíram da Namíbia". E os confrontos prosseguem.

Cerca de 200 elementos da Swapo já foram abatidos, nestes dias de luta, que nos parece injustificada. A organização independentista desmente, diz que apenas perdeu menos de 40 homens e que "o número de baixas da força de segurança é muito maior". Mas não revela intenções de ordenar o recuo dos seus homens, porque defende que eles já se encontra-

vam na Namíbia, "armados", para combater o regime do 'apartheid'. Esta posição extemporânea (convenhamos, desconcertante) não deixa de causar perplexidade nos meios internacionais, tornando cada vez mais insustentáveis os argumentos da Swapo. Depois de uma retumbante vitória no campo diplomático, a organização de Sam Nujoma, parece-nos, está a revelar uma "imaturidade" que poderá conduzi-la a um "beco sem saída". Não será evidentemente esse o seu propósito, mas a impensada actuação de que dá mostras, não deixará, logicamente, de lhe auto-infligir pesados prejuízos, mesmo em termos de credibilidade.

Compreende-se que 23 anos de luta armada contra o regime do 'apartheid' tenham cavado profundas desconfianças em relação a tudo o que envolva Pretória, sequelas que não podem ser sanadas de um dia para o outro. Mas mesmo assim não há justificação plausível para o que está a acontecer. A não ser que correspondam à verdade as opiniões de alguns analistas, segundo as quais a Swapo estaria receosa de perder as eleições constituintes, em princípio previstas para Novembro, face a uma outra organização política namibiana caracterizada para uma praxis moderada e que diz democrática e multirracial. Contudo, continuamos a não ver como é que a actuação da Swapo, internacionalmente proclamada como a única representante namibiana, poderá contribuir para alterar as pedras do xadrez. É que, francamente, o cheiro a pólvora e a "sinfonia" das metralhas, não são os meios mais adequados para incensar ou dinamizar uma campanha eleitoral.

Ontem à tarde, as forças de segurança da Namíbia afirmaram que os combates não mostravam sinais de diminuir e que cerca de 1.500 guerrilheiros da Swapo tinham atravessado a fronteira de Angola para aquele território.

Os civis da região, segundo

informação do porta-voz da Polícia, inspector-chefe Derek Brune, destacado para Oshakati, 45 quilómetros a sul da fronteira com Angola, foram aconselhados a viajar em colunas militares porque, em solo namibiano, já não há segurança.

Acusadores e acusados

Pelas notícias que nos vão chegando, chega-se à conclusão de que as forças do PLAN (Exército Popular de Libertação da Namíbia, da Swapo) não foram informadas da actual realidade na Namíbia, e que o soldado básico pensava não encontrar nenhuma resistência, podendo instalar-se à vontade no território, sob a protecção dos "capacetes azuis".

Com efeito, dois dos quatro guerrilheiros da Swapo aprisionados durante os confrontos e apresentados em Windhoek à Imprensa, confirmaram que tinham ordens para franquear a fronteira e que não deveriam encontrar nenhuma resistência, em resultado do cessar-fogo. Mais: que as forças da ONU lhes permitiriam instalar-se em bases, onde ficariam confinados.

Na perspectiva de "Pik" Botha, a Swapo pretendia, com a sua acção "dar à população namibiana a impressão de que era uma força poderosa que podia infil-

trar-se em massa, para virtualmente libertar a Namíbia".

O ministro sul-africano calcula entre quatro a cinco mil homens (de um total de cerca de oito mil) o número de guerrilheiros que se encontram actualmente em Angola, a sul do Paralelo 16.

Pretória reafirma que, da sua parte, tem respeitado os compromissos e obrigações assumidos, e que continuará a fazê-lo.

Sam Nujoma, que, como afirmámos, se recusa a ordenar a retirada dos seus homens, declarou-se por seu turno "chocado e consternado" por as Nações Unidas terem autorizado que "os esquadrões da morte sul-africanos entrassem de novo em acção". Formulou duras críticas aos "capacetes azuis" por não terem feito respeitar o cessar-fogo e afirmou que a insuficiência de soldados da ONU (o contingente foi reduzido de 7.500 para 4.650 homens) foi apenas um pretexto do representante oficial daquela organização, Marti Ahtisaari, para justificar a decisão de reactivar as forças sul-africanas. Recusa mais uma vez a acusação de ter sido a Swapo que violou o cessar-fogo. E acrescenta que os confrontos "são puro produto da imaginação do regime... as tropas sul-africanas estão no terreno para reprimir as aspirações políticas do povo namibi-

ano".

A esta declaração, "Pik" Botha respondeu que, desta vez, Sam Nujoma não se "descartará tão facilmente" da situação criada, e sublinhou que "os seus conselheiros e governos responsáveis fá-lo-ão ver que se está a tornar ridículo".

Conversações de emergência

Para além dos contactos com dirigentes da Swapo, iniciados há dois dias em Luanda por um enviado especial das Nações Unidas, os Estados Unidos e a União Soviética vão participar amanhã, sábado, em conversações de emergência (em que estarão presentes a África do Sul, Cuba e Angola), destinadas a encontrar uma saída para a situação de guerra no norte da Namíbia, segundo fontes governamentais sul-africanas.

Esta reunião inscreve-se no quadro dos esforços internacionais accionados no sentido de pôr termo aos combates que vêm sendo travados entre as forças dirigidas pelos sul-africanos e a guerrilha da Swapo.

As mesmas fontes adiantaram que a delegação sul-africana às conversações, que irão decorrer numa quinta perto de Windhoek, será encabeçada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, "Pik" Botha, e da Defesa, Magnus Malan.

Por outro lado, fontes governamentais de Pretória revelaram ainda que Cuba notificou o chefe da diplomacia sul-africana de que não apoiou nem aprovou a infiltração de guerrilheiros da Swapo no território.

Um documento entretanto divulgado pelo Departamento de Estado norte-americano recorda que Sam Nujoma aceitou o plano de paz para a Namíbia em cartas enviadas em Agosto do ano passado e em Março último ao secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar.

"O plano da ONU - afirma-se no documento - não contempla a instalação de bases na Namíbia antes ou depois de 1 de Abril. A infiltração de homens armados da Swapo é proibida".

O documento refere ainda que Angola e Cuba comprometeram-se a manter as forças da Swapo a pelo menos 150 quilómetros a norte da fronteira da Namíbia, acima do Paralelo 16.

"É óbvio - comenta o Departamento de Estado norte-americano - que seria uma flagrante violação deste compromisso permitir a infiltração de combatentes da Swapo na Namíbia, para não falar do apoio ao estabelecimento de bases da Swapo no território".

Em marcha o processo de adesão de Angola ao FMI

No âmbito da projectada adesão de Angola ao Fundo Monetário Internacional, uma delegação de Luanda deslocou-se ontem a Washington para voltar a reunir-se com aquele organismo internacional. A delegação é chefiada pelo coordenador da comissão de trabalho de Angola com o FMI, Amândio Esteves, e integra Branquinho Maia e Fernando Paiva. Em Janeiro último, uma delegação do FMI visitou Angola para proceder à avaliação do seu património, por forma a estabelecer a futura quota daquele país africano. Para o ingresso angolano em Junho próximo, como está previsto, torna-se necessário que as suas autoridades monetárias adoptem uma série de medidas indispensáveis ao relançamento da economia do país, para que o FMI possa assumir-se como garante de futuros créditos internacionais. Entre as exigências do FMI contam-se a desvalorização do kwanza em 100 por cento, numa primeira fase, e o dobro imediatamente a seguir, a renegociação da dívida externa (cerca de 4.000 milhões de dólares), a revisão da política cambial e a redução dos gastos improdutivos do aparelho de Estado. Angola já aprovou a desvalorização da sua moeda, mas ainda não estabeleceu a data para a adopção dessa medida. O FMI pediu à RPA que restabeleça o mais depressa possível um fundo de reservas em divisas do banco central e altere a actual taxa de câmbios, uma vez que a actual não corresponde à realidade. Por outro lado, o Fundo Monetário Internacional opõe-se à prática de entrega de ramos de petróleo como caução de futuros créditos e impõe que Angola reorganize o seu sector de investimentos por forma a tirar racionalmente partido das linhas de crédito ao seu dispor.



Sam Nujoma: a intransigência que poderá redundar num "harakiri" político.



Vista parcial de um engarrafamento de 60 quilómetros (na RFA) de viaturas de húngaros que vieram ao Ocidente abastecer-se de bens de consumo, principalmente electrodomésticos transportados nos tejadilhos dos automóveis.

Uma gata norueguesa sobreviveu a uma lavagem na máquina de lavar roupa da sua dona. A gata Samantha, que gosta de se sentar a ver a roupa girar, entrou para dentro da máquina misturada com umas calças de ganga sujas. Inicialmente, a dona não deu por nada, mas o cão da família viu a Samantha dentro da máquina e começou a ladrar. Foi então que a dona de casa norueguesa parou a máquina de lavar, que estava a funcionar há 5 minutos, e tirou a gata Samantha para fora. Ann-Eli Nedregaard, assim se chama a dona de casa, telefonou ao veterinário a pedir ajuda mas este respondeu que não podia fazer muito pela Samantha. A dona encontrou então uma solução, a respiração boca-a-boca. Deu resultado e a gata sobreviveu. Não se sabe se a Samantha ainda gosta de ver a roupa a girar dentro da máquina de lavar.



Gorbachev e Thatcher observam a troca de ministro Edward Shevardnadze e pelo secretário de Estado, Geoffrey Howe (notícia nesta página).

Cessar-fogo no Líbano durou poucas horas

Artilharia e «rockets» regressaram ontem em força às ruas de Beirute, rompendo violentamente um cessar-fogo patrocinado pela liga árabe e que apenas durou umas poucas horas. Os residentes da capital libanesa voltaram aterrorizados aos abrigos subterrâneos, onde têm permanecido a maior parte dos últimos 23 dias. «Voltámos à escuridão e humidade dos abrigos. Sabíamos que o cessar-fogo era bom de mais para se acreditar. Parece que não há mais esperança», exclamava uma residente de Beirute. Os bombardeamentos nas ruas e estradas no sector cristão de Beirute provocaram o pânico entre a população. Vários incêndios envolveram áreas residenciais na parte muçulmana de Beirute Ocidental. A Polícia afirmou que 15 pessoas ficaram feridas, sendo o total de vítimas dos confrontos dos últimos dias de 117 mortos e 591 feridos.

Governo afegão declara cessar-fogo unilateral

Um «rocket» rebelde atingiu ontem um depósito de combustível em Kabul, destruindo 13 camiões-cisternas, pouco depois do governo ter anunciado um cessar-fogo unilateral para vigorar durante o Ramadão. O governo pro-soviético anunciou que o cessar-fogo começaria às zero horas de hoje, a fim de assinalar o início do mês de jejum muçulmano, o Ramadão, e instou os líderes rebeldes a evitar derramamentos de sangue durante todo este período. Ao anunciar a medida, o porta-voz governamental, Mohammad Amani, salientou ter indicações de que os rebeldes poderiam atacar a capital, mas disse esperar que eles não o fizessem, pois «pagariam caro por isso». «Estamos totalmente preparados para defender Kabul. Se eles nem sequer puderam ganhar em Jalalabad, mesmo com o apoio dos paquistaneses, como poderão os rebeldes conquistar qualquer vitória na capital, onde terão de lutar sem o apoio destes», salientou Amani.

Irão: combates entre facções rivais causaram vários mortos

Um grupo oposicionista iraniano afirmou ontem que várias pessoas morreram esta semana em violentos confrontos entre a polícia do líder espiritual, «ayatollah» Khomeini, e apoiantes do seu antigo sucessor designado. Milhares de elementos da Guarda Revolucionária foram enviados a Najaf, travar os protestos levados a cabo na terça e quarta-feira pelo seu afastamento no mês passado. «Os residentes da cidade foram para as ruas, gritando 'slogans' contra Khomeini, incendiaram a maior parte dos gabinetes governamentais, incluindo o quartel dos guardas (...)\", refere o comunicado. Várias pessoas foram mortas e feridas, os guardas detiveram milhares de residentes da cidade e impuseram o recolher obrigatório nocturno, acrescentou o grupo, que se declara empenhado em derrubar o governo. No mês passado, Khomeini afastou Montazeri, alegando que este era incapaz ou estava incapacitado de assumir o poder político no país.

Encontro em Londres entre Gorbachev e Thatcher

CONVERSACÕES «SUBSTANTIVAS» E POSITIVAS NÃO REDUZEM DIVERGÊNCIAS

O líder soviético Mikhail Gorbachev e a primeira-ministra britânica Margaret Thatcher terminaram quatro horas de conversações francas sem terem aparentemente reduzido as suas divergências. Mas sublinharam numa conferência de imprensa improvisada fora da residência oficial de Thatcher, no n.º 10 de Downing Street, que as suas boas relações pessoais não foram afectadas pelos desacordos.

Thatcher, abrigando-se da chuva persistente sob um chapéu-de-chuva, disse que as conversações foram «muito profundas, de alcance muito vasto e muito amigáveis».

E acrescentou: «como habitualmente enfrentamos as verdadeiras questões. São um exemplo do novo espírito de amizade e de negociação e cooperação entre o Leste e o Oeste.»

Gorbachev, que com esta é já a quinta vez que se reúne com Thatcher, foi igualmente positivo, dizendo que as suas conversações com ela «atingiram um nível elevado e foram muito substantivas».

Os dois líderes afirmaram que as discussões abordaram o controlo de armas, relações Leste-Oeste e problemas regionais.

Um porta-voz de Downing Street disse que as conversações foram extremamente francas «indo de animadas a calorosas, de emotivas a so-

lennes, sobre questões mundiais».

Respostas insatisfatórias

Thatcher desafiou Gorbachev sobre a dimensão do arsenal soviético de armas químicas e sobre notícias de que forneceu modernos bombardeiros sofisticados à Líbia, sem ter obtido respostas satisfatórias em quaisquer das questões.

Fontes britânicas disseram que Gorbachev não respondeu quando Thatcher citou declarações dos Estados Unidos dizendo que a União Soviética vendeu à Líbia 15 bombardeiros Sukhoi SU-24D e aviões de reabastecimento que lhes permitiria alcançar Israel.

A preocupação britânica com esses relatos foi sublinhada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Geoffrey Howe, durante conversações separadas com o seu homólogo soviético, Eduard

Shevardnadze.

Julga-se que Shevardnadze tenha confirmado a venda por não ter desmentido que a Líbia recebeu os aviões, disseram fontes britânicas.

O ministro soviético reiterou a alegação de Moscovo de que possui apenas 50 000 toneladas de armas químicas, embora a Grã-Bretanha esteja convencida de que tem quase 300 000 toneladas.

Shevardnadze e Gorbachev ofereceram apenas novas conversações sobre a questão se o governo britânico não estivesse satisfeito.

Foi claro que Gorbachev não secundou Thatcher no seu apoio à modernização dos mísseis nucleares de curto alcance da NATO na Europa.

Fontes britânicas disseram que Thatcher reiterou firmemente a sua oposição ao desarmamento de uma desnuclearização militar completa da Europa.

Opiniões idênticas em relação à Namíbia

Havia poucas expectativas de quaisquer dos lados de que nas conversações se registassem mudanças de pontos de vista nas questões de controlo de armas, pelo que as divergências não afectaram a harmonia geral das re-

lações.

Prevê-se que Gorbachev defenda publicamente a sua posição num proferir hoje, e no qual deverá apresentar ideias de Moscovo para a promoção de uma unidade maior entre a Europa de Leste e a Ocidental.

Gorbachev e Thatcher encontraram uma identidade mais próxima de pontos de vista sobre a Namíbia, onde exortaram a esforços maiores para salvar o acordo de independência, posto em perigo por renovados combates entre forças sul-africanas e da guerrilha.

Um porta-voz de Downing Street disse que Gorbachev também discutiu progressos no caminho das reformas da União Soviética.

O líder soviético, que chegou a Londres na quarta-feira à noite com a mulher, Raisa, depois de uma viagem a Cuba, efectua a sua terceira visita à Grã-Bretanha onde está protegido por uma enorme cortina de segurança à sua volta.

Atiradores especiais da Polícia foram colocados nos telhados dos edifícios próximos da Embaixada soviética, onde passou noite, quando dela saiu para se encontrar com Thatcher.

CONCESSIONÁRIOS

A.M.A.

Auto Monumental do Arco

Audi



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Shamir propõe «eleições livres» nos territórios árabes ocupados

O Primeiro-Ministro israelita apresentou ontem o seu plano de paz para o Médio Oriente. Durante uma reunião com o Presidente norte-americano, George Bush, Shamir propôs a realização de "eleições democráticas e livres" nos territórios árabes ocupados. Mas os israelitas continuam a recusar a hipótese de um estado palestino independente. Para Shamir, essa independência "seria a morte de Israel".

À saída das suas primeiras conversações com o Presidente Bush na Casa Branca, Shamir disse aos jornalistas: "em ordem a lançar um processo de negociações políticas, propomos eleições democráticas livres. Livres de uma atmosfera de violência, terror e intimidação da OLP, entre os árabes palestinos da Judeia, Samaria e Gaza".

O governo de Shamir tem resistido a conversações com a Organização de Libertação da Palestina, OLP, que considera um grupo terrorista. Procura em vez disso envolver outros palestinos da Margem Ocidental e da Faixa

de Gaza em iniciativas tendentes a um acordo que ponha termo a 16 meses de resistência violenta à ocupação israelita.

Tentando ir de encontro à exigência norte-americana de "novas ideias" para reavivar o processo de paz no Médio Oriente, Shamir disse que as eleições teriam por objectivo produzir uma delegação de palestinos "para negociar um período provisório de administração autogerível". Mas sublinhou haver trabalho a fazer sobre a proposta, ao afirmar "a forma, modalidades e participação nas eleições terão de ser discutidas".

Fontes israelitas tinham indicado anteriormente que os Estados Unidos e Israel discordavam quanto à supervisão internacional das eleições, que os palestinos disseram não poderem ser livres e justas enquanto os territórios estiverem sob o domínio israelita.

Bush, que se juntou a Shamir quando o líder israelita deixava a Casa Branca, apoiou a proposta de eleições à qual o Presidente egípcio, Hosni Mubarak, reagiu friamente quando esteve em Washington para conversações oficiais no princípio da semana.

"Os Estados Unidos acreditam que as eleições nos territórios podem contribuir para um processo político de diálogo e negociações. Exortamos Israel e os palestinos a chegarem a uma fórmula mutuamente aceitável para as eleições", afirmou Mubarak.

Reacções ao acordo na Polónia

URSS considera que prevaleceu o «bom senso»

O jornal governamental soviético «Izvestia» saudou o governo e a oposição da Polónia por terem feito prevalecer «o bom senso» no acordo que firmaram na quarta-feira e que legaliza o Sindicato Solidariedade.

«O bom senso prevaleceu», escreve o jornal, acrescentando que, na Polónia, «a participação da oposição na vida política oficial do país se tornou num facto».

Considera o «Izvestia» que o acordo «não teria sido possível» sem as reformas levadas a cabo pelo Partido Operário Unificado Polaco nos últimos oito anos e que o Solidariedade deu mostras de uma «atitude realista».

«O acordo — insiste — não teria sido possível sem a vontade política de que a oposição começou a dar mostras, finalmente, em meados do ano passado».

A Comunidade Europeia, por seu turno, saudou o pacto entre o governo e a oposição polacos, dizendo esperar para breve a assinatura de um acordo comercial e económico com a Polónia.

Em comunicado emitido em Bruxelas, a Comissão Europeia, o órgão executivo responsável pelas negociações comerciais da CEE, declarou-se empenhada em fortalecer os laços entre a Comunidade e a Polónia e em promover o comércio e a cooperação.

«A Comunidade — lê-se no comunicado — saúda o anúncio da conclusão com êxito da mesa-redonda de conversações na Polónia que conduziu à legalização dos sindicatos antes proibidos e à decisão de realizar eleições parlamentares em Junho».

O governo polaco e a oposição assinaram na quarta-feira acordos que abrem caminho à democracia, legalizam o sindicato Solidariedade e lançam bases para a recuperação económica.

Fontes diplomáticas assinalaram que, na sua busca de auxílio ocidental para resolver o problema da dívida externa, entre outros problemas, o governo polaco tem repetidamente realçado a importância das conversações com a oposição.

Entretanto, o líder sindical polaco Lech Walesa classificou o acordo com o governo como «uma vitória política» que seria «desastrosa» para a Polónia, não aproveitar, e disse querer visitar a URSS para explicar as reformas.

«Não quero lá ir agitar ou irritar mas procurar compreensão para as reformas polacas», disse Walesa em conferência de imprensa.

O conselheiro do Solidariedade, Tadeusz Mazowiecki, disse que o sindicato pode ser formalmente registado num tribunal dentro de duas semanas e organizar-se aos níveis nacional, regional e local.

24 HORAS

GATT: divergências quanto ao futuro do comércio mundial

Um conselho de ministros da Comunidade poderá realizar-se no Luxemburgo face ao endurecimento de posições no decorrer das negociações de ontem do GATT, em Genebra, de acordo com fontes comunitárias.

As razões apontadas para a eventual convocação extraordinária do conselho de ministros prendem-se com a não existência de consensos quanto ao futuro do comércio mundial.

Teoricamente, as partes envolvidas nestas negociações não tinham mais do que algumas horas para chegarem a acordo no domínio de «dossiers» tão sensíveis como a agricultura, têxteis e direitos da propriedade intelectual.

O sentimento unânime recolhido ao fim da tarde de ontem em Genebra deixa antever que os negociadores enveredaram por uma verdadeira «guerra de nervos», pondo em perigo, no caso de um impasse, a «ronda do Uruguai», ou seja, a negociação comercial de âmbito multilateral mais ambiciosa de todos os tempos.

As últimas sugestões de compromisso avançadas ontem pelo director-geral do GATT, Arthur Dunkel, não estreitaram o fosso entre os Estados Unidos da América, a CEE e os 13 países exportadores do grupo «Cairns» no domínio da agricultura.

Por outro lado, as mesmas sugestões, na perspectiva dos países industrializados, complicaram o encontro de soluções para os têxteis e propriedade intelectual.

Face aos problemas delicados com que os negociadores se deparam, meios comunitários não excluem a hipótese de pedir a mediação política, precipitando um conselho de ministros no Luxemburgo.

A CEE, que defende a salvaguarda do essencial da política agrícola comum, encontra-se relativamente isolada quanto ao principal ponto da discórdia — a insistência por parte dos norte-americanos em obter uma conversão de todos os instrumentos de apoio à agricultura por tarifas mais fáceis de avaliar, e o desejo comunitário de fazer admitir o princípio de um reequilíbrio das protecções.

Ecologistas europeus em congresso

Os ecologistas europeus estão reunidos este fim-de-semana, em Paris, para o seu quinto congresso, dois meses antes das eleições para o Parlamento Europeu, em que podem vir a afirmar-se como força política independente.

Portugal estará representado no congresso pela deputada Maria Santos.

No Parlamento Europeu, em Estrasburgo, os partidos ecologistas têm 12 deputados: sete alemães, dois belgas, dois holandeses e um italiano.

A partir de hoje e durante dois dias, estão presentes na capital francesa representantes dos «verdes» de cerca de 20 países europeus e observadores de outras zonas do Globo, como o deputado e dirigente ecologista brasileiro Fernando Gabeira.

Os grandes temas em debate no congresso serão a Europa de 1993, concretizado o mercado único, o meio ambiente europeu, a Europa dos cidadãos e o papel da Europa no resto do Mundo.

Os ecologistas opõem-se à ideia do Mercado Único e especificamente à política agrícola comunitária, que consideram prejudicial para a sobrevivência de um modo de vida rural.

ETA Militar quer retomar negociações com o governo espanhol

A ETA Militar anunciou ontem a sua «inteira disposição de retomar o caminho do diálogo político» desde que o governo de Madrid se comprometa formalmente a respeitar os oito pontos acordados por ambas as partes no mês passado em Argel.

Em comunicado ontem enviado ao jornal basco «Egin», habitual porta-voz da organização, a ETA Militar diz que esta é a condição «sine qua non» para «reconsiderar o fim do período de distensão, e, por conseguinte, da trégua da acção armada».

O comunicado sublinha que enquanto o governo não reconsiderar de maneira oficial e pública a sua posição, a ETA dá por concluída a trégua e declara abertas todas as frentes de luta.

Comentando estas afirmações, um porta-voz do Ministério do Interior disse que o governo não tem nada a comentar sobre esta nova atitude da ETA Militar.

Este comunicado da ETA surge na sequência de um apelo feito quarta-feira pelo governo de Argel às duas partes para superarem as divergências momentâneas e continuarem o diálogo tendente a pôr termo à violência separatista.



MUNICÍPIO DO SEIXAL

COM A POPULAÇÃO PARA DEFENDER ABRI

CONCERTOS DA PRIMAVERA

RECITAL DE PIANO

com

PEDRO BURMESTER

Bach • Mozart • Copland

Direcção Artística do Maestro

JOSÉ ATALAYA

7 Abril

21.30

Independente FC Torreense

TORRE DA MARINHA

zona livre de armas nucleares

câmara municipal do seixal



Andebol: Benfica «versus» ABC

A direcção benfiquista divulgou um comunicado para chamar «a atenção das entidades que superintendem no desporto português» para «acontecimentos que se vêm verificando a nível do andebol», designadamente o jogo ABC-Benfica, de 1 de Abril.

A direcção benfiquista considera que «a verdade desportiva foi grandemente adulterada» neste jogo disputado no pavilhão do clube bracarense.

O pavilhão do ABC esteve interditado preventivamente na sequência de agressão ao árbitro no encontro com o Sporting, a 12 de Março, mas o processo de inquérito não foi concluído nos 15 dias em que a interdição esteve em vigor, e o clube acabou por poder receber o Benfica em casa.

No jogo registaram-se vários incidentes: atletas e equipa de arbitragem foram agredidos, obrigando a várias interrupções do encontro, e a 16 minutos do final do encontro o guarda-redes dos encarnados teve mesmo de abandonar o pavilhão para receber assistência no Hospital Distrital de Braga a traumatismos na nuca e no olho direito, refere o comunicado benfiquista.

Melo Paiva reclama os amigos

Rogério Melo Paiva que foi um dos mais credenciados e reputados árbitros do futebol português da década de sessenta, encontra-se internado, desde a passada segunda-feira, no Instituto de Oncologia, para ser submetido a uma operação cirúrgica e «através do seu jornal de sempre», solicita a visita dos seus antigos companheiros. Melo Paiva, a quem o «DL» deseja breve restabelecimento, encontra-se na cama n.º 11 do 4.º piso daquele estabelecimento hospitalar. O seu pedido aqui fica, tendo como principais destinatários os árbitros de futebol.

Ngugi: «bater» Mamede é o objectivo

O queniano John Ngugi, quatro vezes campeão do Mundo de corta-mato, vai procurar obter amanhã a sua 3.ª vitória consecutiva em duas semanas ao participar na meia-maratona de «Stramilano».

Esta prova assinala a estreia de Ngugi, 27 anos, em competições de meia-maratona.

Ngugi revelou que a prova «Stramilano» será a sua última corrida de estrada esta temporada, tencionando prepara-se a seguir para os «meetings» de pista.

O objectivo de Ngugi é estabelecer o recorde mundial na prova dos 10 000 metros, que pertence a Fernando Mamede com 27.31,81 minutos desde 1984.

Matra abandona Racing

O Matra-Racing de Paris vai perder o patrocínio da empresa de electrónica e defesa «Matra» no final da época, informou o presidente da firma, Jean-Luc Lagardere.

«A Matra vai desligar-se do futebol no final da época. Todos os jogadores sob contrato, sem qualquer excepção, poderão ser transferidos nessa altura e o clube será devolvido ao seu proprietário original, o Racing Clube de França», afirmou Lagardere.

O Matra Racing, que já foi orientado pelo técnico português Artur Jorge, ocupa actualmente o 16.º lugar no Campeonato francês de Futebol da 1.ª Divisão e foi eliminado na Taça nos 16 avos de final pelo Rennes, da 2.ª Divisão.

NA SUA AGENDA

BASQUETEBOL: Ovarense e Benfica (pelas 21 e 30, em Ovar) realizam hoje o encontro da 2.ª «mão» do «play-off» final do campeonato nacional. No 1.º jogo, os vareiros ganharam por 89-84. Este «play-off» é jogado à melhor de cinco «mãos».

Entretanto, principia hoje, em Évora (às 19 horas), o campeonato europeu de cadetes, com os duelos Inglaterra-Israel e Portugal-RFA.

Amora: Jogos Desportivos

Conscientes da amplitude educativa da prática das actividades físicas desportivas, os professores do Grupo de Educação Física da Escola Secundária da Amora, vão organizar uma vez mais os Jogos Desportivos da ESA.

Esta iniciativa, que se realiza em paralelo com a secção cultural da ESA, decorrerá entre 10 e 15 do corrente, mobilizando as

escolas secundárias dos concelhos de Almada e Seixal, através da participação de 78 equipas na realização de 63 jogos desportivos colectivos, (futebol, basquetebol, voleibol e andebol).

Barreiro cria escola de atletismo

A Câmara Municipal do Barreiro vai criar uma escola de atletismo dirigida aos jovens praticantes da modalidade.

Segundo um comunicado da Câmara, a escola servirá de estrutura de acolhimento aos praticantes em idade de formação (12 e 14 anos), interessados na prática do atletismo e estará aberta às escolas e às várias estruturas associativas juvenis.

A nova infra-estrutura terá ainda por objectivo a criação de condições para o fomento da modalidade e para a valorização da rede de acolhimento aos jovens desportistas do concelho.

MADJER-REINALDO TELES: ONDE ESTÁ A VERDADE?

«Não sou maluco para partir para a Argélia sem consentimento do clube que represento» — disse Madjer, confessando-se «confuso» com o processo disciplinar que lhe foi instaurado pelo clube, por razões que considerou «infundadas».

«Estou sagrado daquilo que fiz. Não sou mentiroso e falo com sinceridade. Juro que falo verdade» — afirmou o jogador argelino, que voltou hoje às Antas, mas foi impedido de treinar, dependendo o seu regresso aos trabalhos do encontro que deverá ter com o presidente Pinto da Costa.

Na opinião de Madjer, para obter a autorização do clube era suficiente consentimento do chefe do departamento de futebol do FC Porto, Reinaldo Teles, sendo desnecessário falar com o treinador Artur Jorge.

«Depois de ter sido autorizado pelo chefe do departamento de futebol, não achei neces-

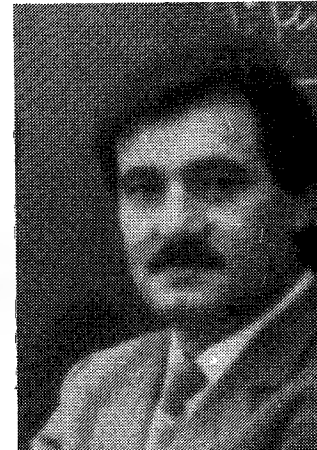
sário dirigir-me a Artur Jorge» — adiantou Rabah Madjer.

Sobre a lesão que durante a passada semana o apoquentou e que levava o gabinete médico a considerá-lo inapto para jogar, Madjer afirmou: «estou em condições. Não tenho qualquer tipo de problema».

Por seu turno, Reinaldo Teles, chefe do departamento de futebol, lamentou que Madjer tente agora dar a ideia de que tem razão, quando numa situação deste tipo se torna indispensável o acordo do técnico.

«Não cabe na cabeça de ninguém que um funcionário, seja qual for a posição que exerça, vá pedir uma licença para se ausentar do seu serviço ao administrador sem primeiro obter a autorização do seu chefe mais próximo» — disse Reinaldo Teles.

Reinaldo Teles confirmou que



Madjer e Reinaldo Teles: quem tem razão?

Madjer lhe pediu autorização para partir para a Argélia, mas recordou que disse ao jogador que deveria ter o consentimento do treinador Artur Jorge, embora, em princípio não visse qualquer inconveniente.

«Agora, depois do mal feito, não vale a pena que Madjer arranje desculpas para a infracção disciplinar que cometeu» — concluiu o chefe do departamento de futebol do FC Porto.

Râguebi: meninos de Direito brilharam na Europa

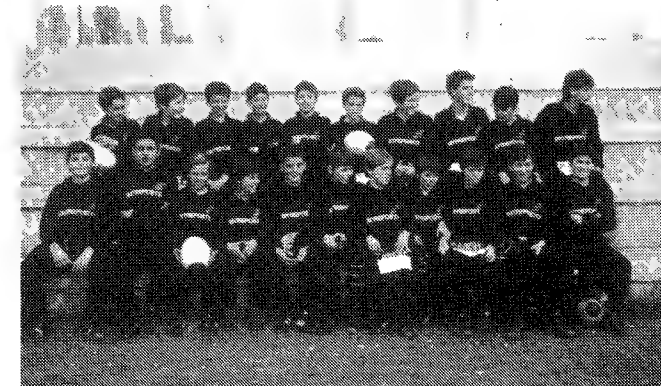


Correcta atitude raguebista: José Maria Mendes Silva (avançado infantil de Direito) ganha uma «touche» ao Peyrhorade e vai endossar a bola ao «formação» João Galamba, que lançará os seus «três quartos» para nova acção ofensiva dos portugueses

Graças ao belo impulso do Grupo Desportivo de Direito/Entrepósito, o râguebi português avançou pela Europa. Com as turnas de infantis e iniciados dos futuros doutores a exibirem-se brilhantemente, em França e Espanha, durante uma digressão que durou nove dias, fica inescusável para todos os participantes e apenas foi possível porque um conjunto de boas vontades (Entrepósito Comercial, Scarpa Impressores, Unicer, Câmara Municipal de Lisboa, Companhia de Seguros Império e Tadeu & Francelina) acreditou

que iriam contribuir para o progresso a nível internacional da modalidade que, entre nós, dia a dia ganha novos adeptos e praticantes.

Pela 1.ª vez num historial com 37 anos de vida, os meninos do râguebi de Direito foram por aí fora: tanto os infantis como os iniciados actuaram em Madrid (perante o Liceo Francês), no sudoeste francês, perto de Dax (com o Peyrhorade) e em torneios nas proximidades de San Sebastian (com uma selecção local, o Trum e o Atlético de San Sebastian) e na localidade de



Os 21 jovens raguebistas infantis do Grupo Desportivo de Direito/Entrepósito, antes do 1.º jogo internacional, ante o Liceo Francês, em Madrid

Eymet (entre Bergerac e Bordéus) onde mediram forças (sempre vitoriosamente) com equipas daquela área e de St. Foix la Grande. Triunfos sobre triunfos e apenas uma ligeira travagem dos iniciados, no duelo com o Peyrhorade (4-24), face a uma formação que está a disputar os oitavos de final da competição oficial francesa. No resto, um pleno somatório de louros e aplausos, com saliência muito especial para as exhibições dos «direitinhos» infantis em Peyrhorade (vitória por 16-0 no «diálogo» com os finalistas do

torneio do Sudoeste, região onde «habita» o melhor râguebi tricolor) e êxito (22-4) na disputa com os madrilenos do Liceo Francês.

Uma página de excepcional mérito para o Grupo Desportivo de Direito/Entrepósito que, na sequência desta torrente de defesas de tese, vê vários elementos convocados para a selecção nacional de iniciados, primeiro escalão em que se nota uma recolha de jogadores desse escalão etário. Direito: uma espectacular achega para o amanhã do nosso râguebi.

Ténis: Open Chivas/Regal

Nuno e Cordeiro: um par de ganhadores

A dupla portuguesa formada por Nuno Marques e Pedro Cordeiro qualificou-se para a segunda ronda da variante de pares do torneio Chivas Regal/Costa Azul, ao bater o par formado pelo alemão-federal Michael Westphal e o espanhol Avendano.

Marques e Cordeiro venceram com os parciais de 7-6 e 6-3, num encontro de bom nível e muito bem disputado tecnicamente.

O torneio da Costa Azul, que se disputa nos «courts» de Troia, está dotado com prémios monetários no valor total de 75

mil dólares (cerca de 11 250 contos).

Os dois jogadores portugueses, que não actuavam juntos há quatro anos sentiram algumas dificuldades iniciais de coordenação, mas na segunda partida o seu entrosamento melhorou e a vitória tornou-se mais fácil.

Marques e Cordeiro voltam a jogar hoje com a dupla norte-americana constituída por Steve Devries e Richard Matuszewski, um único encontro de pares relativo aos quartos-de-final.

Em singulares, a segunda ronda só hoje ficou completa com a

realização de três partidas que estavam em atraso devido à chuva, e que ditaram a queda de mais três cabeças-de-série.

O sueco Rikard Bergh, derrotou o alemão-federal Michael Westphal, terceiro cabeça-de-série com os parciais de 6-2 e 6-2, enquanto Thorben Theine, da RFA, bateu o espanhol Tomas Carbonel, quarto cabeça-de-série por 6-2 e 7-5.

O espanhol Borja Uribe, conclui a série de resultados surpreensas da ronda, ao eliminar o norte-americano Michael Kures com os parciais de 6-3 e 6-3.

Disputam-se os jogos dos quartos-de-final, que incluem a partida entre Nuno Marques e o holandês Henrik Jan Davids, um jogador proveniente da fase de qualificação.

Outros resultados de pares/quartos-de-final: Karsten Braasch/Thorben Theine, RFA-Henrik Holm/Nils Holm, Suécia, 6-3 e 6-3; Goug Burke, Canadá/Greenan, EUA-V. Brett Dickinson, EUA/Cyril Suk, Checoslováquia, 6-2 e 6-3 e David Felgate/Steve Shaw, Inglaterra-Marcos Gorris/Borja Uribe, Espanha, 7-6, (7-5) e 6-4.

SPORTING: AOS 83 ANOS O PIOR MOMENTO

Aos 83 anos de vida, o Sporting atravessa a mais grave crise da sua existência: sem dinheiro, sem crédito, sem fulgência na maioria das modalidades desportivas que pratica (especialmente na representação-rainha: o futebol), vivendo aos solavancos e numa permanente onda de intranquilidade.

A saída de João Rocha ou a passagem de testemunho para Amado de Freitas não beneficiou (minimamente) a colectividade de Alvalade. E a onda de desânimo que assolou os verdes-brancos mais se agravou (e de que maneira) com a gerência de Jorge Gonçalves que, por ingenuidade ou boa intenção, se rodeou de um elenco que, minuto a minuto, se está desmembrando, cada elemento parecendo fugir à onda de débitos e compromissos que, quotidianamente, se avoluma até alturas jamais imaginadas.

Naquela casa de Alvalade (e salvo o devido respeito pela meia dúzia de figuras que, periclitamente, vão continuando no tombadilho da nau) ninguém se entende: todos ralham e, pelos vistos, confirmam o velho ditado: ninguém tem razão.

Dá que, para subitamente tentarem travar um barco que vai por água abaixo, sem leme nem remos, surja um conjunto de individualidades que (reportando-nos ao trabalho do jornalista João Marcelino hoje inserido no nosso colega «Record») vão constituir aquela que poderá significar a «última tábua de salva-

ção» antes do grande KO. Referimo-nos à tentativa de encontrar modo de atenuar a dívida do clube, que toca os dois milhões de contos. Assim, por sugestão do dr. Sérgio Abrantes Mendes (presidente da Assembleia Geral) está a ser constituída uma «comissão de salvação clubista», que integrará o antigo presidente João Rocha, os ex-dirigentes Nunes dos Santos e Costa Figueira (actualmente assessor governamental), o jurista Luso Soares, José Manuel Casqueiro (presidente da Confederação dos Agricultores Portugueses), João Ribeiro Fonseca (director da Visa Internacional, para a Europa) e, como «leader», o general Melo Egídio, que, muito provavelmente, ainda convidará outras figuras gradas do grémio leonino para dar maior consistência ao seu grupo de trabalho.

A propósito da difícil situação em que o Sporting se debate, basta apenas salientar que o clube deve 350 mil contos ao empresário Juan Figer, que tem de resolver as pesadas indemnizações exigidas nas rescisões com Pedro Rocha, Bonnetti e Portela e que, para o mês de Abril, imaginando (já por alto) uma receita da ordem dos 40 mil contos, tem encargos de tesouraria no valor de 102 mil contos! Uma autêntica catástrofe, digam o que disserem os porta-vozes do clube que tentam sonegar a verdade, ninguém sabe com que intuito.

N. de S.



Melo Egídio e João Rocha: força suficiente para vencer uma tempestade?



Fernando Martins e João Santos: no acto de posse (e continuidade) da direcção rubra esqueceram-se todas as clivagens eleitorais

Acto de posse benfiquista

Santos e Martins: «aquele abraço»

Elogios a Fernando Martins e esperanças na nova Liga de Clubes pautaram o discurso do presidente do Benfica, João Santos, no final da cerimónia de posse dos novos corpos gerentes do clube da Luz para o triénio 89-90-91.

A cerimónia, que decorreu no pavilhão principal do Benfica, contou com a presença de inúmeras personalidades do desporto português, excepção feita aos responsáveis do FC Porto, nomeadamente, o seu presidente, Pinto da Costa.

«É tempo de os clubes se entenderem, de procederem com lisura e cortesia, num elo de dignidade que prestigie o futebol. Esperemos que a formalização da nova liga de clubes, em breve no Porto, venha dar a volta que o futebol necessita», afirmou João Santos.

O presidente da direcção do Benfica acentuou ainda a necessidade de «tirar o que de mau existe no futebol» e que no seu entender «já cheira a bolor».

«A Liga não surge para se sobrepor a ninguém, mas sim para defender os interesses dos clubes», acrescentou.

João Santos prestou ainda homenagem ao anterior presidente Fernando Martins, presente na cerimónia a seu convite pessoal.

«Neste tempo de paz é bom

que se diga que lhe devemos a maior consideração pela obra que ergueu no Benfica, uma obra que não pode ser menos-prezada», disse João Santos sobre o seu «adversário» (derrotado) nas últimas eleições, Fernando Martins, que recebeu de pé uma ovação das dezenas de individualidades presentes na Luz.

No seu discurso improvisado, o presidente benfiquista voltou a manifestar a intenção da sua direcção de engrandecer o Benfica no seu prestígio e nas estruturas desportivas, e prometeu tudo fazer, para atingir os objectivos a que a nova direcção se propôs.

Mensagens do ministro da Educação, Roberto Carneiro, do secretário de Estado, Bagão Félix, do presidente da FPF, Silva Resende, e do presidente do clube francês Paris Saint-Germain foram, entre outras, lidas no final do acto de posse dos novos corpos gerentes do Benfica.

Entre os presidentes da maioria dos clubes das três divisões nacionais, de dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol e de várias associações de futebol, encontrava-se também o ex-secretário-geral da FPF, César Grácio, cuja figura, agora polémica, não passou despercebida entre as dezenas de pessoas presentes no pavilhão da Luz.

Futebol de 1.ª acertou o passo: Marítimo, 1 - Nacional, 1

Festa da solidariedade madeirense

Houve festa no Estádio dos Barreiros, com desfile de atletismo (destaque para Luís Cunha, Lucrécia Jardim, Albertina Dias e para os manos Castro), inauguração de nova luz no «Caldeirão» e, como atracção futebolística, o embate Nacional-Marítimo, que teve excelente arbitragem de Carlos Valente e terminou empatado a um golo, como que satisfazendo plenamente os adeptos das duas turmas madeirenses que desejam (bem rapidamente) consolidar a sua permanência no bloco superior do nosso jogo-rei.

Uma grande penalidade (indiscutível, por derrube a Dino) foi convertida por Heitor quando quase se atingia o intervalo. Depois, foi preciso esperar pelos 81 minutos para o nulo surgir, num golpe de cabeça de Jorge Silva e aproveitar um centro de Tozé.

Tratou-se de um jogo disputado com ambas as equipas a proporcionar bom espectáculo. Os «nacionalistas» foram sempre a equipa mais perigosa e combativa e logo no primeiro minuto poderiam ter inaugurado o marcador com um remate traçoireiro de Toninho que, por pouco, não enganou Everton. O Marítimo procurou reagir e criou algumas situações de perigo para Gilmar, que, aos 28 minutos, realizou uma aparatosa defesa a um «divre» de Paulo Ricardo.

Aos 42 minutos (e como corolário da sua maior capacidade atacante) o Nacional adiantou-se no marcador graças à grande penalidade convertida por Heitor a castigar falta de Carlos Jorge sobre Dino. Na segunda parte, Quinho trocou um defesa (Rui Vieira) por um médio de ataque (Esquerdinha), o que veio dar maior agressividade ao ataque do Marítimo, sem que, contudo, esta equipa viesse a causar grande perigo junto às redes de Gilmar.

E foi mesmo o Nacional que (aos 70 minutos) perdeu uma grande hipótese de fazer o 2-0 quando William (isolado e sem Everton na baliza) atirou ao lado. Aos 76 minutos deu-se o caso do jogo: um «divre» cobrado por Heitor para a área do Marítimo leva a bola a tabelar num jogador «nacionalista» e a entrar nas redes de Everton. Carlos

Valente imediatamente anulou o golo alegando que a bola fora introduzida com o braço: o juiz estava em cima do lance e agiu correctamente.

Cinco minutos mais tarde, o Marítimo chega à igualdade através da cabeça de Jorge Silva, após passe de Tozé.

Este empate aceita-se, mercê da réplica dada pelos pupilos de Quinho na 2.ª metade, mas, a haver um vencedor, esse poderia ser o Nacional, pela aplicação e combatividade evidenciadas.

Árbitro: Carlos Valente (Setúbal).

Nacional: Gilmar; Tito, Ladeira, William e Edu; Heitor, Tininho, Vieira e Mário (Murphy, 82); Toninho e Dino.

Golo: Heitor (42).

Marítimo: Everton; Rui Vieira (Esquerdinha, 46), Carlos Jorge, Oliveira e Carlos Duarte; Názaro Nunes, Tozé, Nunes e José Luís; Jorge Silva e Paulo Ricardo.

Golo: Jorge Silva (80). Acção disciplinar: Mário (35), Názaro Nunes (41) e Toninho (47).

Federação castiga

O campo do Leixões foi interdito preventivamente, tendo sido mandado instaurar processo

disciplinar ao clube de Matosinhos — revela uma nota informativa do Conselho de Disciplina na Federação Portuguesa de Futebol.

O Leixões, que teve de disputar o seu último jogo do campeonato com o FC Porto na Maia, devido à interdição do seu estádio por dois jogos, vê assim aquele castigo agravado, após novos incidentes registados no encontro com os portistas.

Entretanto, Germano (Guimarães), com quatro jogos de suspensão, sofreu o castigo mais severo do Conselho de Disciplina da FPF a nível de jogadores.

Alexandre Alinho (Académico de Viseu) e Wando (Setúbal), ambos com dois jogos de suspensão, foram outros dos jogadores que sofreram castigos pesados da FPF.

Com um jogo de suspensão foram punidos Cerqueira (Chaves), Costeado (Beira-Mar), Douglas (Sporting) e Paulo Henrique (Penafiel).

O técnico do Farense, Paco Fortes, foi castigado com 10 dias de suspensão e uma multa de cinco mil escudos, o mesmo acontecendo ao massagista do grupo de Desportivo de Fafe, Aníbal Lopes.

O Estrela da Amadora foi multado em mil escudos.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º BENFICA	32	23	7	2	48-11	53
2.º FC Porto	32	17	13	2	44-14	47
3.º Boavista	32	17	8	7	47-24	42
4.º Sporting	32	15	8	9	43-27	38
5.º Setúbal	32	14	8	10	39-31	36
6.º Braga	32	13	8	11	37-32	34
7.º Amadora	32	12	10	10	28-32	34
8.º Belenenses	32	10	13	9	39-29	33
9.º Nacional	32	12	9	11	40-43	33
10.º Chaves	32	12	8	12	34-31	32
11.º Guimarães	32	11	10	11	30-27	32
12.º Penafiel	32	9	12	11	28-31	30
13.º Marítimo	32	8	13	11	32-32	29
14.º Portimonense	32	9	10	13	27-32	28
15.º Beira Mar	32	8	10	14	25-34	26
16.º Espinho	32	8	8	16	35-51	24
17.º Farense	32	7	10	15	27-46	24
18.º Fafe	32	6	12	14	20-41	24
19.º Leixões	32	7	9	16	23-39	23
20.º Acad. Viseu	32	5	8	19	19-58	18

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faz-se saber que, pela 2.ª secção deste Juízo da Comarca de Lisboa, e nos Autos de Acção Ordinária registados sob o n.º 5311 em que é Autor José Luís Pinto Soares de Pinho, residente na Rua Coronel Santos Pedrosa, 13-2.º C — Lisboa, e Réu Fernando Branco, com última residência conhecida na Av. Almirante Reis, n.º 234-2.º Esq., em Lisboa, e Outros, correm editos de TRINTA DIAS, a contar da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando o Réu para, dentro do prazo de VINTE DIAS, findo que seja o dos Editos, contestar querendo aquela acção, com o fundamento da qual pretende o Autor a sua condenação solidária no pagamento da quantia de 3 810 000\$00, com a advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelo Autor, tudo em conformidade com a respectiva petição inicial cujos duplicados se encontram na secção à disposição do citando.

Lisboa, 1 de Março de 1989

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)

O Escrivão-adjunto
(assinatura ilegível)

DL-7/4/89-1.º Pub.

10.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens a vender, para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos pelo produto de tais bens no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação dos anúncios.

Inventário Facultativo 3231 — 3.ª secção a que se procedeu por óbito de António Pedro Maria do Carmo de Sampaio Mello e Castro, que foi residente na Avenida de Roma, 5-1.º-Dt.º, em Lisboa.

Lisboa, 29 de Março de 1989

O JUIZ DE DIREITO,
Ass. ilegível

O Adjunto,
Ass. ilegível

«DL» 7/4/89 — 2.º pub.

Plano de paz para o Vietnam - propõe Van Thie

O Presidente Nguyen Van Thieu propôs hoje um plano de paz de seis pontos, pedindo a retirada de todas as forças norte-vietnamitas e o estabelecimento de um sistema de defesa internacional. O Presidente do Vietnam do Sul, discursando na sessão inaugural do Parlamento, disse que garantiria, também, direitos políticos a antigos elementos da FNL, após a paz. «Aqueles que lutam agora contra nós, que renunciem à violência e respeitem as leis, serão bem-vindos como membros com plenos direitos na comunidade nacional.»

O Congresso chinês apoia as lutas revolucionárias

A política da China na Ásia, que parece estar a ser decidida no IX Congresso será a de tomar partido pela luta revolucionária armada contra os Governos instalados não só na Birmânia, na Tailândia, na Indonésia e na Malásia, mas também na Índia e no Japão. Tal é, segundo os observadores diplomáticos, a conclusão mais importante a tirar de uma série de três documentos publicados pela agência "China Nova" e pela Imprensa chinesa acerca da situação na Ásia, no Médio Oriente e na África. Estes documentos reflectem uma análise da situação internacional apresentada na pas-

sada terça-feira, na abertura do Congresso pelo vice-Presidente Lin Piao.

O homem de coração de plástico já bebeu água

Haskell Karp, de 47 anos, em que o dr. Denton Cooley realizou uma «estreia» cirúrgica mundial ao implantar-lhe um coração artificial no peito, pôde ontem à noite beber água pela primeira vez depois da operação. Continua, todavia, a ser alimentado por via intravenosa. «Tudo vai bem» - limitou-se a declarar um informador do Hospital de São Lucas, em Houston, Texas.

EM PORTUGAL

	Min.	1. 6h	Prec.	Às 18 h.
Bragança.....	0	1	0.0	M. nub.
V. Castelo.....	4	4	0.0	Nevoeiro
Vila Real.....	3	3	0.0	Encoberto
Porto.....	5	6	0.0	M. nub.
Coimbra.....	6	7	0.0	Encoberto
C. Carvoeiro.....	10	10	0.0	Bruma
C. Branco.....	5	6	0.0	Neblina
Portalegre.....	6	6	0.0	Chuva
Lisboa.....	9	9	0.0	Chuva
Évora.....	8	8	0.0	Chuva
Beja.....	9	10	0.0	Chuva
Faro.....	12	14	0.0	M. nub.
Sagres.....	13	14	0.0	Encoberto
P. Delgada.....	11	13	0.0	Aguaceiros
Horta.....	12	15	0.0	Encoberto
Funchal.....	13	14	0.0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa, 16. Porto 14. Faro 18. Ponta Delgada 15. Funchal, 18

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

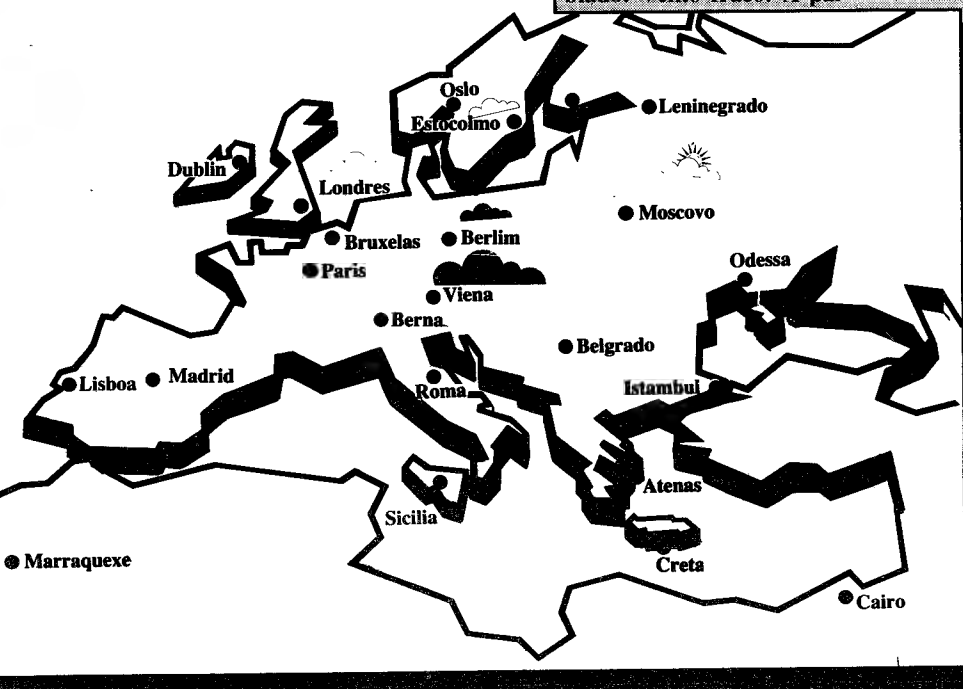
	Min.	1. 6h	Às 18 h.
Madrid.....	7	7	Encoberto
Londres.....	3	4	P. nub.
Paris.....	3	3	P. nub.
Bruxelas.....	5	6	M. nub.
Amsterdão.....	4	5	Chuva
Genebra.....	6	6	M. nub.
Roma.....	12	13	M. nub.
Oslo.....	2	4	Chuva
Copenhaga.....	4	5	Chuva
Estocolmo.....	2	3	Neblina
Berlim.....	7	7	M. nub.
Viena.....	5	8	M. nub.
Varsóvia.....	6	6	Neblina
Atenas.....	15	16	Limpo
Moscovo.....	-3	0	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas.....	17	26	Nublado
Joanesburgo.....	12	25	Limpo
Los Angeles.....	22	41	Limpo
Montreal.....	6	16	Nublado
Nova Deli.....	15	29	Limpo
Nova Iorque.....	11	25	Nublado
R. de Janeiro.....	18	34	Limpo
S. Francisco.....	15	31	Limpo
São Paulo.....	-	-	-
Tóquio.....	9	19	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Em todo o território: — Céu muito nublado tornando-se ao longo da manhã pouco nublado. Vento em geral fraco. Neblinas. Para o fim do dia novo aumento de nebulosidade. Mar encrespado com ondulação Noroeste de dois a três metros na Costa Ocidental e ondulação Sudoeste de um metro, aumentando, na Costa Sul.

Nos Açores:

Grupos Ocidental e Central: Céu muito nublado. Vento forte de Sudoeste. Períodos de chuva. A partir da madrugada, vento forte a muito forte de Noroeste, por vezes com rajadas. Aguaceiros. Pequena descida de temperatura.

Grupo Oriental: Céu muito nublado. Vento geralmente forte de Sudoeste. Períodos de chuva. A partir da tarde, vento forte a muito forte de Noroeste por vezes com rajadas. Aguaceiros. Pequena descida de temperatura.

Estado do mar: Mar grosso a alteroso. Ondulação Noroeste de três a quatro metros.

Na Madeira

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. A par-

tir da tarde, céu muito nublado. Vento moderado de Sudoeste, soprando forte para o fim do dia. Períodos de chuva para o fim do dia.

Estado do mar — Costa Norte: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação Noroeste de dois a três metros. Costa Sul: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação inferior a um metro.

Funchal: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. A partir da tarde, céu muito nublado. Vento geralmente moderado de Sudoeste. Períodos de chuva para o fim do dia.

AMANHÃ

Céu geralmente encoberto. Vento do Sul moderado, por vezes com rajadas fortes. Períodos de chuva e pequena subida da temperatura.

DEPOIS Céu muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante Sul. Aguaceiros. Possibilidade de trovoadas.

MARÉS

Hoje	Preia-Mar	Baixa-Mar
	04.39 4,4 m	10.23 0,5 m
	17.02 4,3 m	22.42 0,6 m
Amanhã	05.24 4,3 m	11.04 0,7 m
	17.44 4,2 m	23.26 0,7 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

EFEMÉRIDES

1921 É fundado o jornal «Diário de Lisboa».

1934 O Mahatma Ghandi suspende a campanha de desobediência civil na Índia.

1938 Tropas italianas invadem a Albânia, obrigando o rei Zogu I a partir para o exílio.

1945 Aparelhos que deslocaram de porta-aviões norte-americanos, afundam o maior navio de guerra japonês, o «Yamato», no Pacífico, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1953 Dag Hammarskjöld, diplomata sueco, é eleito secretário-geral das Nações Unidas.

1965 O presidente dos EUA, Lyndon B. Johnson, propõe um programa de auxílio ao sudeste asiático, mas que é rejeitado pelo Vietname do Norte e pela China.

1968 A URSS lança, de uma Base secreta na Ásia Central, a sonda lunar «Luna 14».

- Vítima de acidente no circuito de Hockenheim (RFA), morre o campeão mundial de Formula 1 Jim Clark.

1972 É assassinado o dirigente da ilha Zanzibar, xeque Abeida Karume.

1975 Avião sul-vietnamita ataca o Palácio presidencial de Saigão, mas o presidente Nguyen van Thieu escapa ileso.

1979 O Irão executa o antigo primeiro ministro, Amir Abbas Hoveida, (que exerceu as funções entre 1965 e 1977), após julgamento secreto.

1981 Terminam as manobras do Pacto soviético, realizadas perto da fronteira polaca, e o presidente da URSS, Leonid Brejnev, afirma que ninguém melhor do que o Governo polaco saberá resolver a crise laboral no país.

1982 Os EUA encetam esforços junto dos Governos de Buenos Aires e de Londres para tentar evitar um conflito militar entre a Argentina e a Grã-Bretanha sobre a questão das ilhas Flakland/Malvinas.

1985 O presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, passa parte do dia a respirar assistido por um aparelho, enquanto os médicos tentam controlar uma inflamação pulmonar.

1986 Os serviços do Imposto sobre o Valor Acrescentado revelam que o primeiro mês de cobrança do IVA rendeu ao estado 24 milhões de contos, correspondendo inteiramente às expectativas oficiais de receitas.

- A Áustria anuncia que vai pedir para examinar oficialmente os arquivos das Nações Unidas que dizem respeito ao passado do ex-secretário geral da ONU Kurt Waldheim, acusado de ter pertencido a uma unidade militar nazi em serviço nos Balcãs durante a Segunda Guerra Mundial.

1987 O Dia Mundial da Saúde é assinalado em Portugal com a introdução de uma nova vacina, a VSPR - vacina anti-sarampo, papeira e rubéola.

Do século IV ao século XX

JACQUES BREL NA LINGUAGEM DE GREGÓRIO DE NISSA

Pedro Alvim

«**S**endo o homem um ser vivo dotado de linguagem, era necessário que o instrumento do seu corpo fosse convenientemente adaptado para tal fim. Com efeito, observamos que os músicos produzem as suas melodias consoante a natureza dos instrumentos: não usam a lira para tocar flauta, nem a flauta para tocar cítara. De modo semelhante a conformação dos órgãos teria que adaptar-se à fala, para que esta se produzisse com toda a naturalidade através dos órgãos vocais.»

As palavras acima são de Gregório de Nissa, um dos grandes nomes da Patrística Grega, nascido pelo ano 335 da nossa era - e que, para além de todas as suas considerações filosóficas e teológicas (ascendeu, diga-se, ao bispado, sendo, posteriormente, santificado), dedicou particular atenção à antropologia, isto é, cuidou do homem na condição de instrumento preferido de Deus.

Seguindo o seu discurso (in «De hominis opificio», 8 s, 148 C - 149 C), lemos que «É por isso que o corpo foi dotado de mãos. Sem dúvida que os peritos nas artes da paz e da guerra poderiam nomear um sem-número de funções dependentes do emprego das mãos, estes órgãos tão hábeis quanto úteis; mas a natureza deu-as ao corpo principalmente em atenção à linguagem.»

Ora porquê...?

«Pois se o homem estivesse privado de mãos, a forma do seu rosto deveria ser inteiramente semelhante à dos animais, a fim de poder desempenhar as funções nutritivas: terminaria em ponta, estreitando-se na parte do nariz; os lábios seriam salientes, calosos e grossos, para poderem arrancar a forragem; a língua situar-se-ia na parte interna da dentadura e seria diferentemente constituída, isto é: carnosa, resistente e áspera, para assistir aos dentes na trituração dos alimentos; ou, então, seria húmida e delgada nas bordas externas, como nos cães e outros animais carnívoros, nos quais ela se derrama pelos interstícios dos dentes agudos.»

As mãos, pois, são absolutamente necessárias ao homem. Prossigamos na leitura de Gregório de Nissa:

«Se, portanto, o corpo não dispusesse de mãos, como poderia ele produzir a voz articulada, já que a conformação dos órgãos da boca seria imprestável para a

formação dos fonemas? Nada restaria ao homem senão balir ou berrar ou rincar, ou emitir bramidos à maneira dos bois e dos burros, ou produzir algum outro som semelhante ao dos brutos. Mas já que o corpo foi provido de mãos, a boca torna-se livre para servir de instrumento para a linguagem. Quem não vê, pois, que as mãos são uma propriedade característica da natureza dotada de linguagem, pois foi por este meio que o Criador a tornou apta para o discurso.»

Acentua Nissa, a seguir, o interesse de Deus pelo homem, em síntese breve, nos seguintes termos:

«Tendo presenteado as suas criaturas com um dom divino, o Criador depositou em sua imagem as semelhanças dos seus

próprios bens; e por isso beneficiou-nos também, por pura bondade, com os demais bens. Do «nós» (1) e do entendimento não se pode dizer que tenham sido propriamente doados, senão que foram «condoados», ao proporcionar Deus à imagem o ornato de sua própria natureza.»

Que conclusão tirar...?

«Todavia - prossegue Gregório de Nissa -, em vista do carácter espiritual e incorpóreo do «nós», este dom de nada lhe aproveitaria para a sociedade e o intercâmbio mútuo, a não ser que se encontrasse um meio de manifestar-lhe os movimentos. Era-lhe necessário, pois, um tal instrumento orgânico, que lhe possibilitasse tanger os órgãos vocais à maneira de uma cítara, e expressar os movimentos internos pela articulação exacta dos sons. Assim como o músico que, tendo perdido a própria voz em consequência de alguma enfermidade, deseja exhibir a sua arte, faz executar os seus hinos por vozes estranhas, e passa a usar da flauta ou do alaúde para manifestar a sua perícia, assim o espírito humano, este inventor de toda a sorte de pensamentos, faz soar, qual músico habilidoso, os órgãos vivos da sua voz, servindo-se do seu timbre para exprimir

os seus pensamentos ocultos, já que não lhe é dado transmiti-los pela alma sozinha aos que não chegam ao conhecimento salvo pelas percepções corporais.»

Casa do Ser

Perante este texto do século IV, tão claro e distinto, tomamos um sentimento de pura admiração por esta abordagem antropológica, ou por outras palavras, por esta subtil interpretação do homem, a quem se reconhece, nos sons que profere, a posse invisível de um instrumento musical: a linguagem.

Séculos antes, já Platão, no «Crátilo», abordara o problema das palavras, ao longo de um diálogo que no-las dava ou como naturais ou como criadas por convenção. Estudiosos apuraram, no lento rodar dos tempos, que a maior parte das etimologias apresentadas por Platão não passavam de pura invenção, mas invenção tão engenhosa que ainda hoje nos delicia...

Já no nosso tempo, Heidegger, em «O Ser e o Tempo», para além do conteúdo multiforme do livro, escreveu lapidamente que «a linguagem é a casa do ser». Que se entenda: a realidade só é realidade quando nomeada. Só quando se pronunciam palavras é que a realidade é susceptível de existência. Uma «pedra» só é «pedra» se as nossas cordas vocais pronunciam as sílabas que compõem a palavra «pedra». Unicamente desta maneira é que a realidade, o Ser, tem existência. Todas as palavras, por consequência, que pronunciamos têm uma casa que as alberga - a linguagem. Agora, a partir deste momento, que o leitor se não escandalize. É que...

Jacques Brel

É que vamos agora falar de Jacques Brel, que amanhã, sábado, dia 8 de Abril de 1989, completaria, se vivo fosse, sessenta anos de idade. Brel, poeta e cantor dos seus poemas, foi excepcional na interpretação do texto de Gregório de Nissa, embora talvez nunca o tenha lido. E foi excepcional porque (entre aspas as palavras do autor de «De hominis opificio») compreendeu de maneira excepcional que, efectivamente, «o corpo foi dotado de mãos». E também que «a

conformação dos órgãos teria que adaptar-se à fala, para que esta se produzisse com toda a naturalidade através dos órgãos vocais». Na verdade, se Brel «não dispusesse de mãos como poderia ele produzir a voz articulada, já que a conformação dos órgãos da boca seria imprestável para a formação dos fonemas?»

Mas já que Jacques Brel foi provido de mãos, a boca tornou-se-lhe livre «para servir de instrumento para a linguagem». Adiante-se ainda: o autor de «Ne me quitte pas» soube «tanger os órgãos vocais à maneira de uma cítara» - e soube também (quem o não tem no ouvido...?) «expressar os movimentos internos pela articulação exacta dos sons». Mais: «este inventor de toda a sorte de pensamentos fez soar (...) os órgãos vivos da sua voz, servindo-se do seu timbre para exprimir os seus pensamentos ocultos...»

Nascido em Bruxelas em 8 de Abril de 1929 (agora estamos em tom noticioso), contava 49 anos, apressados e intensos, quando, em 9 de Outubro de 1978, sucumbiu, num hospital de Paris, a um cancro pulmonar, e após um isolamento voluntário de cinco anos nas Ilhas Marquesas, no Pacífico Sul. Mas...

Mas, amante da realidade, soube igualmente nomeá-la com todas as letras, sílabas e acentos - o que significa, pura e simplesmente, que foi hábil em integrar a vida na realidade. Logo: para Brel (e aqui mais uma vez lembramos Heidegger) a «linguagem» era «a casa do ser». Cantou as mulheres, os amigos, o vinho, os portos, as planícies, as danças, a morte, as flores, os telhados de Paris, o Sena, os Casinos, aniversários e funerais, beijos e lágrimas - e sempre (mas sempre!) sabendo transmitir aos outros essa «valse à mille temps» que tudo compreende e unifica, tudo nos dá e nos tira, como quem nos oferta «casa» e «casa» depois nos furta com escritos para toda a gente - gente que tenha mãos (Gregório de Nissa) para que essas mãos outras mãos possam estreitar...

(1) Espírito na aceção nissiana

Basta!

O novo-riquismo denuncia-se a si mesmo por aquilo que é comum chamar-se a falta de - chá. O Casino Estoril terá o que tem, se sabe e se imagina... mas a alguns dos seus funcionários carece-lhes um tanto o chá de que fala a expressão popular. Falta-lhes pelo menos o chá suficiente para que hoje nós sejamos forçados a tomar uma atitude. Com desgosto, mas também com a dignidade assumida de quem não nasceu para a cultura propriamente esta madrugada e não faz dela a capa dourada que encobre certas misérias da alma.

O que ontem se passou no Casino Estoril com a reportagem do «DL» destacada para o espectáculo de Dionne Warwick não é inédito. Infelizmente. Repete-se amiúde, mas nós achamos que é altura de dizer basta.

É que se o Casino Estoril tem falta de chá, o «DL», de cada vez que o Casino promove um espectáculo, não se sente obrigado a jantar. Queremos fazer uma reportagem, não propriamente ajudar a decorar a sala.

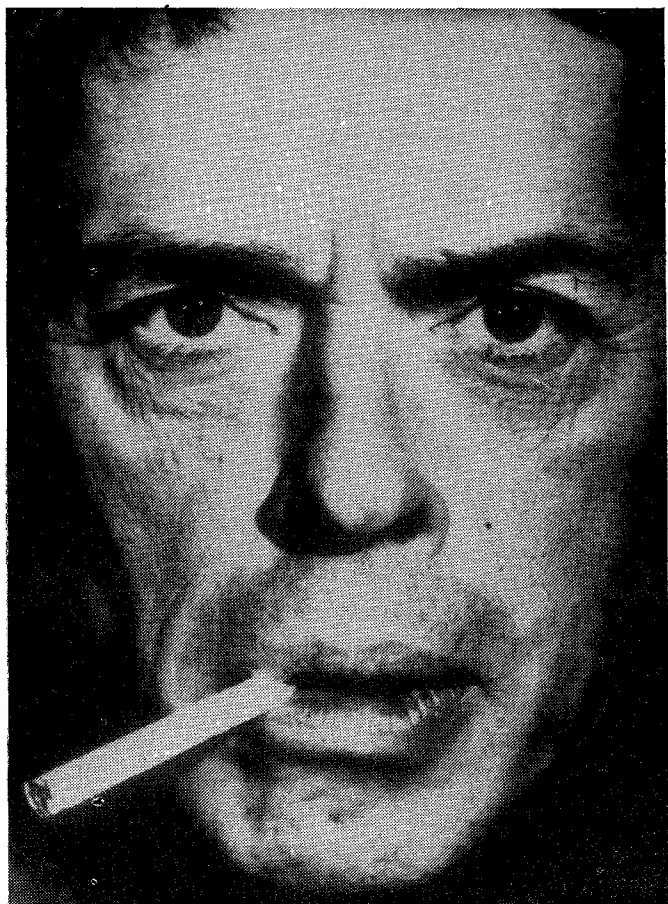
Ora é por isto que para um espectáculo marcado para as 23 horas, entendemos que, ir trinta minutos antes é suficiente. E ontem era. Era, se o funcionário do Casino do Estoril, destacado para nos acomodar, não nos tivesse inactivado, em tom que (com o devido respeito) se julgaria próprio de uma taberna... por já não ter jantar para nos dar.

Ninguém lho pediu. O que pedimos e tínhamos direito, mas ele não tinha para nos dar, era cadeiras, mesas, condições mínimas, enfim, para um jornalista poder trabalhar.

É o costume no Casino Estoril, mas a situação por nossa parte não se vai repetir. Pelo menos até que o Casino Estoril compreenda que o jornalismo é um serviço público e os jornalistas não são pedintes, nem pobres diabos a quem se dá um jantar e uma borla em troca de uma notícia.

Não. Ou o Casino do Estoril transmite aos seus funcionários uma educação que alguns manifestamente não possuem, e passa a entender, de facto, o que é o jornalismo... ou nós deixamos de ao Casino do Estoril ir reportar o que quer que seja.

A cultura para alguns, agora, é um luxo. Para nós é outra coisa: uma forma de estar na vida.



Jacques Brel completaria amanhã 60 anos

Um duplo álbum a favor de Oteló

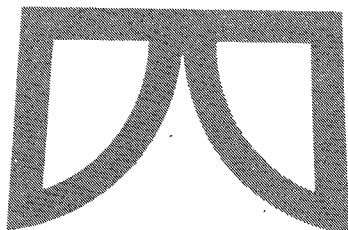
«Obrigado Oteló» é o título de um duplo álbum a ser lançado no próximo dia 15 em Paris, no âmbito de uma campanha de solidariedade com o estratega do 25 de Abril preso vai para cinco anos e actualmente em Tomar.

Alguns dos artistas que participam no álbum são Georges Moustaki, Renaud, Chico Buar-

que, Mikis Theodorakis, José Mário Branco e Carlos do Carmo.

Em simultâneo com o lançamento do disco serão postos à venda postais reproduzindo a capa do disco (um retrato de Oteló) a serem enviados para Lisboa, dirigidos ao Presidente da República e ao Primeiro-Ministro.

CENTRO DRAMÁTICO
INTERMUNICIPAL
ALMEIDA GARRETT



no
Teatro da Trindade
INATEL

Olavo e Alberto

de

Heinrich Henkel

com

Canto e Castro
Luís Alberto

Espaço cénico: Eduardo Cruzeiro

Encenação: José Martins e José Peixoto

Só até 9 de Abril

De 3.ª a sábado às 21.30 H.
Domingos às 17 H.

Demis Roussos, ontem, no Metropolis

O CANASTRÃO DA EUROPA

Rui Eduardo Paes

Voltou o maior canastrão da Europa. Pela quarta vez, como se não bastasse a primeira. Ontem cantou na discoteca Metropolis, na sexta, dizem os promotores, irá até ao Casino da Póvoa do Varzim. Ele é o herói da classe média, a baixa, a assim-assim, e até a alta coxinha, aquela que não é discreta nem sequer tem charme, apenas tiques, manhas e manias, engordada na sequência da dissolução do proletariado, que esse pelo menos era castigo. Chama-se Demis Roussos, grego nascido no Egipto, poliglota e defensor da União Europeia segundo o modelo do Festival da Eurovisão. Está menos gordo, não lhe sabemos do estado da voz porque a escondeu numa outra sua pré-gravada, e armou-se em vedeta internacional.

Que já não é, obviamente, porque as mediocridades cada década escolhe a sua. Nesta, que está quase, quase por um fio, o mercado escolheu outras, o Boy George, a Linda de Suza & etc. A discoteca Metropolis, antigo cinema Pathé, e antes disso o velho Imperial, encheu com casais de meia-idade, típicos da classe média: eles de gravata de banda e ar atrapalhado, elas convencidas do seu papel, caminhando majestosas atrás do cigarro, cheinhas nas formas mas maquilhadas como manda a elegância. Insuportáveis. O cantor mexia-se e logo saltavam das cadeiras aqueles espécimes ilustres do presente estágio do desenvolvimento capitalista. Um fulgor, uma apoteose, um deslumbre para qualquer sociólogo votado às investigações empíricas.

As classes médias precisam de pouco, um Demis Roussos,

um whiskey de Sacavém e chega. Era o que estava em conta: tudo ao contrário, aqui é a oferta que faz a procura. Pouco importou que o grego em questão, que só canta em inglês e francês, línguas oficiais desta culturazinha de discoteca europeia, tivesse enganado toda a gente com «playback» e músicos a fingirem que tocavam. A classe média gosta de enlatados e prontos-a-comer, na televisão, no jantar, na música, no amor, em tudo. Não há defesa do consumidor que lhes valha. O comércio do «entertainment» chegou a este ponto: mascara-se de estatutos superiores («a linguagem dos músicos é mais verdadeira que a dos políticos», Roussos dixit na conferência de Imprensa à chegada a Lisboa) e oferece cassetes e exercícios labiais que nem sequer fingem o que fingem. Um lixo.

Ele, o grego, é delicioso quando pretende ser romântico, faz grandes dramas mímicos para

valorizar palavras vazias de sentimento ou sequer de sentido, usa e abusa de falsetes para dar ares de artista inspirado. Só engana quem engana. É a maior falta de respeito pelas pessoas que pode haver no campo da música ligeirinha, mas todos os que estão por trás do «fenómeno» Demis Roussos (agentes, editora, distribuidores, empresários, sistema) sabem que a classe média, tão coitada de estúpida, nunca perceberá que andam a gozar com ela. Não merecem outra coisa, verdade se diga. São o mais foleiro que há em toda a raça humana: antes os metalúrgicos de Setúbal ou os estivadores de Alfama, gente boa ao menos.

Roussos, o homem que eu conheço com a mais diminuta capacidade de adivinhar o ridículo de certas poses, é-lhes igual em tudo e mais, porque soma e multiplica e equaciona por raízes quadradas o que há de pior nessa fatia das sociedades europeias. A barriga farta é o sinal do seu sucesso, estandarte que vem - dizem os historiadores - das fomes endémicas da Idade Média, que por ser média já por si dispensou, muito bem, obrigado, a existência de classes médias. O rabo de cavalo serve-lhe para mostrar que é progressista, coisa «bem» hoje em dia, mesmo nas direitas. Afinal, muito avançado, o sujeito diz dos amores meio clandestinos meio públicos de Papandreou - outro abominável exemplo «classe média», ainda por cima novo-rico e profissional da política - que «ele é O.K., está só apaixonado»: ser socialista às vezes também tem a ver com isto, e Demis Roussos não perde

o ocasião de levantar o punho. Cá em Lisboa os seus semelhantes preferem espetar dois dedinhos no ar: não admira, pois a gente da classe média gosta sempre de apoiar a situação instalada. Opor-se, retilar, procurar opções, é-lhes excessivamente incómodo. A molenguiça mental e a escravidão sentimental está-lhes no sangue.

A fazer teatro, com o canastrão da Grécia, esteve a banda cabo-verdiana de Paulino Vieira: foram seis a esbracejar, coçar a barriga, revirar os olhos, bater nos tambores e nas teclas, mas o público ouvia uns violinos e umas vozes femininas.

Enfim, chatice por chatice antes a feita por brincadeira, porque no início do circo Vieira e os seus limitaram-se a imitar George Benson e a tentar pôr os sintetizadores, teimosos e gagos, a trabalhar. Ontem, também, melhor que um Demis Roussos «a sério» foi aquele de fantasia: mau por mau é preferível que se possa rir um bocado que seja, mesmo amarelo.

Pois é, em momentos assim é que eu me envergonho de pertencer à dita classe. Cada um tem a sua cruz, não é como se diz? A minha é esta de estar socialmente predestinado e tão desesperadamente sonhar com o milhão de contos ou o boné estendido na esquina, tudo menos isto. Coisa que nunca irei desculpar ao meu chefe é ter-me mandado ao Demis Roussos.

VESTUÁRIO EM CABEDAL

COM AS MELHORES PELES



CONFECCÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUES DE TOMAR, 68-1.ª ESQ.
☎ 77 11 58 - 1000 LISBOA

COMUNA TEATRO DE PESQUISA

TERÇA A SABADO AS 21.30 H
DOMINGO AS 17 H

2.º MÊS

APOIOS - FUNDAÇÃO GULBENKIAN
FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA
RADIO COMERCIAL

TONY AWARD 1985 MELHOR PEÇA DO ANO E U
"BILOXI BLUES"

OS RECRUTAS

TEXTO NEIL SIMON ENCENAÇÃO JOÃO MOTA

...UM ADMIRAVEL TRABALHO DA COMUNA
CARLOS PORTO - "D. LISBOA"

...UM DOS ESPECTACULOS MAIS BELOS DOS
ULTIMOS TEMPOS. TITO LIVIO - "A CAPITAL"

PRACA DE LUSO-AMERICA - MARCAÇOES T.726 0818

DEBATES DE INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA

Hotel Roma — Hoje — 21.30 horas

«SAÚDE: QUESTÃO PROFISSIONAL
OU QUESTÃO POLÍTICA?»

Comunicações dos médicos:
Drs. António Galhordas, Silva Santos e Souto Teixeira

Debate moderado por dr. Herberto Goulart

Promovido pela Associação
INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA

OLISIPO

4

RUA DAS PORTAS
DE SANTA CATARINA

Marina Tavares Dias

As portas mais importantes da muralha fernandina de Lisboa, mais frequentadas por peões, cavaleiros e viaturas, eram as da Cruz (na actual Rua do Paraíso), as de Santo Antão, as da Mouraria (Marquês de Alegrete) e as de Santa Catarina, no topo do Chiado. A 40 metros de altitude sobre o mar, onde hoje se abre o Largo das Duas Igrejas, a porta fortalezada determinava o limite da cidade antiga, deixando de fora o seu posterior Bairro Alto de S. Roque. Apeadas em 1702 por ordem do «activo» presidente da Câmara João da Silva Telo de Menezes, foram estas portas que deram nome à actual Rua Garrett.

Através dos séculos XVIII, XIX e XX, poucas foram as gerações sobre as quais não pesará, no futuro, a responsabilidade da demolição de todos os vestígios da antiga muralha de Lisboa. O dinamismo das vereações conseguiu, neste caso concreto, mais estragos do que o terramoto de 1755. É hoje não resta nem uma das portas da cidade do rei D. Fernando (o último arco foi apeado em 1961). Mas, para o frequentador do Chiado, existe ainda uma evocação da antiga entrada da cidade onde D. João I lutou heroicamente, em Maio de 1384, contra os castelhanos. São as imagens da fachada da Igreja da Encarnação.

O local exacto onde corria a muralha era o centro do actual largo das Duas Igrejas, igrejas estas que ficavam extramuros. A Igreja da Encarnação (cujas fundações são ainda do século XVII) inaugurada em 1708, foi muito danificada pelo terramoto. No entanto, o frontispício ostenta ainda os nichos onde foram colocadas as imagens de Santa Catarina e de Nossa Senhora do Loreto, ambas pertencentes à porta da muralha. As imagens tinham sido, provavelmente, colocadas no seu primitivo lugar já no século XVI e estavam ambas na parte superior da referida porta, de cada um dos lados: em face do Chiado (a de Santa Catarina) e em face da actual Praça de Camões (a da Senhora do Loreto).

Todas estas datas anteriores ao terramoto nos evocam que, ao contrário do que ultimamente se tem dito muito por aí, o Chiado é muito anterior à reconstrução pombalina da baixa. Antes de 1775, já era considerado a rua «de maior concurso da Corte». No seu «Sumário de Vária História» (tomo I), Ribeiro Guimarães dá-nos o nome das ruas que comunicavam com o Chiado: do lado sul, a Rua dos Cabides, Arco de D. Francisco, Rua

da Boa Viagem, Beco de Pedro Rodrigues — sem saída, Beco da Amendoeira, Rua da Cordoaria Velha, rua da Figueira, Rua da Ametade, Rua do Outeiro, do lado norte, Travessa do Sacramento, Beco da Botica d'El-Rei, Beco do Pasteleiro, Beco da Cruz — sem saída, Travessa do Arcebispo, Travessa de Estêvão Galhardo, Travessa do Salema e Travessa do Secretário.

Algumas destas pequenas ruas foram posteriormente substituídas por prédios em alinhamento quase regular de quarteirões. Mas o eixo central Chiado/Rua das Portas de Santa Catarina mantém-se inalterado. A origem do topónimo Chiado ocupar-nos-á numa futura «olisipografia». Para já, convém determinar a data em que a célebre artéria passou a utilizar um nome apenas. Inicialmente, chamava-se Chiado ao troço inicial da actual Rua Garrett. Um edital de 1 de Setembro de 1859 determina que a esta zona seja extensiva a designação de Rua das Portas de

Santa Catarina, pondo assim fim ao absurdo do uso de dois topónimos em poucas centenas de metros em linha recta. Outro edital, desta vez com a data de 14 de Junho de 1880, crisma o Chiado com o nome de um dos seus frequentadores mais ilustres: Almeida Garrett. E a palavra Chiado será recuperada já nos anos 20 deste século, para o largo em frente da Brasileira, a propósito do poeta da mesma alcinha.

O apogeu da antiga Rua das Portas de Santa Catarina situa-se precisamente nos anos em que este topónimo tomou conta do Chiado inteiro: de 1859 a 1880, em pleno romantismo, no tempo do Marrare do Polimento, das lojas do Magalhães, so Seixas, do José Alexandre e do Jerónimo Martins, do armazém Barela e da famosa modista Levaillant. No «Diário Ilustrado» de 5 de Outubro de 1872, Valparaíso evoca assim a Rua das Portas de Santa Catarina:

«Nesses antigos e saudosos tempos à saída do Teatro de S. Carlos, revivia o movimento do Chiado. Ainda nos recordamos com saudade desses tempos em que as famílias quando saíam do teatro traziam na frente por batedor um robusto galeão, armado de tremendo bambu e lampeão de três lumes, quando a família era abastada; ou de um só, quando o não era; e descia das torrinhas e essa multidão de pirlampos descia do Chiado, seguida na rectaguarda da corte



As imagens que adornavam a antiga porta da muralha estão hoje em nichos na fachada da Igreja da Encarnação

dos namorados, que a meia distância acompanhavam os seus ídolos assobiando 'O Ouro Não Compra o Amor' de Marcos António Portugal ou 'Elixir de Amor' de Donizetti.»

Este cortejo cintilante que descia do S. Carlos para os prédios da baixa tropeçava aqui e ali nos inúmeros frades de pedra que protegiam a artéria elegante do «assalto» do trânsito das segas. Os frades centenários começaram a ser derrubados em 1872 e os jornais noticiaram-lhes a morte com uma mágoa infinita: «moravam no Chiado e tinham visto passar umas poucas de gerações!» («Diário Ilustrado», 12/VII/1872).

Também costumavam servir de encosto aos namorados que, altas horas, ajustavam o aluguer de um quarto num quinto andar da Travessa de Estêvão Galhardo (a mesma onde se suicidou o José Augusto de Fanny Owen). O segredo era, então, a garantia do idílio. Homens e mulheres saíam, madrugada adiante, envoltos em capas imensas, esvoaçantes, no íngreme acesso ao topo do Chiado.

Na época, as ruas pertenciam aos afoitos. Pinto de Carvalho recorda isso num dos capítulos da «Lisboa d'Outro-ra»:

Querendo alguns janotas do Chiado pregar um susto às senhoras que, ao romper

da alva, saíam de um baile, oferecido pelo Conde de Farrobo num sábado de espera de toiros, combinaram alugar uns poucos de burros no Poço do Borratém, a cujos pescoços penduraram chocalhos. Aos primeiros alvares do dilúculo, no momento dos convidados saíam do baile, largam a burricada junto ao portão das Laranjeiras e começaram a gritar: Eh, real! Eh, boi! As senhoras pensaram que houvera tresmalhação de gado.»

Eram assim, os ilustres frequentadores da Rua das Portas de Santa Catarina.

proxima semana:
Figuras do Chiado



O Chiado no tempo em que se chamava Rua das Portas de Santa Catarina. À direita, o prédio anterior ao actual Ramiro Leão e o chafariz onde hoje se encontra a estátua de Ribeiro Chiado

JOSE-AUGUSTO FRANÇA



Foto de Rui Pacheco

SESSENTA ANOS DE

Brasileira, nos finais dos anos 40, já na Faculdade, e outra vez de novo depois de ter estado em África.

— África essa que deu um romance: «Natureza Morta».

— Exactamente.

— Foi para África como professor?

— Não senhor. Foi uma experiência colonialista, ora essa. Fui para adjunto da direcção de uma empresa de açúcar, como explico no posfácio da 3.ª edição do romance.

— Azar. Tenho a 2.ª edição que não traz posfácio nenhum. Regressa de África e há a aventura surrealista...

— O surrealismo começa em 47 por cá. Antes, há a minha amizade com o António Pedro, o Casais Monteiro, o Soromenho. Depois, fui editor do «Dicionário de Moraes» com o António Pedro. Foi ele que me convidou, confiando nos meus talentos administrativos. Foram oito anos.

— Ao fim dos quais...

— Fiz as malas e fui para Paris.

Isto em 1959.

— Foi a sua primeira ida.

— Foi. A convite de Pierre Francastel, que é a terceira pessoa a quem muito devo. Em Paris fiz crítica de arte na «Art d'Aujourd'hui», que fazia a defesa da arte abstracta.

— Fez crítica de arte... e uma tese sobre «Lisboa Pombalina e o Iluminismo» que, se me dá licença, é um livro magistral.

— Tive sorte em pegar no século XVIII pombalino. Foi o Francastel que me incentivou.

— Depois da tese, regressa a Lisboa.

— Tinha um convite de Francastel para ficar em Paris como seu assistente, mas não aceitei. Razões familiares. Regressei e atirei-me ao século XIX. Foi o segundo doutoramento com a tese sobre «O Romantismo em Portugal».

— Que é outro grande livro, por acaso esgotadíssimo.

— Vai ser reeditado.

— Nunca deu aulas por essa altura?

— Não. Aulas só depois do 25

de Abril, na Universidade Nova. Nem sei se foi antes ou logo a seguir ao 1.º de Maio de 1974. A Lourdes Belchior convidou-me e meia hora depois estávamos a criar um departamento de História de Arte na Universidade Nova.

— Começa a fazer a «História de Portugal no Século XX»...

— Essa estava já pronta para publicação quando veio o 25 de Abril. O livro sobre o Bordalo é que o escrevi depois.

— Pessoalmente, acho que o José-Augusto França escreve livros que já ninguém faz. Hoje há fragmentos, mas o José-Augusto França escreve coisas como a Arte no século XIX, no século XX, a arte Ocidental, o Romantismo, sínteses monográficas sobre Bordalo, Almada, Amadeo, outros. Já ninguém é capaz de fazer obras desta dimensão. Porquê?

— Eu estou na desagradável situação dos pioneiros. Ainda há dias uma antiga aluna me dizia sobre um livro meu: «prof.: está

Mais do que uma longa entrevista, vai ser uma viagem de ida e volta. Uma tarde destas, o prof. José-Augusto França e este vosso repórter sentaram-se à mesa, numa esplanada do Chiado, e eis se não quando estávamos ambos de abalada até Paris, neste caso, para saber do balanço dos seis anos durante os quais ele foi director do Centro Cultural da Gulbenkian naquela cidade. A bem dizer era este o pretexto do encontro. Mas o encontro foi no Chiado... e de Chiado José-Augusto França tem 60 anos de frequência. Era, assim, inevitável que, depois de se falar de lá, se falasse de cá. A entrevista foi só uma, mas aqui, nestas páginas, surge dividida, senvivelmente a meio, como quem de uma viagem separa a ida da volta. O leitor ficará a saber, por um lado, o que José-Augusto França fez, tem feito e vai fazer, mas ficará também a conhecer melhor quem é este lisboeta do coração, que há sessenta e muitos anos nasceu em Tomar e pensa ir morrer em Anjou. Quanto ao resto, revele-se desde já que, para além dos livros próximos e anunciados, José-Augusto França é bem capaz de um dia destes publicar um ou mais romances. Sobre Lisboa, é claro. Lisboa, Tejo e tudo...

— Acha que Portugal, entre 1983 e 1989 mudou o suficiente para que possa achá-lo diferente?

— Vim muitas vezes a Lisboa e a Portugal, durante estes seis anos, para ter agora repentinas surpresas. Estará tudo tão diferente, como me dizem, fora os preços que cresceram geometricamente, à espera do «horizonte 1993», para uma população, afinal, modestamente, em proporção aritmética? Vejo, na rua, exactamente as mesmas pessoas tristes, ao sol, com os «pouco poderes» das fotografias do Jorge Guerra, já dos anos 60. Dizem-me, porém, os práticos que é ao nível dos «poderes» que outra gente há, ajanotada e de dente partidariamente afiado... Será?

Lembrando-me do Almada que, regressado de Paris em 1920, achou o País «mais pequenino», fiquei com vontade de fazer um terceto (coisa que às vezes me acontece), mais ou menos assim: «Encontrei Portugal

mais maiorzinho/Ao voltar da batalha d'Iéna/A gente, porém, se mais, é tal qual...» Será?

— Não deixarei por isso de ir muitas vezes a Paris (enfim, de novo, a Paris!) e, descendo o que vier a ficar do Chiado, de me preocupar com o meu Anjou final — como tenho dito...

— Porque é que diz «Anjou final»?

— Porque me é possível morrer, pacatamente, numa casa da periferia de Anjou, escrevendo em português. Aliás, ali perto, em Angers, escreveu Eça «O Mandarim».

— E porque não «morrer pacatamente» em Portugal?

— Não tenho nenhuma família em Portugal. A minha filha e os meus netos vivem em França. Por cá sou um tomarense sem família. Gosto muito de Tomar, embora tenha de Tomar uma ideia literária. Lá ninguém me conhece, eu não conheço lá ninguém, e quem conhecia os meus pais já morreu.

— Quem foi o seu pai, se não é indiscrição?

— Foi um jornalista amador e um poeta. Eu vim aos cinco meses para Lisboa. Esta cidade é feita de provincianos que vieram para cá. E eu assim vim. Era a grande corrente migratória dos anos 20 que fez Lisboa crescer.

— Fale-me do Liceu Gil Vicente, onde andou.

— Tive dois grandes professores: Câmara Reis e um homem a quem devo o que sei escrever. Sebastião Lisboa. Foi meu professor de Português e Inglês e é das pessoas a quem mais fiquei a dever a minha vocação.

— Colegas do liceu lembra-se de algum?

— Do Luís Vilas Boas. Fomos colegas do 1.º ao 7.º ano. No exame de Lógica do 7.º ano passei-lhe o ponto num cartão de visita.

— A propósito de lógica, foi aluno do prof. Vieira de Almeida, na Faculdade de Letras?

— Fui, claro. Um grande professor e um grande amigo.

— Mas na Faculdade foi também colega de Mário Soares...

— Colega, não. Contemporâneo. Colega fui do Joel Serrão, do Artur Gusmão, do Natel Costa, da Salette Tavares, do Gentil da Silva e do Rui Grácio.

— A Faculdade de Letras, nesse tempo, era na Rua da Academia das Ciências. Está-se mesmo a ver que dali á Baixa só havia um trajecto possível: o Chiado. Como era o Chiado então?

— O meu Chiado é muito anterior à minha entrada para a Faculdade de Letras. Eu comecei a frequentar o Chiado aos 6 anos. Tenho 60 anos de Chiado. E comecei a frequentá-lo porque a minha mãe me trazia aos domingos a comer torradas à Pastelaria Garrett, que ficava onde hoje fica a livraria do «Diário de Notícias». Depois, o meu Chiado começou a ser o do São Luiz, no Carnaval. Mais tarde, o do Café Chiado, só depois é que foi o da

...Seis anos de

Paris, hora de balanço sobre seis anos de director do Centro Cultural da Fundação Gulbenkian. É José-Augusto França a dizer o que foi e como foi. É a segunda parte desta entrevista. Assim.

— Qual foi a linha de orientação que seguiu durante seis anos como director do Centro Cultural da Gulbenkian?

— Aceitei o convite da Fundação Gulbenkian por razões várias: pessoais e culturais, e de curiosidade também, ou sobretudo. Há mais de quinze anos tinham-me proposto o então inaceitável cargo de conselheiro cultural na Embaixada, que pretendia criar-se, e sempre achei, por longo hábito de Paris, que algo estava por fazer ali — mas numa acção sem peias que a Fundação asseguraria. Tratava-se, em suma, e foi essa a minha política imediata, de pôr temas, objectos e pessoas da Cultura portuguesa em situação internacional, não uns com os outros, como se estivessem no Rossio, mas em diálogo com os seus equivalentes que em Paris há ou a Paris vão. E foi assim que, para colóquios, mesas-redondas e conferências convidei sucessivamente um cento de portugueses, perto de duzentos franceses e mais de cem estrangeiros, de 26 países, sobretudo do Brasil, da Itália e dos Estados Unidos. Com eles foi possível organizar cerca de 50 programas de temática directamente portuguesa, mas sobretudo de interesses mais largo, em que podia e devia haver participação nacional. Exemplos: sobre a arquitectura e a cidade na actualidade, sobre a «cidade regular» desde o século XVIII, em torno de uma exposição da Lisboa Pombalina, e sobre a literatura oral, o tema do labirinto (com uma exposição em que figuram alguns dos maiores nomes de Paris e também três ou quatro portugueses), sobre arte, ciência e tecnologia, a literatura

oral, o barroco na arte contemporânea, etc. Alguns tiveram repetição ou reflexo na Fundação, em Lisboa.

— E quanto a exposições?

— Os centros culturais estrangeiros em Paris não podem acreditar exposições artísticas. Ou não precisam de o fazer porque os seus pintores são mostrados em outros circuitos ou precisam, e nesse caso melhor é não o mostrar... Uma exposição do americano Gorky, e duas exposições de Arpad Szénes, ou o «Labirinto», feitas nas instalações do Centro, na Avenida d'Iéna, perto da Etoile, conheceram grande sucesso porque não tinham carácter «nacional»; de outras, por más experiências, disto — e naturalmente que fui fazer com a SEC a exposição da arte do século XIX num museu parisiense especializado, para a situar no circuito histórico-artístico necessário — o que inteiramente, e pela primeira vez para a arte portuguesa, se conseguiu, em Paris.

— E porque não arte contemporânea?

— A arte actualmente praticada, e com excelentes exemplos nacionais, põe outros problemas de exposição, em termos concorrenciais. Apresentá-la oficialmente ou para-oficialmente é ingénuo e desastroso. Só os museus, por interesse próprio, o podem fazer (como fez o de Toulon, o ano passado), ou as galerias, por interesses ainda mais próprios: é, então, questão de mercado — e cada vez mais...

— Foi eleito em 1985, na Grécia, presidente da Associação Internacional de Críticos de Arte, a AICA. Não poderia essa posição tê-lo levado a promover artistas portugueses em Paris?

— Bem inconsciente profissionalmente seria eu se o tentasse fazer... Antes de mim, o presidente foi um romeno e depois uma venezuelana, ambos tam-

bém com prática e conhecimentos internacionais; e nem um nem outro procuraram impor as suas artes nacionais em Paris... Pareceu-me, na realidade das coisas, mais útil realizar mensalmente mini-exposições, de «Artistas do mês», que marcavam presença nos vários percursos do Centro. 27 pintores assim foram mostrados — e mais de 27 ficam para mostrar, com certeza...

— Preferiu explorar a linha literária?

— A linha literária é, sem dúvida, mais explorável na acção do Centro português — e aí creio ter-se provocado um milagre, porque foram os subsídios da Fundação através de um agente literário, que houve a ideia de contratar, que fizeram passar o número de títulos de ficção traduzidos e publicados, ou no prelo, de uma dúzia, desde a guerra de 45, perto de cinquenta entre 1983 e 88... O incontestável sucesso da Semana da Literatura Portuguesa, realização oficial do Centre National des Lettres françaises e da nossa embaixada, foi garantido pelo rápido êxito dos nossos autores junto dos editores e da crítica parisiense.

— Fez apresentações públicas de livros traduzidos?

— O Centro só apresentou livros de autores falecidos, por razões óbvias: não era possível (ou seria contraproducente) multiplicar tais cerimónias. Assim, apresentaram-se títulos de Almada, Jorge de Sena, António Pedro, ou o «Amor de Perdição» de Camilo, tal como se comemoraram centenários de Aquilino, Sérgio ou Cesário.

Mas também de Vítor Hugo. E cinquenta exposições bibliográficas, sobretudo do fundo da biblioteca do Centro, também aqui devem contar. Como também os cursos de língua e cultura que continuaram a ser dirigidos pelo meu velho amigo, o prof. José Terra, da Sorbonne.

CHIADO...

aqui tudo». Eu acho que se está lá tudo, está lá tudo para desenvolver. E quase toda a gente que está hoje a fazer crítica de arte foram alunos meus.

—Sempre vai escrever o tal livro de memórias que anunciou?

—Memórias, sim, também — mas, como no título se dirá, «para o ano 2000», vivo ou morto. É livro de escrever lentamente, ao sabor de lembranças, apontando para uma estrutura final de montagem e colagem, de gentes, coisas e sítios — desde uma Travessa da Saboaria onde nasci, até sei lá onde, o quê, ou quem...

—Mas há outro livro sobre os anos 20...

—Vou isolar uma década. É uma redução do campo operativo. Pensei mesmo isolar um ano, mas do século passado, um ano da década de 60, um ano passivo da vida nacional. Para ver o que dava. Mas pus de parte a ideia.

—Outros trabalhos em perspectiva?

—Tenho romances para escrever.

—Romances?!

—Tenho quatro romances «in petto», como se diz na Igreja.

—Romances sobre?...

—Sobre Lisboa.

—Passada ou presente?

—Passada: dos anos 40 aos anos 60 deste século. Não só autobiográficos, mas (como todos os romances) também têm que ser autobiográficos até certo ponto.

—Esses anos — de 40 a 60 — que tal foram?

—Foram os meus. Havia vontade de fazer coisas. No fundo, são os anos entre a fundação do Grupo Surrealista e a primeira ida para Paris. Lisboa era o Chiado. A Avenida de Roma era ainda uma aldeia.

—Tem saudades?

—Não. Tenho lembranças.

—Sempre achei que a sua Lisboa fica entre o Príncipe Real e o Tejo, entre o Chiado e, vá lá, o Tivoli. Acertei?

—Mais ou menos. Eu moro na Rua da Escola Politécnica há 40 anos. Essa Lisboa é a Lisboa donde se vê o Tejo. Foi a única

coisa que me fez falta em Paris. A gente olha para o Sena e não acredita que aquilo seja um rio. Em Lisboa, das minhas janelas, todos os dias verifico o Tejo.

—E o Chiado?

—Não acredita a alegria que me dá ver o Chiado cheio de gente. Eu pensava que o tinha visto morrer.

—Quando? No incêndio?

—Não. Nos anos 60 e a seguir ao 25 de Abril. Aconteceram então entropias mundanas, a cidade deslocou-se para a Avenida de Roma e para as Amoreiras. É preciso que volte a haver o consumo do Chiado e é preciso que os planos que se preparam para o futuro entendam isso.

—Chegou a ver o Pessoa?

—Nunca o vi. O meu pai era amigo do Ferreira Gomes e amigo pelo lado que podia tocar o Pessoa, o lado do esoterismo. Pelo outro lado, o meu pai era o oposto, era dirigente do Partido Socialista.

—Que acha daquela estátua que está ali do Pessoa à porta da Brasileira.

—Acho-a obscena.

Paris

—E Fernando Pessoa?

—Pessoa teve o seu circuito especial, com as ousadas iniciativas dos editores Bourgois, La Différence e Corti. Af o Centro só realizou (quando mêm...) uma mesa-redonda sobre a sua obra e mais a apresentação do número especial da revista «Europe» que lhe foi consagrado. E ainda, ou sobretudo, estreou a peça «Daisy», de José Saspotes, abrindo-lhe caminho para uma carreira muito estimável na sala de teatro de ensaio do Odéon.

—E quanto a Música e Cinema?

—Houve uma actividade musical, numa tradição que vinha de trás e sempre foi devida ao excelente Serviço de Música da Fundação, em Lisboa. 41 concertos e recitais é o número aqui mencionável. No quadro do cinema, sem equipamento suficiente, apenas se apresentou o filme «Ana», de António Reis e Margarida Cordeiro, recebendo-se então críticos, como ainda recentemente, na altura da apresentação, em Paris, do filme «Rosa de Areia» dos mesmos realizadores; e quando da publicação de um importante estudo francês sobre Manoel de Oliveira.

—O Centro manteve uma actividade editorial...

—As edições do Centro, para as quais se montou uma secção especial, fixaram-se em títulos eruditos, teses ou outros, de autores franceses sobre temática portuguesa ou em francês realizados, já que o mercado editorial nacional satisfaz hoje os textos de língua portuguesa. Uma vasta exposição das edições da Imprensa Nacional, que se promoveu, é prova disso. Publicaram-se também os «Arquivos» anuais e mais 14 actas de colóquios.

Em preparação ficou a edição, contratada com a Bibliothèque National le de Paris, do manuscrito do célebre «marchand»

Mariette, que se descobriu ser o catálogo comentado dos seus fornecimentos de estampas a D. João V. Trata-se de um documento de grande importância histórica — que vai a par de outra acção da Fundação em França, que é o restauro, em associação com os museus nacionais franceses, de um coche joanino identificado no museu de Eu — o mais belo espécime existente em França.

—Do que fez, o que é que considera mais importante?

—Parece que há que destacar três acções: a promoção do movimento editorial para autores portugueses e a exposição da arte portuguesa do século XIX (lembrando a importância que ela teve também em Lisboa, ao repetir-se no Palácio da Ajuda, e a descoberta que permitiu do maior quadro de Sequeira, que estava, incógnito, no museu de Eu). E, finalmente a criação no âmbito da École de Hautes Études en Sciences Sociales, de um Centro de Estudos Portugueses que não existia em França a esse nível; o que se deve também ao prof. Jean Aubin, especialista do Oriente português. Qualquer dessas acções teve importância — e terá sobretudo (é sempre isso que mais interessa) consequências no futuro das nossas relações culturais com a França.

Colaborei ali, efectivamente, com perto de 40 instituições francesas e recebi o apoio de uma dezena de portuguesas.

—Qual a importância dessas relações internacionais?

—São tais relações que um instrumento de ricas possibilidades como o Centro Cultural Português deve incrementar, no local onde desenvolve a sua acção. E, através delas, com uma rede cultural internacional na qual a Fundação Gulbenkian tem o seu lugar evidente. Propositadamente planeei como acções minhas finais, a exposição

de «Lisboa Pombalina» com o seu colóquio internacional sobre a «ville régulière» (que, esse, será publicado por um conhecido editor da especialidade, Picard), uma série de sete conferências sobre literatura portuguesa com recitais, em perspectivas originais, e um programa com a «Maison de l'Europe», de conferências, um recital de música contemporânea portuguesa e a exposição de uma colecção particular, com uma panorâmica da arte portuguesa moderna. Assim se introduziu um tema maior da cultura nacional numa perspectiva internacional, se organizou uma perspectiva também internacional da nossa literatura, e se realizou um programa interdisciplinar em associação com uma instituição europeia parisiense.

—Ficou satisfeito com o balanço?

—Uma avó camponesa, trazida à força para Lisboa, ensinou-me, de pequenino, que «não há gosto perfeito na vida». Não é por isso que a vida não continua...

—Que planos para este regresso?

—Retomo o meu posto na Universidade Nova de Lisboa, que não me consentiria uma semana mais de ausência, apesar de lá ter continuado a dirigir todas as teses de mestrado e de doutoramento do meu sector — ao mesmo tempo que fui sendo catedrático associado na Sorbonne. E continuo também a dirigir, na Fundação Gulbenkian, a revista «Colóquio/Artes», como venho fazendo desde 1970. E relanço-me num projecto há muito começado, sobre os anos 20 portugueses. Paris e uma «História da Arte Ocidental» contemporânea, que entretanto consegui terminar e publicar interromperam-me o fio da meada que já tenho outra vez na mão.

Pintura e antiguidades na Tapada da Ajuda

Não há como leilões para arejar as finanças

Ernesto Sampaio

Foto de Rui Vasco

Ontem mais um leilão no Pavilhão das Exposições da Tapada da Ajuda, ao Instituto Superior de Agronomia, onde periodicamente se reúne a fina flor da alta dinheirama, com o alegre e nobre fito de arejar um pouco a phynança. Antiguidades, pintura moderna e jóias, num total de 1200 lotes, vão tornar mais bonitas as casas do pessoal abastado, e é bem feito, porquanto, como diz Cesariny (citado de memória) num dos seus poemas, «afinal o que importa/não é haver gente com fome/pois assim como assim/ainda há muita gente que come».

Mobiliário dos séculos XVIII e XIX e pintura de autores como Vieira da Silva constituem as grandes atracções do leilão, que vai decorrer até sábado, com sessões às 15 e às 21 horas.

Na almoeda, pode ser adquirido mobiliário português, francês, inglês e holandês, indo-português, porcelanas da Companhia das Índias, jóias, pratos e lacas portuguesas (algumas do período Namban). O lote de objectos a leiloar integra ainda tapeçarias e obras de pintores como Karel Appel, Alan Davie, Poliakof e Sónia Delaunay. Também há casacos de vison e astracá, para as esposas dos negociantes.

Casa à cunha

Na sessão de ontem, com casa à cunha, destaque para um armário holandês, acharado, com decoração japonesa a preto e ouro, do século XVIII. Não tinha base de licitação (isto é, tinha-a, mas em «informação directa») e atingiu as três dezenas de milhar de contos. Outras peças em foco: uma cómoda D. José, em pau santo, de linhas direitas e pés entalhados, por 1100 contos; uma esplêndida cómoda francesa, Luís XV, facheada a pau-santo e pau-rosa, com aplicações em bronze e tampo de mármore, estampilhada Nicolas Alexandre Lapie, ébéniste em 1764, por 3 mil contos; uma papelreira D. Maria, de frente e ilhargas almofadadas, com trabalho de marqueterie, por 1350 contos; uma bilheteira joanina, de prata portuguesa, punção de Lisboa do 2.º quartel do século XVIII, por 2400 contos; uma lavanda, do mesmo período, por 1050 contos; uma vista de Macau, pintura a guache sobre papel, escola chinesa, cerca de 1835, por 5 mil contos; outra vista de Macau, óleo sobre tela, atribuída a Spoilum, escola chinesa, final do século XVII, por 4 mil contos; ainda uma vista de Macau, óleo sobre folha, escola chinesa, atribuída ao Mestre do Fogo, cerca de 1815, por 1500 contos;

uma «Jarra com Flores», pintura a óleo sobre tela, atribuída a G. P. Verbruggen, escola holandesa, século XVII, por 5 mil contos; uma «Paisagem com Rio, Figuras e Animais», óleo sobre tela atribuída a J. Pillement, escola francesa, século XVIII, por 3 mil contos; um par de pinturas a óleo sobre tela, escola francesa, inícios do século XVI-II, representando cenas de caça, por 1500 contos.

Mais preciosidades: um cavalo em terracota chinesa, do período Tang, apesar do relatório do teste de termoluminescência, realizado em Oxford, comprovado

que a peça foi fabricada entre 800 e 1300 anos atrás, não ultrapassou os 2 mil contos; uma caixa-contador Namban foi aos mil: um tapete de Arraiolos, peça muito rara, do século XVII, também; uma caixa-contador indo-portuguesa, de teca e sissó atingiu os 2500; 2 mil foi quanto atingiu outra caixa-contador indo-portuguesa do mesmo género, enquanto um belo contador também indo-português, ra-

Dave (2500 contos); um «Casario» de Domingos Alvarez (quatro mil contos); uma paisagem de Artur Loureiro (dois mil contos); «Duas figuras com Casario», de Júlio (três mil contos), e ainda óleos, guaches e desenhos de Francis Smith, Frederico Ayres, Sousa Pinto, Bordalo Pinheiro, Carlos Botelho, Stuart Carvahais, Paula Rego e Roque Gameiro.

Entretanto, hoje à tarde, serão postas em praça cómodas, salvas, potes, carpetes, vidros, esculturas, «bibelots», ícones russos e mobiliário diverso. As sessões de sábado, às 15 e às 21 horas, são dominadas pelas jóias, com especial relevo para um relicário de ouro fundido, reproduzido no catálogo da Exposição das Artes Decorativas dos séculos XVII e XVIII, do Museu Soares dos Reis, uma moldura com cercadura de platina, com



Uma das peças mais valiosas ontem, em leilão

ro pelas suas dimensões, com embutidos em ébano e marfim, com base cujas pernas representam Nagas (figuras mitológicas) atingia os 4500, e uma extraordinária arca indo-portuguesa revestida a madre-pérola, marfim e tartaruga, ia parar aos 2500 contos.

Um guache de Vieira da Silva

A sessão principal deste leilão realiza-se hoje à noite, sendo posto em praça um guache de Vieira da Silva, de 1953, cuja base de licitação é de três mil contos. Outras obras de nomes famosos das artes plásticas portuguesas e estrangeiras: um óleo sobre cartão de Karel Appel, com base de licitação em quatro mil contos; um guache de Serge Poliakoff (quatro mil contos); outro de Sónia Delaunay (três mil contos); um óleo de Alain

uma miniatura pintada sobre marfim, e uma caixa para rapé, de meados do século XIX (900 contos é a base de licitação de cada uma destas peças).

No que à pintura diz respeito, para além dos nomes já mencionados, vão ainda à praça, hoje à noite, obras de Manuel Ribeiro de Pavia, Carlos Botelho, Almada Negreiros, Faílão Trigoso, Bernardo Marques, Eduardo Malta, Veloso Salgado, Lázaro Lozano, Carlos Reis, Carlos Ramos, Túlio Vitorino, Jaime Murteira, Eduarda Lapa, Alberto de Sousa, Noronha da Costa, Celeste Maia, Bernardo Marques, António Carneiro, Batarda, João Reis, Tom, António Soares, Jorge Barradas, Estrela Faria, João Hogan e Cruzeiro Seixas.

A repartição dos lotes acima referida não é fixa, sendo possível licitar, em todas as sessões, peças variadas, da pintura aos móveis, das jóias às porcelanas, enfim, todo o tipo de antiguidades.

As mãos dos pianistas que arrancam sons deslumbrantes do piano são normalmente feias. Largas e desproporcionadas são decepcionantes. A diferença em Pedro Burmester começa aí. Não muito grandes, as suas, têm dedos finos e principalmente têm vida. Reforçam, sublinham, acrescentam palavras ao seu discurso. Impossível conversar com este jovem pianista de eleição sem que, forçosamente, os olhos se nos desviem para as suas mãos. Elas e ele, frente ao mar no molhe da Foz portuense, contaram da vida, da noite, do piano e dos sonhos.

Pedro Burmester

O RESPIRAR DO PIANISTA

Maria José Belo Marques

Fotos de Bruno Neves

Pedro Burmester é diferente porque rompe clichés próprios aos da sua arte e destrói a imagem romântica do pianista.

- Disseste, numa entrevista, que não és escravo do piano. Estudas só quando tens vontade. Quer isso dizer que o piano para ti é levado de uma forma desportiva, ou intuitiva, muito mais que técnica?

« O piano é como uma pessoa com quem tenho uma relação muito forte. Se estou com ela por estar, ou por obrigação, acho que não vale a pena. Para estar com as pessoas é porque se gosta delas, porque se está a gozar o momento em que se está com elas. É preciso conhecê-las para nos conhecermos a nós mesmos. O piano é igual, funciona da mesma maneira para mim. Não sou escravo na medida em que não estou ao piano por obrigação. Não quer dizer que não aconteça às vezes. Mas por norma se sinto que é por obrigação não estou. Nem me dá vontade. Nem consigo tocar. No outro dia sentei-me normalmente para estudar e, três quartos de hora depois, tive que parar. É que nem conseguia tocar direito. Estava-me a irritar. E, pronto, parei.»

- Como é que se consegue ser pianista assim?

« Isto é a exceção. A regra é estar muitas horas ao piano, porque gosto. Dá-me prazer ver as coisas a aparecer e o trabalho a surgir.»

Romper com o século XIX

- Começaste a estudar piano com que idade?

« Oito anos. Nessa altura, entre os oito e os quinze, às vezes era por obrigação. Ninguém aos dez anos gosta de estar muito tempo sentado ao piano, quer é ir brincar. Mas mesmo assim quando era pequeno nem os meus pais me obrigavam, nem eu via o piano como uma chatices, já era por gosto. Era uma coisa que acontecia naturalmente. Fui eu que pedi para estudar. Aprendi primeiro solfejo, educação musical e essas coisas. A primeira vez que me puseram um piano

e uma música à frente o professor disse-me: olha o dó é aqui. E eu toquei a música do princípio ao fim. Quando se tem este tipo de noção, ou o que se quiser, acontece naturalmente que há uma relação forte. Não é normal este tipo de coisas.»

- Então, volto ao princípio, há muito de intuição?

« Claro. Há muito de intuição. Eu fio-me sempre na intuição e no que sinto, é aquilo em que acredito mais, porque é o mais natural. Nunca podemos ir contra os nossos instintos nem contra a nossa maneira de sentir. Pode-se é ir contra a nossa maneira de pensar.»

O Pedro foi seleccionado entre 3000 para, com outros trinta e nove pianistas de todo o mundo, estar presente no VIII Concurso Internacional de Piano Van Cliburn, em Fort Worth no Texas.

- Andas a preparar-te para o concurso nos Estados Unidos de que forma?

« Este mês fechei a loja. Não dou concertos, vou só concentrar-me no estudo daquilo que vou tocar na América. Vou isolar-me, porque é necessário. Em Maio lá terei que ir para os Jogos Olímpicos.»

- Vais trazer uma medalha de ouro?

« Não faço a mínima ideia. É ridículo se disser que não gostava. Vou fazer o melhor que sei. Uma corrida é mais fácil, a pessoa que correr mais depressa chega à frente, no piano não é assim, há uma data de coisas que estão em jogo, inclusive o momento, pode sair-se menos bem numa prova. Há dias e dias...»

- Vão estar presentes delegações de vários países. Tu és o único português. Isso diz-te alguma coisa?

« Não é que eu não seja português, porque sou. Mas não vou lá com espírito patriota levar a bandeira. No outro dia perguntaram-me: então você vai representar Portugal? E eu disse: Não vou representar-me a mim.»

- Tu dizes que o compositor que gostas mais de tocar é Schubert. Qual é o que mais usas para estudar?

« Schubert foi uma paixão que entrou e ficou. Sempre que pego

numa música de Schubert acontece qualquer coisa. Agora voltei-me a apaixonar pelo Bach de uma maneira muito forte e é onde vou buscar muita coisa para tocar outros compositores. Acho que com Bach se aprende imenso. O pianista tem um bocado o hábito, o que acontece porque o piano foi o rei do século XIX, de se agarrar apenas a esse século e tocar música desse século. Quase que se criou uma regra de como tocar piano ligada ao século XIX. Bach é um bocado o querer-me ver livre dessas coisas, desses preconceitos todos. E livrar-me também do piano, porque ao tocar Bach não posso pensar no piano tenho que pensar na música. Ao tocar Chopin tem que se pensar, obviamente, no piano.»

- E o que é que ouves?

« Ando sempre a descobrir músicas novas e na música clássica há tanta, tanta, coisa que se desconhece. Quando vou comprar um disco agarro sempre no que não conheço. É uma experiência do caracas pegar numa coisa que não conheces e de repente descobres que é lindíssima. É como ir a um país qualquer e veres um edifício, ou uma paisagem, ou uma pessoa que não conhecias e perguntas: porque é que não conhecia esta pessoa há mais tempo? E isto fora do piano. É raro ouvir música de piano a não ser quando vou ouvir o que outra pessoa tem a dizer sobre uma música que estou a estudar. De uma maneira geral é raro pôr uma música de piano e sentar-me a ouvir.»

- No teu estudo fazes escalas?

« Não, deixei de fazer escalas há muito tempo. Quando era miúdo para as conseguir fazer a minha mãe punha-se ao meu lado a ler os grandes romances clássicos russos. Foi assim que ouvi ler "A Mãe", "Guerra e Paz", etc. Se me pedirem para fazer uma escala não sei. Se calhar é uma vergonha. Mas para que é que eu preciso de fazer escalas? Se aparece uma numa música é aí que eu tenho que a fazer. Ninguém vai fazer um concerto de escalas.»

- Nem para treino de mão?

« Há maneiras e maneiras de estudar. Há pessoas que necessitam desse tipo de tra-

balho.»

- Qual é o teu método de estudo?

« Eu não consigo separar a parte técnica do resto. Estudo com peças.»

Prince, Zappa, Laginha e o jejum

- Tens 25 anos. És muito jovem. És de uma época em que normalmente, com 18/20 anos, os jovens se viram muito mais para o rock do que propriamente para a música erudita...

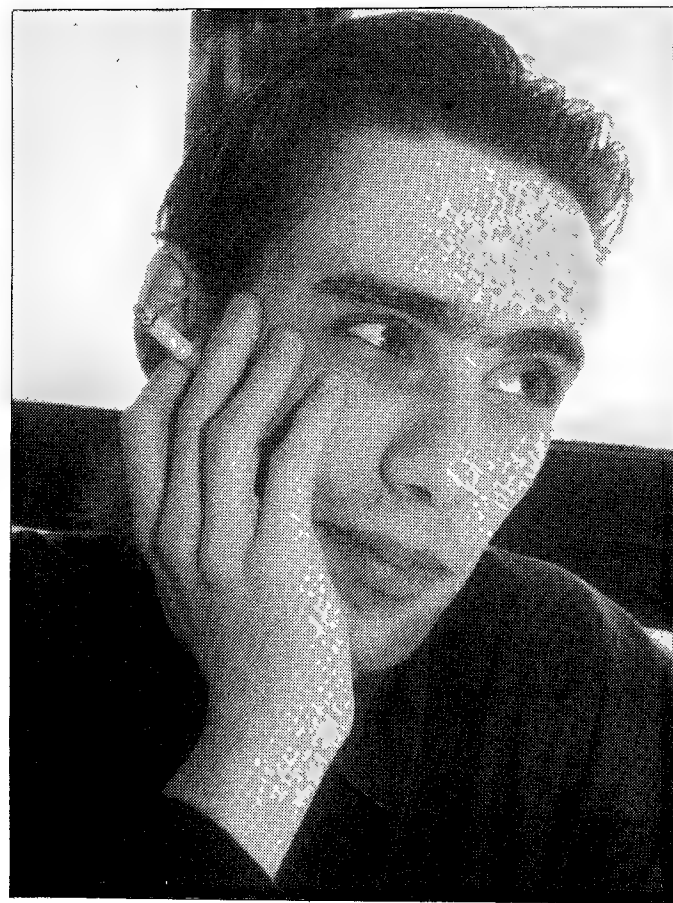
« E eu virei-me para os dois. Claro que é menos natural virar-se para a música clássica e a minha formação de adolescente foi normal, igual à das outras pessoas todas. Eu consumia rock da mesma maneira que os outros. Ia a concertos, ia a discotecas, e vou. Só não oiço rock em casa. Nem compro muitos discos de rock, porque acho que é uma música que tem que ser ouvida em contextos muito especiais. A não ser uma ou outra.»

- Quais são as tuas preferências?

« Ponho lá em cima o Prince em primeiro lugar, sem dúvida nenhuma. Depois há outros que eu gosto também. Mas assim ao nível do Prince não há ninguém. Ponho o Frank Zappa, mas é totalmente diferente, também um grande músico e um grande performer que sabe muito de música. É um rock erudito não é um rock de massas. Mas a maior parte é um rock primitivo, uma música de consumo imediato, para consumir, gastar e deitar fora. Se calhar, deste ponto de vista tem piada.»

- Tens contactos com músicos de outras áreas musicais?

« Tenho. Conheço muita gente, do jazz e do rock, em Portugal. Gosto muito de conversar com eles. Os músicos de música clássica são, de uma maneira geral, muito mais facciosos, muito mais preconceituosos a falar de música do que o músico de outras áreas, que é um músico que geralmente admite, quando fala comigo, que faz uma música que está a muitas milhas de distância da minha, tem consciência que é uma música que exige outro tipo de formação e trabalho, mas, por um lado nem me põe num pedestal, nem se rebaixa. Há uma relação normal de entender as coisas. Enquanto um



Pedro Burmester, olhar sereno!

músico clássico a priori nem fala com músicos de outras áreas, porque considera que faz música inferior.»

- Então, nesse caso, puxava-te para uma polémica, iniciada pelo maestro Victorino de Almeida, que afirma que rock não passa de um ritmo militarista de compasso binário.

« É evidente que é verdade que o rock é uma música primária, que praticamente não evolui, com um ritmo muito simples, quadrado. Mas a função da música rock não é, para mim, a de criar grandes músicos ou fazer grande música. É uma função muito mais social, ou se quiseres politizada. Num concerto rock não vou pedir que me dêem uma música extraordinária. Vou pedir, sim, que seja um grande performer, que tenha um poder comunicativo muito forte em palco.»

- Tu és de facto uma pessoa extremamente aberta. Não te importas nada de te apresentares em concerto em dueto com Mário Laginha que é um músico de jazz. Essa colaboração, concretamente, consiste em quê? O que tiras dela?

« A sugestão nem partiu de nós. Partiu de uma amiga comum que perguntou porque é que não nos juntávamos. Achava que, eu e o Mário, tínhamos uma atitude em relação à música idêntica. Depois de o conhecer acho que é verdade. O Mário também tem uma atitude extremamente aberta e despreceituosa em relação à música. E os músicos de jazz são, um pouco como os de música clássica, bastante tradicionalistas e fechados e pouco receptivos a outras músicas. O Mário não. Ao primeiro contacto com ele identifiquei-me logo. Percebi que ali podia haver qualquer coisa que ligasse bem. Mal nos juntámos, a dois pianos, isso percebeu-se. A ideia inicial se-

ria fazermos algumas coisas do clássico e entrar pelo jazz dentro. Mas é um bocado arriscado, mais para mim que para ele, ele tem as duas, começou o jazz tarde depoido do clássico, eu só tive o clássico. O que fizemos foi encontrar um repertório que não é uma coisa nem outra. Não é jazz, na medida em que não é improvisado, mas com influências do jazz e da música clássica. É um repertório com coisas deste século, muitas coisas americanas, vamos tentar agora arranjar coisas brasileiras e argentinas.»

- Eu vi-os na Festa do Avante. E, independentemente, de achar que é como tu dizes senti também uma grande influência afro.

« A ideia é essa. Ir buscar músicas de raiz popular com arranjos do Mário para dois pianos. Vamos pegar em chorinhos brasileiros, também. Utilizar a música popular eruditando-a com os arranjos. O trabalho com o Mário dá-me muito gozo.»

O Pedro estava visivelmente nervoso. Mais tarde confidenciou ser o seu estado normal quando conhece alguém.

- És uma pessoa nervosa?

« Sou uma pessoa não relaxada, não calma. Não é a mesma coisa que ser nervoso. Há alturas em que aparento calma, mas não o sou.»

- E quando dás um concerto?

« É sempre difícil. A gente por mais que se habitue, por mais que toque muitas vezes, a única coisa que aprende é a dominar-se melhor. Mas tem um toque fascinante. Qualquer situação em que uma pessoa está sózinha, sem ninguém, exige um conhecimento de si próprio, até o mínimo detalhe. Estás ali e é o momento da verdade. Foi onde aprendi a conhecer-me e a saber até onde podia ir, saber os meus limites. Essa aprendizagem de palco traz-nos uma maneira de saber controlar, e passar por

cima do nervoso. Agora, ele existe sempre. É um dia em que não como absolutamente nada. Mais uma razão para não poder dar muitos concertos por ano, se não morria (ri).»

- Não comes nada, porquê?

« Não consigo ter fome. E já me aconteceu muitas vezes vomitar antes de tocar. E vomitar nada porque não comi nada. Mas, depois de entrar em palco, começando a tocar isso passa tudo. A gente esquece tudo. Além das vezes que não se consegue concentrar por mais que se queira, são concertos horríveis, passas um martírio do princípio ao fim. A pessoa por mais que queira não está lá dentro. Mas, de uma maneira geral, a partir do momento que começa a tocar, pronto. Tantas vezes que eu penso: porque é que faço esta vida se isto aqui é um sofrimento tão grande? Isto é masoquismo. Mas chego ao palco e esqueço, valeu a pena, quando acabo já nem me lembro desse momento que passei.»

A noite e os ciúmes do piano

- A Maria João Pires diz não ter cuidado especial com as mãos, inclusive lava loiça antes dos concertos. E tu, tens cuidado com as tuas mãos?

« Muito pouco. Muito pouco e muitas vezes as pessoas repararam e ficam um bocadinho escandalizadas. A Maria João Pires faz isso um bocadinho pela mesma razão que eu digo que não sou escravo do piano. Eu conheço alguns pianistas que não tocam em nada, não pegam num peso, não pegam numa faca. É um bocadinho ridículo. Às tantas não fazem nada porque as mãozinhas não podem tocar em nada. Isso passa um bocadinho pela atitude de não querer ser

escravo. Mas jogo futebol, não jogaria ténis porque isso é perigoso para o pulso, ou trepo a uma árvore... Não estou a pensar nisso. Mas se for cair se calhar protejo as mãos. Está no inconsciente. Mas não é uma coisa que me preocupe, de maneira nenhuma.»

- Normalmente o músico erudito não aparece, fecha-se em casa, é um jovem introvertido, que se movimenta em sítios restritos. Tu curtes a noite. Qual é a importância dessa vivência? Até que ponto a noite é importante para ti?

« Eu adoro a noite por várias razões. Primeiro porque durante o dia, de uma maneira geral, as pessoas não têm tempo para nada, ou não têm tempo para se encontrar, ou os encontros que marcam não são propriamente para estarem uns com os outros, normalmente o dia é para o trabalho, é assim que está feito. Chega à noite e não há horas. As pessoas têm muito mais disponibilidade, predisponibilidade, para estarem umas com as outras, para conversarem e para falarem de outras coisas. As conversas mais interessantes ou os momentos mais especiais que passei com as pessoas foram sempre à noite. Já fui mais noctívago do que sou. Noctívago no sentido de sair à noite, embora me deite todos os dias às quatro da manhã.»

- Quando não saís ficas a fazer o quê?

« Fico a ler ou fico a ver alguma porcaria em vídeo, porque o vídeo faz com que a gente veja muita porcaria, sem ter que pensar em nada, ou fico com pessoas. Vou muito menos a bares e a discotecas do que ia. Cansei. Havia uma altura que saía todos os dias. É preciso uma pedalada incrível para isso.

Tenho um grupo de amigos, digamos, que são pessoas importantes para mim, e como a maior parte deles é noctívago mais uma razão para eu sair à noite. São pessoas que não têm nada a ver com música. Eu sou uma pessoa normal. Se calhar faço é uma coisa que não é tão normal. Mas, no fundo, sou uma pessoa igual às outras, com as mesmas necessidades, as mesmas vontades, os mesmos desejos e a mesma maneira de sentir. A noite tem todo esse lado que não tem a ver com horas, não tem a ver com maneiras de estar com regras próprias. Acho que chega uma certa altura na noite em que já não interessa muito bem como se diz, mas o que se diz. Já não interessa muito como se está. As máscaras e as barreiras começam a cair e a gente começa a falar das coisas duma maneira muito mais natural, sem toda essa teatralidade que há no encontro das pessoas em ambientes sociais e de trabalho. E é um hábito. Toda a minha família é noctívaga. O meu pai o mais noctívago de todos, levanta-se às cinco e meia. O resto da família: até às quatro pode ligar-se lá para casa que está alguém acordado. Agora não porque os meus irmãos já não vivem lá, mas quando viviam a gente encontrava-se às quatro da manhã na cozinha, quando cada um vinha de algum lado, e ficávamos a discutir até às tantas. Foi um hábito que se criou e a que eu estou habituado.»

- Gostas de ler? Faz parte dos teus hábitos?

« Gosto de ler. Mas é por fases. Há alturas em que leio muita coisa e há alturas em que só leio porcaria. Agora estou numa fase que não é nem carne,



Pedro Burmester: «Não castro o que sinto ou penso»

nem peixe.»

- O que é que andas a ler?

« Ando a ler Herberto Helder. Tenho também em lei-

tura um dicionário de música engraçadíssimo do Tomás Borba e do Lopes Graça, feito em cinquenta e tal. Depois tenho leituras de porcaria que são óptimas para adormecer mais depressa.»

- Dizes que se algum dia te fartares do piano abres uma mercearia. Conta lá.

« Isso é uma combinação com um grande amigo meu. É das poucas pessoas que eu falo e bastam três palavras para compreendermos as outras quarenta. Há uma comunicação entre nós rara. Fizemos muita coisa juntos. Até tivemos um programa de rádio nos bons tempos da pirataria. E tivemos a ideia que no dia em que nos chatearmos do que andamos a fazer abrimos uma mercearia juntos.»

- Porquê uma mercearia?

« Adoro mercearias desde sempre, aquelas mercearias de bairro que têm tudo, estão cheias de coisas e depois têm um cheiro óptimo. E têm um ambiente engraçado, as pessoas chegam e falam das suas vidas e contam as suas histórias. Têm imensa piada as mercearias. Eu não gosto de pensar que toda a minha vida, até aos setenta anos, até pode não acontecer, mas partindo do princípio que a minha carreira se vai desenvolvendo cada vez mais, vou ter que fazer a mesma coisa se não me apetececer.»

- A visão romântica do pianista é a do indivíduo com uma vida afectiva turbulenta, sofrida...

Tens uma vida afectiva equilibrada?

« Cheia. (ri) Boa pergunta. Não sei muito bem o que é uma vida afectiva equilibrada. Se calhar o desequilíbrio vai provocar equilíbrio nos outros lados. Mas no sentido que as pessoas acham que é uma vida afectiva equilibrada, não tenho.»

- Faço a pergunta de outra maneira. Tens uma vida afectiva que não te dá problemas?

« Não. Porque eu gosto de problemas na vida afectiva. A vida afectiva sem problemas torna-se numa rotina. Com a idade acho que há um encaminhar natural das coisas que leva a que as pessoas estabilizem, ou se balanceiem, ou se equilibrem. Infelizmente é essa a tendência natural, infelizmente, não sei... Ainda estou para saber se sim ou não. Quando se tem vinte anos a tendência é confusão, é procurar em muitos sítios, é procurar muitas coisas e muitas pessoas. Mais tarde a tendência é filtrar o que é mais válido e se dá mais importância. Acho que estou nesse processo, tentar equilibrar e tentar saber aquilo que é importante. Não respondi á pergunta, obviamente (ri).»

- A tua vida afectiva não interfere na tua vida profissional?

« Interfere. Acho que uma coisa tem directamente a ver com outra. Acontecia-me, ou acontece-me, quando estou apaixonado não conseguir estudar. Quando me envolvo apaixonadamente vivo só para isso e, portanto, não há mais nada. Obviamente o piano ressent-se, e o piano é ciumento, pede muito para si. Não se pode distinguir aquilo que se faz daquilo que se vive. Muito mais no campo das artes, onde é muito mais óbvia a ligação.»

- Uma paixão decepcionante é estimulante?

« (ri) Acho que sim. Aquela não deu volto-me para a outra que essa, ao menos, é certa.»

- É indecente, eu se fosse o piano zangava-me.

« Ainda bem que ele não sabe.»

- Se calhar sabe e obriga-te a trabalhar mais nessas alturas. (rimos)

« Eu facilmente me deixo levar conscientemente pelas situações e pelas pessoas, se uma situação me está a entusiasmar eu não me importo, não penso racionalmente. Imagina que estou às tantas da manhã com uma pessoa que me está a dizer alguma coisa e me está a passar para uma situação nova, por mais que tente racionalizar, - bom, já é tarde ou não sei quantos - não, o natural é seguir, é ir. Tenho uma relação com as coisas muito afectiva, portanto não castro aquilo que sinto ou penso.»

Uma personalidade fascinante. Um pianista espantoso. Pode-se ficar horas infundadas, de um prazer imenso a ouvir Pedro Burmester. Estas foram as possíveis.



As minhas mãos...iguais às outras!

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Alfa 2

O URSO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa 3

GEMEOS
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa 4

UM PEIXE CHAMADO WANDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa Club

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras

Amoreiras 1

O URSO
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 2

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 3

GEMEOS
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 4

UMA MULHER DE SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 5

GANGLAND — A HISTÓRIA DE VERNE MILLER
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 6

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 7

O TURISTA ACIDENTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 8

OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 9

COCKTAIL
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00h

Amoreiras 10

LINHAS TROCADAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.45, 21.45 e 24.00h



Karen Blixen/Isak Dinesen's Babette's Feast

A FESTA DE BABETTE em exibição no Quarteto Sala 3
maiores de 12 anos, qualidade

Pub.

Apolo 70

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Ávila

— T. 539930

O TURISTA ACIDENTAL
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45h

Berna

— T. 776060

O URSO
(maiores 6 anos)
15.15, 18.00 e 21.30h

Capitólio

— T. 372358

MIRONES SEXUAIS
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00h

Cinebolso

O TAPA-BURACOS
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Cine Camões

T. 324194

A ARTE DO CRIME
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Cine 222

— T. 533253

BRADDOCK/Desaparecido em combate 3
Estrela Nacional
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h
MULHERES EM FÚRIA
24.00h

Cinemateca Portuguesa

O SILÊNCIO
18.30h
A MÁSCARA
21.30h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Anusha

UMA OUTRA MULHER
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30h

Estúdio Sheza

NA LISTA DO ASSASSINO
(maiores 16 anos)
15.15 e 21.15h

City Cine

— T. 549999

UM PEIXE CHAMADO WANDA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Condes

— T. 322523

MISSISSIPPI EM CHAMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Eden

— T. 320768

A HISTÓRIA DE VERNE MILLER
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Estúdio

— T. 555134

QUEM TRAMOU ROGER RABBIT?
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.00h

Estúdio ACS

— T. 887255

UMA MULHER DOS DIABOS
(maiores 6 anos)

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

A LEI DO DESEJO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Sala 2

OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45h

Sala 3

UM PEIXE CHAMADO WANDA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45 e 21.15h

Forum Picoas

— T. 541037

AMADEUS
(maiores 12 anos)
19.00 e 22.00h

Gemini

— T. 734009

GEMEOS
(maiores 6 anos)
15.00, 18.00 e 21.30h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

UMA MULHER DE SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00h

Sala 2

MISSISSIPPI EM CHAMAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Império

— T. 555134

O URSO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

King Triplex

Sala 1

SUPERMAN IV — Em Busca de Paz
(maiores 6 anos)
14.30 e 16.45h
O DERRADEIRO COMBATE
(maiores 16 anos)
19.00 e 21.30h

Sala 2

GENTE ESTRANHA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h, excepto sábado e domingo, 21.45
SUPERMAN IV — EM BUSCA DE PAZ
Sábados e domingos às 19.15h

Sala 3

REGRESSO A JUVENTUDE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

UMA MULHER DE SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30h

Sala 2

MISSISSIPPI EM CHAMAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45h

Londres

— T. 801313

UMA MULHER DE SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

ENCONTRO DE IRMÃOS
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Sala 2

O URSO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3

OS ACUSADOS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Nimas

— T. 574362

O REGRESSO DE UM SELVAGEM
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Odeon

— T. 326283

DESAPARECIDO EM COMBATE III
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Olimpia

T. 325309

CAMAS QUENTES
(interdito men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14.00h

Politeama

T. 326305

NAS LINHAS DO INIMIGO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

TURISTA ACIDENTAL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h
DESESPERADAMENTE PROCURANDO SUSANA
(maiores 12 anos)
23.45h

Sala 2

A COMISSÁRIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30h
A CANÇÃO DO CARRASCO
(12 anos)
23.30h

Sala 3

A FESTA DE BABETTE
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30h
A SEITAA DO MAL
(maiores 12 anos)
23.30h

Sala 4

ANGÚSTIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h
ARMA MORTÍFERA
(maiores 12 anos)
23.30h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
15.30 e 18.30 e 21.30h

Sala 2

GEMEOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15h

Sala 3

UM PEIXE CHAMADO WANDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

7.ª Arte

— T. 730715

LIGAÇÕES PERIGOSAS
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45h

Star

— T. 804210

ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Terminal

— T. 371573

O ESCORPIÃO VERMELHO
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45h

Tivoli

— T. 570595

O URSO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Turim

T. 706666

VERTIGEM AZUL
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30h

Xenon

T. 368480

ONZE DIAS, ONZE NOITES
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Linha de Sintra

AMADORA — Babilónia — Encontro de Irmãos, às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h (maiores 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine-Teatro Chaby — Sangue nos Trópicos (12 anos) 21.30h

CACÉM — Cinestúdio Flores — A Casa Suspeita, às 15.00, 21.30 (maiores 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — Encerrado para descanso do pessoal

Linha de Cascais

ALGÉS — Cinema 2000 — Atraídos, às 21.30h (maiores 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Urso», às 15.15, 18.15 e 21.30h (maiores 6 anos)

Sala 2 — «Os Gémeos», às 15.30, 18.15 e 21.45h (maiores 12 anos)

NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — Desaparecido em combate III, às 15.15, 18.15 e 21.15h (maiores 16 anos)

Sala 2 — Ligações Perigosas, às 15.30 e 21.45h (maiores 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Ligações Perigosas», às 15.30 e 21.30h (maiores 16 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Uma Mulher de Sucesso», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «O Urso», às 15.15 e 21.45h (maiores 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Viúva Mas Não Muito», às 15.30, 18.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível Almada — Pink Flod, às 16.00h (maiores 18 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — O Clã do Urso das Cavernas (12 anos).

JOÃO AYRES NA GALERIA BARATA



Na Galeria de Arte da Livraria Barata, Av. de Roma, 11-A, encontra-se patente até 22 de Abril uma exposição de Pintura da autoria de João Ayres.

Nascido em Lisboa em 1921, este artista estudou Arquitectura nas Escolas de Belas-Artes de Lisboa e Porto. Realiza a sua primeira exposição individual em 1949, em Lourenço Marques. Foi-

lhe atribuído o prémio da Imprensa moçambicana para o melhor artista plástico, em 1966. Em 1968 é bolseiro da Fundação Gulbenkian. Executa cartões para painéis e tapeçarias do Banco Nacional Ultramarino em Quelimane, em 1970. Prémio do Salão de Outono do Casino Estoril de 1982. Menção honrosa do VII Salão de Outono da Galeria do

Casino Estoril.

João Ayres, que conta no seu activo com um considerável número de exposições individuais e colectivas, está representado nos Museu de Arte Moderna de São Paulo e Rio de Janeiro, nas colecções das Câmaras Municipais moçambicanas de Lourenço Marques (actual Maputo) e Beira, na antiga

colecção da Agência Geral do Ultramar e no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian. Quadros seus estão em numerosas colecções dos Estados Unidos da América, Canadá, Japão, África do Sul, Zimbábue (antiga Rodésia), Espanha, França, Itália, Inglaterra, República Federal da Alemanha, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Portugal, Angola e Moçambique.

EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: A exposição temporária "Imagens do Tempo", escultura portuguesa do século XIII ao XVIII.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: Joias de Gordillo - do metal à transparência.

MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira - Restelo): a exposição "Artefactos Melanésios - reflexões pós-modernistas". Trata-se de um acontecimento científico de significativa importância, na medida em que os objectos expostos constituem a única colecção etnográfica da Melanésia existente no nosso país. O acervo foi recolhido naquela área do Pacífico Ocidental nos princípios do século e é agora apresentada pela primeira vez ao público.

GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 29 de Abril, pintura de Maria Gabriel subordinada ao tema "Brumas Marítimas Nevoadas", obras inspiradas nos textos da História Trágico-Marítima.

PALÁCIO AZURARA (Largo das Portas do Sol, 2): no âmbito das comemorações do 35º aniversário da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, uma exposição de azulejos, desenhos e óleos da autoria do mestre daquela Fundação e chefe da oficina de pintura decorativa, Júlio Mascarenhas Brás.

ARCADAS DO ESTORIL: até 23 de Abril a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta pintura de Abreu Pesssegueiro intitulada "Portugal, o Mar e o Sonho".

GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 17 de Abril, todos os dias das 15 às 24, a exposição "Aquarela Contemporânea".

PAVILHÃO DOS CONGRESSOS DO ESTORIL: até 16 de Abril, o 11º Salão de Antiguidades da Costa do Estoril.

GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): Pintura de Ruy Leitão.

GALERIA S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): até 22 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 e sábados das 10 às 13, "Pinturas Recentes" de Paiva Raposo.

APTCA (R. Aquiles Machado, 3-G): para inauguração deste "Espaço Arte" da Associação Portuguesa de Tripulantes de Cabine, até 30 de Abril uma exposição colectiva com obras de António Six, Carlos Alberto Santos, Carlos Luz, Fernando Carlos, Germano Santo, Gregório Gomes, H. Mourato, José Brito, Luís Furtado e Preben Boesen.

ESCOLA FERREIRA BORGES: até 4 de Maio, o XIII Salão de Artes Plásticas que engloba pintura, escultura, cerâmica e desenho, promovido pelo Núcleo dos Antigos Alunos da Escola Comercial Ferreira Borges.

O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. Dr. Alfredo Costa-Sintra): até 26 de Abril, a exposição colectiva "Éros" com trabalhos de pintura, desenho, gravura, cerâmica e escultura, da autoria de Mª José Ferreira, Abílio Febrá, António Pocinho, Gil Perdigão, João Amaral e Romeu Costa.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: Pintura de Luís Aniceto, Henrique Mourato, Jesus Ferreira e Mena Brito.

MONTE-MOR-O-NOVO (GAT): até 19 de Abril, a colectiva de artes plásticas "Montemor-o-novo Cidade".

CORUCHÉUS (R. Alberto de Oliveira-Alvalade): até 13 de Abril, todos os dias das 15 às 17, pintura de Ana Aragão com o título "Ecloração".

GALERIA DA LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 22 de Abril, pintura de João Ayres, patente de segunda a sábado das 12 às 23.

GALERIA PALMA (Cª de Palma de Baixo, 6): até 21 de Abril, todos os dias excepto domingos e feriados, das 14 às 20, óleos de Helena Menezes com o título "Terra, Mar e Céu".

GALERIA AAPACO (Ex-Atelier 15, R. Freitas Gazu, 24-D): até 15 de Abril, de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19,

a exposição "Entre Macau e Salzburgo", xilografia e desenho de Maria de Lurdes Melo.

GALERIA VORAGEM (Av. Guiné-Bissau, 28 A-Setúbal): a Cetária apresenta até 6 de Maio uma exposição de cerâmica de Raquel Zargallo.

ESPAÇO POLIGRUPO/ RENASCENÇA (R. Ivens, 14): integrada na "Semana de Animação do Chiado", a Rádio Renascença promove a Exposição de Arquitectura organizada pela Associação de Estudantes de Arquitectura de Lisboa. Patente até o próximo dia 7, esta exposição integra projectos e maquetes de jovens estudantes de Arquitectura de vários países europeus.

COOPERATIVA ÁRVORE (R. Azevedo de Albuquerque, 1-Porto): até 11 de Abril, duas exposições: Desenho e Escultura de Carlos Cobra e Gravura e Fotografia de Américo Silva.

ARTBOLSA (Padrão dos Descobrimentos, frente aos Jerónimos): até 10 de Abril, todos os dias das 15 às 20, uma colectiva de Artes Plásticas.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS (Av. Infante D. Henrique): exposição de Pintura e Escultura do património da Caixa Geral de Depósitos, no âmbito das comemorações do Bicentenário do Ministério das Finanças.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: exposição de Pintura de Melopo.

GALERIA ARA (C. C. Libersil, loja 48-Av. da Liberdade, 38): até 17 de Abril, desenho, pintura e escultura de João Frago.

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO: até 13 de Abril, a exposição "Dispositivos Têxteis" de Ana Gonçalves.

GALERIA FONTE NOVA (Centro Comercial-Estrada de Benfica): até 16 de Abril, pinturas recentes de Nuno San Payo.

CENTRO CULTURAL DA DAMAIA: até 28 de Abril, de segunda a sexta das 17 às 20,30 e aos sábados das 15 às 20, pintura de Silvina Jerónimo.

MOINHO DE MARÉS DE

CORROIOS (Sexal): uma exposição colectiva de pintura cerâmica com obras de Ana Dionísio, Cecília Guimarães, Eduarda Coutinho, Emília Gomes, Emília Moraes e Manuela Marques. Organização da Câmara M. do Seixal.

SALÃO DA MISERICÓRDIA (ALPI-ARÇA): até 2 de Maio, a exposição "A Terra e o Homem" organizada pelo Serviço de Exposições e Museografia da Gulbenkian, no âmbito das comemorações do 75º aniversário do concelho de Alpiarça.

FOTO GALERIA 12 A (Costa do Castelo, 12-A): até 21 de Abril, de segunda a sábado das 9,30 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, fotografias de Paula Campos e Teresa Moraes.

GALERIA ROCA (Marinha Grande): até 14 de Abril, pintura-escultura de Luís Soares.

GALERIA MARGEM (Faro): até 14 de Abril, óleos e aquarelas de Joaquim Morgado, José Socorro e José Dias.

GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria, 13-Sintra): até 14 de Abril, pintura de Margarida Vigôco.

MUSEU MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM: até 4 de Junho, a exposição "Artistas Africanos"

CLUBE DO COLECCIONADOR (Forum Picoas): até 15 de Abril, tapeçaria de Kika Costa Campos.

GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 15 de Abril, de segunda a sexta das 14,30 às 22 e sábados das 15 às 18, a exposição de pintura "Megalitos" da autoria de Gloria Elena.

CENTRO DE ARTE SOCTIP (R. de D. Estefânia, 195-D): até 24 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 20 e sábados 10 às 14, a exposição "Desaforismos" com obras originais do pintor Artur do Cruzeiro Seixas.

GALERIA TAPEÇARIAS DE PORTALEGRE (R. da Academia das Ciências, 2-J): tapeçaria e escultura de Jorge Martins.

INSTITUTO

ALEMÃO (Campo dos Mártires da Pátria, 37): até 21 de Abril, a exposição "Técnica Morta" - 56 fotografias de Manfred Hamm.

GALERIA LEO (Tv. da Queimada, 48-Bairro Alto): até 13 de Abril, a exposição "Desenhos", com obras de Álvaro Lapa, Ana Isabel, Fernando Calhau, Gaetan João Vieira, Manuel João Vieira, Pedro Calapez, Pedro Proença, Rui Chafes e Rui Sanchez.. Patente de terça a sábado das 14,30 às 19,30.

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): até 12 de Abril, de segunda a sábado das 16 às 20, uma exposição de pintura de Diane Gillham intitulada "Olhar Portugal".

GALERIA SANTA JUSTA (R. de Sta. Justa, 93-2º): até 28 de Abril, a exposição de pintura "Vista de cima a terra é azul", de Vítor Pi.

GALERIA 111 (Campo Grande): até 24 de Abril, escultura de Vítor Ribeiro.

GALERIA DE S. BENTO (R. do Machadinho, 1-ao Quellas): até 11 de Abril, de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, segundas das 15 às 20, uma exposição de Mimi.

MUSEU REGIONAL DE SINTRA: a exposição "A Vila mais Ocidental do Império Romano - Santo André de Almoçageme/Sintra".

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA: I Exposição de Banda Desenhada Juvenil.

GALERIA DO HOTEL ESTORIL-SOL: até 9 de Abril, todos os dias das 15 às 20, a exposição "Portugal, Luz e Cor" da autoria do artista dinamarquês Preben Boesen.

CONVENTO DOS CAPUCHOS (Caparica): até 28 de Maio, por iniciativa do Museu Municipal de Almada, a exposição "Intervenções Arqueológicas".

GALERIA QUADRAM (R. Alberto de Oliveira-Corucheus): até 15 de Abril, a exposição de Pintura de Isabel Laginhas "Jogos das Mil e Uma Noites", de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 20, sábados das 15 às 19.

GULBENKIAN (Galeria de Exposições Temporárias):

"Pintura dos Anos 80 de Filipe Rocha de Silva.

Até 9 de Abril, Pintura de Maria de Lourdes de Mello e Castro.

GULBENKIAN (Exposições Temporárias, Piso 0): Pintura de Júlio Resende.

NOVA GALERIA DE ARTE (R. Alfredo Figueiras, 1-Barreiro): até 30 de Abril, a exposição "Aquarelas da minha terra" de António Colaço. Todos os dias, excepto segundas-feiras, das 16 às 20.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): nas salas A, B e C, até 9 de Abril, pintura a óleo de Américo Freire.

GALERIA ANA ISABEL (R. da Emenda, 111-1º): até 15 de Abril, de segunda a sábado das 14 às 19, óleos e aquarelas de Sá Nogueira.

CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 3 de Maio, de terça a sexta das 17 às 20 e sábados das 15 às 20, pintura de Leonor Veiga.

GALERIA ÍCARO (R. Presidente Arriaga, 70): até 6 de Maio, de terça a sábado das 14,30 às 19,30, a exposição "Diáspora", com obras de Vieira da Silva, Júlio Pomar, Eduardo Luís, Paula Rêgo, João Cutileiro, Celeste Maia, Margarida Kendall, Luís Lemos, Rui Filipe e Cândido Portinari.

MÚSICA

CASINO ESTORIL:

Concerto de Dionne Warwick. **GULBENKIAN** (grande auditório): às 18,30 concerto pela Orquestra e Coro Gulbenkian, com o maestro Muhai Tang e o pianista Gerhard Oppitz. Obras de Beethoven.

CONFERÊNCIAS

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: às 21,30, integrado no programa "Lusitânia" e em acção paralela ao Teatro Gil Vicente, apresentado pelo Grupo Persona, um colóquio dirigido por Maria José Ferro Tavares subordinado ao tema "O Judeu entendido como o outro na sociedade portuguesa da época dos Descobrimentos".



Farmácias
MÉDICO
DE
URGÊNCIA
76 61 71
76 61 78
76 61 79
Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— ALFAMA - ESCOLAS
GERAIS: Anunciada, R. do
Vigário, 72-74 (T. 863360);
ALTO DE SÃO JOÃO: Nova
Luz, R. D. Domingos Jardo,
28-A (T. 843439); ALVALA-
DE: Alentejo, Av. da Igreja,
28-B (T. 892682); AVENIDA
DA REPÚBLICA: Cardote,
Av. Visconde de Valmor,
28-A-B-C (T. 772291); BAI-
XA - COLISEU: Centro Far-
macêutico, R. das Portas de
Santo Antão, 88 (T. 321211);
BENEFICÊNCIA - SETE
RIOS: Laranjeiras, R. Filipe
da Mata, 160-162 (T. 721035);
CEMITÉRIO DOS INGLE-
SES: Urbano de Freitas, R.
Silva Carvalho, 1-5 (T.
662838); CHILE - ANJOS:
Pereira Pinto, Av. Almirante
Reis, 121-B (T. 545751); LU-
MIAR: Nicolau, C. de Carri-
che, lote 4, loja, Esq. (T.
7588727); OLIVAIS SUL:
Marta, R. Cidade de Nampula,
Edifício Paris, lote 534 (T.
333696); PICHELEIRA:
Mariz, C. da Picheleira,
140-B-C e R. Prof. Mira Fer-
nandes, MAF (T. 880703);
SANTO AMARO - CALVA-
RIO: Lisbonense, R. Leão de
Oliveira, 2-B (T. 637020); AL-
FRAGIDE - AMADORA:
Remédios, R. Ivens, 20 (T.
970544); CARNAXIDE: H.
Amaral, Pt. António Boto,
11-A (T. 4104556); ODIVE-
LA: Leitão, R. Guilherme
Gomes Fernandes, 62 (T.
9810051); PONTINHA: Lei-
tão Ribeiro, R. A do Falcão,
3-A (T. 993912).

REFORÇO — AJUDA: Mou-
ra, R. da Memória, 55 (T.
630944); ALAMEDA D.
AFONSO HENRIQUES: Es-
perança, R. Carlos Mardel,
101-B (T. 882968); ALCAN-
TARA: Vieira Rosa, R. Prior
do Crato, 72 (T. 660187);
BENFICA — ESTACAO
URUGUAI: Santa Cruz, Av.
Gomes Pereira, 43-B (T.
704828); CAIS DO SODRE:
Ulamarina, R. de São Paulo,
99-101 (T. 321771); CAMPO
GRANDE: Nova Iorque, Av.
dos Estados Unidos da Améri-
ca, 140-B (T. 760658); CAM-
POLIDE: Oliveira, R. de
Campolide, 54-A (T. 684424);
CORTES - RATO: Castro,
Sucursal, R. de São Bento,
199-A (T. 660513); ENCAR-
NACAO: Ascenso, P. do Norte,
11-A (T. 311216); GRA-
ÇA: Monte, R. Senhora do
Monte, 30-A-B (T. 867842);
MARVILA: Freitas, R. Vale
Formoso de Baixo, 23-A (T.
381136); SAO SEBASTIAO:
Novais, Av. Luís Bivar, 11-13
(T. 544324); BRANDOA -
AMADORA: Brito, R. 25 de
Abril, lote 32-B (T. 995338);
BURACA - AMADORA: Vaz
Martins, Pt. Fernando Pessoa,
loja E, 36-B (T. 970660); OLI-
VAL BASTO: Nova, R. dos
Açores, 11-A (T. 9810305).

**Outra Banda — ALMA-
DA:** Macedo Henriques, R.
Bernardo Francisco Costa, lote
1 (T. 2751297). Permanente;
COVA DA PIEDADE: Avelar
da Silva, R. Dr. Alberto
Araújo, 19-A (T. 2750337).
Permanente; MONTE DE
CAPARICA: Nova, R. dos
Trabalhadores Rurais, 82 (T.
2954436). Até às 19 horas;
COSTA DE CAPARICA: Higienica,
Av. da República, 23
(T. 2400020). Até às 19 horas;
FEIJÓ: Tovar Chaves, R. Dr.
António Elvas, 104-D (T.
2296119). Até às 22 horas;
SE-
SINBRA: Leão, Av. da Liber-
dade, 13 (T. 2233471). Até às
19 horas; LAVRADIO: J.
Consolado, Av. Joaquim J.
Fernandes, 17-C (T. 2043126).
Até às 19 horas; BARREIRO:
Pimenta, R. Conselheiro Joa-
quim António de Aguiar, 259
(T. 2073012). Permanente;
BAIXA DA BANHEIRA:
Cardoso, Av. da Liberdade,
59 (T. 2041044). Até às 19 ho-
ras; CORROIOS: Abreu Car-
doso, B. Cidade de Setúbal,

1-B (T. 2291192). Até às 19
horas; AMORA: Matos Lo-
pes, R. 1.º de Maio, lote 401
(T. 2216355). Permanente;
ARRENTELA: Ana Branco,
Quinta da Murtinheira (T.
2215590). Até às 22 horas;
MONTIJO: Higiene, R. José
Joaquim Marques, 142 (T.
2310370). Até às 22 horas;
MOITA: União Moitense,
Av. Dr. Teófilo Braga (T.
239025). Até às 19 horas;
ALHOS VEDROS: Gusmão,
R. Cândido dos Reis, 30 (T.
2040020). Até às 19 horas;
ALCOCHETE: Gameiro, L.
António dos Santos Jorge, 15
(T. 2340100). Até às 19 horas;
SETUBAL: Costa, R. Miseri-
córdia, 48 (T. 22760). Perma-
nente; Moreira Martins, P.
Olga Sarmiento, 14 (T. 26051).
Permanente; Brasil, P. do Bra-
sil, 15 (T. 24788). Até às 22
horas.

**Linha de Cascais — AL-
GÉS:** Cabrita, P. de Miraflor-
es, lote 12 (T. 4101486). Perma-
nente; LINDA-A-VELHA:
Melo Almeida, R. D. Diogo
Couto, lote 182 (T. 4191697).
Permanente; TIRES: Guima-
rães, L. Duarte, lote A, r/c
(T. 244616). Até às 22 horas;
ALCABIDECHES: Carvalho,
B. Padre P. Correia, 4 (T.
2690363). Até às 22 horas;
PORTO SALVO: Ferreira
Bastos, R. D. Firmino Rebelo
(T. 2421015). Até às 22 horas;
MALVEIRA DA SERRA:
Luz, E. Nacional (T.
2850635). Até às 22 horas;
OBRAS: Mourão Vaz, Av.
de Moçambique, 18-C (T.
2437196). Permanente; CAR-
CAVELOS: Central, R. 5 de
Outubro, 25 (T. 2470037).
Permanente; SAO DOMINGOS
DE RANA: Godinho da
Silveira, R. Afonso de Albu-
querque, lote B, loja 2 (T.
2470361). Até às 22 horas;
PAREDE: Aisir, Av. Gago
Coutinho, Bairro das Caixas de
Previdência (T. 2472948). Perma-
nente; SASSOEIROS:
Amaral Semblano, Quinta das
Encostas (T. 2461312). Até às
22 horas; BIRRE: Imani, lote
7-B, Hêra (T. 2852121); MA-
DORNA: Madeira, R. A (T.
2476326). Até às 22 horas;
AMOREIRA: Abrantes, Vi-
venda Maria Carlos Anjos (T.
2682313). Até às 22 horas; ES-
TORIL: Marques dos Santos,
R. Ferreira J.A., 15 (T.
260116). Até às 22 horas;
CASCAIS: Marginal, Av.
Marginal (T. 280078). Perma-
nente.

**Linha de Sintra — AMA-
DORA:** Igreja, P. da Igreja,
22-A (T. 4937740). Permanen-
te; Flama, R. Elias Garcia,
78-B (T. 4932485). Até às 22
horas; DAMAIA: Confiança,
R. Bartolomeu Dias, lote D (T.
971023). Até às 22 horas;
QUELUZ: André, R. Elias
Garcia, 151 (T. 950043). Perma-
nente; Albergaria, Queluz
de Baixo, Até às 22 horas; CA-
MARATE: Mendonça, L. 25
de Abril, 135-C, Apelação (T.
2573158). Até às 19 horas;
CACÉM: Silva Duarte, R.
Elias Garcia, 167 (T.
9248120). Permanente; AL-
GUEIRÃO: Rodrigues Rato,
R. Morés, 1 (T. 9212038). Perma-
nente; MERCES: Claro
Russo, R. Abade Faria, 2-A
(T. 9215275). Até às 22 horas;
RIO DE MOURO: Riomou-
ro, Av. Oscar Monteiro Tor-
res, 6 (T. 9260194). Até às 22
horas; COLARES: Abreja (T.
9290088); SAO PEDRO DE
SINTRA: Valentim (T.
9230456). Permanente.

**Outras Farmácias —
MOSCAVIDE:** Santa Bárba-
ra, R. Francisco M. Beato,
75-A (T. 2518918). Permanen-
te; SACAVEM: Soares, R. Jo-
sé L. Morais, 15-A (T.
2518025). Permanente; LOU-
RES: Saraiva, Av. da Repú-
blica, 86 (T. 9830037). Até às
22 horas.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Variedades
Parque Mayer. (Telef. 326037)
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e fe-
riados, matinée às 16.00
A PROVA DOS NOVOS, de Henrique Santana,
Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Naza-
ré Fernandes.

Comuna
P. de Espanha — Tel. 726 08 18
Sala Nova

«OS RECRUTAS», de Neil Simon. Espaço cêni-
co e encenação: João Mota. Figurinos: Carlos Pau-
lo. Tradução: Teresa Lacerda. Intérpretes: Abel
Neves, Alfredo Gonçalves, Carlos Paulo, Cucha
Carvalho, Jorge Loureiro, Manuela Couto, Paulo
Ferreira e Victor Soares.

Teatro Nacional D. Maria II
Rossio — Tel. 37 22 46
Sala Gil Vicente

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 16.30

«ÁFRICA», de Isabel Medina. Encenação: Luís
Filipe Costa. Cenários: António Loureiro. Intérpre-
tes: Isabel Medina, José Nogueira Ramos e Guilher-
me Filipe.

Sala Garrett
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«FAUSTO, FERNANDO, FRAGMENTOS»,
de Fernando Pessoa. Encenação: Ricardo Pais. Ce-
nários e figurinos: António Emiliano. Luzes: Orlan-
do Worm.

Clube Estefânia
R. Alexandre Braga, 24-A — Tel. 53 26 59

De 3.ª a 6.ª, às 21.30; sábados às 18.00; domingos
às 16.00.
«PERVERSOES», de David Mamet. Pela Prótea
(Acção Teatro e Artes). Encenação: Miguel Gui-
lherme e José Pedro Gomes. Cenografia e figurinos:
Vera Castro. Selecção musical: João Govern. Dese-
nho e luzes: Paulo Graça.

Centro de Arte Moderna
R. Dr. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 43 09
De 1 a 16 de Abril. 3.ª, 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sá-
bado, às 21.30; domingo, às 16.00

Sala Polivalente
«DOUBLAGES», de Jean-Paul Wenzel. Realiza-
ção: Philippe Arlaud e Carlos Pimenta. Música:
Paulo Brandão. Tradução e apoio: Teresa Corte-
Real.

Teatro da Trindade
R. Nova da Trindade, 9 — Tel. 32 00 00
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00.

«OLAVO E ALBERTO», de Henrich Henkel.
Pelo CDIAG. Encenação: José Martins/José Peixo-
to. Intérpretes: Canto e Castro e Luís Alberto.

Villaret
Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel.
53 85 86
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00.

«O LEITINHO DO NENÉ», de Alfonso Paso.
Adaptação: Henrique Santana. Encenação: Francis-
co Nicholson. Intérpretes: Carlos Miguel, Maria
Dulce, António Montez e Rui Luís, entre outros.

Teatro Vasco Santana
Av. da República, Feira Popular — Tel. 76 86 09
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos às 16.00

«HABEAS CORPUS», de Alan Bennet. Pelo
Teatro Estúdio de Lisboa. Encenação: Luzia Maria
Martins.

TIL — Teatro Infantil
R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74
Sábados, domingos e feriados

«A NUVEM QUE NÃO QUERIA CHOVER».

Casino Estoril
Tel. 268 45 21
5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 17.00
«PIAF», de Pam Gems. Intérprete: Bibi Ferreira.
Tradução: Millôr Fernandes. Encenação: Flávio
Rangel. Direcção musical: Nelson Melim.

Mosteiro dos Jerónimos
P. do Império — Tel. 61 70 20
3.ª, 4.ª, sábado e domingo, às 15.00; 6.ª e sábado,
às 21.30

«LUSITÂNIA», baseado em texto de Gil Vicen-
te. Pelo Grupo de Teatro Persona. Encenação: Gui-
lherme Filipe.

Teatro Politeama
R. das Portas de Santo Antão — Tel. 32 63 05
Todos os dias, às 19.00.
«FINAL», de Samuel Beckett. Encenação: Mário
Viegas. Intérpretes: Glicínia Quartim, José Mário
Branco, Manuela de Freitas e Mário Viegas.

Estrela Hall
R. da Estrela, 10 — Tel. 66 19 46
Dias 30 de Março a 8 de Abril, às 21.15

«A FEAST OF THEATRE». Pelos Lisbon Pla-
yers. Seis peças de Harold Pinter, Alan Ayckbourn,
Michael Frayn Strindberg, George S. Kaufman e
David Prescott. Encenação de Brian McCarthy,
Alan Reynolds e David Prescott.

Palco Oriental
C. Duque de Lafões, 78, ao Beato
Sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 17.30

«LUSÍADAS», adaptação do poema de Camões.
Pelo grupo Máscara. Criação colectiva. Música:
Abílio Viegas/Pedro Queiroz. Intérpretes: Pedro
Alpiarça, Pedro Wilson e Rui Pisco. Cantora: Lola.

VBC
Parque Mayer — Tel. 36 67 45

Todos os dias, às 21.30; sábados, domingos e feria-
dos, às 16.00

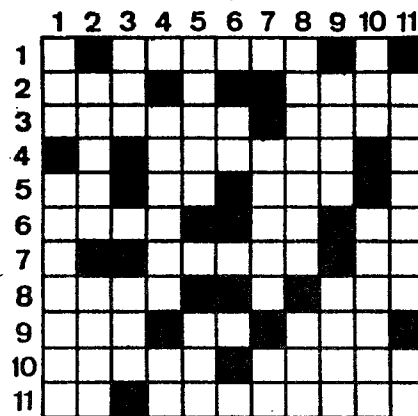
«VIRGEM NUNCA MAIS», original de Ary
Fontoura e Júlio Dassaune. Intérpretes: Ary Fon-
toura, Suelly Franco, Ivan Senna, Alberto Júnior,
Paulo Bibiano e Leandro Ribeiro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 17 613

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Espécie de jogo popular.
- Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Cause amuo a.
- Carimbada. Em mais alto grau.
- Imaginei (fig).
- Duzentos em romano. Abreviatura de Santíssimo. Primei-
ra das três palavras que for-
mam o nome de uma freguesia
do concelho de Anadia.
- Cantor entre os gregos. Abre-
viatura da palavra inglesa mis-
ter (senhor). Crómio (s.q.).
- Camponesa. Átomo.
- Fazei doação de. Anel.
- Passai. Mulo. Mulher chinesa
da classe baixa.
- Grande bebedor (pop.). Espi-
ga.
- Viração. Veneraram.



VERTICAIS:

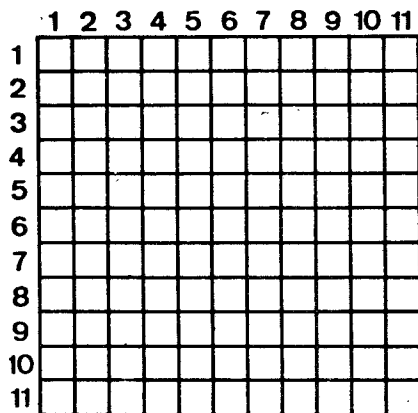
- Suspiros. Nome de mulher.
- Triunfa de. Perfume.
- Prejuízo. Prefixo que designa
ar.
- Esmoncai. Sódio (s.q.).
- Ilhargas. Madeira (abrev.).
- Prefixo de privação. Artigo
definido.
- Varão. Grego (abrev.).
- Meretriz. Arara.
- Em mais alto grau. Gaulês,
um dos melhores oradores lati-
nos do século I.
- Cidade de Espanha. Padre.
- Astuto. Antes do meio-dia.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 426

HORIZONTAIS:

- Enredos. Carta de jogar.
- Gostar muito de. Canoa de
casca de árvores com a proa e
a popa achatadas.
- Batráquio. Colorir.
- Enfeite. Reis. Época.
- Espigara.
- Deus dos pastores.
- Imperatriz de Bizâncio morta
no exílio. Espécie de mandio-
ca.
- Malficia (pop.). Homem (gir.
de ciganos, bras.).
- Lenha. Criança francesa céle-
bre pelo seu heroísmo.
- Primeiro sumo sacerdote dos
hebreus.
- Reles. Freguesia do concelho
de Carregal do Sal.



VERTICAIS:

- De alto preço. Lugar onde se
seca a cana-de-açúcar.
- Oportunidade. Tocai de leve.
- Miriare. Rochas.
- Mostrar os dentes.
- Palavra latina pela qual comen-
çamos muitos documentos ponti-
fícios de interesse para Portu-
gal. Antes de Cristo.
- Porto e cidade de França. Ra-
te.
- Relativo aos eslavos.
- Sadias. Bondosa.
- Descera em terra (o avião).
- Arremessa. Mulher baixa e
gorda (pop.).
- Nome de mulher. Adição.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 612

HORIZONTAIS:

- A. AGULHA. VS.
- Pola. Ia. Eia!
- Aser. NB. Vi.
- Gabai. Ter.
- Ama. Léu.
- Orobó. Cria.
- VII. Autora.
- Era. Itaca.
- Soma. Rs.-Rn.
- Oiros. Aué.
- Elsa. Sonsas.

VERTICAIS:

- Apara. VESTE.
- OS. Moiro.
- Alegaríamos.
- Gara. Aia.
- Babai.
- Lina. OUTROS.
- Hábil. Tasso.
- Coce.
- E. Turraras.
- VIVE. Ia. NUA.
- Saíria. És.

PROVÉRBO: A agulha veste os
outros e vive nua.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 425

HORIZONTAIS:

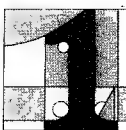
- Filipinas.
- Olor. Paneta.
- Rir. Rimas.
- Er. Mosto.
- Ornar.
- Sia. Ecar. Mi.
- As. Amadora.
- Ou. Ovo. Era.
- Atra. Assara.
- Farnel. Atar.
- Aarau. Aso.

VERTICAIS:

- Formosa. Afã.
- Ili. Risota.
- Lorena. Urra.
- Ir. Ma. Ana.
- Remo. Er.
- Ipim. Cavala.
- Namorados.
- Anas. Ro. Sá.
- Sertã. Reata.
- Tão. Marras.
- Vás. Bi. Aaro.

Antena Um
Desdobramento em Onda Média (Emissores do Litoral Continental) e 99,4 em FM - Zona de Lisboa.
14.00: O linho e a seda; 15.00: Contraste; 17.00: Antena 1, regiões; 17.15: Porto de abrigo. Noticiários de hora a hora.
Onda Média-FM Estéreo
14.00: Gerações por minuto; 17.00: Sete mares; 19.00: Informação e música; 20.00: A Europa dos doze; 20.30: Musical; 21.00: Passos perdidos; 21.30: Livre e directo. Noticiários de hora a hora.
Rede Nacional-FM2 Estéreo
17.00: Falar de cinema; 17.40: Compositores do pós-guerra; 18.40: Música para órgão; 19.00: Integrais; 19.40: Música de autores portugueses; 20.40: Outros sons, música electroacústica; 21.00: Alfa e omega; 21.45: Música antiga; 23.00: Música de câmara; 24.00: Concerto da noite; 01.30: Música coral; 02.00: Jazz na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.
RÁDIO COMERCIAL Onda Média (283, 290 e 397m)
14.00: Musical; 17.00: Média alta; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: Fantástico. Noticiários de hora a hora.
RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)
15.00: Casa da música; 16.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Espaço Lubritex; 20.00: Espaço Infor-gal; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: A volta da meia-noite; 02.00: Noites de festa. Noticiários de hora a hora.
RÁDIO RENASCENÇA Canal 1-Rede Nacional de OM e FM
15.00: Banda da amizade; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: A viagem continua; 20.00: Boa nova; 20.30: Conversa de amigos; 21.00: Sequência; 22.30: Bola branca; 23.30: Suplemento especial da BBC; 23.55: Meditando.
RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo
16.00: Fórmula Três; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.
Voz do Alentejo
15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Alentejo em notícia.
Voz do Alto Tâmega
15.00: Tardes do Tâmega; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Nordeste magazine.
Voz de Lisboa
15.00: Equipa da tarde; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Lisboa à noite.

RTP



17.25 - Brinca Brincando

«Le Piaf», «Hobbarts Hobbies», «Hey Bumboo», «A Viagem do Albatroz» e «Benji, e o Príncipe Extra-Terrestre».

18.20 - Lugar de Encontro

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Falar Português
20.12 - Boletim Agrário
20.20 - Sassaricano
14º Episódio

21.05 - Canção Vencedora RTP

21.20 - Telemundo
«Ozono 2»

21.50 - Teatro

«A Menina Alice e o Inspector»: Alice Postie frequentadora assídua de filmes policiais encontra um cadáver no cartório onde é telefonista. Quando chega a polícia, o cadáver tinha desaparecido e a «Menina Alice» é tida como visionária. Convencida que o cadáver era real, procura incessantemente pistas pondo em fúria o inspector da Judiciária. Graças à sua astúcia consegue no final descobrir o cadáver e consequentemente o assassino. É um policial em tom de comédia passado em tom de comédia passado na década de 60/70, escrito por Robert Thomas e adaptado por Cecília Netto que assina também a realização. Produção de Maria José Mendonça. Com Maria Breia, José Gomes, Luis de Mascarenhas, Paula Mora, Rogério Samora, Suzana Borges e Angela Pinto.



No 2º canal às 21.55, o último episódio da série «Os Prazeres e as Sombras»

23.20 - 24 Horas

23.50 - remate

00.05 - Pela Noite Dentro

«Galeria Nocturna»: Três histórias de mistério e fantasia em que a pintura desempenha um papel fundamental. Através do convite formulado por Rod Serling, penetramos num universo em que as fronteiras da realidade vacilam, abrindo as portas do sonho, do medo ou do maravilhoso.

Interpretação: Ossie Davis, George Macready, Roddy McDowall, Joan Crawford, Barry Sullivan, Richard Kiley, Sam Jaffe.

Realização: Boris Sagal, Steven Spielberg e Barry Shear.

Duração: 98 minutos



16.55 - Sinhá Moça

34º Episódio

17.35 - Trinta Minutos Com...

18.05 - Vestígios

8º Episódio: Reginald le May era um membro do Consulado britânico em Siam. Passou muitos anos em viagens no interior da Tailândia e em 1924 visitou as cidades irmãs de Sri. Sachanalai e Sukothai, construídas no séc. XIII e XIV pelo primeiro reino Thai independente.

19.00 - Music Box Especial

«Transmission»

19.55 - Os Intocáveis

Eliot Ness tem que se defrontar com um bandido muito especial quando tenta resolver um caso de contrabando de bebidas alcoólicas.

20.45 - Cem Grandes Quadros

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Maude

104º Episódio

21.55 - Os Prazeres e as Sombras

Último episódio

23.50 - Rotações



«Galeria Nocturna» Pela Noite Dentro, no 1º canal às 00.05

AMANHÃ

RTP-1

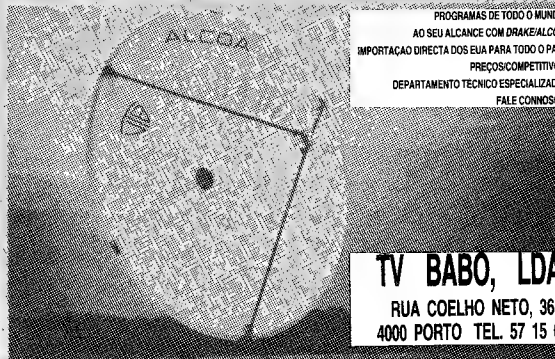
09.01 - Juventude e Família
11.55 - Karajan Dirige Tchaikovsky
13.00 - Notícias
13.10 - Os Espectaculares Records Guinness
13.35 - Parlamento
14.05 - Sessão da Tarde
«O Tapete Mágico»
15.45 - Vivamúsica
16.35 - Filmezinho
16.40 - Crime, Disse Ela
17.35 - No Tempo em Que Você Nasceu
19.10 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.15 - O Tempo
21.35 - Fantástico
22.35 - Filmezinho
22.45 - Pássaros Feridos
23.40 - Cinema da Meia Noite
«O Ano de Todos os Perigos»

RTP-2

09.01 - Compacto Music Box
11.40 - A Nossa Turma
12.55 - Compacto «Brega e Chique»
16.00 - Estádio
19.30 - A Mão Fechada
20.00 - Music Box Especial
20.50 - Elogio da Leitura
21.15 - Especial Desporto

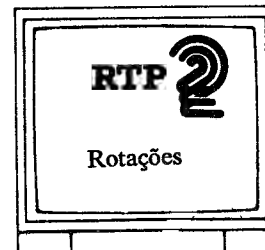
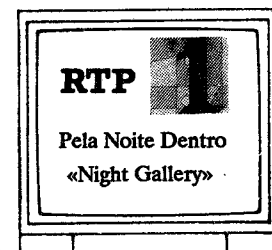
O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.

DRAKE



LOEWE.

seleccionou para si...



Representante Continente e Ilhas

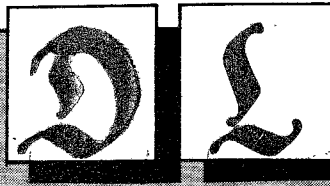
PORTO
Telef. 9515003



LISBOA
Telef. 777824



PORTE
PAGO



Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/5 — 32 02 71/2/3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/2/3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nas Açores e Madeira: 65\$00

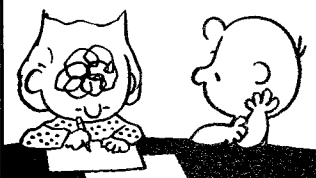
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos

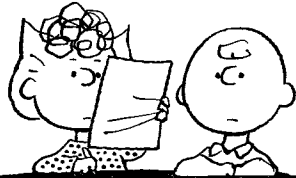
Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

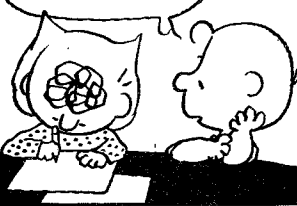
A guarda tem
uma casa grande
e um cão vermelho



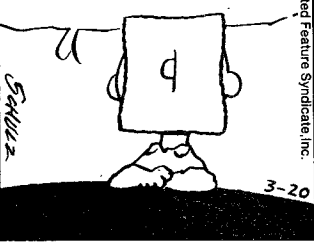
Sete da eleição
da quinta está
um pastor.



CREIO QUE ELE
METE-SE LA DENTRO
QUANDO CHOVE!



PARECE QUE NÃO
DEVIA GRACEJAR...



Trabalhadores da Setenave concentraram-se no Governo Civil de Setúbal

Cerca de 500 trabalhadores da Setenave concentraram-se hoje frente ao Governo Civil de Setúbal, protestando contra a situação que se vive na empresa.

Aranha de Figueiredo, da Comissão de Trabalhadores, disse à agência Lusa que «a deslocação teve por finalidade sensibilizar a opinião pública para os efeitos negativos que os despedimentos vão provocar na economia local».

«Os trabalhadores protestam também contra o aumento de 12 por cento após três anos sem qualquer acréscimo, levando agora menos dinheiro para casa do que em 1985», acrescentou aquele membro da Comissão de Trabalhadores.

Os representantes dos trabalhadores foram recebidos no Governo Civil, onde apresentaram a sua perspectiva da situação da empresa.

Os trabalhadores da Setenave, que já encetaram a recusa às horas extraordinárias, têm agendadas greves de quatro horas para as próximas terça e quinta-feira.

A Setenave, que já empregou mais de seis mil trabalhadores, tem actualmente 2700, tendo em 1988/89 despedido cerca de dois mil através de indemnizações.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados
na extração de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO 80 000 CONTOS

27 116

2.º PRÉMIO 12 000 CONTOS

6967

3.º PRÉMIO 3000 CONTOS

34 502

O 3.º prémio foi vendido aos balcões da Casa da Sorte

Na 6.ª feira, dia 14, Lotaria das

«FLORES»

100 000 CONTOS

Bilhetes a 7 500\$00 e quintos a 1500\$00

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extração,
aos balcões da CASA DA SORTE
em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - VISEU - COIMBRA - SETÚBAL - FARO



Entradas de Lotaria
Sai sempre!

CASA VIOLA - «A SORTE QUE TOCA»
LISBOA - BRAGA - ESTORIL - VISEU - PORTIMAO - SETÚBAL

CORREIO: R. Assunção, 67 — 1100 LISBOA

D/E/C/A/R/A/S/



ABÍLIO FERNANDES, presidente da Câmara de Évora, repetiu aquilo que tem sido dito um sem número de vezes e que não encontra eco: faltam apoios de entidades nacionais e internacionais, nomeadamente a nível de acções que visem a preservação do património histórico. Mas o peso das afirmações do autarca assume maiores proporções pelo facto de terem sido feitas na presença do presidente da Câmara de Angra do Heroísmo, cidade que como Évora a Unesco classificou de Património Mundial. Ora, irmanadas por esta coincidência, as duas cidades formalizaram agora um protocolo de geminação. Donde se depreende que são mútuas as preocupações quanto às expectativas criadas pela Unesco e «que não têm tido correspondência prática». Lembra o presidente de Évora, ainda, que «também o Governo central não deverá demitir-se das suas responsabilidades nesta área». Estas palavras seriam corroboradas pelo autarca açoriano que recordou a necessidade de manter vivos núcleos como Angra e Évora, em contraponto à «estagnação e paralisia». Sabe-se que os nossos governantes se têm declarado atentos e obrigados ao trabalho desenvolvido pelas autarquias, seja ao nível de preservação do património, seja em tudo o que diz respeito a qualidade de vida das populações. Por isso, é de esperar pelo menos que algumas das verbas que não chegam para recuperar patrimónios bastem para tratar os ouvidos dos governantes. Não são «património» nem «histórico» mas ajudava as nossas pedrinhas...

Multas até 100 contos para infracções fiscais

As multas por infracções fiscais poderão ir até 100 contos, caso seja aprovada uma proposta de lei apresentada pelo Governo à Assembleia da República, que solicita autorização legislativa para estabelecer o «regime jurídico das infracções fiscais, aplicável a todos os impostos, contribuições para-fiscais e demais prestações tributárias».

As multas poderão ser até mil dias, podendo ir de mil escudos a cem contos por dia para as pessoas singulares, segundo foi apurado pela agência Lusa.

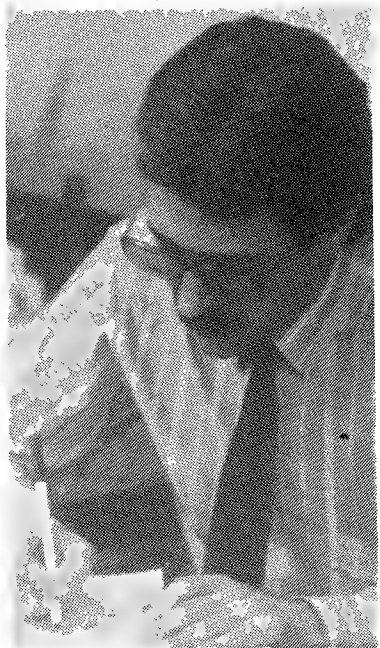
Já para as pessoas colectivas, os limites da multa serão fixados entre 5 e 50 contos por dia, podendo a pena ser também convertível em prisão pelo tempo correspondente (mil dias).

A proposta do Governo prevê ainda um conjunto de punições acessórias, como a privação de receber subsídios ou subvenções concedidas por entidades ou serviços públicos, a suspensão de benefícios fiscais ou inibição de os receber, bem como a interdição do exercício da actividade.

Em qualquer dos casos, as penas acessórias não poderão ter uma duração superior a três anos, enquanto o prazo de prescrição do procedimento criminal será de cinco anos e o das penas de 10 anos.

68 ANOS





Por uma «Sociedade Informada»

A nossa «Sociedade da Informação» não pressupõe uma sociedade informada. A proliferação saturante de mensagens, propicia a criação de mitos, secundariza a razão. Todos os dias nos confrontamos com quantidades de informação que somos incapazes de digerir. Já quase se não fala da «Cultura de Massas», que tanto ocupou os sociólogos nos anos 60. Não obstante, ela continua presente na ressaca provocada pelos seus excessos. Mantém-se ténue a fronteira entre o desejo e a satisfação desse desejo, ignoram-se os limites entre a percepção e a representação. «Todo o mito é uma construção mental cerrada e inacessível aos argumentos racionais», explica Harry Pross, na linha da afirmação de Roland Barthes de que «o mito derruba o sentido do discurso factual». Apresenta-se, assim, como uma questão de «higiene social» converter a «Sociedade da Informação» numa «Sociedade Informada».

7 DE ABRIL DE 1921

«O «Diário de Lisboa», portanto, será um jornal moderado para todos os que na pressa de avançar para o porvir tomam como estrela os vagos fulgores duma utopia. A muitos, porém, parecerá revolucionário, porque, no seu incassável afan de sacrificar todos os interesses mesquinhos e erros criminosos às supremas aspirações da nacionalidade, algumas vezes, para falar a pura verdade, terá de ser violento, duro mesmo.

«A nossa situação actual, cheia de perigos e dificuldades, tantos problemas a estudar e tantas ameaças a remover, demanda uma política de realizações, capaz de nos desafogar da atmosfera espessa de cuidados em que vivemos.

«Há muitos anos que o Estado anda fora da sua missão, convertido em vacalhuto de intriguistas e ambiciosos. Os problemas nacionais não acham uma resolução ou pelo menos uma maneira pratica que os torne acessíveis às atenções dos competentes.

«Este jornal que hoje inicia a sua publicação, sob os auspícios dum acontecimento nacional - a homenagem aos soldados desconhecidos, escolheu esta data para mais vivamente fixar a sua intenção de dar ao nome português toda a paixão da sua alma crente nos destinos da raça.

«Não traz consigo o «Diário de Lisboa» outro programa senão este - erguer Portugal acima das misérias e fraquezas dos homens, afim de que ele seja para todos nós o maior facto do nosso esforço e do nosso espírito. Aparecendo num período em que a Europa e com ela o mundo tratam de atingir as formas perfeitas da justiça, em função da civilização, o «Diário de Lisboa» procurará sempre defender e indicar quais as ideias e as razões morais que mais pronta e intimamente hão-de concorrer para que se reconstruam as sociedades que indisciplinadamente jogam o seu porvir em tão desvairadas aventuras.

«O nosso país que jamais deixou de inspirar-se nas largas correntes que renovam os povos, havendo mesmo prestado assinalados serviços à cultura humana geral, sente actualmente as mesmas dúvidas, incertezas e amarguras que um pouco por toda a parte, o desespero transforma em revolta.

«Mas assim como noutras idades descobriu em si a coragem bastante para resolver em Fé, mocidade e progresso as torturas que o oprimiam, também agora Portugal, obra de sacrificio e de entusiasmo épico, conseguirá sobrepôr-se a todas as defecções pessimistas, para justificar a sua existência de séculos com a plenitude do seu ressurgimento.

«A ignorância, entre nós, é assaz atrevida e empreendedora. A manha governa, ao passo que a ciência se limita a reflexões lentas, abstratas, imponderáveis.

«E no entanto, nunca como hoje Portugal careceu tanto duma cultura que para as «elites» seja um motivo de predomínio e para o povo uma certeza de poder.

«A retórica tem sido o nosso único tesouro e ao mesmo tempo o maior factor de ruína. É a ela que se deve o triste espectáculo que oferece ao nosso país, vivendo num constante estonteamento de metáforas e miragens que lhe anunciam a felicidade, quando esta mais longe se esconde (...)

«Que se vê, porém?

«As esperanças desfazem-se, os apetites exasperam-se, as paixões vomitam ódio, as crenças definham. Sempre ao Povo se deve a Verdade. «Não o enganem, não o alucinem não o explorem.

«Eduquem-no, mas não o pervertam.

«Encaminhem-no, mas não o desorientem. Portugal é uma realidade bastante vasta para conter os sonhos de todos os seus filhos».

(Do primeiro editorial do DL)

A súbita apetência dos grandes grupos económicos pela Informação, veio adensar os perigos com que nos confrontamos.

Nesta Europa a caminho de 1993 não deixa de ser extremamente preocupante presenciar as irrequietas movimentações dos grandes «holdings» da Comunicação, formados maioritariamente por interesses alheios à Imprensa, à Rádio, à Televisão. E estas preocupações crescem quando se constata a tentativa desses grupos para assumirem um papel activo na construção da unidade europeia.

Investigar este fenómeno, dissecá-lo, mas sobretudo regressar ao jornalismo crítico que os poderes político e económico têm procurado adormecer, informando sobre os argumentos, as formas, os meios e os truques que dão forma ao mito, político e económico, é a arma mais poderosa de que dispõem os comunicadores de mensagens.

«Eduquem, mas não o pervertam. Encaminhem, mas não o desorientem». Esta síntese do primeiro editorial do «Diário de Lisboa», em 7 de Abril de 1921, não perdeu a força mais de meio século depois. O quadro era outro - quem sonhava então com este «hipermercado de mensagens» para onde nos conduziram? - , mas os objectivos permanecem iguais.

Este suplemento de aniversário não é apenas uma meditação sobre o nosso passado recente. É já uma projecção sobre o nosso futuro imediato.

Eduardo Rebelo



a escolha Cardeal

Branco ou tinto, Cardeal é a escolha.

A sua refeição merece estes Dão especiais

- Cardeal branco para os pratos de «mar»
- Cardeal tinto para acompanhar com o seu encorpado gosto as carnes e as aves.

Caves Dom Teodósio selecciona para si
vinhos típicos de maior qualidade.



CAVES
DOM TEODÓSIO

DL

ABRIL DE 1921

ABRIL DE 1974



A Arte de Saber Comunicar

Um privilégio.
Uma herança comum.
Tradição antiga
que se renova.
A Arte que nos pertence.

Saber voar nas asas da História.

tap AIR
PORTUGAL

DAR À CULTURA O QUE LHE CABIA COM ISENÇÃO E TOTAL INDEPENDÊNCIA

Ernesto Sampaio

«Não traz consigo o Diário de Lisboa outro programa senão este - erguer Portugal acima das misérias e fraquezas dos homens, a fim de que ele seja para todos nós o maior facto do nosso esforço e do nosso espírito.» Assim abria Joaquim Manso, em 7 de Abril de 1921, o «fundo» do primeiro número do jornal de que era director, proprietário e editor. A edição inaugural prefigurava já o peso que a cultura viria a ter nas páginas do «DL», incluindo versos de António Ferro, desenhos de Almada Negreiros, o primeiro folhetim de uma série de novelas e esboços de novelas que Aquilino Ribeiro iria publicar diariamente, e um artigo de Fernanda de Castro sobre Virgília Victorino na secção «A Cidade», que dedicará especial atenção ao livro «vient de paraitre».

Fernanda de Castro assinará, em números sucessivos, artigos sobre os Roque Gameiro, Maria Adelaide Lima Cruz, Camilo Pessanha, Milly Possoz, etc. mas o «clou» do número de abertura é a aquarela Rua do Oiro, assim pintada por António Ferro: «Órgãos de Barbária desarmónicos/Estes carros eléctricos tão belos.../Ruidosos, barulhentos, filarmónicos/Passam na tarde em risos amarelos.../Os meus olhos - as hastes da tesoura/Recortando as imagens d'Épinal/Pelos passeios desta rua fora.../Rua do Oiro - humano Carnaval...»

Ferro e Almada serão uma presença constante no jornal, praticamente ao longo de todos os anos 20: o primeiro com crónicas na rubrica «Chá das Cinco», críticas literárias, teatrais e cinematográficas, comentários, reportagens, entrevistas, poesias; o segundo com textos sempre surpreendentes, desenhos, a sua famosa série de anedotas ilustradas e, também um «Chá das Cinco», breves apontamentos irónicos: «Às cinco horas nunca me apetece chá, é só às cinco e meia, e apesar disso quase sempre tomo café».

Em «Um futurista dirige-se a uma senhora» (2/6/21), Almada garante que «o homem em Portugal é o escárnio da Raça. Apenas nos tarados e nos de cadastro se reconhece o ímpeto e a argúcia de uma raça esquecida. É ver o nosso povo robusto sem saber que fazer da sua robustez!»

Iconoclastia

Almada e António Ferro, na Lisboa literária e artística daquele tempo, cheia de «nonadas e farfalharias», como também nas páginas do «DL» a atassalhou Raúl Fonseca, faziam figura de autênticos iconoclastas, entregues à destruição de ídolos, tradições, opiniões estabelecidas. Só um jornal novo, como o nosso se propunha ser, podia albergar tiradas assim. «Eu não tenho entusiasmo algum pelos poetas da Raça, os poetas oficiais que chegam a fazer versos - por decreto. A arte oficial não consegue interessar-me. A eloquência, os lugares comuns sonoros, o tamborilar de ritmos trovejantes, podem agradar aos políticos, não encontram eco, porém, nas almas elegantes e discretas... Os poetas da Raça são os Zés Pereiras da emoção nacional» (Ferro, num artigo sobre Eugénio de Castro, publicado em 20/4/1921). É claro que no mesmo Ferro iconoclasta já despontava o «dandyparvenu»:

«O maior pecado da arte de Garrett - foi nunca ter ido a Paris (n.º 40, 23/5/21).

Vivia-se entre nós aquele período em que a Primeira República, no intervalo de encaixar insultos integralistas, assistia enlevada as espiralar do fumo da cigarette do embaixador Augusto de Castro. Era a época contraditória do Orpheu e de uma literatura onde a regeneração oitocentista, que deu o regime seródio dos Pinheiros Chagas e dos Tomaz Ribeiro, parecia perpetuar-se. O tempo e o salazarismo vieram a colocar no seu devido lugar os modernismos de António Ferro. Quanto a Almada, cumpriu exactamente o programa anunciado ao «DL» em 2 de Junho de 1921: «Há 20 anos que deixei a minha troupe para andar sózinho a procurar a arte da saúde radiante. Já não saberei viver por outra coisa. Tenho saudades de ter dado cambalhotas na troupe, mas não volto sem ter encontrado a arte da saúde radiante, depois tornarei à minha troupe para dar cambalhotas.»

Baudelaire

e a soviécia

O «DL», entretanto, continuava a sintonizar todos os quadrantes, e logo no número 3, em 9 de Abril, assinalava o centenário do nascimento de Charles Baudelaire, nesta prosa de António Alves Martins: «Nascido de um velho e de uma rapariga nova, ele mesmo confessava ser um fruto mal formado. A sua vida cheia de aventuras e a sua ligação com Jeanne Duval, uma mulata lúbrica a quem ele se prende obstinadamente, a tradução das obras alucinadas de Edgar Poe, o destrambelhamento do seu temperamento, criado e desenvolvido na atmosfera opiante dos Paraísos Artificiais foram factores importantíssimos que o levaram ao alcoolismo, à paralisia e finalmente à morte.»

Este texto destila colarinhos engomados por toda a parte. Mas colarinhos engomados era o que se usava na época, bastante assustada com as notícias contraditórias que chegavam de Leste. De facto, enquanto no «Estrangeiro» se garantia que «está eminente a queda do regime bolchevista na Rússia», na «Cultura» pintava-se um quadro de Reval, na Estónia, para edificação da burguesia portuguesa: «Um antigo coronel da guarda, com o peito coberto de medalhas, vende jornais, sentado no passeio; oficiais da Marinha, notários, senadores do antigo regime exibem-se à noite nos cafés-concerto, onde as raparigas mais lindas da aristocrata



A 25 de Julho de 1921, o pintor e desenhador Jorge Barradas retratou assim a primeira Redacção e os primeiros colaboradores do "DL", durante uma festa de homenagem a Joaquim Manso que decorreu no Estoril. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Rodrigues Pereira, Stuart Carvalhaes, Thomaz Ribeiro Colaço, Pedro Bordalo Pinheiro, Almada Negreiros, Alvaro de Andrade, Norberto Lopes, Joaquim Manso, António Carneiro, Artur Portela, António Ferro e Sarmento Duque

O Chiado e a Lisboa literária

cia cantam e dançam; as menos bonitas são criadas de senhoras idosas, varrem as ruas e tomam parte no trabalho violento de arrotear os bosques.»

O Chiado

No Chiado, porém, todas as contradições se esbatiam. A Lisboa literada, cheia de «camisas de bofes, rendas, trabalhos de agulha, needlework, trapézio e maramba, clownismo e embutidores de garrafas», na expressão justiceira com que Raúl Proença a zurzia, tinha tendência para pensar que o mundo começava e acabava no Chiado: «Tinha ódio ao Chiado. Para ir para casa tomava o elevador da Glória. A glória! - o que eu vinha conquistar... Ingenuamente eu desconhecia que o elevador da

Glória, em Lisboa, é o Chiado» - constatava tristemente Afonso de Bragança no «DL» de 16 de Abril de 1921.

O Chiado, é claro, apreciava prosas como a de Manuel de Sousa Pinto sobre «Nijinsky - o bailarino enlouquecido» (19/4/21): «Surgiu Nijinsky, robusto, pintado, ébrio de furor, de cadência, e a dança foi outra vez o homem. Remasculinizou-se. Novamente Diônisos compartilhou do palco. Recentemente veio um telegrama a anunciar que estava doido. Duvidou-se, mas, infelizmente, era verdade. Internado num manicómio, dera-lhe a loucura para se julgar cavalo e andar de mós no chão. O saltarino armado em Pégaso!», ou esta, de Diogo de Macedo, sobre «Santa-Ritta, Pintor e Filósofo» (21/4/

21): «Só hoje compreendo, aqui sentado neste canto de café, em Montparnasse, onde ele tantas vezes se sentava, o seu gesto escultórico de apalpar as próprias faces, premer as órbitas e apertar os tempórais; é que procurava a certeza, através dos seus dedos aristocráticos, de múmia imperial, na sua própria caveira. Como o Antero, duvidou um segundo, e fugiu a corrigir o Nirvana...»

Na outra vertente da cultura portuguesa contemporânea, a que o «DL» também dava guarida, compreende-se o furor da Proença (8/6/21): «Francamente, gostava que me demonstrassem que a crítica

nacional começava por esta simples coisa - uma atitude crítica (...) A crítica nacional não é mais que um índice do que é a restante vida nacional. E se é na crítica que mais agudo se revela esse mal profundo, é porque ela exige especiais qualidades intelectivas e um desassombro absoluto. E ainda porque ela se presta, mais do que os outros géneros da literatura, a constituir-se na Circe dos impotentes e no asilo de inválidos dos falhados das letras.»

Seja como for, na primeira fase da sua vida, o «DL» é um espelho fiel da cultura portuguesa, acolhendo nas suas páginas, com maior ou

menor assuidade, colaboração de quase todas as personalidades de maior revelação nas letras dos anos 20: os já citados Almada Negreiros, António Ferro, Fernanda de Castro, Raúl Proença, Aquilino Ribeiro, Alves Martins, Afonso de Bragança, Manuel de Sousa Pinto, Diogo de Macedo e Joaquim Manso, e também João de Barros, Afonso Lopes Vieira, Alfredo Pimenta, Jaime Cortesão, Raúl Brandão, Augusto Casimiro, Jorge de Faria, Norberto de Araújo, João Ameal, Tomaz Ribeiro Colaço, Cardoso Martha, Pedro Barto, Faria de Vasconcelos, Victoriano Braga, Samuel Maia,



Desenho e auto-retrato de Almada

Carlos Alberto Ferreira, Pina de Moraes, Augusto Pinto, Félix Correia, Albino de Forjaz Sampaio, Rocha Júnior, Vitorino Nemésio, Paulo Freire, Joaquim Leitão, Luiz Cebola... Com desenhos, além de Almada, colaboraram Jorge Brradas, Bernardo Marques, Eduardo Faria, Sanches da Costa e Teles Machado. A feição independente e carácter ligeiro (o que não quer dizer fútil) do «DL», a sua capacidade de apanhar com nitidez a flagrância dos acontecimentos, sofreu um rude golpe com o 28 de Maio de 1926. Ao longo da década de 30, o nosso jornal continuou a dedicar largo espaço à cultura, mas nessas páginas, e mais uma vez reflectindo o ambiente geral do País, já não há aquela vivacidade que caracterizou o «DL» da década anterior. Era o pluralismo de opiniões que tornava o jornal vivo, literalmente aberto aos «apocalípticos e integrados», aos académicos e vanguardistas.

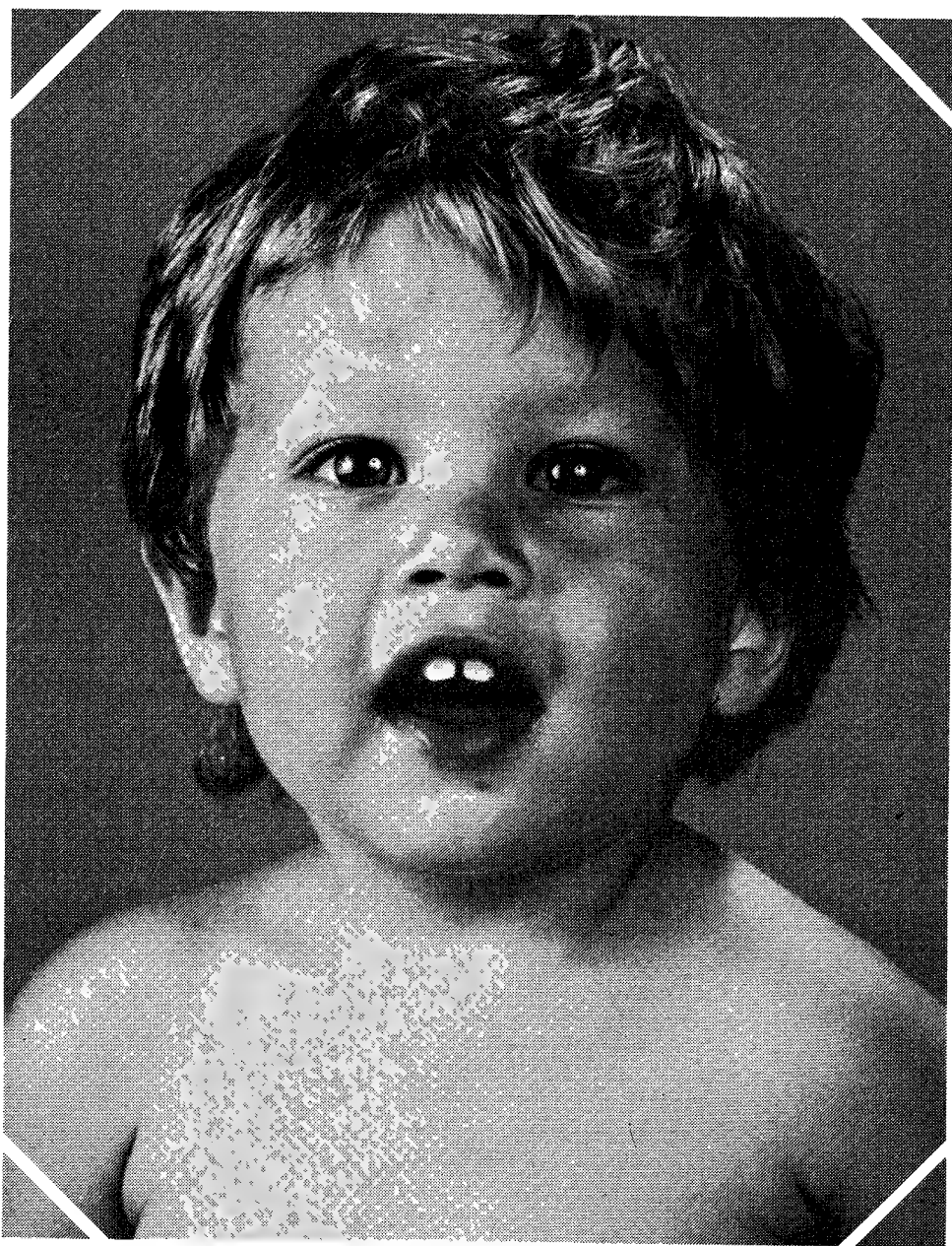
A censura iniciava nesses anos do ascenso dos nazi-fascismos um processo de nivelamento por baixo que iria embrutecer a sociedade portuguesa durante quase meio século.

«Imagem rectificada do poeta

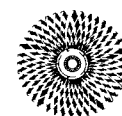
Fernando Pessoa

Sob o título acima reproduzido, inicia João Gaspar Simões, em 17 de Abril de 1936, a mitificação de Pessoa, cuja morte os jornais, incluindo o «DL», tinham despachado em meia dúzia de linhas no ano anterior. É um belo texto, que merece a pena reproduzir na íntegra:

«Não sei o que seja a memória das palavras. Quando me falam logo me preparo para as esquecer, certo como estou de as não poder lembrar. Não são as palavras que eu retenho, mas a expressão que as acompanha no momento de se



Na minha creche há um parque!
Lá em casa disseram-me
que tinha sido feito
com o dinheiro da Lotaria Nacional.
Eu pensava que a Lotaria
só servia para fazer milionários.
Afinal, Ela é muito mais do que isso:
ajuda a Misericórdia de Lisboa
a construir e a manter
creches, infantários, etc.
Eu gosto muito
da Lotaria Nacional!



LOTARIA NACIONAL

«O café é ainda um jardim de ilusões»

desprenderem de em quem elas foram geradas. Inútil, portanto, fazer qualquer espécie de tentativa de reconstituição das palavras que ouvi a Fernando Pessoa quando o conheci num café, que não era o seu café, há anos em Lisboa. Era talvez escusado dizer que o café onde conheci Fernando Pessoa era em Lisboa. Fernando Pessoa não só nunca saía de Lisboa - ia algumas vezes ao Estoril, onde tinha família - mas também quase não saía do seu café, um

dos mais centrais e simultaneamente dos menos visíveis cafés de Lisboa. O eu ter conhecido Fernando Pessoa num café que não era o seu tem importância. O café é em geral para o escritor português uma de três coisas: ou a sua sala de visitas, ou a sua câmara de concepção, ou o seu escritório (isto é, literalmente, o compartimento em que escreve). Para certos, que não chegam nunca a escritores, o café é ainda um jardim de ilusões... Fernando Pessoa tinha feito do seu pequeno café as

A 1.ª página do «DL» de 7 de Julho de 1923

ANO 3.º

LISBOA-SABADO, 7 DE JULHO DE 1923

N.º 691

Diário de Lisboa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel. 5124 e 5126-C. - Ed. Tel. 5123A

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e serviços
RUA LUZ SORIANO, 4-B
Impressão: Rua de S. Paulo, 44

UMA PERDA NACIONAL

GUERRA JUNQUEIRO MORREU ESTA MADRUGADA

O ocaso de um grande genio que encheu de gloria
o nome português

DE VER
DESENHO
2

OUTRA FORMA OUTRA FUNÇÃO
DOS MODERNISTAS AOS ANOS 60



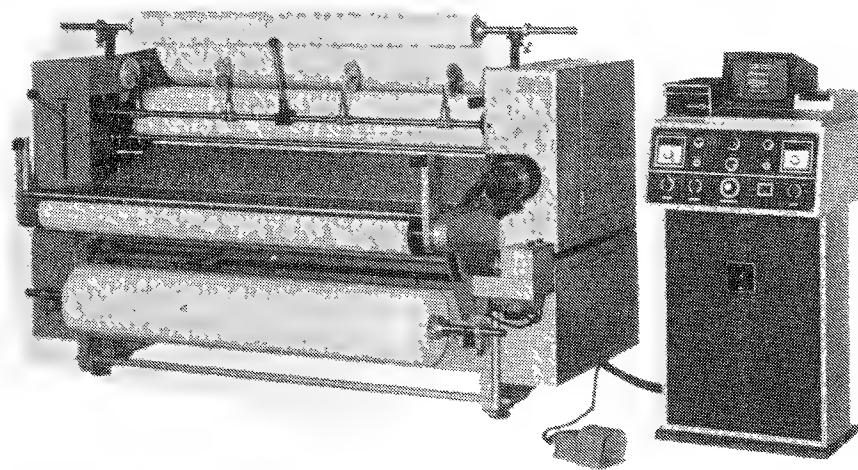
GALERIA MUNICIPAL DE ARTE

PATENTE AO PÚBLICO DE 10 DE MARÇO
A 9 DE ABRIL DE 1989 das 15 às 22 h.

Av. D. Nuno Álvares Pereira 74 A ALMADA

Câmara Municipal de Almada

INDÚSTRIA DOS PLISSADOS DE PORTUGAL



RAPIDEZ * QUALIDADE *

PREÇOS S/CONCORRÊNCIA

LISBOA — Escadinhas da Saúde, 8 - 2.º 1100 LISBOA
Telef: 877468 Telex: 43430 P
PORTO — Rua Coelho Neto, 51 — 4300 PORTO
Telef: 562839



O MEU DEPOIMENTO

Pede-me amavelmente a Direcção do jornal «Diário de Lisboa» que diga o que penso acerca das relações entre jornalismo e cultura e sobre mecenato cultural.

Principiarei por anotar que as duas palavras jornalismo e cultura estão ou devem estar inteiramente ligadas e que é impossível dissociá-las, uma vez que a função do jornalismo não é exclusivamente informativa, mas também educativa e cultural.

Por outras palavras, a cultura, tal como a educação em sentido lato, deve ao jornalismo o mais eficiente dos meios de acção e de difusão, maior do que o próprio livro, porque, enquanto o livro se satisfaz, em regra, com uma leitura, o jornal é muito mais económico e desperta no leitor um interesse que se mantém diariamente. Ou melhor, por outras palavras, o livro tem de vida, para cada leitor, o tempo em que é lido, embora possa ser relido ou reeditado, mas é sempre o mesmo livro, ao passo que cada um dos números do mesmo jornal é sempre diferente do número anterior.

O livro é estático; o jornal é dinâmico, pois acompanha, dia a dia ou periodicamente, a vida do meio social a que se destina ou em que se insere.

Pode, todavia, dizer-se que o livro desenvolve, completa ou esclarece o que o jornal simplesmente enuncia. Assim, um não exclui o outro; pelo contrário, complementam-se. Simplesmente o jornal é um instrumento cultural mais activo e eficiente do que o livro, mas cada um, de sua maneira, serve a difusão da cultura nos seus múltiplos aspectos.

No tocante ao mercado cultural, é de louvar a recente legislação que o promove, por tal forma o mesmo, hoje, como há séculos, pode contribuir para o desenvolvimento das letras e das artes.

A este propósito, há que citar e tornar efectivas as disposições legislativas dos dois diplomas legais publicados com intervalo de cerca de um ano - a Lei de 6 de Julho de 1985 - que define o âmbito do património cultural português, estabelece as formas que o mesmo pode revestir e as medidas de protecção a pôr em vigor - e o Decreto-Lei de 28 de Agosto de 1986 - que reconhece o papel essencial que a cultura desempenha na conformação espiritual e material da vida dos portugueses e estabelece os meios adequados para estimular, facilitar e desenvolver o apoio à criação, acção e difusão cultural por via de inventivos de natureza tributária.

E, falando de mecenato, seria ingratidão ou esquecimento imperdoável, não recordar a pessoa de Calouste Sarkis Gulbenkian, nascido em Scutari, Istambul, súbdito britânico por naturalização, com residência habitual em Paris, o qual, tendo-se acolhido a Portugal depois de a França ser ocupada pelas tropas alemãs, aqui faleceu com testamento, no qual, após ter instituído, em favor de seus filhos legítimos e terceiros, importantes legados, criou, nos termos da Lei portuguesa, uma fundação, com sede em Lisboa e fins de caridade, artísticos, educativos e científicos, tendo por património todos os bens da herança, fosse qual fosse a sua natureza e lugar de situação, a que não tivesse dado destino diverso.

Entre os bens da herança deixada à Fundação figuram, além do palacete de domicílio do fundador em França, com todo o respectivo recheio, as suas preciosas colecções de arte depositadas em museus de Paris e Nova Iorque, hoje já transferidas para Lisboa, uma propriedade rústica em Deauville e valiosas participações financeiras em companhias petrolíferas actuando no Médio Oriente; Fundação que, embora sendo portuguesa, pode criar as delegações que se mostrarem indispensáveis à eficiência dos serviços; que, à morte do fundador, tinha fundos de investimento no valor de 88 milhões de dólares, os quais, em 31 de Dezembro do ano findo, atingiam 1216 milhões de dólares, aumento que permitiu que o orçamento ordinário da instituição para o corrente ano de 1989 seja de dez milhões e quinhentos mil contos, o que tudo representa um raro, mesmo único, caso de mercenato com diversas finalidades e actuando, a partir de Portugal, em diferentes zonas geográficas.

J. Azeredo Perdigão

«O riso nervoso do poeta»

três coisas que, separadamente, o café costuma ser para o escritor português; no que ele foi, talvez, único. Por isso, o facto de eu o não ter conhecido no local onde ele era homem, poeta e escritor (literalmente, aquele que escreve) levou-me a ter de refazer mais tarde a personalidade que julgara haver conhecido primeiro.»

«Era domingo - nesse dia Fernando Pessoa não tinha sala de visitas, nem câmara de concepção, nem escritório; o seu café fechava ao domingo. Para nos receber, a mim e a outros seus amigos de Coimbra, Fernando Pessoa teve de aparecer numa casa em que ele se não poderia reconhecer a si mesmo. A minha memória visual soube fixar a mesa de mármore rectangular disposta no intervalo de uma porta que a providência discreta do proprietário do café mandara inutilizar com um grande vidro inteiro. O vidro estava pintado de certa altura para baixo. Não se via, portanto, a rua. Dentro do café, lembro-me visualmente, de ter visto alguns jornais desdobrados em frente de caras que não vi. Sup-

onho que por detrás havia homens idosos, gastos em repartições públicas. Auditivamente lembro-me que se ouviam bolas de bilhar num compartimento ao lado. Fernando Pessoa levantou-se para nos receber. Era natural. Nós éramos aqueles seus conhecidos que nos tínhamos posto a admirar a sua obra sem saber de quem ela era. Lembro-me que a primeira impressão que a figura física de Fernando Pessoa deixou em mim foi a de um corpo dependurado. Dir-se-ia suspenso pela nuca a um prego invisível no espaço, pelo que os seus pés tocavam o chão dificilmente. Talvez não seja exacta esta impressão. Recordo; não vejo. Neste momento é apenas a minha recordação que importa. Todavia esta é, sem dúvida, a mais firme recordação que guardo da aparência física de Pessoa. Os óculos de aros pequenos, o nariz fino caído sobre o lábio, o gesto de afastar qualquer coisa da testa com as extremidades dos dedos são coisas de que me recordo sem a mesma precisão fundamental. Outra coisa me não esqueceu: essa não me esquecerá

jamaís: o risco nervoso do poeta, no entanto, este traço de expressão aquele que depois precisou de uma rectificação mais completa. Porque não era aquela a sua sala de visitas, Fernando Pessoa exagerou naturalmente a sua cortesia. Não era também aquela a sua câmara de concepção - e Fernando Pessoa procurou inutilmente, falseando todas as personalidades, ser uma delas. Álvaro de Campos não queria comparecer à chamada: Fernando Pessoa fez desesperados apelos para ser o engenheiro Álvaro de Campos, positivo e dinâmico; Alberto Caeiro não compareceu, porque já tinha morrido; Ricardo Reis aparecia e desaparecia, precioso, lapidar, metafórico, isto é, muito pouco humano. Fernando Pessoa via-se obrigado a ser Fernando Pessoa malgrá lui, pelo que não chegava a ser nenhuma personalidade propriamente. Cortez em excesso, artificial sem precisão e impossivelmente escritor por lhe faltar escritório e oportunidade de o ser - eis como Fernando Pessoa ficou guardado na minha memória até que eu o viesse a conhecer na sua sala de visitas, na sua câmara de concepção, e no seu escritório, isto é, no seu café. A recordação que dele me ficou depois de o ter visto onde ele era realmente ele rectificou para sempre esta primeira imagem, incomparável é certo, mas só parcialmente verdadeira. A última tarde que procurei Fernando Pessoa em sua casa - o seu café - não o encontrei. O criado veio de detrás da máquina registadora e disse:

- O senhor Fernando Pessoa já cá não vem há dois dias; deve estar doente.»

«Saímos - Almada Negreiros e eu. - O céu sobre o Tejo era o mais belo céu que tenho visto. Que pena não haver só gaivotas, só frasgatas com velas e só céu sobre este rio maravilhoso! Nunca mais veria Fernando Pessoa. Mas a recordação que em mim ficara, definitivamente, do grande poeta, não a esquecerei nunca. Duas noites antes, tinha visto Fernando Pessoa pela primeira vez e pela última fora do café, no meio da rua. Sem essa nova e singular imagem, não me teria sido possível retificar as outras duas. Fernando Pessoa estava completo na minha memória.»

O «super-realismo»

Em 11 de Abril de 1936, Dutra

MANSO CHEFE DO COMANDO
Adjunctos e colaboradores
MANUELO DE MENEZES REIS
Assessoria-Geral
Ten. de Mar. 1.^a Classe
Reserva Flutuante - 1904

ZENÓFON
JOAQUIM MANSO
Intendente da Inspetoria
ALVARO DE ANDRADE

Fundação do BARRAGENS GRAYDON
Fundador, proprietário e fundador o grupo do
RUA LUIZ BONFIM, 48
Telefone 1. 200. 211
Rio de Janeiro

O TRIUNFO DO MOVIMENTO MILITAR

Esta manhã incutiu-se para formar o novo ministério

o comandante Cabeçadas que internamente temou conta de todas as pastas

O movimento revolucionário que triunfou plenamente, teve o seu início em Braga.

A divisão desta cidade, 8.^a divisão do Exército, revoltou-se às ordens do general Manuel Gomes da Costa, não acatando as ordens do comandante nomeado, general José Domingos Freire.

Encontravam-se comprometidos neste quasi todos os comandos e a oficialidade das divisões de Vila Rica e de Coimbra. Com a insurreição da divisão de Braga, registou-se a maré-revolta de vãos regimentos voltados pela provincia, principalmente os regimentos aquartelados em terras algarvias.

Houve de começo o proposito de fazer oppôr a estas forças insurrectas outras governamentais, combatendo-se entre as tropas fides ao general Antonio Maria da Silva, por o efeito, a 3.^a divisão, do Porto, comandada pelo general Sousa Dias.

No final o movimento revestiu-se de características inteiramente pacíficas.

A divisão de Evora, quiza dividido de facto, não se pôde considerar responder a todos os commandos e determinações de caracter official emanadas da ministerio da Guerra. Pela sua opinião, não a queizaram dar. Solicitado o seu conselho, não o queriam emprestar. Estavam intrinsecamente interessadas essa tropa no movimento. O seu comando superior havia sido confiado ao general Oscar Carmo, official de grande prestigio, cuja figura moral singularmente avultava dentro o julgamento dos insurrectos de 18 de abril.

O Sul estava de alma e corpo com o movimento, que factou-o, pôdo ao seu serviço todas as forças de que dispunha.

A Armada assistiu também, desde a primeira hora, sympathico com o movimento. Os bravos marinheiros de guerra não ignoravam que a frente das forças insurrectas se encontrava um dos mais illustres marinheiros da historia, o comandante Menes Lisboa Cabeadas.

Igual attitude assumia a aviação que, pela voz autorizada e prestigiosa de Brito Pais, o realizador do «raid» Lisboa-Macau, proclamou a sua attitudie entusiastica á revolução que acaba de triumphar.

Triunfou a revolução militar, immanente sobre todas as unidades e todas as armas-tropa e mar—na mesma espiração.

Os homens que assumem para as responsabilidades do poder visto defronte-se com os problemas da nossa crise, entre as quaes avulta o financeiro.

As intigias dos politicos, os seus debates rancorosos, e portanto sem elevação, conseguiram retardar as medidas de salvaguarda nacional que o país exigia.

O espectaculo depravado dum Parlamento que se gatava em discussões de retorias, sacrificando o bem commum a interesses de cubatas, chegara à sua fase menos simpatica.

Quando dos portugueses se encontravam na rua, mal trocadas as suas impressões sobre a marcha anomala da coisa publica, logo lançaram um do outro:

«Como acabará isto?»

Os acontecimentos, cuja primeira fase terminou esta madrugada, encerram-se de nos dar a seguinte resposta:

Os partidos retrairam-se a nação confia os seus destinos a outros meios.

Chegou a vez do exercito, não para impôr a hegemonia duma classe, mas sim para fazer do desenvolvimento a forma perfeita da dedicação á Patria.

A Republica fica soa à sua própria protecção, confiada em que ninguém se aproveitaria da força para a diminuir ou afrouçar.

Demosis sofreu ella já com as fraquezas dos homens e as ambições das tribus devorativas... »

A obra que o futuro governo carece de realizar é, além de complexa, vastissima.

Uma grande parte do país está em ruínas e a outra demanda esforços, incentivativos, ideias novas e fecundas.

A ordem publica, para ser rigorosamente mantida, dispensa violencias e agravos pessoais, mas ha de firmar-se em medidas que satisficam as reclamações justissimas que o povo, o ager do esquecimento e que o votaram, nunca pôde pedir.

Logo que se constoe a sentir a ação benéfica de providencias inspiradas no despojo de acabar de vez com o anismo existente entre o Estado e a Nação, está reabrindo o dialogo e orgulloso-se de ser servida pelos seus filhos mais dilectos, poderá dizer:

«Tudo o que soffria as amarguras devidas em que morream as milhares milhoas esperanças—mo alenta agora para convencer-me de que o meu governo tem razoes profundas que a maldade dos homens nunca podera cortar.»

Não dia em que o prestigio da lei se confundir com a honra da Patria, quando possível appareça-nos em Portugal uma facili de regressar, porque ninguém briga para defender o seu bairro contra o territorio que vai do Minho ao Algarve.

Proclamada a Republica, Mendes Cabeçadas foi eleito deputado ás Constituintes, por Silves, circulo 47. Politicamente, acompanhava o grupo do sr. Brito Camacho. A autoridade do seu feitico nuovo o levou para os primeiros planos. Foi o chefe do primeiro movimento do 19 de Julho do anno passado, tendo sido depois absolvido, e tencido apanhado, por sua conduta, ao posto de capitão de mar e guerra, durante o tempo de prisão.

Ha oito dias, foi, com outras officinas da 5 de Outubro, promovido a actual da Ordem Militar da Torre e Espada.

Jos Mendes Cabeçadas nasceu em 31 anno de idade. Nasceu em Loulé a 19 de agosto de 1863. Alfama mas Armada, a 10 de dezembro de 1902 segundo o exposto do 2.^o artigo 1903 Mendes Cabeçadas, quando tenente, foi um dos revolutionarios do 5 de outubro, puzto em conflito com o generacio de seu tempo, o «Alcaide», por Malhada Velha, que continha com parte de um clausulo desse vaso de guerra para o bem neta da revolução.

Chegando na madrugada de 4 de outubro ao porto de Lisboa, foi recebido com distincao e a 24 por se na ordem do momento, como chefe da columna de voluntarios providenciada para a república, recebeu o nome de generacio.

Manuel de Oliveira Gomes da Costa, é dos generaes mais antigos do Exército, o cahir circa de 60 anos. A sua folha de serviços á Patria é extensaissima:

Serviu nas escalas, em qual das suas campanhas, tendo sido ferido no campo de batalha e do Alentejo Central.

A sua folha de serviços á Patria é extensaissima: Serviu nas escalas, em qual das suas campanhas, tendo sido ferido no campo de batalha e do Alentejo Central.

Durante a guerra foi comandante do campo de concentração na provincia de Negros, em Luzern, Macau, tendo publicado e tido exposto um livro intitulado «A Guerra nas Colónias».

Posteriormente serviu em França, nos campos de batalha, tendo sido ferido no campo de batalha e do Alentejo Central.

Entrou, a respeito de intervenção politica, no partido da direita.

Foi eleito no partido da direita, de modo a fazer parte do grupo, para escolher a sua representação.

Nessa delegação, porém, deu lugar a uma discussão acerca de uma intervenção politica democratica, a sede ha duas publicas e a intervenção politica, que deixou prouto, a intervenção politica, que deixou prouto.

Faria insurge-se contra o «super-realismo», afirmando que «nunca foi, nem é um movimento; foi apenas e permanece uma atitude, embora André Breton, seu apóstolo, pretenda justamente o contrário. Um movimento supõe uma doutrina definida, processos fixos e uma finalidade positiva. Nada disto possui o super-realismo. Tudo isto possuía o futurismo - e o futurismo, esse sim, foi um movimento». De facto, nada mais «movimentado» do que o futurismo italiano, muleta «modernista» do fascismo. António Ferro bem tentou suscitar Marinettis portugueses, mas nada a fazer: Salazar não se prestava a odes. Outros «movimentos» mais revulsivos e devastadores iriam surgir na década: em 18 de Julho a Espanha começa a arder. O levantamento fascista que abortou a jovem república espanhola provocou uma guerra civil que causou mais de um milhão de mortos e durou até Março de 1939, deixando o país num estado de grande miséria. Eis como Mário

Neves evoca Badajoz entregue aos legionários e aos mouros de Franco: «Acabo de presenciar um espectáculo de desolação e de pavor que não se apagará tão cedo dos meus olhos. Um grande silêncio envolve ao longe a cidade. Desde ontem têm perdido a vida na capital estremenha centenas de pessoas. Passámos pelo fosso da cidade, que está ainda amontado de cadáveres. São os fuzilados desta manhã, constituídos na sua maioria por oficiais que se bateram até ao último momento entre aqueles que se conservaram fiéis ao governo de Madrid. Um deles é o tenente-coronel Juan Cantero, com os seus cabelos grisalhos, que está estendido entre outros de humilde aparência e que a morte surpreendeu em mangas de camisa. Oficiais revoltosos com quem falámos explocam-nos que a forma de selecção dois presos para a pena capital consiste no exame do corpo: aqueles que apresentam ainda o sinal das coronhas das espingardas gravado no peito, porque tivessem feito fogo durante muito tempo,



Figuras da «Seara Nova»: em primeiro plano, Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro e Raul Brandão; de pé; à direita, Raul Proença e Luís da Câmara Reis

A quarta geração

As gerações passam. As Instituições ficam. Estamos ao serviço do País há quatro gerações. Mais jovens, mais actualizados, mais modernos, aguardamos o futuro com confiança.

Com a sua confiança.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS



INVESTIR PELO SEGURO

A COMPANHIA DE SEGUROS
IMPÉRIO

GRANDE INVESTIDORA INSTITUCIONAL,
OFERECE-LHE A POSSIBILIDADE
DE APLICAR, AGORA, AS SUAS POUPANÇAS

IMPÉRIO-INVESTIMENTO

Permite-lhe aplicar as suas poupanças a **médio prazo**, em unidades de valor único obtendo um rendimento anual elevado com um máximo de segurança: juro mínimo garantido e participação nos rendimentos obtidos pelo Fundo Autónomo.



CONTA POUPANÇA-REFORMA IMPÉRIO

Ajuda-o a criar, progressivamente e a **longo prazo**, um capital que complementa a sua reforma e lhe dá a garantia de manter, no futuro, o nível de vida a que está habituado.



Dois produtos IMPÉRIO que você pode escolher de acordo com o seu caso concreto. Ambos lhe garantem: **um rendimento elevado e seguro, fiscalidade favorável, simplicidade e transparência.**

Contacte connosco.

Envie, hoje mesmo, o cupão que juntamos. Sem qualquer compromisso.

HIPER

Peça informações à IMPÉRIO - direcção VIDA - R. Garrett, 62 - 1200 LISBOA
Desejo receber sem compromisso, informações sobre «CONTA POUPANÇA-REFORMA»
e «IMPÉRIO-INVESTIMENTO»

Nome _____

Morada _____

Tel. _____

D. LISBOA



AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

«Cremos na vitória do mais bravo»

podem considerar-se definitivamente perdidos.»

Outro correspondente do «DL» na guerra civil espanhola, enviou este elucidativo «flash»: «Quando hoje almoçávamos no Hotel Majestic, de Badajoz, entrou o comandante em chefe da Legião, tenente-coronel Yague, que se sentou a uma grande mesa, com o seu Estado-Maior. A certa altura, alguém entregou ao ilustre oficial uma carta que Yague leu atentamente. Tratava-se de um pedido do sr. bispo de Badajoz, a favor de um indivíduo preso. O chefe do Tércio, quando acabou a leitura, voltou-se para um dos seus ajudantes e despachou assim: - Diga ao dador que comunique al señor Obispo que la persona por quienes se interessaba y otras han sido fusiladas esta mañana, para que el señor Obispo pueda vivir...»

Nestes terríveis anos 30, Vitorino Nemésio prossegue a sua colaboração no «DL», e são nomes mais assíduos nas páginas culturais os de Manuel Teixeira Gomes, Ramada Curto, Luís Forjaz

Trigueiros, João Gaspar Simões, Virgínia Lopes de Mendonça, Roberto Nobre, Rodrigues Cavalheiro, Manuel Anselmo, João de Castro Osório, Fernando Amado, Fidelino de Figueiredo e, no final da década, António Pedro.

O homem macaco

Nos anos 40, as trevas adensam-se. O eclodir da segunda guerra mundial, de que a de Espanha foi uma espécie de ensaio geral, relegam a cultura par escala mais baixa da hierarquia de valores. O isolamento que começara a separar-nos do mundo na década anterior, paralelamente à consolidação do «Estado Novo» e da sua censura, torna-se total. Portugal idiotiza-se de tal modo que os acontecimentos «mobilizadores da atenção da opinião pública, nos idos de 1942, quando a Europa, o Norte de África, o Médio e o Extremo Oriente estão a arder, são as aventuras do homem macaco, que «salta par o tejadilho dos eléctricos como quem pula para cima dum banco. (...) Só acalma quando caridosos donos de

leitarias lhe chegam baldes com cinco litros de água, que bebe dum trago».

O «DL», condicionado pelas dificuldades da época, continuava no entanto a não esquecer a cultura, publicando textos de Guees de Amorim, Maria Archer, Joaquim Paço d'Arcos, Manuela de Azevedo, Francine Benoit, Fernando Lopes Graça, Luís Forjaz Trigueiros (que prosseguiriam a sua colaboração nas décadas seguintes), Adolfo Casais Monteiro, Rui Luís Gomes, Manuela Porto e Luís da Câmara Reis. A guerra apanhou o «DL» no seu 20.º ano de existência, e Joaquim Manso augura: «Cremos na vitória do mais bravo, do mais humano e do mais apto para transformar o luto e a morte numa paz em que cada um encontre a liberdade, o pão, a bondade e a justiça. A civilização procede algumas vezes como Judas que vendeu Jesus por trinta dinheiros».

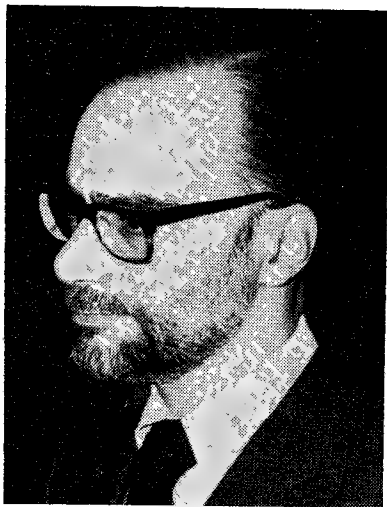
A mão suja

«Minha não está suja. / Preciso cortá-la. / Não adianta lavar. / A água está podre. / Nem ensaboar.



Joaquim Manso

O «DL» E AS ARTES



O «Diário de Lisboa», à sua entrada na cena portuguesa, foi o sítio de Almada Negreiros, em desenhos e prosas que em outros locais jornalísticos do quotidiano não tinham cabimento. Glória sua e do «Padre Manso» que fazia um jornal novo bem diferente da chatice dos outros, graficamente dinamizado nos seus títulos, com surpresas de frase e palavras «em liberdade» - relativa, sempre, ao resto do mercado intelectual e político.

Almada, Barradas, Stuart, e outros mais, e, em prosa cosmopolita, sózinhos e possível, o António Ferro - nestes anos 20 com vaguíssima curiosidade (se tanto) pela revolta dos «novos» na SNBA e, num Chiado pacato, com a Brasileira em duvidosa festa de quadros novos, que eram as «telas do Teles», o ABC a anunciar o «Bristol» com vampas vindas da província para todo o serviço; com os mesmos, que outros não havia. Quando, no 28 de Maio, «o trunfo foi espadas», o caso foi mais do Valença e, também tanto quanto censoriamente possível, do Botelho em «Ecos

da Semana» - enquanto, na largura central da primeira página do quotidiano, a prosa - «Diário de Lisboa» corria em distância prudente, e irónica.

Depois, já em 30, foi um suplemento literário, de nenhuma arte, com o Gaspar Simões a officiar à sua medida redonda, no maior esforço crítico profissional de todas as nossas letras. E quando o Pessoa morreu, em 35, foi ali que se viu o retrato inventado de propósito pelo Almada, primeiro que se desse por isso na urbe. Retrato que ficou no nosso imaginário, de chapéu e olho miope, máscara transparente para além da decilitragem quotidiana - oh pátria mágica conservada em álcool para lhe dar tempo de morrer!... Dessa cabeça saiu o corpo inteiro de arlequim com o pé cruzado que Almada pintaria duas vezes, virado para um lado e outros, como se a réplica fosse duma conversa de fala-só. Assim o «Diário de Lisboa» está na base do que, por via iconográfica (que é sempre a melhor), ficámos a poder saber do Pessoa - centenário que seja, de perna aberta, agora, ao cimo do Chiado. E por essa altura também, havia crónicas artísticas do António Pedro, então «dimensionando» em Paris.

Em crítica de arte, não era o «Diário de Lisboa» melhor nem pior que os outros, sendo o principal da casa, o Artur Portela com suas crenças naturalistas e suas embirrações que não pendiam muito para o nosso lado... Assim foram as coisas com a exposição surrealista de 49 e a da Jalco em 52 - e pior foram elas, no tempo seguinte da Galeria de Março e do abstraccionismo. Uma vez houve, por sinal, que, ante uma crítica especialmente antipática, pelos finais de 50, tivémos a triste ideia de escrever ao director, então, do jornal, a informar que o jornalista em questão era indesejável nas «nossas» exposições! Resultado, inteiramente justo, aliás: os artistas seus amigos fizeram-lhe um jantar de desagravo e homenagem... Depois, foi a vez do Artur Portela filho, com outra prosa e outro acerto de quem

sempre pensava em outras coisas... Um renovado suplemento literário teve mais tarde o Francisco Bronze por crítico de arte, jovem entusiasmado em suas verduras e teimosias. Fui eu que o recomendei, e durou pouco tempo, por conflito interno. Mesmo assim teve consagração no retrato colectivo dos «críticos» que o Nikias pôs na Brasileira - de olhos fechados, repare-se, por vingança do pintor...

Por essa altura, o João Abel Manta publicava ali uma série de excelentes «cartoons», retratos «charte» de gentes ilustres (eu, por exemplo, a ser violentamente interpelado pelo Amado, sobre o qual publicara um livro...), e comentários da pátria caetana. Teve processo por causa duma bandeira nacional mal usada, e creio ter necessariamente acabado, após Abril, pondo em cena muita gente, toda portuguesa e de cravo rubro, a correr aos alfaiates, na precisão republicana de virar casacas... Ficou assim dito em jornal, o principal e o pior que moralmente havia para dizer, na altura - artisticamente...

Entretanto começara eu, a convite do Raúl Rego, uns «Folhetins Artísticos» de tudo e mais alguma coisa, que duraram vinte anos, até ao número 500 - por, de contas certas, já não ter mais vinte anos de pena para chegar ao milésimo. Desde o ano passado que me fui aos «persas» que somos, mas sem artes.

Poucas artes, de resto, tem agora o «Diário de Lisboa», no meio duma vida artística com vedetas de altas cotações lisboetas e portuenses de mercado mais comum. Sinal de bom senso? Falta de mão-de-obra?

.... Não me ocorre mais nada, nesta prosa encomendada de setenta e cinco linhas, para o lado das artes, e assim mais ou menos satisfeita - decano que talvez eu, seja dos colaboradores constantes (e ainda vivos) do «Diário de Lisboa», nestes seus parabéns.

José-Augusto França

JORNALISMO E CULTURA ARQUITECTÓNICA



Pode dizer-se que é muito insuficiente a cultura arquitectónica em Portugal. Mesmo entre profissionais ela tem tido poucos praticantes e quase nenhuns instrumentos. Basta dizer que durante anos o País dispôs de uma única revista de Arquitectura, aliás de publicação muito irregular. Só agora esse panorama desolador começa a modificar-se com o aparecimento recente ou iminente de três novas revistas com bases aparentemente sólidas — uma delas publicada pela Associação de Arquitectos.

A esta situação não é alheia a insatisfatória qualidade da Arquitectura corrente no nosso país — mesmo daquela que é feita por arquitectos. Existem muito bons arquitectos entre nós, mas escassas as oportunidades que lhes são

oferecidas. Por isso, as boas obras perdem-se no mar de banalidades medíocres onde predominam as contrafacções feitas por técnicos não qualificados, por amadores ou até por simples curiosos, ao abrigo de uma legislação anacrónica por demais permissiva. Não se pode de facto desligar esta debilidade cultural da indiferença ou até da benevolência com que se aceita esta arrepiante mediocridade do nosso espaço edificado.

Tal situação tem certamente a ver com o nosso tradicional atraso e encontra paralelo noutros domínios da cultura. Mas na Arquitectura as carências são mais flagrantes. Não existe na Comunicação Social, por exemplo, uma actividade regular de crítica da Arquitectura, ao contrário do que acontece nos países desenvolvidos. Não existem praticamente jornais que disponham de uma coluna mais ou menos regular, também contrariamente ao que se verifica em relação ao cinema, ao teatro, à rádio, à literatura, à música, às artes plásticas, por exemplo. Só recentemente alguns semanários publicam de tempos a tempos artigos de crítica consagrados à Arquitectura. É verdade que as referências a obras de Arquitectura são agora mais frequentes na Imprensa. Mas são geralmente tratadas ao nível da curiosidade e do «fait-divers». A Arquitectura é assim o parente pobre das artes na Comunicação Social. E no entanto trata-se de uma disciplina que enquadra o nosso quotidiano, que tantas vezes o condiciona e que por vezes o embeleza. Uma relação desta arte-técnica com o público, com os utentes, é assim uma prioridade. E só os jornalistas a poderão estabelecer.

É assim que para alterar este quadro o jornalismo tem um insubstituível papel a desempenhar. E pode começá-lo por meio de alguns procedimentos elementares de mero carácter informativo, como o de referir os autores de edifícios quando estes são notícia; por exemplo a propósito de uma inauguração ou visita ministerial. É esta uma prática corrente no estrangeiro. Enquanto entre nós se considerar como sem importância a autoria de um projecto, está-se a secundarizar uma prática profissional que é determinante para o resultado de um ambiente ou de uma construção. Ao mesmo tempo seria útil já dar mais relevo a acontecimentos no domínio da Arquitectura, como concursos ou exposições, procurando fornecer ao público elementos informativos indispensáveis para uma aprendizagem crítica.

Sabemos no entanto que os críticos de Arquitectura não se fabricam de um dia para o outro. Poder-se-ia assim recorrer, por exemplo, a entrevistas ou mesas-redondas reunindo arquitectos, críticos e historiadores de arte, proporcionando debates à volta de problemas ou realizações de Arquitectura.

O interesse que hoje se verifica ao nível da opinião pública sobre as questões ligadas ao ambiente, ao urbanismo, ao espaço edificado, ao património, exige da Comunicação Social respostas que até agora não têm sido dadas. Caberá aos jornalistas encontrarem os meios para proporcionar tais respostas.

Nuno Teotónio Pereira



INMODA

ESCOLA TÉCNICO-ARTÍSTICA

Cursos de

ESTILISMO — Em funcionamento
Abertas inscrições para o curso 1990/92

MODELAGEM — Em funcionamento
Abertas inscrições para 1989

**ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO E
CRONOMETRAGEM**

Abertas as inscrições para 1989

RELAÇÕES PÚBLICAS

Abertas as inscrições para 1989

CURSOS NOCTURNOS E DIURNOS

Direcção: Geral — Anselmo Bálzola
Estilismo — Rui Campos
Modelagem — Carlos Patrício

**PENSE NO SEU FUTURO
CONHEÇA-NOS
CONTACTE-NOS**

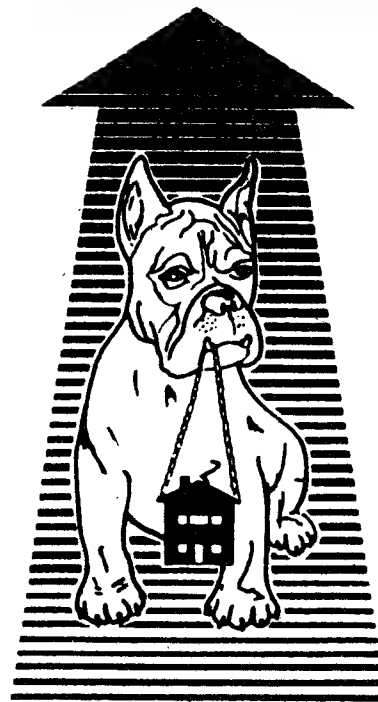
INMODA

R. Borges Carneiro 32/2 9 1200 Lisboa T. 676588

DIAFA

SOCIEDADE IMPORTADORA E EXPORTADORA DE MATERIAL ELECTRÓNICO, LDA

ALARMES



UM NOVO ESTILO EM SEGURANÇA ELECTRÓNICA

Rua Capitão Leitão, 47, 1º-D-B

ALMADA — ☎ *276 1387



Todo o jornalismo é cultura

1 - Discorrer, ainda que para breves apontamentos, sobre cultura e jornalismo exige a definição de latitude dos dois termos. Suponho que não se pretende restringi-los a ponto de lhes reduzir ao mínimo a intercepção. Pelo contrário, tenho por fundamental fazer esta coincidir com um deles, aceitando para cultura o mais lato entendimento que conheço (é cultural todo o produto humano não inteiramente biológico).

Afigura-se-me, pois, de primeira importância postular que todo o jornalismo é cultura, o que desdiz a rígida designação das tutelas governativas. Por outro lado, toda a cultura é, de algum modo, Comunicação Social.

A relação entre os dois tempos envolve partes dum mesmo todo orgânico. Partes que poderão afectar-se mais ou menos directamente, sem talvez as haver cem por cento independentes entre si. De onde um feixe de desiguais probabilidades de afectação de umas pelo mau funcionamento de outras.

2 - O desenvolvimento dos meios de comunicação (inclusive do indivíduo consigo mesmo, por via computacional) conduz a dois efeitos de sinais opostos. Facilita comprovadamente a massificação e presta-se a toda a espécie de manipulação de gostos, apetências, opiniões e actos de cada um, não raro para, através duma estupidificação colectiva, atingir objectivos mercantis e outros. Mas, em qualquer organismo vivo, o aumento da rede de comunicação interna provoca uma heterogeneização. Processo que se apresenta desejável, no pressuposto da não existência de censura, com a qual o organismo deixaria de ser (tão) vivo.

Desejável pela compatibilidade democrática. E por compreender mecanismos de auto-regulação, próprios de tudo o que seja vida, se não sua condição necessária. Refiro-me a múltiplos jogos de desafio e resposta, em que participam os produtores, os viabilizadores administrativos (empresas de base permanente, agentes de publicidade, mecenato), os publicistas ajuizadores e o público. Processos complexos, cujos parâmetros e variáveis são de diferentes ordens, desde os económico-sociológicos, históricos e políticos aos da esfera da cultura dita cultivada. Entre os seus meios de actuação oferece-se explicitar a crítica, sem a tão estafada quanto pleonástica recomendação de que seja construtiva. Porque a crítica verdadeiramente crítica é sempre construtiva.

3 - A compatibilidade democrática não exclui práticas pseudo-democráticas. A regra de prevalência da maioria e ordenação dos votos não é aplicável indiscriminadamente. Não é legítimo decidir por refrendo universal sobre a pertinência ou impertinência da Matemática nos cursos escolares. Em termos de cultura e jornalismo, o encobrimento da demagogia com a aparência de democracia, tendente a um nivelamento por baixo, tem-se mostrado particularmente tentadora no capítulo dos valores e avaliações estéticas. Em nome dum erroneamente entendido antielitismo, cometem-se atentados à missão de esclarecimento pedagógico aprofundamente. Mais uma razão para a necessidade de inteligência, competência e ética por parte de quem quer que use os meios da Comunicação Social aqui em causa.

É certo que não existem critérios objectivos de avaliação estética. Quando muito, poderá dizer-se terem alto valor as obras e autores que um número estatisticamente representativo de pessoas afirme terem-no. Mas desde que por representatividade estatística se entenda um argumento não só quantitativo mas também, e principalmente, qualitativo.

A articulação com o que acima referi, quanto a heterogeneidade no seio do todo orgânico, resulta consentânea com a concreta multiplicidade dos circuitos de produção duma escala de valores absolutos. O que, infelizmente, não inviabiliza certas hierarquizações disfarçadas, decisivamente influenciadoras da projecção relativa das diferentes temáticas junto dos na maior parte desprevenidos destinatários da Comunicação Social. A censura indirecta pode ser exercida de modos bem mais hábeis do que os da outra, directa e formalizada.

João de Freitas Branco

Do tempo do «chora» e das caleches

/ O sabão é ruim. A mão está suja, / suja há muitos anos. / (...) E era um sujo vil, / não sujo da terra, / sujo de carvão, / casca de ferida, / suor na camisa / de quem trabalhou. / É um triste sujo / feito de doença / e de mortal desgosto / na pel enfarada? / Não era sujo preto / - o preto tão puro / numa coisa branca. / Era sujo pardo, / pardo, / pardo, tardo, cardo. / Inútil conservar / a ignóbil mão suja / posta sobre a mesa. / Depressa, cortá-la, / fazê-la em pedaços / e jogá-la ao mar! / Com o tempo, a esperança / e seus maquinismos / outra mão virá / pura-transparente - / colar-se a meu braço», escrevia o grande Carlos Drummond de Andrade num «DL» de Outubro de 51, exprimindo a esperança do mundo num futuro melhor.

Cinquenta ainda é preto, mas já se vislumbra no horizonte alguma claridade. No que à cultura diz respeito, o jornal anima-se.

Ramada Curto, na sua coluna «Preto no Branco», em 19 de Setembro de 1951, evoca Gualdino Gomes, espécie de sobrevivente de uma Lisboa remota, do tempo do «chora» e da caleches: «Este homem superiormente bem educado, numa, como o Cyrano, se curvou diante de ninguém, por interesse, nunca procurou protectores poderosos, nunca escondeu uma opinião com medo de desagradar aos que mandam. Viveu só, morreu pbre, acompanhado apenas pela ternura e pelo respeito de meia dúzia de amigos que o amaram e o admiraram. Era um estranho, um antepassado, uma curiosidade para a gente de hoje que o não conhecia e não podia compreendê-lo».

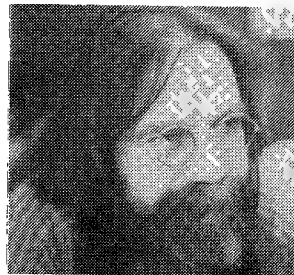
Ainda havia personagens como a de Gualdino nos anos 50. O futuro viria a nivelar todas as diferenças, mas nesses tempos, que estavam longe de ser risonhos, o leitor podia abrir o «DL» e ler: «É bem visível a ineficácia da análise literal da poesia, enterrada nas pilhas de comentários por meio dos quais pleiades sucessivas de esmiuçadores do verso, sob todos os seus aspectos, têm tentado pelos séculos fora, achar a causa dos misteriosos poderes que nela se contém. Na realidade, só os filósofos e os poetas sabem falar



Gualdino Gomes

A Catedral da memória

Como é que se conta quase a vida toda em 25 de linhas? Não se conta ...ou diz-se assim para que, mesmo dizendo pouco, alguma coisa se entenda de essencial. Aprendi a ler por este jornal. Tinha cinco anos, o «DL» era o jornal lá de casa, comprava-se só aos domingos, custava cinco tostões, era para ver se o Belenenses ganhara ou não, e eu soletrava Ca-pe-la, Vas-co, Fe-li-ci-a-no... os meus heróis de infância.



Um dia, muito mais tarde, no Chiado, alguém me desafiou: «queres tentar um estágio num jornal?». «No 'Lisboa'?». Não, não era no 'Lisboa'. Estava quase, quase a ser expulso do Ensino, rendi-me ao estágio num jornal que não era o meu. E fiquei. Vinte anos. No 'Popular' aprendi não a ler, mas a escrever (enfim o que sei) e a amar os jornais para toda a vida.

Aprendi também a subir esta Luz Soriano todos os dias, tentando cada dia não deixar morrer a paixão, tentando que cada dia fosse como da primeira vez que se sai para a rua atrás da notícia com o fascínio de quem dá tudo por tudo com medo de falhar.

Aprendi mais. Aprendi a passar à porta deste jornal, a estabelecer com ele um secreto «flirt», estranho jogo de sedutor-seduzido, feito tantas vezes de interiores monólogos sobre os seus êxitos e os seus fracassos. Como durante dois anos, em Moçambique, na guerra, era assinante do «DL», havia dias que ele me chegava andava eu no mato, largava a espingarda da mão e punha-me a ler o 'Lisboa' atrasado às vezes mais de um mês.

Hoje aqui estou, quereria para sempre ou até ao fim, e que ele me sobrevivesse. Porque este jornal já o era quando eu nasci, soleitri nele as primeiras letras, por ele soube deste País quando andava por fora e não sabia se haveria regresso.

Há quem tenha escrito epopeias, feito ou esboçado gestos que só por si enobrecem uma vida. Nós, jornalistas, não. Os nossos gestos são pequenos gestos, quotidianos; a nossa escrita nasce e morre todos os dias e de cada dia dura o que dura e sempre tão pouco.

Mas há operários que empilham pedras e só empilham pedras. Outros há que sabem que podem estar a erguer catedrais. A nossa epopeia, ou a minha, quereria eu, agora, que fosse esta: o empilhar todos os dias de pedras, pedras que ajudassem a tornar mais sólida esta catedral que já vim encontrar erguida ao nascer e que desejaria se eternizasse.

Assim é ou que assim seja e eis que me dou conta que já ultrapassei as linhas em dez ou quinze, talvez mais. Mas, vendo bem, acho que mereço: mais anos do que isso levei eu para aqui chegar...

Rodrigues da Silva

**Já experimentou
o novo som
da Comercial?
Notou
a diferença.**

**Rádio
Comercial**

Sempre Diferente

«No verso não há mistério nenhum»

continuação da pág. 15

da poesia - exactamente porque não procuram o segredo nas linhas, mas nas entrelinhas, e, muito menos do que explicar, aspiram a interpretar. E explicar o quê? Eis a pergunta que, se a soubessem propor a si próprios antes explicadores, lhes e nos evitaria tanto tempo perdido à margem da questão. Explicar o «porquê»? Explicar o «como»? Explicar o «para quê»? Só a esclarecida interrogação sobre estes três problemas prévios no íntimo foro de cada aspirante a explicador, bastaria para diminuir a crise internacional do papel... Na realidade, no verso não há mistério nenhum, quer dizer não é na rebusca de elementos que se pode encontrar a chave daquilo que de tais elementos se pode encontrar a chave daquilo que de tais elementos parece compor-se. O segredo está precisamente em que de tais elementos parece compor-se. O segredo está precisamente em que os elementos deixam de funcionar como tais desde o momento que há poesia. O verso é uma confluência imprevisível de causas que, mesmo reconhecidas, mesmo compreendidas, não nos poeriam dizer o segredo da sua transformação em poesia. Sabemos demasiado pouco da correspondência entre as várias regiões da realidade para estarmos habilitados a estabelecer a entre o plano do entendimento e o plano em que sentimos esteticamente - pois nem sequer sabemos o que venha a ser este sentir esteticamente, não obstante ser uma evidência irrecuperável». São palavras de Casais Monteiro, no seu artigo «O Mistério de Poesia», aqui publicado em 30 de Abril de 1956, às quais respondia, como um eco, esta declaração de Mário Cesariny de Vasconcelos em 59: «Pode dizer-se que, actualmente, não há traço de pincel ou letra de tinta que não retire os seus 60 por cento da pedra de toque atirada por Breton em 1924. Surrealistas, surrealizantes, surrealistoides e surrateiras, eis uma classificação, em escala descendente, mas fácil e rápida, que proponho à crítica para todas as obras de arte produzidas em 1958.»

A besta apocalíptica
Noutro diapasão, Aquilino via assim o centenário de Balzac (22/

continuação na pág. 21

ANO 14.º

LISBOA - SEGUNDA-FEIRA, 4 DE FEVEREIRO DE 1935

N.º 4388

Diário de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor:
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO - Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão:
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES - 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NO lado ocidental da estação de Campolide, e dentro dos terrenos da C. P., mas limitados das oficinas por um gradeamento, ha desde ha muitos anos uma serventia para o publico, que parte da calçada dos Mestres e desemboca quasi de frente da porta exterior da estação, encurtando o caminho algumas centenas de metros, o que equivale a tempo poupado para quem vai tomar um comboio.

Esses terrenos têm por base, constituindo solo por entulhamento, os detritos do carvão, cinzas das grelhas.

Desde ha semanas que esse terreno — no dizer do povo — entrou «a andar». Levantaram-se rios de fumo de combustão espontanea dos terrenos entulhados de restos de carvão, mal consumido. Com a humidade dos ultimos dias o espectáculo ofereceu curiosidade. O terreno começou a abater, por infiltrações e brechas, desvendando-se, e oferecendo perigo.

E ontem a serventia foi fechada ao publico, ficando lá apenas um guarda. Agora a volta para chegar à estação é mais larga e penosa. O «incendio» subterraneo continua. E o criterio simpático do povo que por ali mora leva a recear que «o chão arda todo».

«Parece um vulcão sem boca», dizem os que ignoram o fundamento natural e o aspecto inofensivo do incidente, que — diga-se em abono da verdade — podia ter sido previsto.

A TELEVISÃO...

Pois será um facto dentro de alguns meses, um facto — para toda a gente, e não apenas para uma roda de técnicos ou de raros amadores do progresso da T. S. F.

O ministro inglês das Comunicações assim o declarou no Parlamento. Haverá emissões diarias de programas de televisão, já no campo pratico e acessível, e oferecendo um largo campo ás possibilidades mais modestas.

Estarmos na nossa casa, comodamente, a ver e a ouvir — a um tempo — o que se passa na Inglaterra é milagre da ciencia (embora já ha dois ou três anos revelado) que faria estarrecer de pasmo os nossos bisavós, que acusariam os sabios de feticheiros.

ARTUR Inês, um dos mais distintos jornalistas da moderna geração, director do interessante semanario «O Diabo», acaba de publicar um livro intitulado «Torel — Norte, 5853 — reportagem de rua», que é um belo trabalho literário, a que o nosso critico se ha de referir em breve.

O volume, que se apresenta com excelente aspecto grafico e ao qual está por certo reservado um grande exito, tem uma capa sugestiva de Nobre.

FOI hoje posta á venda a segunda edição do livro de Armando Ferreira «Lisboa sem camisa».

A primeira edição deste interessante volume humoristico esgotou-se em dez dias.

“Associações secretas”

Estreou-se a Assembleia Nacional, do ponto de vista legislativo, com a apresentação, por um deputado, de um projecto de lei sobre «associações secretas». De tal ordem é o projecto, tanto em natureza como em conteúdo, que não ha que felicitar o actual Parlamento por lhe ter sido dada essa estreia. Antes que dizer-lhe «Abstém-te!», ou seja, em português, «Longe vá o agoiro!».

Apresentou o projecto o sr. José Cabral, que, se não é dominicano, deveria sê-lo, de tal modo o seu trabalho se integra, em natureza como em conteúdo, nas melhores tradições dos inquisidores. O projecto que todos teremos lido nos jornais, estabelece varias e fortes sanções (com excepção da pena de morte) para todos quantos pertencam ao que o seu autor chama «associações secretas, sejam quais forem os seus fins e organizações».

Dada a latitude desta definição, e consideração que por «associação» se entende um agrupamento de homens, ligados por um fim comum, e que por «secreto» se entende o que, pelo menos parcialmente, se não faz á vista do publico, ou, feito, se não torna inteiramente publico, posso, desde já denunciar ao sr. José Cabral uma associação secreta — o Conselho de ministros. De resto, tudo quanto de serio ou de importante se faz em reunião neste mundo, faz-se secretamente. Se não reunem em publico os Conselhos de ministros, também o não fazem as direcções dos partidos politicos, as tenebrosas figuras que orientam os clubes desportivos, ou os sinistros comunistas que formam os conselhos de administração das companhias comerciais e industriais.

Embora uma interpretação desta ordem legitimamente se extraia do frasear pouco nacionalista do sr. José Cabral, creio, tanto porque assim deve ser, como pelos encontros com que o projecto foi afagado pela imprensa pseudo-cristã, que as «associações secretas», que ele verdadeiramente visa, são aquelas que envolvem o que se chama «iniciação», e portanto o segredo especial a esta inherente.

Ora no nosso país, calda ha muito em dormencia a Ordem Templaria de Portugal, desaparecida a Carbonaria — formada para fins transitorios, que se realizaram, — não existiu supponho, aparte uma ou outra possível Ljja martinista ou semelhante, mais do que duas «associações secretas» dessa especie. Uma é a Maçonaria, a outra, essa curiosa organização que, em um dos seus ramos, usa o nome profano de Companhia de Jesus, exactamente como, na Maçonaria, a Ordem de Heredom e Kilwinning usa o nome profano de Real Ordem da Escocia.

Dos chamados jesuitas não tratarei e por três motivos, dos quais calarei o primeiro. Os outros dois são: que não creio, por mais razões do que uma, que eles corram risco de, aprovado que fosse o projecto, lhes serem applicadas as suas sanções; e que não creio, por uma razão só, que o sr. José Cabral tenha pretendido que tal applicação se fizesse. Presumo pois que o projecto de lei do urgente deputado se dirija, total ou principalmente, contra a Ordem Maçonica. Como tal o examinarei.

Não faço, creio, ofensa ao sr. José Cabral em supor que, como a maioria dos anti-maçons, o autor deste proje-

cto é totalmente desconhecedor do assunto Maçonaria. O que sabe dele é até, porventura, pior que nada, pois, naturalmente, terá nutrido o seu anti-maçonismo da leitura da imprensa chamada catolica, onde, até nas coisas mais elementares na materia, erros se acumulam sobre erros, e aos erros se junta, com a má-vontade, a mentira e a calunia, senhoras suas filhas. Não creio que o sr. José Cabral conviva habitualmente com os livros de Finde, Kluss ou Gould, ou que passe as suas horas de ocio na leitura atenta da Ars Quatuor Coronatorum ou das publicações da Grande Loja de Iowa. Duvido, até, que o sr. José Cabral tenha grande conhecimento da literatura anti-maçônica — Barruel ou Robison ou Eckert, — tam admirável, aliás, do ponto de vista humoristico. Nem terá tido porventura noção, sequer de ouvido, do artigo celebre do Padre Hermann Gruber na Catholic Encyclopedia, artigo citado com elogio em livros maçônicos, e em que o douto jesuita por pouco não defende a Maçonaria.

Ora se o sr. José Cabral está nesse estado de trevas com respeito á natureza, fins e organização da Ordem Maçonica, supponho que em igual condição estejam muitos dos outros membros da Assembleia Nacional, com a diferença de que se não propuseram legislar sobre materia que ignoram. Sendo assim, nem os deputados apresentante, nem os seus colegas de assembleia, estarão talvez em estado de medir claramente as consequências nacionais, internas e sobretudo externas, que adviriam da aprovação do projecto. Como conheço o assunto suficientemente para saber de antemão, e com certeza, quais seriam essas consequências, vou fazer patrioticamente presente da minha ciencia ao sr. José Cabral e á Assembleia Legislativa de que é ornamento.

Começo por uma referencia pessoal, que cuido, por necessaria, não dever evitar. Não sou maçon, nem pertenço a qualquer outra Ordem, semelhante ou diferente. Não sou porém anti-maçon, pois o que sel do assunto me leva a ter uma ideia absolutamente favoravel da Ordem Maçonica. A estas duas circunstancias, que em certo modo me habilitam a poder ser imparcial na materia, acresce a de que, por virtude de certos estudos meus, cuja natureza confina com a parte oculta da Maçonaria — parte que nada tem de politico ou social, — fui necessariamente levado a estudar também esse assunto — assunto muito belo, mas muito difficil, sobretudo para quem o estuda de fóra. Tendo eu, porém, certa preparação, cuja natureza me não proponho indicar, pude ir, embora lentamente, compreendendo o que lia e sabendo meditar o que compreendia. Posso hoje dizer, sem que use de excesso de vaidade, que pouca gente haverá, fóra da Maçonaria, aqui ou em qualquer outra parte, que tanto tenha conseguido entranhar-se na alma daquela vida, e portanto, e derivadamente, nos seus aspectos por assim dizer externos.

Se falo de mim, e deste modo, é para que o sr. José Cabral e os seus colegas legisladores saibam perfeitamente quem lhes está falando, e que

(Ver continuação na pagina central)

O PRINCEPE de Gales — sempre excentrico e simpatico — apaixonou-se pelo encanto misterioso da carnemusa, esse instrumento musical que raros cultivam pela dificuldade que oferece. Com entusiasmo, estudou a historia e a tecnica do classico instrumento, e compôs mesmo uma peça musical, uma marcha de ritmos lentos destinada á Guarda Escocesa, cujos artistas a ensaiaram para ser executada no render da guarda em Saint James e em Buckingham Palace.

A rainha de Inglaterra é amadora de musica e de belo canto, mas as suas produções não são ouvidas senão pelo limitado grupo que vive ou frequenta os palacios. A «opera» do Principe de Gales todos a podem ouvir, e para o feticio inglês, com o seu fundo de bonomia ou de infantilidade, isto constitui um acontecimento. E o bom humor interroga:

— Encontrou o nosso principe o seu bom caminho?

★ ★ ★

A ULTIMA conferencia da série de urbanização, levada a efeito pela Camara Municipal no seu salão nobre, realizou-a o architecto sr. Paulino Montez, que falou acerca da «Estetica da Cidade», apresentando um trabalho interessantissimo, fundamentado, de relevo erudito e de um notavel sentido moderno, e com flagrante oportunidade.

O trabalho do distinto artista, que pertence á pleiade dos architectos que sabem e que estudam sempre, vai ser publicado, circunstancia que até certo ponto nos redime do facto de não termos publicado qualquer extracdo da sua conferencia — o que estava na nossa intenção — e que a falta de espaço impediu que fizéssemos ontem.

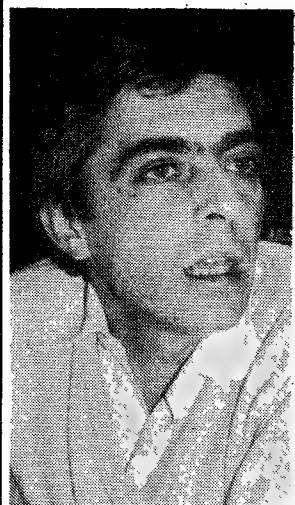
★ ★ ★

A CAMARA Oficial de Industria, de Madrid, aprovou uma proposta no sentido de se entabularem negociações para um tratado de commercio com Portugal, lamentando que ainda não estejam reguladas as relações comerciais entre povos tão estreitamente unidos pelo afecto, e que o devem estar também pelo interesse comum.

A referida Camara discutiu interessantes pontos de vista, especialmente no que se refere ao cacau e ás madeiras, e estatísticas de commercio que demonstram a quantidade de riqueza anulada pela falta duma politica comercial adequada. Assim, enquanto, em 1910, a exportação de Portugal para Espanha foi de cinquenta milhões de pesetas, e a de Espanha para Portugal de sessenta milhões, em 1933 foi a primeira apenas de seis milhões, e a segunda de sete milhões.

★ ★ ★

ESTA retido no luto o sr. dr. Caetano da Mata, illustre ministro dos Negocios Estrangeiros, por cujas me-lhoras fazemos sinceros votos.



AS PESSOAS DO TEATRO E OS JORNAIS

As pessoas do teatro precisam dos jornais. Precisamos tanto que quase dependemos deles. Quem, no teatro, põe uma peça em cena sem fazer um programa de contactos com os jornais? Quem não escreve notícias e tira fotografias para mandar para os jornais na esperança de que alguma notícia apareça publicada não importa onde, seja em que página for, seja em que jornal for? Quem não telefona aos jornalistas que conhece e não conhece sugerindo, pedindo, suplicando, que tenham algum tempo ou espaço de jornal para uma qualquer entrevista, não importa qual, mesmo que não se tenha nada para dizer? Quantos são os que não gastam já umas dezenas de contos em qualquer «cocktail» para que os jornalistas em troca publiquem uma notícia? Quem recusaria uma capa? No teatro trabalhamos para o público.

Sem dinheiro para afixações gigantescas de cartazes, correio directo ao público, anúncios na TV, postais, autocolantes, camisolas, sem tempo nem prática, nem tradição, nem dinheiro, para outras formas de contacto mais directo com o público (informações a escolas e Universidades, sindicatos, locais de trabalho, associações culturais, se é que essas coisas ainda existem como lugares de alguma vida colectiva) quem dirá ao público que as pessoas dos teatros ali estiveram a preparar um trabalho para ele, que ali estão nos teatros à espera dele, que morrem de tédio e de falta de razão de ser se ninguém lhes ligar, quem dirá ao público que existem espectáculos em cena, que há mais uma possível fonte de prazer? É assim que, infelizmente, pensamos nos jornais, é assim que nos habituámos a pensar neles: os jornais são, apesar de tudo, os meios mais baratos de publicitar o nosso trabalho.

Estamos portanto em eterna dívida para com os jornais. Os jornais prestam-nos um serviço barato. Estamos mal. Estamos, sim, é verdade. Estamos sem dinheiro, por um lado, para pagar a publicidade que queremos e estamos mal, por outro lado, porque estamos numa sociedade onde não pode já existir um contacto directo entre quem faz o teatro e o vê, em que as condições de vida exigem a profissionalização de uma actividade por essência «amadora», em que a vida em comum de que o teatro nasce quase só ainda pode existir através de intermediários, de profissionalíssimas máquinas de Informação. Quem não tem saudades da relação com o público que se estabelecia nos espectáculos que em miúdos fazíamos para a família e os vizinhos? Ou dos espectáculos para o bairro nas sociedades de recreio? Ou dos espectáculos para os colegas nas Universidades? Ou das representações tradicionais nas aldeias?

O difícil contacto entre quem faz o teatro e o público nas cidades em que vivemos e a falta de dinheiro ou de predisposição das companhias de teatro para entrar nas regras dos actuais meios de Comunicação, empurra-nos para uma relação com os jornais que é feia, pobre, errada. E os jornais por sua vez entram no mesmo jogo: servem-se de nós para preencher as chamadas páginas de espectáculos, ou para decorar com fotografias diferentes as páginas habituais. Não é normalmente o ritmo das estreias ou dos acontecimentos teatrais que dá mais ou menos

espaço às poucas notícias que habitualmente cobrem o que se passa nos teatros. É o espaço vazio dos jornais que nós vamos preencher, ou as rubricas que se decidiu ainda haviam de ser dedicadas ao teatro. E se houver duas estreias no mesmo dia, uma delas, pelo menos, talvez fique para depois, para quando houver espaço.

Mas há que levar-lhes isso a mal? Talvez não. E há bem pouco tempo tomei consciência disso ao ler uma entrevista de um jornalista a um jornal (que, por acaso ou não, poucas pessoas lêem e que, por acaso ou não, não é o jornal onde trabalha). Os jornais têm também o seu público. E os jornais têm de se vender. E vender-se-ão tanto mais quanto as notícias que trouxermos interessarem ao seu público. E quem se interessa pelas notícias do teatro? Quantos leitores procuram, como eu, nos jornais, notícias de algum espectáculo que vá estreiar, alguma reportagem sobre uma nova produção, uma entrevista com algum actor ou algum encenador sobre um novo trabalho, alguma mesa-redonda sobre a política teatral ou sobre linhas de programação? Muito poucos. Alguns mais passarão os olhos por uma página de espectáculos para se reconfortarem, para terem a ilusão de que estamos num País civilizado onde existe vida cultural. Para isso talvez se fazem ainda as páginas de espectáculos e por isso talvez uma pequena camada de público ainda queira que essas páginas existam. As páginas de espectáculos talvez não possam transgredir essa dimensão, sob pena dos leitores acharem que o jornal está cheio de «palha».

E dentro destes limites, como são as páginas de espectáculos? Como não podia deixar de ser, como o público de cada jornal. E há públicos diferentes. E é assim que há artistas ou espectáculos que interessam a uns jornais e a outros não, é assim que há fotografias de espectáculos que interessam a uns e a outros não, é assim que os próprios artistas e espectáculos mudam de imagem para servir este ou aquele jornal, é assim que os jornais fabricam os próprios artistas. Não dou comigo a dizer sistematicamente ao Êxito que os espectáculos que faço são simples e divertidos? Não dou comigo a inventar coerências perante o Rodrigues da Silva do Diário de Lisboa? Não dou comigo a tornar-me «artista» perante o Jornal de Letras e «sedutor» perante a TV-Guia? Não dou comigo com medo das entrevistas porque acabo sempre por dar comigo a dizer o que não penso? Posso acusar os jornais? Não. Jornalistas e gente de teatro estamos afinal irmãos e escravos perante uma mesma e terrível e amada coisa: o público.

E esse público que quer? Interessa-se mesmo pelo teatro? Interessa-se que no teatro se faça isto ou aquilo, desta ou daquela maneira? Interessa-lhe saber que existe alguma actividade teatral? Interessa a alguns, evidentemente, que lhe dêem notícias do que pode ir ver para matar algum pouco tempo livre. (Por isso nos interessam a nós gente de teatro, os jornais). Numa cidade onde há tanta coisa, onde, por outro lado, a vida cultural só pode ocupar pouco espaço, o público quer, ou divertir-se, ou não perder o combóio cultural, quer ver o que há de melhor.

Não tem tempo nem curiosidade para decidir por si. Pede aos jornais que escolhem por ele. Têm essa função as páginas de espectáculos dos jornais. Assim se inventaram as estrelinhas, os roteiros comentados. E como escolhem os jornais? Escolhem uma vez mais pelo que pensam que o seu público mais vai gostar. Regra geral pela novidade ou pelo gosto médio. Quantos jornalistas, quantos críticos, irão contra tudo e contra todos, terão um gosto que escandalize o seu público? Quantos jornalistas não quererão dar ao público essa imagem reconfortante do teatro que o público

procura? Poucos. E outra vez quem manda é o público.

E a crítica? Também entra nisto? Quase sempre. A crítica não pode ignorar que o público quer que ela mande nele. Que o que espera dela é que lhe diga de que espectáculo vão gostar. Só isso fará o público ler as críticas. Os críticos sabem isso, sabem deste poder. E sabem que só quem verdadeiramente os lê somos nós pessoas de teatro. Assim também aqui se gera uma teia de dívidas e compromissos. Neste quadro a única verdadeira função da crítica é dar notas, estrelinhas. E os principais interessados somos nós, pessoas de teatro. E como quanto mais prestígio tiver o crítico e o jornal, mais importância para o público têm as notas e as estrelinhas, os críticos dizem mais coisas, às vezes mais interessantes, para construir o seu prestígio e o prestígio do jornal. Tudo evidentemente dentro da óptica de cada jornal em função de que público tem, ou julga que tem, ou quer ter.

Relações más, mortas, estas entre Imprensa e teatro. E nem se imagina quanto nos dominam a nós, artistas. Agora, em que o contacto directo com o público cada vez mais se resume às gargalhadas ou às possíveis palmas ou a esse comum respirar numa mesma sala de espectáculos, que faremos se não for a Imprensa a trazê-lo até nós?

Mas é esta a relação com a Imprensa que sonhamos? Não. Porque não é esta a relação com o público que desejamos. Eu não queria que o público soubesse o meu nome, me comprasse o bilhete e me desse palmas. Queria que me conhecesse mesmo, que soubesse como se investe tanto num espectáculo, queria que o público percebesse como um espectáculo pode ter uma experiência de vida diferente das que tem todos os dias, queria que percebesse o que é uma encenação, o trabalho de criação de um papel ou de um cenário, queria que concordasse ou discordasse de mim, que pensasse sobre o que fiz, que tivesse mesmo prazer. E queria que os jornais colaborassem nisso. Mas será que é isso que o público quer dos jornais? E eu não queria só que os jornais falassem de nós ao público. Queria opiniões a sério, críticas cuidadosas e inteligentes, queria outras opiniões, queria discussões, textos paralelos, etc.

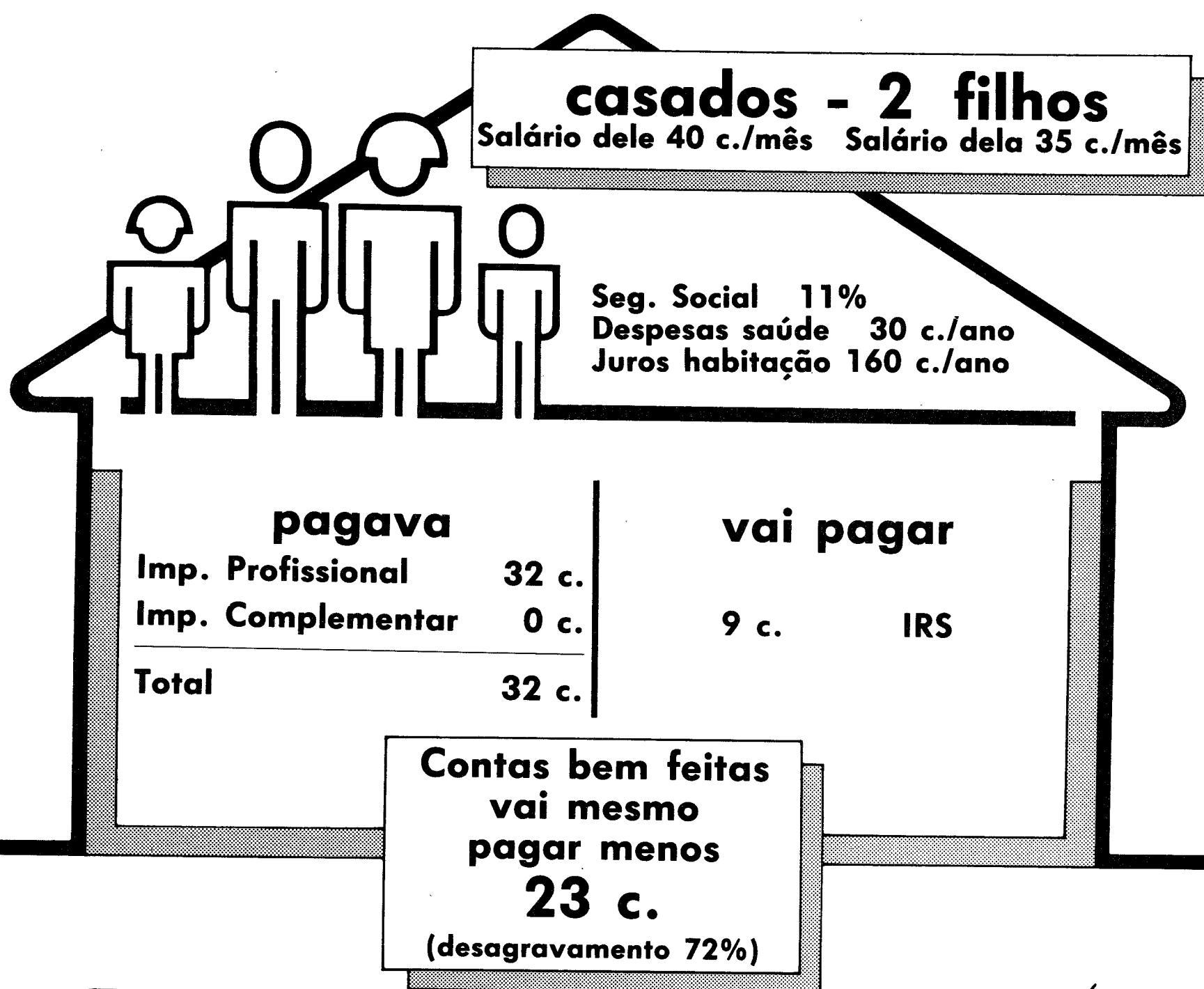
Claro que também nos jornais há ainda quem sonhe com um público diferente, há quem ainda goste mesmo de teatro, há quem entenda que os jornalistas e os críticos podem, de facto, prestar um serviço enorme a nós, pessoas de teatro e sobretudo ao público, mesmo que o público o não saiba. Claro que há também algum público diferente. Por isso existem ainda, de vez em quando, páginas de reportagens a sério, entrevistas bem feitas, críticas apaixonadas que dialogam com o público e o tratam como gente inteligente. Aí, contraditoriamente a gente esquece-se de que precisamos dos jornais e os jornais esquecem-se de que nos fazem favores. Aí gostamos de ler os jornais. Os jornais começam a trabalhar para o público, fogem talvez ao gosto da maioria, começam a esquecer que têm de vender. Aí sinto que os jornalistas podem estar do nosso lado. Mas são casos raros, esporádicos. Talvez cada vez mais.

Mas o problema é dos jornais? Quem quebra esta cadeia? Se nós interessarmos primeiro o público, os jornais não virão atrás? A culpa não é nossa? Não somos nós que não queremos fazer o teatro que interessa ao público? E que interessaria, portanto, aos jornais? Se quem manda é o público, quem está mal? A Imprensa ou nós? O público? E não se pode exterminá-lo? Não. Nunca.

Luís Miguel Cintra

O NOVO SISTEMA FISCAL DESAGRAVA MESMO

OS SEUS IMPOSTOS



 imposto
sobre o rendimento

Ministério das Finanças

também
**Vamos atender
o seu caso**



JORNALISMO E A MÚSICA

Ao jornalismo, como a todos os meios de Comunicação Social, cabe um grande papel na divulgação e na valorização da cultura. Ora a música faz parte integrante da cultura de um povo. A relevância dessa missão é geralmente reconhecida. Basta lembrar a frequência com que actualmente se fala do jornalismo cultural. Esta expressão tem vindo a ganhar peso e o chamado jornalismo cultural assumiu uma especificidade no contexto da Imprensa e na generalidade da Comunicação Social, incluindo a Rádio e a Televisão.

Recorde-se, a propósito, a tentativa que se verifica de fazer reviver o suplemento literário, honrosa tradição da Imprensa portuguesa, que quase se ia perdendo. E o regresso a essa tradição surge, aliás, numa altura em que se intensificam as medidas tendentes a proporcionar aos profissionais do jornalismo - escrito, oral ou de pura

imagem televisiva - um alargamento de horizontes e um apetrechamento mais completo e específico no domínio das chamadas ciências humanas, mormente através de cursos já com dimensão universitária ou de formas várias de reciclagem. Isto, afinal de contas, está em razão directa daquela noção da responsabilidade inerente à profissão do jornalismo, no duplo sentido de informar e orientar, embora sem dirigismo.

Assim, o papel do jornalismo relativamente à música tem de encarar-se de uma maneira bastante diversificada. Ele não pode nem deve restringir-se a uma secção crítica regular (espectáculos, concertos, discos, etc.), sem dúvida útil e mesmo indispensável, desde que entregue a pessoas qualificadas. Abrange outros aspectos não menos importantes, desde a notícia singela, o anúncio do acontecimento que vai realizar-se, à reportagem, ao «suelto» e ao artigo desenvolvido. E compete-lhe igualmente chamar a atenção para inúmeros problemas que afectam a actividade musical e os seus praticantes ou organizadores, e inclusive detectar situações anómalas. E mais ainda: promover as acções musicais e contribuir para a sua divulgação.

Nesta perspectiva tem de entrar, evidentemente, a tal noção da responsabilidade do jornalista, a sua deontologia profissional, a sua (in)formação cultural. Não é novidade para ninguém que, num simples apontamento noticioso, na escolha de um título ou na opção do relevo concedido a um acontecimento, em confronto com outros, pesam o sentido da hierarquia dos valores e o grau de informação de quem redige ou decide.

Eis um terreno em que é indispensável um certo rigor de

objectividade. Quantas vezes deparamos com a referência, em enorme destaque, a uma manifestação essencialmente sensacionalista, mas secundária, deixando quase despercebidos outros eventos de significado e alcance incomparavelmente superiores, mas porventura fora dos interesses imediatos do leitor comum!...

Claro que o jornalista não pode descurar o gosto dos leitores, mas também não pode deixar de os orientar, de os esclarecer. Impossível esquecer que, em tempos ainda recentes, pretendia-se manter, tanto quanto possível na ignorância, certas camadas da população. Para quê «aborrecer» o povo com manifestações culturais que ele não apreciava? E assim se conseguiu, em muitos casos, fomentar uma errada noção de cultura. Em lugar do nosso autêntico folclore, tão rico, afinal, ouviam-se cantiguinhas rotuladas de «populares»; em lugar de um bom espectáculo musical, organizavam-se (inclusive pela Rádio oficial) os tristemente famosos «serões para trabalhadores».

E se parte da população citadina (e até das fábricas e dos campos) escapou a esse «ópio da inteligência», outra parte considerável foi atingida.

Extremamente importante, pois, o papel que o jornalismo desempenha, informando os leitores com isenção. Vem a Lisboa uma vedeta da canção ligeira? Dê-se ao acontecimento o relevo que merece. Mas que o mesmo aconteça quando nos visita um grande artista da antipaticamente designada «música erudita».

Penso que é justo dizer que, em muitos casos, caminhamos para aí.

Maria Helena de Freitas



**MARQUE
CERTeiro,
GANHE
MUITO DINHEIRO!**



totobola

A. TELLO CASTRO

DESPACHANTE OFICIAL

TRAV. CHAFARIZ D'EL REI n. 6 LISBOA Tel. 87 64 75

António Sérgio: cultura em sentido absoluto

continuação da pág. 15

2/50): «Antes dele, os heróis amavam, devaneavam, eram felizes ou desditados, mas não se dava a entender que tinham necessidade de comer, beber e dormir como os mais mortais. Nunca jantavam, nem tinham contas a pagar ao alfaiate. Foi Balzac o primeiro que fez representar no seu teatro a besta apocalíptica de cascos de oito, o capital. A partir dele, o romancista, antes de olhar para o umbigo, para a alma, para o colarinho, para os butes dos seus personagens, vê-lhe os bolsos. trazem pecúnia? Não sei deles mais que cotão? Neste pequeno nada vai uma imensa revolução literária.»

Em meados da década, e no mesmo dia em que Salazar ameaçava os intelectuais, discursando na abertura de um congresso da União Nacional, António Sérgio explicava aos leitores do «DL» o que entendia por cultura (20/5/56): «Chamo cultura, no sentido absoluto, à faculdade de nos desprendermos do nosso ser biológico, do eu individual e restrito, de todos os limites que tendem sempre a impor-nos as condições particulares de espaço e de tempo, do aqui e do agora, - e dos acidentes de classe, de partido, de nação, de raça; ao dom de des-subjectivarmos a nossa vida psíquica, o

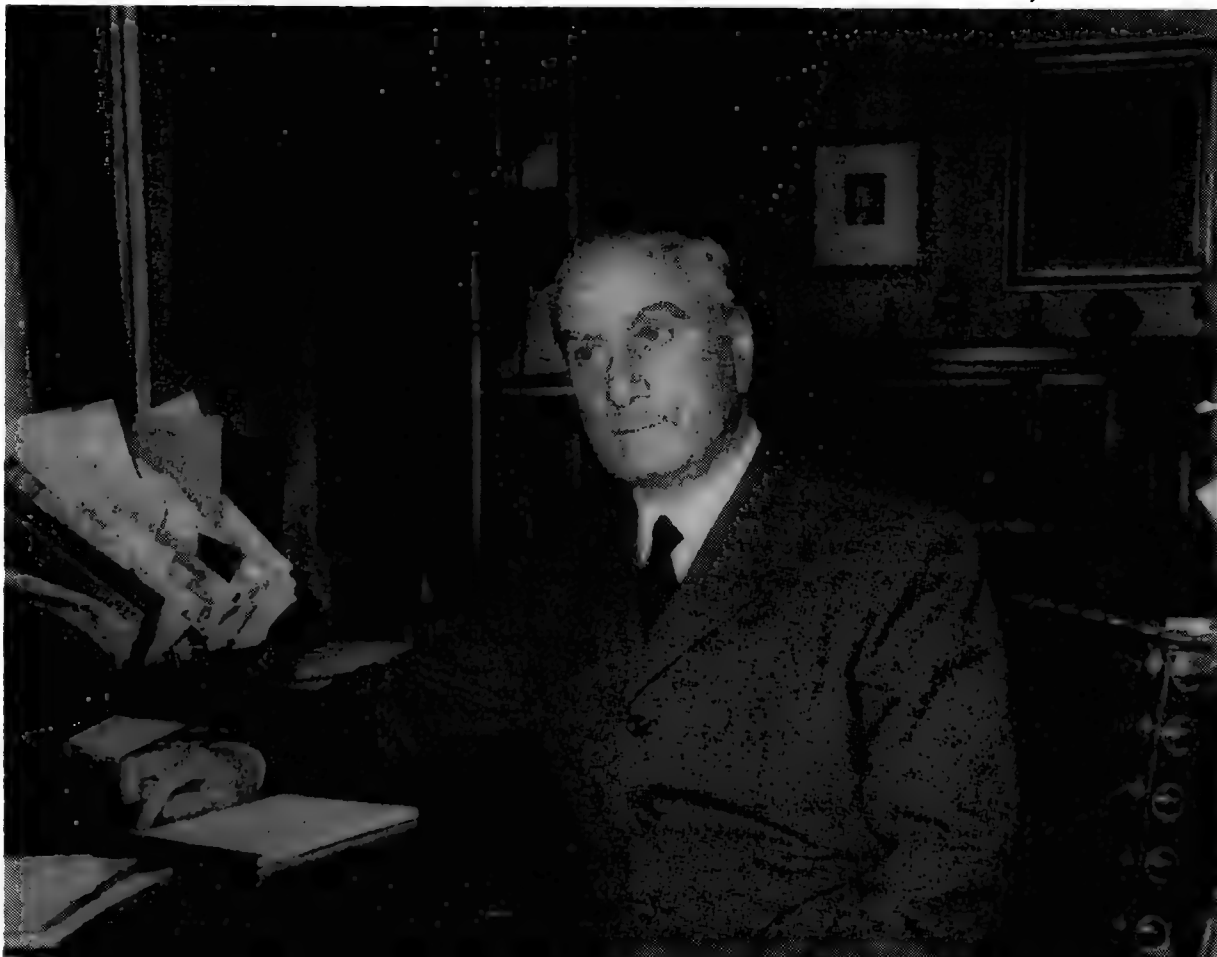
nosso pensar espontâneo; ao de tendermos para um nível de racionalidade perfeita, - para o nível do divino, se acharem assim preferível, - na maneira de julgar e de actuar no mundo.»

No nosso jornal, intervêm assiduamente na área cultural, durante os anos 50, Urbano Tavares Ro-

drigues, Manuel de Azevedo, Fausto Lopo de Carvalho, José Augusto França, Mário Henrique Leiria, Ilse Losa, Álvaro Salema, Antunes da Silva, que prosseguem a sua colaboração nas décadas seguintes, e ainda Azinhal Abelho, Ramos de Almeida, Vieira de Almeida, Vasco Botelho do Amaral, Matilde Rosa

Alvim, António Ramos Rosa, João Pedro de Andrade, Lauro António, Alexandre Babo, Armando Ventura Ferreira, Fíama Hasse Pais Brandão, Casimiro de Brito, José Palla e Carmo, Joaquim Barradas de Carvalho, Maria Judite de Carvalho, Mário Castrim, E. M. de Melo e Castro, Castelo Branco

Chaves, Eduardo Prado Coelho, Júlio Conrado, Orlando Costa, Gastão Cruz, Liberto Cruz, José Cutileiro, Jorge Dias, Mário Dionísio, José Fernandes Fafe, Almeida Faria, David Mourão-Ferreira, João Palma Ferreira, José Gomes Ferreira, Manuel Ferreira, Serafim Ferreira, Vergílio Ferreira, Manuel da Fonseca, Chianca de Garcia, Vasco Granja, Fernando Guimarães, Adriano de Gusmão, Ana Hatherley, Armando Martins Janeira, Nuno Júdice, Luís Veiga Leitão, Ruben Andresen Leitão, Jorge Listopad, Óscar Lopes, Eduardo Lourenço, Carlos Loures, Hélder Macedo, Álvaro Manuel Machado, Calvet Magalhães, Fernando J. B. Martinho, Nelson de Matos, João Medina, Romeu de Melo, Manuel Mendes, Fernando Mendonça, José Rodrigues Miguéis, Júlio Moreira, Isabel da Nóbrega, Natália Nunes, Carlos de Oliveira, Alexandre O'Neill, Jorge Peixinho, José Vaz Pereira, José Cardoso Pires, Artur Portela Filho, Carlos Porto, Fernando Rau, Luís Francisco Rebelo, José Régio, Raul Rego, Orlando Ribeiro, António Ramos Rosa, Vítor de Matos e Sá, Mário Sacramento, Bernardo Santareno, António José Saraiva, Arnaldo Saraiva, José Saramago, Joel Serrão, Fernando Luso



continuação na pág. 24

25 linhas

- Vinte e cinco linhas. Respeitadíssimas: só 25 linhas.

Impossível tugar ou mugir: «magister dixit», rei do espaço, ele ordena.



Mas, como vou comprimir (assim) mais doze meses de vida ao serviço do «DL», um ano que continuou a afastar-me do que poderia ser vadio encartado com curso de praia e tirocínio no Parque Mayer?

Assim, de jacto e cá pela minha banda, 28 vezes pulei, de avião para avião, por essas terras fora. Espanha com Paulinho Cascael e a bela Leissa. França com o Manuel Barbosa a falar-me da Arábia Saudita, Mónaco com a princezinha cumprimentada pelos Feist, o Sustelo em Bruxelas vendendo-me comer ostras por atacado, o João Botelho e a Leonor Pinhão rindo à gargalhada com a partida que pregámos ao Vasco Resende no Luxemburgo, o Gomes da Costa a querer comprar um armazém em Bucareste, o aeroporto de Frankfurt parado para Eusébio dar autógrafos, aquele rodízio em S. Paulo onde ainda está gente da TAP e do Benfica sentada à mesa, o Antero e Vítor Cruz como expoentes belos de Ponta Delgada, a mariscada com que Marcel d'Almeida brindou a rapaziada na luandense Ilha do Mussulo, o jantar à luz de velas no «Lido» madeirense, agora mesmo, lá por Riade, a obrigatória função de deixar os sapatos à porta, sentar-me no chão para puxar uma fumaça sei lá de que objecto bronzeado e ter de beber chá de cinco em cinco minutos.

Doze meses que completam (creio bem) os 50 anos em que, estudante pobre e sem bordões, subi pela primeira vez a escada desta casa. Apareceu Tavares da Silva. Deu-me também a mão Joaquim Manso. Já fiz 218 viagens pelos ares, toquei em 56 países. Já vi quase tudo. Alguém pode ser mais feliz neste mesmo instante, como no papel selado de antigamente, apenas em 25 linhas?

Neves de Sousa

Araújo, Mário Braga, Jaime Brasil, Amorim de Carvalho, Joaquim de Carvalho, Jacinto Prado Coelho, Natália Correia, Carlos Eurico da Costa, Natércia Freire, Ramada Curto, Alfredo Margarido, Mário Martins, Casais Monteiro, Fernando Namora, Roberto Nobre, António Quadros, Aleixo Ribeiro, Rocha Júnior, Reynaldo dos Santos, José Estevão Sasportes, António Sérgio, Alberto de Serpa e José Ernesto de Sousa.

Os anos 60

Os anos 60 foram decisivos. A tragédia da guerra colonial acelerou a consciencialização antifascista. No plano cultural, a sociedade portuguesa abre-se às radicais transformações que ocorrem por todo o mundo. O «DL» revitaliza-se, reflectindo o tumultuar de ideias novas que cachoam contra as muralhas do hábito e da rotina, abrindo brechas no conservadorismo imobilista que ditava leis há 35 anos.

Nomes no «DL» cultural: Augusto Abelaira, José Neves Águas, Francisco Keil do Amaral, Pedro

Os jornais também são para ler!

Sempre achei que o destino dos jornais é ingrato. Compram-se.



Lêem-se em breves minutos as letras gordas da «primeira» e depois aí vão eles forrar o caixote do lixo ou a gaiola do pássaro. Com o advento das novas tecnologias e dos multimédia a tendência é para um consumo imediato do caudal de informação. Por mais campanhas de incentivo à leitura que se façam, os horários dos empregos não favorecem e as pessoas chegam cansadas a casa sem vontade de ler. Estamos perante a «aldeia global» de McLuhan: porém, a informação reflectida e interpretada só pode

(ou pelo menos deveria) ser encontrada nos jornais. Mas a tirania televisiva instalou-se e «aquela caixa» ocupa agora o lugar da Cruz em todas as casas. O «Diário de Lisboa», com os seus 68 anos de idade, não escapou ao desgaste que se abateu sobre todos os jornais diários. A tradição e a aura de escola de jornalismo permanece, ainda que um pouco esvaída. O jornal tem-se aguentado, embora essa condição não seja muito reconfortante. A renovação deverá ser, por isso, a grande aposta. Com novos e velhos. Com mestres e aprendizes. Para quem agora chega ao jornalismo, como é o meu caso, as esperanças são muitas. Depois de quatro anos a absorver conceitos sobre o que são jornais, jornalistas, fontes, «leads», noutras escolas, sabe bem começar a lidar com eles de perto. Conheci o «DL» como leitora. Agora passei para o outro lado. É estranha esta mudança, quase um desafio. Contudo, a sensação de estranheza transformou-se a pouco e pouco em paixão. Penso que acertei na escolha. Luisa Alexandra Botinas

Bom Dia

iogurte

BOM NO SEU DIA-A-DIA

PARA COMER E GOSTAR!
E GOSTAR!

NATURAL – MORANGO – ANANÁS – BANANA

ARTE & LETRAS

O HOMEM QUE NÃO SABE ESCREVER

por JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

O maior desgosto de Domingos Dias Santos era não saber escrever. A sua vida estava cheia de desgostos, mas todos se resumiam em um único — não saber escrever.

Domingos Dias Santos, mais conhecido pelo Domingos, ou o Dias, ou ainda o Santos, só, sem mais nada, era natural da rua do Alecrim. Tinha a instrução primaria, o curso dos liceus, com sexto e sétimo de letras, depois Coimbra até ao fim, com três anos a mais, e não sabia escrever — o seu desgosto.

Tendo feito um exame seriíssimo de consciencia, observou que a única coisa que ele podia ter adquirido nos liceus e universidades era saber escrever, contudo, nem isso, estava exactamente como tivesse nascido hoje, sem nada.

Tinha lido muito, demais tinha a impressão de ter lido tudo, e, talvez, que fosse isso o que o emperrasse na escrita; mas, o que não havia duvida nenhuma é que, sempre que se sentia acometido de uma vontade irresistível de escrever e a isso se resolvia, ficava absolutamente vazio só pelo facto de ter pegado na caneta para começar. Será assim a ausencia de vocação para escritor? e as hesitações sucediam-se no seu espirito, tão atabalhoadamente, que o pobre Dias já anunciava em nunca mais ter vontades irresistíveis de escrever.

Todas as manhãs dava ordens para que lhe comprassem todos os jornais que há, e lia, um por um, lia todos e parecia-lhe, cottado, que aqueles jornais eram todos escritos por pessoas que, como ele, não sabiam escrever. Então, punha-se a pensar que isto de não saber escrever pode não ser um grande desgosto. E, talvez, que sim; ele é que era um exagerado, aumentava tudo, tudo era para ele motivo de miseria ou de violencia, talvez que ele tivesse sofrido por não saber escrever, mais do que a conta do que se deve sofrer por isso.

Domingos Dias Santos nunca tinha pensado assim, sentia-se ousado em julgar mal escritos tantos jornais, revistas e livros assinados por tanta gente de acôrdo. Já não era a primeira vez que ele se reconhecia tão forte quando estava sózinho a julgar os outros. O pior era, sem duvida, quando ele deixava de estar sózinho e vinha ter com os outros, estes tinham maneiras tão diferentes e tão legítimas, que o pobre Domingos ficava completamente vazio, tal qual, como quando pegava na pena para escrever.

Nada, aqui há de haver saída por força! pensava o Dias com a cabeça o mais para diante possível, e prometeu a si próprio não largar dentre mãos o assunto, até que a cabeça já não pudesse mais.

Naquela noite, depois do jantar, Domingos não saiu. Tinha comprado um frasco de tinta inglesa, um caderno de papel, caneta, três apáros, uma folha de mata-horrão e um pacote de velas de estearina. Fechou a porta à chave e sentou-se claramente para escrever.

A primeira surpresa foi o assunto: Domingos observou que tinha comprado tudo o que é necessario para escrever, mas faltava-lhe o assunto. Tinha-se esquecido do assunto; não pôde uma pessoa lembrar-se de tudo, não admira, a primeira vez... E o assunto não vinha. Havia umas pala-

avras que apareciam em cima de textos por escrever, palavras impressas em letras maiores, distintas, mas estas palavras sofriam de falta de novidade, estavam cansadas de servir de título a tantos, que precisam de ganhar dinheiro para levar para casa, coitados.

Mas, naquela noite, Domingos estava plenamente resolvido a dar um passo em frente, desse lá por onde

já está na última, já quasi que não serve. Pois a quem podia interessar a vida de um Domingos numa água-furtada da rua do Alecrim? Não há duvida, para ser escritor é necessario ter frequentado uma paisagem decente ou um panorama vistoso; não é agora um esconço destes, que pode dar novidades ao mundo!

Domingos estava farto de molhar o aparo no tinteiro e o papel continua-

teça. Ficava decididamente para amanhã.

Em todo o caso, podia ir ganhando tempo, exercitando-se em pequenos detalhes e, para facilidade de técnica, mesmo para não ficar muito feito, mais espontaneo. O quarto estava cheio de fumo. Foi pôr a janela de par em par. O Tejo parecia-lhe o Nilo Verde. Tomou uma attitude de pharaó, e todo aquele panorama da Ribeira do Tejo sujeitava-se naturalmente á imaginação crescente. Varias vezes já, tinha-se precipitado sobre a mesa para escrever grandes imagens literarias de que ele próprio ficava admirado de terem sido da idea dele, mas de todas estas vezes, como uma sina, como uma maldição, o papel continuava branco, como na loja.

Todas as recordações do Egipto do terceiro ano dos liceus estavam sendo feitas condignamente, apenas algumas precipitações de vez em quando, e doutras vezes erros crassos e imperdoaveis, quando, sem o esperar, bateram timidamente á porta do quarto. Não era costume, era quasi meia noite, e a maneira de bater... o que haverá?

— Quem é?

— Dá licença, sr. Domingos?

Era a Rosa, a criada da pensão, que vinha como nunca, longe da mímica atarefada do arranjo dos quartos, como uma pessoa natural, que não está em serviço.

— Venho incomodar?

— Não. O que há?

— Nunca lhe pedi nada ao senhor Domingos... se não fosse muita necessidade, não lhe pediria... mas eu nunca estive na escola... não me ensinaram os numeros e as letras... escrevia uma carta ao meu rapaz, sr. Domingos?

Domingos Dias Santos disse que sim, sentou-se, e esperou que ela ditasse:

— Meu querido João do coração,

Estimo que ao receberes esta te vá encontrar de boa saude em companhia da tua mãe e da tua irmã a quem mando muitas e muitas saudades. Dá também saudades minhas á minha mãe e diz-lhe que fico bem. Esta tem por fim dizer-te que ainda não me esqueci de ti e que vou depressa para a terra com saudades do meu querido João do coração.

Pede o carro emprestado ao primo Izidro e vai-me esperar á estação com o carro quando eu to mandar dizer. Mais te tenho a contar que não é preciso nada eu estar aqui e fico só para acabar o mez.

Tua querida Rosa do coração e saudades.

Envelope:

João Firmino da Rosa. — Molinhos da Charneca. — Fatima.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRITORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4.233 — 6



desse. Hestou imenso se deveria começar por uma dissertação sobre o outono, ou por uma apologia da humildade, ou outra escolha ainda mais feliz, em que ele caísse de seguida na simpatia de certa gente de gosto. Mas, de repente, veio ao de cima uma revolta. Não! isto é contemporizar, eu sou eu, se aceito os outros, tais quais o são, também exijo que me reconheçam, e optou por uma tirada de sinceridades individuais e regionalistas, que não podiam, portanto, deixar de ser originaes. Começou logo a apertar os nervos na direcção de sinceridade, e a perguntar a si próprio o que ele conhecia e o que sabia, conseguiu ir tão longe por essa divagação de apuro, que acertou comigo, ali sózinho na água-furtada da rua do Alecrim, sua terra natal. Pobre regionalismo este, nem ao menos tinha nascido, para gloria da literatura, lá em terras de provincias afastadas, aonde se fala arcaico e antigo, tão antigo, que

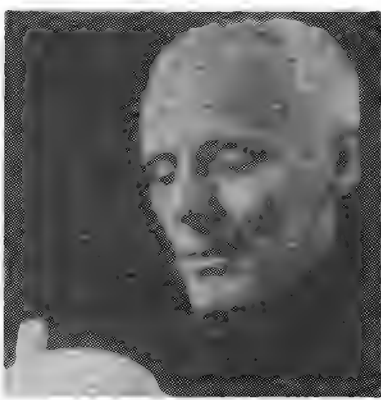
va branco, da loja. Que difficil que é dar um passo em frente!

Depois, constatou que, talvez, estivesse a forçar-se mal, porque ele pretendia, por sinceridade, apenas, o realismo quando é verdade, que a sinceridade não põe em nada de lado a imaginação. E, então, a cabeça deu um salto bestial dali, da água-furtada, para as paragens bíblicas e outras, que, talvez, nem houvesse. Esboçou entusiasticamente a descrição da passagem do Nilo pelas tropas do Pharaó, com os promenores todos, tais quais, mas, antes mesmo de começar a escrever, reconheceu-se sem dados bastantes, não só para atingir a temperatura do Egipto por aquelas ideias, antes de Cristo, como também para manter um certo rigoroso de indumentaria e Historia, sem as quais ninguém seria susceptível de convencimento. Até que enfim, já tinha um assunto, este do Egipto, era só questão de amanhã ir consultar a biblio-

Um dos inúmeros artigos que Almada Negreiros assinou e ilustrou, desde o primeiro número do "DL". Foi publicado no dia 26 de Maio de 1921 e o tema é intemporal...



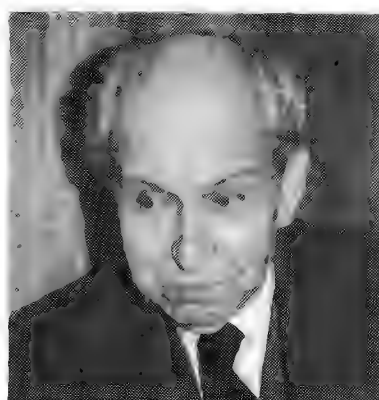
Jorge de Sena



Mário Cesariny



Hernâni Cidade



Ferreira de Castro

Soares, João Rui de Sousa, Rocha de Sousa, Vítor Silva Tavares, Lygia Fagundes Teles, Alexandre Pinheiro Torres, Manuel Alberto Valente.

No início dos anos 70, o «DL» regista ainda colaboração de António Areal, Ruy Belo, Reys Santos, Mário Vieira de Carvalho, Raul de Carvalho, Manuel de Castro, António Borges Coelho, Maria Velho da Costa, Augusto Costa Dias, Irineu Garcia, Man-

Você gostava de ter mais 27 clientes?

E ter mais tempo livre.



Quem diz 27, diz qualquer outro número. E isso é importante para si.

Afinal, ter mais clientes não é ter mais lucros?

A verdade é que você já é um homem ocupado. Tem reuniões sobre reuniões, trabalha horas e horas a fio e não pára de tomar decisões. Feitas as contas, resta pouco tempo para si. É esse o preço de dirigir uma empresa.

No entanto, há momentos em que você sente a falta de algo que lhe faça gastar menos tempo e obter ainda melhores resultados. Ter, talvez, mais 27 clientes...

Não, não está a pedir o impossível, precisa apenas de mais uma ferramenta. Uma ferramenta que lhe dê toda a informação sobre o seu segmento de mercado. Uma resposta rápida, completa e eficaz, que lhe faça ganhar tempo e clientes. E o GUIÃO tem-na.

Oferecemos a solução para o seu problema: o GUIA-MOR. E se quiser saber quais as marcas no mercado tem o GUIA DE MARCAS. Talvez lhe seja útil, se está a pensar em começar outra empresa.

Como vê, temos informação precisa, detalhada e actual sobre quem é quem em sete sectores de actividade económica. Os nossos Guias são, para si, uma ferramenta indispensável. Dissemos 27 clientes? Quem sabe?... Talvez 37.

Não esqueça: a distribuição dos nossos Guias é inteiramente gratuita!

R. Joaquim Bonifácio, 21 - 5.º
1000 LISBOA Telef. 56 33 31
Telefax 55 55 97

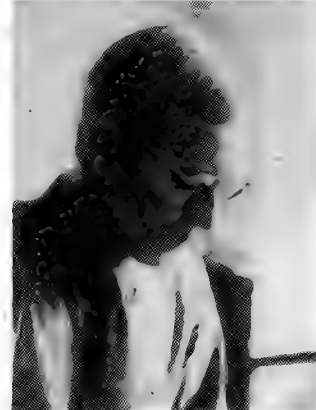
GUIÃO, SA



GUIA-MOR: Fornecedores da Indústria Hotelaria e Similares; Electrotécnica, Metalomecânica Automóvel e Construção Naval; Indústrias Químicas; Construção Civil e Obras Públicas; Agro Alimentar, Pecuária e Piscas; Equipamento de Escritório e Serviços, Têxtil, Confecção, Malharia, Calçado, Curtumes e Marroquinaria; GUIA DE MARCAS.

O submarino

Temos, no «DL», um labirinto e um problema de espaço. Faz lembrar-me um submarino em que um dia naveguei e mergulhei a 300 metros.



Já, muito a-propósito, o chefe da Redacção aventou que se metesse no chão da Redacção um periscópio de pernas para o ar, de modo a ele poder dar rápidas vistas de olhos às páginas que vão sendo preparadas por debaixo de nós, na montagem, secção que só se alcança depois de

dobrar sete esquinas, sofrer seis escadinhas e abrir e fechar três portas.

A Redacção é um porão atulhado, parece que navega de regresso das Índias preciosamente carregado de secretárias. A carga foi por tal modo bem estivada e o espaço tão aproveitado ao centímetro que não há entre as secretárias corredores: há fios de navalha.

Quando um jornalista se levanta, os outros encolhem-se. Um que se mova e avance a caminho dos nove pontos de estrangulamento de trânsito da sala, logo alarma outro que em coincidência se mova também. Nas gargantas estreitas assiste-se a tudo. Salamaleques de «Passa tu!», «Não, passa tu!»; elegâncias de toureiro em esquivas a um perigoso bicho que desembocasse de uma esquina em trote acelerado e ameaçador; travagens frenéticas e choques espectaculares como aquele em que dois dinâmicos jornalistas conseguiram embater, com surpreendente violência, de costas um com o outro.

Quatro de nós vivem meio presos nos seus cantos. Para lá entrarem e de lá saírem têm de lutar contra as costas das cadeiras dos colegas que lhes barram o caminho e, enquanto quem se move se encolhe, quem está sentado geme de dor e perde o fôlego, tal o apertão da barriga contra a borda da secretária.

Um longo e serpenteante fio de telefone já levou colegas do sexo oposto a embaraçados abraços; há um maldito cesto dos papéis tão estrategicamente colocado que a todos regularmente ameaça engolir e, como estamos em grandes obras para alargar a Redacção, já me aconteceu ver abrir-se, com estrondo, um buraco no tecto precisamente por sobre a retrete em que, sentado, eu meditava.

Ah, é verdade, estamos em obras para melhorar tudo. É pena, vai perder-se a gracinha do submarino...

Paulo David



António Ramos Rosa



Augusto Abelaira



David Mourão-Ferreira



Francisco Keil do Amaral



Joaquim Namorado

Homo Sapiens

Tudo começou, se não estou em erro, com o "Homo Sapiens", ou seja, com o advento, na Terra, das mulheres e dos homens "sapiens". Já lá vai uma considerável carreira de milénios.

Assim nasceu a Cultura, queria eu dizer. Cultura essa que tem sido, ao longo dos tempos, a mola real do nosso desenvolvimento.

Na fabulosa diversidade das suas vertentes, a Cultura a tudo resistiu. Nem guerras, nem revoluções, nem cataclismos, nem convulsões religiosas ou políticas conseguiram travar, no essencial, essa onda avassaladora em cuja crista a descoberta e disseminação de novos conhecimentos nunca deixou de navegar. Desde a "arte rupestre" à "arte high-tech", passando por todos os vanguardismos, crises e renascimentos, evoluções, retrocessos, modernizações, cristalizações e pós-modernizações, a Cultura manteve-se sempre, rigorosamente, como afirmação da prevalência da mente sobre o corpo.

A mais recente "ameaça" é vulgarmente



conhecida por "tecnologia avançada". Mas poderão mesmo as novíssimas tecnologias ameaçar a Cultura, designadamente na acepção clássica do termo?

Uma parte da resposta já foi dada pelos japoneses, geralmente tidos como um dos "símbolos" da terceira vaga. Preocupados com a formação cultural das camadas mais jovens face à reconhecida invasão dos computadores, os responsáveis daquele país estudam medidas profiláticas. Valhamos o "Homo Sapiens"!

Rodrigues Borges

A RESPONSABILIDADE DO SUCESSO

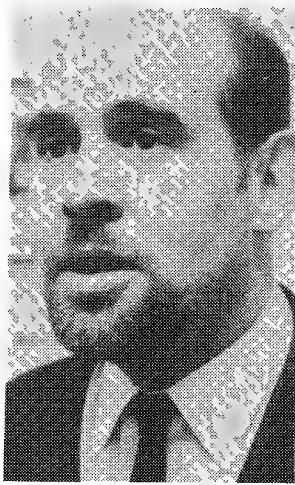


Uma real capacidade para desenvolver projectos inovadores em diversos ramos de actividade, transformando-os em sucessos empresariais, faz da Tabaqueira uma empresa extremamente versátil, para além de um profundo conhecimento da Cultura, Transformação e Comercialização de produtos do tabaco.

Consciente da sua capacidade para vencer, a Tabaqueira confia no futuro e encara o sucesso com responsabilidade.

TABAQUEIRA
EMPRESA INDUSTRIAL DE TABACOS - E.P.
PORTUGAL

NÃO DESFAZENDO



Numa recente mesa-redonda da RTP, dois dos mais representativos cineastas portugueses acusaram os seus compatriotas críticos de se remeterem ao papel de copistas das «press-sheets» dos distribuidores americanos. Nos termos da acusação, os críticos papagueiam em vernáculo mais hermético o que a publicidade concebeu em termos mais simplistas. Mais acusaram a crítica cinematográfica portuguesa de ter retrocedido aos anos 50, quando as recensões às estreias - então, normalmente, apenas assinadas por iniciais e com espaço pouco nobre nos meios de Comunicação - eram invariavelmente encapotada publicidade ao filme.

Foi uma vingança algo demagógica, mas merecida. Fartos de serem o bombo da festa do vitupério crítico e do desinteresse das massas, os realizadores devolveram a bola ao campo contrário, interrogando os críticos sobre a sua responsabilidade e o seu papel na nova fase da eterna crise do cinema português. Compreensivelmente, os críticos não gostaram. Por definição, há muito se assumiram, nesta guerra, com estatuto não-beligerante, Pilatos de tais credos. Haviam apontado o dedo acusatório contra tudo e contra todos - das instâncias oficiais às particulares, dos produtores aos realizadores, dos argumentistas aos actores, das infra-estruturas às superestruturas - e não esperavam que lhes pedissem responsabilidades. Os «outros» (instituições ou pessoas) tinham - se não tinham, tiveram, se não tiveram, terão - o Poder (dirigentes ou responsáveis do IPC, da Tobis, da RTP, da produção e leitura de filmes) eles jamais haviam ocupado tais cadeiras. Aparentemente, o «quarto poder» não tinha poder nenhum para modificar o que já torto nascia. Era o que faltava, que os chamassem a terreiro.

Pediram-me um depoimento sobre as relações entre o jornalismo e o cinema. Como julgo que não pretendiam que dissertasse sobre filmes com tal temática, normalmente animando ciclo chamados «Cinema e Jornalismo» (do «Citizen Kane» ao «Broadcast

News» a lista é conhecida e pouco imaginativa), comecei por recordar essa polémica mesa-redonda.

Efectivamente, nos anos 50 (até aos anos 50) o peso da Comunicação Social na frequência das salas, media-se apenas pelo espaço reservado à publicidade delas nos jornais ou na Rádio. Desde os anos 20, era considerável. Mas ninguém ia ver um filme ou deixava de ir pela leitura dessa meia-dúzia de linhas que um jornalista, destacado para o efeito, rabiscava à pressa numa página interior, sabendo que valia tudo menos tirar olhos, ou seja dizer mal. O caso era diverso nas revistas da especialidade (e nessas décadas havia-as) mas o eco delas era escasso e mais as compravam para recortar fotos de «stars» do que para ouvir opiniões sobre os filmes que tinham visto ou não visto.

Nos anos 60 deu-se uma «revolução cultural». Salvo erro neste mesmo jornal, e pela pena de Lauro António, os filmes começaram a ser tratados como os espectáculos de teatro, os concertos, as óperas, as exposições. Eram elevados as núvens ou denegridos, ou nem tanto ao céu nem tanto à terra, segundo o livre arbítrio do crítico. Houve um barulho dos diabos - os distribuidores chegaram a ameaçar cortar a publicidade - mas a moda pegou rapidamente e rapidamente foi seguida pela generalidade dos outros órgãos de Informação (com a relevante excepção da recém-nascida RTP, onde abortaram todas as tentativas congêneres até hoje esboçadas). Começou a moda das «estrelinhas», das bolas pretas, cada cor seu paladar. O público gostava muito? Pois é, mas os críticos chumbavam. Os críticos gostavam muito? Pois é, mas o público - ao princípio ainda os seguiu - não acertava o passo e achava que a «coisa» era para intelectuais, essa nova espécie de parasitas insuportáveis, conhecida pelo nome «os críticos».

Nos anos de 70 (mesmo antes do 25 de Abril) estes cresceram em ousadia (e em número) nas páginas dos semanários, «fazedores de opinião». Inventou-se para eles uma nova classificação: «jornalistas «culturais». Com poucas e honrosas excepções, queria dizer que nem eram jornalistas (remetidos a tal canto, pela sua inépcia na profissão substantiva) nem eram cultos, pois, se o fossem, os jornais os tratariam de outro modo. Alguns conheci e conheço que, apesar de só viverem da pena, tomam como insulto que lhes chamem jornalistas e juram que não tiveram, não têm, nem jamais terão as carteiras dos ditos. Por insulto tomam igualmente que lhes chamem agentes culturais. Mas glorificam o «jornalismo cultural» como nova forma de criação e de relação, considerando-o mesmo a mais relevante das novidades surgidas entre o «produto» e o «consumo» cultural, nos últimos quinze anos.

Por mim, acho que esse híbrido - jornalistas que não são jornalistas, agentes culturais que não são agentes culturais - é culpado da maior parte da mistificação reinante em coisas de cultura e vive (diz-se que vive bem) de uma insanável contradição de termos. O cinema tem sido a vítima preferencial dessa mistificação já que normalmente se não pede ao «crítico» que tenha a mínima noção de jornalismo (e por isso as prosas são intragáveis

e herméticas), nem ao «jornalista» que tenha cultura cinematográfica por aí além (um deles até foi acusado de não saber distinguir um «travelling» de um ovo estrelado e nunca o desmentiu de forma inequívoca).

Se a maior parte dos órgãos de Informação (cada vez menos, também é verdade) ainda exige ao seu crítico musical que seja capaz de ler uma pauta, ao seu crítico de artes-plásticas que seja capaz de distinguir um óleo de uma aguarela, etc., etc., ninguém espera ciências dessas do pobre do crítico de cinema. Nem sequer se lhe exige que vá à Cinemateca aprender, ou que veja os clássicos, ao domingo, no 2.º Canal da Televisão. Basta que esteja a par dos «clichés» terminológicos da moda e que saiba desmontar palavras com muitos parêntesis, tectos e curvos. Por isso, como já se queixava Truffaut, assustam-no com o «gosto comum». O director do jornal encontra-os no corredor e diz-lhes: «Você desancou o filme X, mas a minha mulher foi vê-lo e adorou». Ou vice-versa. Alguns, mais corajosos, insistem em provocar o gosto das mulheres dos patrões, outros amoldam-se. Mas criou-se um fosso com duas fauces. Todos os dias saem entrevistas com gente ilustre que se gaba de só gostar dos filmes de que os críticos não gostam. Todos os dias os críticos lamentam os dislates cinematográficos dessa gente ilustre.

Seja dito em abono da verdade que a tarefa não é fácil. Se o comum dos mortais ainda admite ser grande a sua ignorância em pintura ou música (pelo menos, na chamada «clássica») quase toda a gente julga que de cinema nada há para aprender. Ver um filme que se adorou corrido a bolas pretas, ou outro, de que não se percebeu nada ou chateou de morte, premiado a cinco estrelas, é uma explícita ofensa à inteligência ou gosto do destinatário. Ninguém gosta que lhe chamem estúpido ou mal-educado com tanto desprazo. Ainda por cima, quando o autor do insulto não consegue ser minimamente convincente ou minimamente pedagógico. Não consegue dar ao leitor, pelo menos, o imenso benefício que é a dúvida de ter visto bem.

Remediar este estado de coisas é sobretudo uma tarefa pedagógica. Num outro extremo - mas só vale para vanguardas - uma tarefa terrorista. No primeiro caso, cabe a jornalistas que acima de tudo o sejam e além disso saibam de cinema e gostem de cinema. No segundo caso, cabe a gente culta, capaz do extremismo e da paixão que Baudelaire assinalava como função da crítica, na sua famosa exortação.

Com saber e paixão bastante arredados, a conversa é sempre de surdos. A uns faltam palavras, a outros imagens.

Mais barrigas do que olhos, mais ouvidos do que sons. Não admira que ninguém se entenda e que não sejam muito pacíficas as relações entre quem vê - mas não aprendeu a olhar - e quem escreve - mas não aprendeu a ler. Não desfazendo.

João Bénard da Costa



câmara
municipal

amadora

★ Espectáculos ★ Abril ★ Cultura ★

Desporto ★

Quartas-feiras musicais

Dias 12, 19 e 26 às 9.30h
na Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora

Em Abril com a música

Dia 9 às 16h — Walter Lopes (Guitarra)
Dia 15 às 21.30h — António Rosado (Piano)
Dia 23 às 16h — Quinteto IN ALDIS
Dia 29 às 21.30h — Bon de Sousa (Piano)
na Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora

Exposições

De 7 a 30 Abril
• Colectiva de Pintura
na Galeria Municipal
• Pintura de Silvina Jerónimo
no Centro Cultural da Damaia

Teatro

Dia 15 às 21.30h — «A Educanda de Odíveas» pelo Grupo Passagem de Nível no Pavilhão Polivalente da Brandoa



Festival de Música Popular Portuguesa

Dia 28 — Carlos Paredes
— Mafalda Veiga
— Fausto

Dia 29 — José Mário Branco
— Sérgio Godinho
— Waldemar Bastos

Dia 30 — Janita Salomé
— El Pele
— Vitorino

na Sala de Espectáculos D. João V — Damaia às 21h

Atletismo

Dias 8 e 9 — Fase Final do «Torneio aos seus lugares»
Dia 30 — 6.º Torneio das Freguesias — 3.ª Prova

Andebol

Dia 20 — II Jogos Juvenis Escolares

Basquetebol

Dias 14, 15 e 16 — Fase Final do Campeonato Feminino de Basquetebol

ARTIGOS
E
INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS
E
ENTREVISTAS

Chá das cinco

A vítima inocente

Aquela tripança que os estilhaços de uma bomba despedaçaram ontem deixou muitas saudades neste mundo de desgraças. Em vida conheciam-na apenas os pais e duas duzias de passas amigas habituadas aos seus ditos de espirito, aos seus encantos de florita radiante, aos seus estouvamentos, às suas boutades. Arrancados brutaemente à vida os seus nove anos inocentes, a Fernanda teve lugar em todos os corações que sabem sentir. Todos os olhos choraram por ela lágrimas de comisseração. Houve revolta contra essa metralha que quasi sempre destroi os que não são pecadores e quasi sempre poupa os que vivem de cometer pecados. É triste, profundamente triste, ser preciso matar para viver melhor. As sociedades ainda não descobriram outra formula — o que quer dizer que os homens mais civilizados ainda se não descobriram a si próprios.

Na vida, desde que o mundo é mundo só florescem as guerras, os crimes e os atropelos. As boas acções sensibilizam e têm honras de letra redonda simplesmente porque são raras.

A Fernandita morreu de violencia sem ter tido tempo — felizmente para ela — de pensar em tudo isto. Ela não sabia ainda para que tinha nascido. Foi-se da vida sofrendo horrosamente pela primeira vez na vida. E se apelou para sua mãe nos ultimos momentos não foi porque a aterrorisasse a morte. Foi porque não compreendia a tortura que lhe infligiam, esfrangalhando-lhe o pequenino ventre de virgem com laminas de metralha — a ela que tanto chorava e tanto sofria quando desastrosamente partia os rostos insensíveis das suas bonecas.

Sarmiento Duque

"O DIA"

Suspendeu, até à organização de novo quadro tipografico, este nosso presado colega da noite.

Novo medico

Defendeu ha dias tese na Escola Medica, alcançando a honrosissima classificação de 20 valores, o dr. Heitor Vasco Mendes da Fonseca. Augurando-lhe uma carreira clinica, cheia de exitos, cumprimentos o jovem medico.

BOM SUCESSO

LER:

2.ª pagina: cartas de Camilo de Oliveira e de Sousa Guerra.
3.ª pagina: entrevista com o jornalista italiano Alseandro D'Atri.

CAMBIOS

Dia 10

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	66\$000	68\$000
Londres, cheque	4 1/16	4
90 d. v.	4 3/32	—
Rio de Janeiro	7 11/32	—
Paris	18068	18082
Berlim	8601	8611
Amsterdã	13010	13026
Bruxelas	25322	25362
Genebra	25052	25084
Madri	16	21
Barcelona	58140	58220
Novo-York	138270	138480
Rio de Janeiro	18807	18837
Y. D. Banco de Inglaterra	—	—
Y. D. Banco de Portugal	—	—
Agto de ouro	18280	18350

UM EPISODIO DA GREVE

O recontro no Beato

COMO SE FEZ O ASSALTO À "VILA" SANTOS LIMA

Os moradores do predio e a policia da área contam ao "Diário de Lisboa" os pormenores daquela scena

O caso do Beato—aquele recontro violentissimo de ontem entre os civis e a força publica, que atirou com muita gente para o hospital e para as prisões, foi, de todos os incidentes da greve, o que mais marcou pela ferocidade e pela abundancia de pormenores.

Como aconteceu aquilo? Os moradores do predio sitiado e assaltado dizem uma coisa, a policia diz outra. Registamos as duas versões com a imparcialidade precisa.

* * *

O «predio Santos Lima» é uma «vila» de dois andares, muito extenso, um corredor ao meio a fazer de rua, os cubiculos numerados como ai pela cidade. Vão lá os vendilhões e apregoam tal qual como a gente os ouve p'raí nos bairros da Lisboa pobre; e as moradias são todas mais ou menos sujas, caiadas por dentro a óca amarela e resguardadas no corredor-rua por teias de aranha de idade avançada. A iluminar o andar de baixo, ha no de cima umas frestas por onde os garotos cospem sobre quem passa e por onde se vêem as pernas ás mulheres.

* * *

Está tudo esquecido das coronhadas das balas, e as mulheres contam a scena vorada.

Economia e higiene no calçado
obtem-se com o CREME CRISTALINOSapataria Contente, L.^{da}

74, RUA DO CARMO, 74

UROL
DISSOLVENTE ENERGICO
DO ACIDO URICO
CURA OS ARTHRITICOS
E OS RHEUMATICOS



PREPARADO GERAL
FARMACIA FERNANDES
ADRIANO GUEIFFO FERREIRA
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18 - LISBOA



Nos últimos anos da Primeira República, em tempos particularmente conturbados, a censura ameaçava reinstalar-se ciclicamente. As páginas atingidas, como esta, da edição de 10 de Agosto de 1922, evidenciavam o corte de um modo inequívoco. Quatro anos depois, com o 28 de Maio, os métodos tornar-se-iam menos ingénueos...

SEXTA-FEIRA, 14 DE DEZEMBRO DE 1934

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271



EGAS MONIZ

Foi ali de Afonso Henriques e ofereceu-se com a mulher e os filhos para resgatar do rei a palavra mal cumprida. Os aculpados foram andando e Egas Moniz ressurgiu na nossa época — cavaleiro, leal, sábio, orador, médico de doenças nervosas, político, professor e biógrafo. Se lhe perguntassem:

— Não se fatiga de fazer tantas personagens?

Ele responderia:

— Só faço uma, mas em horas diferentes.

Assim é: Egas Moniz, como as cores do espectro, vive no mesmo prisma: ilumina, aquece, cede e deslumbra, descobre os segredos da vida e obriga a natureza a perguntar-lhe:

— Porque me não deixas repousar no mistério em que nasci?

— Tem paciência, é só mais um pedacinho, enquanto eu descubro no cérebro dos homens a razão por que a sua alma, como lady Macbeth, passeia com a morte, supondo que anda num baile da corte.

ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Primeira página do suplemento literário do "DL" nos anos 30, no qual colaborou a maior parte dos grandes nomes das Artes e das Letras da década, incluindo Pessoa, Nemésio Almada, Aquilino, António Ferro, Gonçalves Vieira, João de Barros, Fernanda de Castro, Diogo de Macedo, etc, etc. Ilustração de outro colaborador de sempre: Francisco Valença

«O progresso não estará só nas coisas?»

uel João Gomes, Rui Mário Gonçalves, Joaquim Manuel Magalhães, Dias de Melo, Miguel Serras Pereira.

Além dos nomes citados, também colaboraram episodicamente no «DL» Agostinho de Campos, Ferreira de Castro, Benito Carqueja, Hernâni Cidade, Egito Gonçalves, Manuel Gusmão, Virgílio Martinho, Domingos Monteiro, Helena Cidade Moura, Joaquim Namorado, José Blanc de Portugal, Eduardo Scarlatti, Jorge de Sena, Mário Cesariny de Vasconcelos.

A «voluntária desorganização» de que fala Carlos de Oliveira no início dos anos 70 assinala no «DL» a década literária anterior, onde a luz e a sombra jogavam às escondidas: «Uma barragem da Hidro-Eléctrica do Cávado vai submergir a aldeia de Vilarinho da Furna, na serra Amarela. Em si é uma notícia como qualquer outra. Foram já muitas as aldeias que por interesses superiores da economia da nossa época, altamente industrializada, desapareceram do mapa. No caso de



Vilarinho das Furnas

Vilarinho dá-se a circunstância especial de ser um dos casos mais curiosos de uma perfeita organização social de tipo comunitário, que conseguiu sobreviver até aos

nostros dias, mercê do seu isolamento serrano, da complexa aptidão do território para diferentes tipos de economia agrícola-pastoril, que tem de ser sacrificada» (Jorge Dias, 1/3/63). Desaparecia uma parte de Portugal. Estaria a nascer outra?

Em «A Fatalidade da Consciência» (13/9/63), José Rodrigues Miguéis faz o ponto da situação: «O progresso acarretanos responsabilidades e cobranos um pesado tributo em vidas e perturbações de toda a ordem. E depois? Aprenderemos a corrigir as suas deficiências e sequelas, em todo o caso muito mais benignas do que nos seria a total carência de inovações. Mas progredimos realmente como homens? O progresso não estará só nas coisas?»

Em matéria de literatura, a última palavra talvez pertença a Manuel de Castro, que aqui publicava estas linhas, em 16 de Setembro de 1971: «Os autores lêem-se uns aos outros, discutem-se entre si, e um reduzido público colecciona-os com benevolente indiferença, como quem assiste a um passatempo sem consequências, bom para entreter um cavaqueio tépido ou para decifrar em horas sonolentas».

Seja como for, em 50 anos de vida (o «DL» tinha 53 anos quando aconteceu o 25 de Abril) um jornal dá-se a conhecer. Fiel aos princípios que o orientaram à nascença, o «DL» deu à cultura o que à cultura cabia, com isenção e total independência. ■

João Cutileiro

O computador fraterno

Altas tecnologias, sim. Um computador, por exemplo, como este que



utilizo em comunicação social. Tudo quanto escrevo, destinado ao público leitor, obedece a determinadas teclas, bem como a combinações diversas e muitas entre umas e outras, e ainda à possibilidade de substituir, no momento oportuno, a luminosidade do «écran» por um fundo negro, surgindo as letras como estrelas brancas numa fracção nocturna fictícia. E outras coisas mais, outras subtilidades que, enfim, a máquina de escrever, que durante tantos anos utilizei, seria incapaz de realizar...

Um momento, no entanto, de ponderação.

Se com a máquina de escrever tínhamos um outro tempo para pensar, uma outra maneira de medir e sentir as palavras, um outro espaço para tirar ilações - será que hoje, face ao computador, desapareceu para sempre toda essa maneira de agir que o acto de pensar exige...?

Penso que só nos primeiros entusiasmos, como quando alguém se enamora e se abstrai de quaisquer juízos, exigirá o computador ao pensamento uma outra velocidade, uma outra corrida, uma outra fuga. Ocorrerá então um trânsito caótico de ideias, todas se atropelando mutuamente, até que um dia...

Até que um dia, as mãos nas múltiplas teclas, o homem que tem por ofício o de comunicar com os outros, dirá de si para si: «Não! A velocidade do meu pensamento, quer na antiga máquina de escrever, quer agora diante do computador, é a mesmíssima de sempre - e, assim sendo, eu não sou mais do que os outros com quem tenho de comunicar. Se, pois, os quero respeitar, e alguma coisa lhes quero dizer, tenho de ser paciente nas sílabas que vou dedilhando. Só assim nos poderemos entender - e só assim também o computador não mais será um senhor despótico, e antes uma coisa irmã entre as coisas irmãs que nos amam como irmão mais velho que verdadeiramente somos...»

Pedro Alvim

OBRIGATÓRIO, MAS SEM IMPORTÂNCIA



«O jornalismo divide-se, ao que suponho, em dois tipos: o informativo e o de opinião. Isto aplica-se, naturalmente, tanto ao jornalismo cultural como às outras formas de jornalismo.

«No que me toca mais directamente, que é o jornalismo cultural, o informativo deixa enormemente a desejar, por falta de rigor. E, além disso, também por uma enorme preguiça: se for distribuído à Imprensa um qualquer pequeno texto sobre um acontecimento cultural, este é normalmente reproduzido em «fac simile», sem a mais pequena intervenção do jornalista.

«Mais. Isto aplica-se também, quando não haja texto distribuído à Imprensa, às cópias das introduções dos catálogos.

«Para além disso - e este é um protesto muito meu, devido ao meu provincianismo: a culpa não é ou pode não ser directamente do jornalista, poderá ser da Redacção, mas a verdade é que os acontecimentos culturais fora de Lisboa e do Porto raramente são alvo de uma cobertura jornalística.

«Suponho que, em termos de mercado, a Redacção tenha razão em não gastar nem um chavo para mandar um jornalista da cultura fora dos seus dez quilómetros de raio de acção.

«Quanto ao jornalismo cultural de opinião, ele é, basicamente, ilegível, pelo seu grau masturbatório de hermeticismo. Acho isso extremamente grave, sobretudo pela responsabilidade da Redacção que não imprime nos seus colaboradores as noções básicas do que é a leitura de um jornal. Suponho até que a Redacção considera a cultura como, no meu tempo, se consideravam, no liceu, as disciplinas de ginástica e canto coral: eram obrigatórias mas não tinham importância.»

José Rodrigues Miguéis

SECTORES DE INTERVENÇÃO

- Centrais Leiteiras e Fábricas de Lacticínios
- Centrais Fruteiras
- Matadouros Industriais
- Lagares de Azeite
- Fábricas de Conserva de Azeitona
- Adeegas para fabrico, conservação e engarrafamento de vinhos

— ASSISTÊNCIA TÉCNICA A UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS

- RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF.: 735135 — TELEX 42729 — TELEFAX 735417 — 1600 LISBOA
DELEGAÇÃO: LUANDA — CP 2385 — TELEX 4126

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCEN
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DINOA RUA LUZ SORIANO 44 a 48 - LISBOA ADMINISTRAÇÃO - RUA DA

por JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

[illegible]

**FORAM I
QUE I
A DECIDA
À**

A BORDO DE HENRIQUES. 1. Ultramar com a re a, acompanh. Baptista, secreta formação conce seu gabinete de stantes das elustadas e s lus, comunicar Presidente da l vesta à Moçam ano

O ministro d cando esta res ante América

**Uma am
na
be
centenas
e**

[illegible]

Nota do dia

RELSINQUA, 13 A seguir a reunião ministerial, o primeiro-ministro, o Sr. Estocolmo, a E. F. T. A. começou hoje nesta cidade, uma conferência destinada ao estudo dos problemas de comércio entre as duas regiões e a da sua ajustamento aos regulamentos gerais da Associação Europeia de Comércio Livre.

Portugal participa também na reunião, que terá lugar em audiência aos delegados no palácio presidencial, pelo chefe do Estado finlandês, Urho Kekkonen. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Sr. Américo de Almeida, o Sr. Veli Merikinen, o primeiro-ministro, Sr. Ahti Karjalainen encerrará a reunião com um banquete e a leitura das declarações.

O APERTO DE MAO

Lemos numa secção retrospectiva de um prezado colega ao que enerra saborosas curiosidades, e de que passamos a ser leitores habituais, que há cinquenta anos se reuniu em Lisboa uma comissão, encarregada em matéria de cumprimentos, que se propunha estabelecer regras para a troca de cumprimentos, e a por todo o País, uma liga contra o aperto de mão, e para que se está praticando: estrangeiros. Os seus esforços eram, porém, inúteis, continuou a praticar-se a larga escala entre os que se erguem contra esse hábito desagradável e anti-higiénico, entre as quais se conta a de um querido camarada nosso

Viagem de férias

As Hélio da princesa Margarida e da sua mãe, a *Lord* Stanhope, estão decorrendo da melhor forma quer no aspecto recreativo quer no aspecto cultural. Aqui vemos a jovem rainha a observar com toda a atenção, enquanto ouvem as explicações da mãe, as famosas ruínas *Altegypten*, de Egipto, no Museu do Olimpo.

grupos algumas vezes
tão, amavelmente, por que é uma
coisa que não se pode fazer sem
a celeridade o bacalhau, por
há cá aquela palha. E faz mais
do bem. Uma coisa é certa
mas dramaticamente, sobretudo
em Vênia, em que algumas per-
soas não conseguem ver as coisas
transpôndo a incógnita, de que
apertar uma a outra, a primeira
nascia a mão do próximo, não fa-
ze seja não um propósito de
que é impossível, que é impossível
na política e não nossem ser
tímidos), quando um simples
grande amável pode se confundir
com vulgarismos e há habilida-
e verdadeira conexão familiar
com o condado, com o monarca
pelo não é de recluí e com
algia de revista de dança pro-
ceda por um simples apertar
de mão. Deixamos, portanto, o
monarca o habito, que quer
os povos algo-saxônicos prati-
cam, aliás, cada vez menos, re-
sultando a um gesto de política
pois não é por aí que o galo da
democracia vai às filhas — e
não é o apertar de mão que
aumenta a consideração devidas
ao nosso semelhante. Há outros
arrecados mais nobres, mais
convencionais de manifestar
se o respeito que nos merecem
e a rotina que nos inspira. E
esses resumem-se a algumas re-
gras de moral que as mulheres
se aprendam na sala — e que
hoje se desprendem do receio.

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AV

«O quê? Tu no Diário de Lisboa?». Perguntaram-me assim, há poucos meses. Uns, animadores: «Que bom!». Outros, nem por isso. E perguntavam a medo: «Esse não era o jornal dos 'comunas' e da Maçonaria?» E ainda por cima, «sendo tu católico!»...

Cá estou. Até agora, não me dou mal. O ar que se respira, por vezes, está viciado de tabaco (estes jornalistas!).

Mas transpira sobretudo acontecimentos da vida das pessoas. Fraquezas e grandezas deste país pequeno, miséria e sonhos do mundo do quotidiano. Onde todos estamos envolvidos.

E no Bairro Alto, o dia tem todas as cores do país e do mundo: ainda a varina que apregoa o carapau, as discussões de bairro popular, os velhotes às esquinas e nas «tascas». Mas também os camiões, a impaciência e as buzínadelas dos automobilistas, o feitiço cosmopolita do Chiado logo ali, também a prostituição pelas esquinas. Pessoas. Acontecimentos e vida por todos os lados. É isto a redacção de um jornal diário. Seja com o ritmo calmo da tarde ou a febre do fecho a partir das 11 da manhã.

“Comunas”? Maçonaria? Tabaco? Há pessoas e vida por todos os lados. Alguém me diz o que é mais importante?

António Marujo



7 DE ABRIL DE 1974
7 DE ABRIL DE 1989

Apenas três dias após o 25 de Abril, o «DL» ocupava as suas páginas centrais com um imenso «poster» a cores de João Abel Manta. Um desenho ingénuo, como as esperanças na liberdade reencontrada, que o jornal reproduzia, igualmente, em tamanho reduzido, na sua página e em jeito de chamada.

Saudava-se, assim, o 25 de Abril e devolvia-se a um dos artistas portugueses a liberdade criativa que ultimamente a censura fascista lhe vinha limitando.

Tudo isto era explícito ou o jornal o explicitava. O que não era explícito, mas se subentende hoje, é que, optando, como optou, por oferecer tal espaço a um artista português, logo três dias depois do 25 de Abril, o «DL», talvez sem se dar conta, procurava, ele próprio, reencontrar-se com uma tradição antiga de mais de meio século: ser, mais do que um jornal, um local de encontro (e de confronto) do que de melhor ia surgindo nas letras e artes portuguesas.

† Rodrigues da Silva

Diário de Lisboa

ALVARO ALVARES DIRECTOR A RUELLE RAMOS

DOMINGO 28 DE ABRIL DE 1974 N.º 18442 ANO 54 PREÇO 2450



NOVOS RUMOS PARA A VIDA PORTUGUESA

SPÍNOLA FRENTE À IMPRENSA E AOS POLÍTICOS

O general António de Spínola, deu, ontem, aos directores dos órgãos de Informação e a representantes de movimentos políticos com maior expressão no País — CDE, SEDES e Convergência Monárquica — indicações precisas sobre os objectivos imediatos da Junta de Salvação Nacional a que preside.

«As primeiras palavras que desejo dirigir à Imprensa e outros órgãos de Informação — disse o general Spínola — em nome da Junta são de homenagem».

E prosseguiu:

«Nesta homenagem desejo expressar bem os meus votos de que a nossa Informação esteja à altura

da hora crítica que o País vive, desta hora difícil. Também sou dos que julgo que o País vive um momento histórico».

A reunião efectuava-se no salão nobre do Palácio da Cova da Moura onde tinha a sua sede o anterior Ministério da Defesa Nacional.

Pouco depois das 11 horas haviam começado a chegar dezenas de repórteres estrangeiros — redactores, locutores, fotógrafos, operadores de cinema e de TV. Depois de identificados apenas através dos seus cartões profissionais, davam entrada na sala destinada à reunião que ia efectuar-se daí a momentos.

Continua na pag. 2



primavera?

Esta é a reprodução de um «poster» que apresentamos nas páginas centrais da nossa edição de hoje. O «poster», alusivo ao actual momento político português, é de autoria de João Abel Manta, artista que, por motivos demais conhecidos, há tempo não publicava qualquer trabalho no nosso jornal.

HOJE 32 PÁGINAS

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 25 DE ABRIL DE 1974 N.º 18439 - ANO 54.º PREÇO 2550



O MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS PROSSEGUIRÁ NA SUA ACCÃO LIBERTADORA

-afirma-se num comunicado transmitido ao País

O País foi informado ao princípio da madrugada, através do Rádio Clube Português, de que as Forças Armadas haviam desencadeado um movimento contra o regime. Mais tarde, um comunicado do Movimento das Forças Armadas informou que o movimento visa a libertação do país do regime que oprime desde o golpe de Estado de 28 de Maio de 1926.

Segundo diversas emissões de estações de radiodifusão estrangeiras captadas na nossa redacção, nomeadamente o ORTF, o movimento militar pretendia também pôr fim às guerras na Guiné, Angola e Moçambique, a partir das soluções propostas pelo general António de Spínola.

O Movimento das Forças Armadas dirigiu também sucessivos apelos às forças militarizadas e policiais no sentido de se manterem nos seus aquartelamentos e de que se abstivessem de quaisquer provocações. As forças militarizadas e policiais foram também avisadas de que as Forças Armadas não hesi-

tariam em reprimir severamente qualquer tentativa de resistência, embora pretendessem evitar o derramamento de sangue.

Os comunicados das Forças Armadas insistem em que a população se deve manter serena e evitar sair à rua. Em diversas zonas da cidade, forças militares formaram barreiras com automóveis atravessados nas ruas e impedem a circulação de veículos. Também em muitas zonas da cidade, em especial junto do Rádio Clube Português e de aquartelamentos, não é permitida a circulação de pessoas.

Apesar dos apelos dirigidos pelas Forças Armadas através do Rádio Clube Português, grande parte da população da cidade veio para a rua ou mantém-se em magotes às janelas, no desejo de acompanhar o movimento das Forças Armadas. Pode afirmar-se, no entanto, que a população civil de Lisboa se mantém tranquila, não se tendo registado qualquer tentativa de apoio ou oposição ao Movimento das Forças Armadas.

Embora seja ainda pouco clara a situação política no País, sabe-se que as forças militares revolucionárias identi-

ficadas com as ideias que presidiram ao recente Movimento dos Capitães (aderentes à doutrina definida pelo general Spínola no seu livro «Portugal e o Futuro»), ocuparam, ao princípio da madrugada, os estúdios da Emissora Nacional, no Quelhas (e mais tarde em S. Marçal), os quais depois deixariam de transmitir; da Radiotelevisão Portuguesa, na Ala-

meda das Linhas de Torres; e do Rádio Clube português, na Rua Sampaio Pina. Simultaneamente, era também cercada a área onde se situa o Quartel-General, em S. Sebastião da Pedreira.

Depois das quatro horas, e apenas através do Rádio Clube, que entretanto passara a transmitir marchas militares, tendo sido suprimidos os

habituais programas da madrugada, foram lidas mensagens e apelos exortando os elementos das Forças Militarizadas e Policiais (PSP, GNR e PIDE, nomeadamente) a recolherem a quartéis, aconselhando-se os respectivos comandos a usarem da «máxima prudência» a fim de ser evitada a desnecessária efusão de sangue.

Continua na pág. 6

OS COMUNICADOS DO MOVIMENTO

Eis os textos dos comunicados difundidos esta manhã através do Posto de Comando das Forças Armadas (Rádio Clube Português):

COMUNICADO N.º 1

«Aqui Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas. As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas nas quais se devem conservar com a máxima calma. Esperamos sinceramente que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal para o que apelamos para o bom senso dos comandos das forças militarizadas no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas. Tal confronto, além de desnecessário, só poderá conduzir a sérios prejuízos individuais que enlutariam a criariam divisões entre os portugueses, o que há que evitar a todo o custo.

Não obstante a expressa preocupação de não fazer correr a mínima gota de sangue de qualquer português, apelamos para o espírito cívico e profissional da classe médica esperando a sua acorrida aos hospitais a fim de prestar a sua eventual colaboração que se deseja, sinceramente, desnecessária.»

COMUNICADO N.º 2

«A todos os elementos das forças militarizadas e policiais o comando do Movimento das Forças Armadas aconselha a máxima prudência a fim de serem evitados quaisquer recontros perigosos. Não há intenção deliberada de fazer correr sangue desnecessariamente, mas tal acontecerá caso alguma provocação se venha a verificar.

Apelamos para que regressem imediatamente aos seus quartéis, aguardando as ordens que lhes serão dadas pelo Movimento das Forças Armadas.

Serão severamente responsabilizados todos os comandos que tentarem, por qualquer forma, conduzir os seus subordinados à luta com as Forças Armadas.»

COMUNICADO N.º 3

«Aqui Posto de Comando das Forças Armadas. Informa-se a população de que, no sentido de evitar todo e qualquer incidente, ainda que involuntário, deverá recolher às suas casas, mantendo absoluta calma.

A todos os componentes das forças militarizadas, nomeadamente às forças da G.N.R., PSP e ainda às forças da DGS e da Legião Portuguesa, que abusivamente foram recrutadas, lembra-se o seu dever cívico de contribuírem para a manu-

Continua na pág. 6

2.ª EDIÇÃO

Hoje 28 páginas



O CERCO AO QUARTEL DO CARMO

O Presidente do Conselho e membros do Governo entregam-se às Forças Armadas O GENERAL SPÍNOLA NO PODER

A hipótese de cerco aos efectivos militares que haviam estacionado no Largo Camões começou às 14 horas com a G. N. R. a saltar das viaturas pesadas na Rua D. Pedro V.

Formaram duas colunas, uma em cada passeio, em direcção

ao Largo da Misericórdia. Aí se detiveram, à esquina da igreja de S. Roque.

O trânsito, entretanto, continuava a rolar em direcção à Praça Camões, ainda que escasso. No Largo Chiado e no Camões tomavam posições

carros de combate e metralhadoras-auto, bloqueando as ruas de acesso. Por outro lado e vindo de baixo, forças da G. N. R. ocupavam as entradas das Ruas Alecrim e das Flores que dão para o largo. Assim se mantiveram até às 14 e 15

quando começaram a retirar nas carrinhas que os haviam transportado.

Saídos os guardas da G. N. R., os soldados pediram os jornais e tranquilamente começaram a ler as primeiras

Continua na pág. 3

continuação da pág. 31

João Abel Manta, convidado pelo «DL» a «comentar» o 25 de Abril, transformava-se, assim e simbolicamente, no herdeiro de Almada, Botelho, Stuart, Valença, Zé de Lemos, Pargana, tantos mais, que no passado tinham, a traços de talento, esboçado neste jornal a reportagem crítica do quotidiano lisboeta e português.

O artista voltaria, durante algum tempo mais, a publicar os seus «posters» no «DL», mas nem por isso o jornal faria, então, das Artes e das Letras o seu emblema maior. Antes pelo contrário. Aquilo que hoje, por arrumação jornalística mais do que por precisão de conceitos, apelidamos de Cultura e Espectáculos veria no «DL» mingualhe o espaço durante o ano e meio a dois anos que, «grosso modo» vão do 25 de Abril de/74 ao 25 de Novembro de/75 ou às eleições presidenciais de/76.

Mas não sejamos demasiado críticos. Nenhum jornal é uma ilha, o «DL» tão pouco o foi alguma vez. E se nesse tempo, que hoje nos parece tão remoto já, a chamada Cultura andou destas páginas esquecida ou relativamente arredada, é porque o País, por inteiro, vivia outras preocupações.

O «DL», bem ou mal (não vem, aliás, para caso), foi espelho delas, mesmo quando as deformou, mas nisso seguiu ou foi acompanhado, deste ou de outro modo, por toda a Imprensa portuguesa de então. E se parece fácil, hoje, julgar as opções desse passado, lembre-se, só e por exemplo, que poucos dias antes do 25 de Novembro de/75 estreava, no Aplo 70, uma quase obra-prima de Manoel de Oliveira, «Benilde ou a Virgem Mãe»... sem público que fosse além da meia dúzia de espectadores por sessão.

Que o «DL», apesar de tudo, ao filme se tivesse referido, significou do jornal uma maior atenção aos fenómenos culturais (e a este, especificamente) do que aquela que então lhes

dispensavam muitos dos que hoje se podem espantar pelo facto da Cultura, nesse tempo, ser pouco querida nestas páginas.

E não o foi tão pouco como isso, embora o tenha sido bastante, em vista da tradição. O Teatro, o Cinema, a Música, as Artes Plásticas, a Televisão, os Peanuts tiveram sempre e regularmente o seu lugar, no «DL», nos anos imediatos ao 25 de Abril. No fundamental, através da crítica, se não só quase graças a ela.

No resto, pouco se fez ou fez-se a espaços, sem continuidade ou programação. Muitas vezes o interesse político perfilava-se demasiado por detrás das iniciativas culturais, o jornalista não raro ligava mais ao lado antifascista ou partidário do escritor ou do artista do que propriamente ao seu contributo criador.

Veze havia até em que o impacto da iniciativa ganhava em espaço e iconografia tanto como escasseava em investigação ou reportagem. Tal como em Maio de/74 (o 25 de Abril ainda não tinha um mês), quando o «DL» dedicou algumas das suas páginas aos escritores portugueses «que não viram chegar a liberdade».

Eram catorze os evocados (Aquilino, Cortezão, Sérgio, Soromenho, Redol, Régio, Soeiro Pereira Gomes, Irene Lisboa, Casais Monteiro, Manuel Mendes, António Maria Lisboa, Daniel Filipe, Mário Sacramento e Pedro Oom), mas o jornal esteve mais interessado em erguer-lhes a «estátua» do que em analisar-lhes a obra, ou equacionar que caminhos abria para o futuro.

Os tempos eram outros, valha a verdade. Mais de louvor e simplificação do que propensos a grandes interrogações. E, se ainda em Maio de/74, o «DL» chama para a primeira página as «Novas Cartas Portuguesas» é para se regozijar com a sentença que acabava de absolver as «três Marias», não para querer saber que ficava do seu texto para compreensão do passado e entendi-




CERTIFICADOS DE DEPÓSITO

BFN

A forma segura de investir

Taxas de juro mais atractivas
Pagamento periódico de juros
Transmissíveis por endosso
Possibilidade de negociação antecipada
Montante mínimo: 5.000 contos



Banco de Fomento Nacional

Garantia de futuro para as suas poupanças

mento dos tempos mais próximos.

Ainda uma vez, chame-se a atenção para que os tempos eram outros, como o «DL» o testemunha. Em Junho de/74, Eugénio de Andrade publicava um poema à memória de Dias Coelho, em Janeiro de/75,

Tomás Taveira defendia a criação de «uma universidade de trabalhadores para trabalhadores» José Mário Branco, daí a nada, concorria ao Festival da Canção com o «Alerta» José Viana e Maria Barroso envolviam-se em polémicas sobre se, sim ou não, todo o teatro português deveria ser nacion-

alizado; Tomaz Ribas elogiava Kenneth Kaunda, a Tabaqueira anuncia o lançamento no mercado de uma nova marca de cigarros... «Grândola».

«Quem diria»... dir-se-à hoje de tudo isto, mas era assim, de facto, no tempo em que as palavras «revolução» e «socialismo» nunca

tanto como então se escreviam nos jornais portugueses. E de que mais nos espantaremos hoje: disso mesmo ou do que, apesar de tudo, o «DL», a nível cultural, foi conseguindo publicar, irregularmente é certo, mas publicando mesmo assim?

Maria Judite Carvalho, por exemplo, foi sempre dando

conta do quotidiano nas suas crónicas e ao «DL» não escaparam as visitas a Portugal de vários escritores estrangeiros, alguns dos quais (Guillen, Vargas Losa, Garcia Marquez, Henrich Boll, Gisèle Halimi) entrevistaria. Textos discretos quase sempre, sem chamada de primeira página, mas vá lá hoje saber-se que dramas ditaram as opções da montanha de um jornal como este, nesses tempos tão cheios de outras realidades dia-a-dia, hora-a-hora, em transformação.

Ainda assim, o «DL» desses anos não esteve alheio a novos valores nacionais que despontavam, como Luís Miguel Cintra, Jorge Silva Melo ou Jorge Lima Barreto, entrevistados aqui. Do mesmo modo, o jornal soube intuir o que de novo havia ou poderia significar a abertura de mais um cinema (o Quarteto) que não era um cinema mais, já que introduzia, pela primeira vez em Portugal, um espaço multissalas.

Se o jornal soube intuir neste caso a novidade, o clamoroso falhanço desses anos de 74-75 residuiu no tratamento dado à vinda a Portugal de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. O «DL» refere a visita, mas tão discretamente, tão como que a contra-gosto, que nunca o facto mereceu honras de primeira página. O escândalo da menorização deste verdadeiro acontecimento político-cultural só possível com o 25 de Abril foi de tal ordem que, cinco anos depois, quando Sartre morreu, o «DL» como que se tentou redimir de um pecado antigo. A morte de Sartre - seria então noticiada com o destaque justo e o «DL» aproveitou para publicar do filósofo... as fotos que cinco anos antes lhe tirara em Portugal e não divulgara, remetendo-as para o arquivo.

De pecados assim, mas também de virtudes, se foi fazendo aqui, pois, o noticiário cultural. E se folheando hoje o passado com o olhar do presente chocam algumas omissões, o «DL» pode orgulhar-se também de tanta coisa que lhe não passou despercebida, nem o manteve alheado.

Assim foi em Julho de/74, graças a José-Augusto

França, que, quando ninguém se importava com isso, aqui clamou contra a barbaridade da demolição em Sintra do Hotel Nunes, substituindo-o por um mamarracho qualquer. Assim foi com a luta contra a ameaça de encerramento que pesou sobre o Conservatório; a campanha a favor da exibição do filme «Sambizanga», boicotado pela distribuição; o inquérito à situação do escritor português que permitiu ao «DL» colher o depoimento de um grande escritor hoje esquecido (Faure da Rosa) e as palavras cáusticas de Mário-Henrique Leiria, um dos melhores testemunhos da década.

Com o 25 de Novembro e sobretudo com a derrota de Otelo nas eleições presidenciais de/76, o noticiário político atenua-se no «DL», ou perde vigor. Como se o jornal sentisse, como outros o sentiram e o País com eles, que a efervescência política de ano e meio a dois anos, sucedia, lenta mas progressivamente, a estabilização.

Culturalmente, o que vinha de outrora mantivesse no «DL» e se alguma coisa pode espantar os nossos olhos de hoje é que o jornal tenha mostrado sensibilidade bastante para, ainda em/76, detectar a importância de um poeta como Grabato Dias, de um ficcionista como Manuel de Lima, entretanto falecido, ou o significado da boa recepção no estrangeiro a um filme tão inovador na sua linguagem como «Trás-os-Montes».

O «DL» seria, então, talvez o único jornal português a reflectir com alguma regularidade e denodada persistência sobre Arquitectura e Património, um dos primeiros, se não o primeiro, a evocar uma efeméride de Fernando Pessoa (o 41.º ano da sua morte); tal como comemoraria como nenhum outro os 70 anos de vida de Fernando Lopes Graça, num inquérito que dignifica qualquer órgão de imprensa.

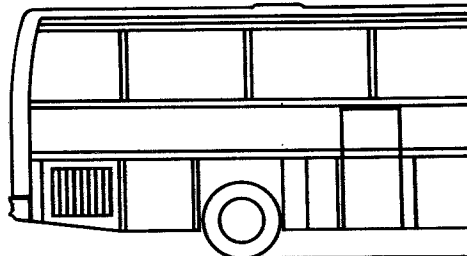
Um capítulo do novo romance de José Gomes Ferreira («O Sabor das Trevas») seria publicado,

Duas letras para dizer serviço

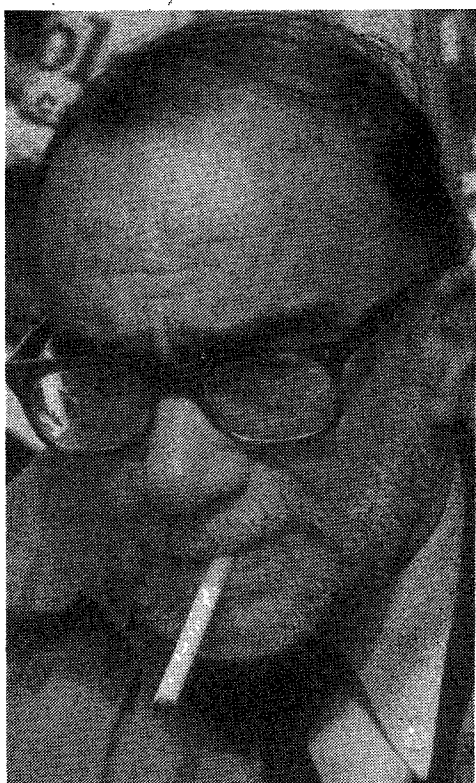
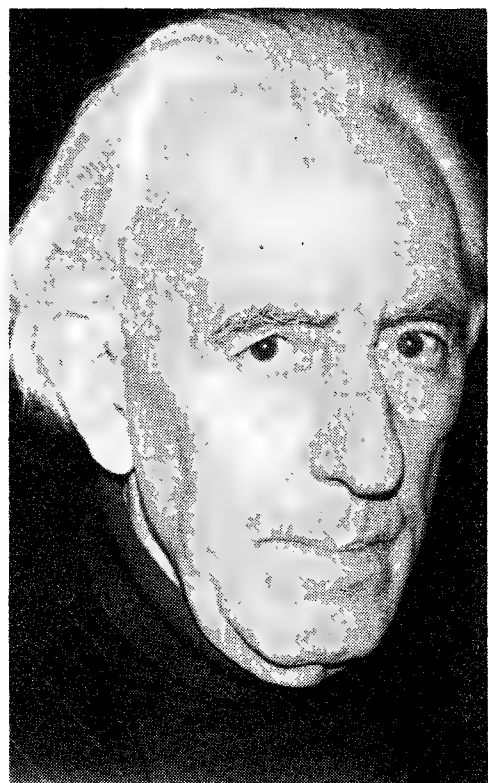


Nas carreiras Expresso que unem as gentes e terras de Portugal, na entrega de pequenas mercadorias em inúmeras localidades do continente, no aluguer de autocarros para turismo e outros fins pro-

fissionais e recreativos, a nossa capacidade operacional é inextinguível. Ninguém conhece as estradas portuguesas melhor que nós. Contacte-nos.



Um modo de dizer serviço



José Gomes Ferreira: quatro páginas sobre o poeta, num longo texto de Mário Dionísio
José-Augusto França, o mais antigo colaborador do «DL»

ainda em/76, no «DL»; os 100 anos de Zé Povinho foram aqui recordados e no primeiro mês de/77 Jorge Peixinho teria neste jornal quem lhe defendesse o prestígio artístico, atingido por um funcionário qualquer que ridiculamente o impedira de tocar no «melhor piano do País».

Ainda em/76, surge no «DL» o «Sete Ponto Sete» mais tarde renasce o «Ler/Escrever». As Artes e Letras ou o Espectáculo e a Cultura ganhavam com eles novos espaços no jornal. Um tanto contraditoriamente, porém, tudo isso ficava quase só acantonado em suplementos, o jornal propriamente dito, de/76 a/80, furta as suas páginas do dia-a-dia a um fenómeno que já então se advinhava vira ser o mais marcante da década de 80.

Uma década, esta, que verá este jornal assumir-se, progressivamente, como vocacionado para a Cultura. Percebe-se isso em editoriais vários, nos quais o «DL» se define sempre como um jornal, entre outras coisas, cultural no sentido mais ou menos amplo do termo.

Em/83, o «DL» saudava em editorial a Fundação Gulbenkian pela inauguração do Centro de Arte Moderna, num texto que tem, para além do mais, o sabor de sarar uma ferida que o jornal abrisse num

passado recente.

Nesse mesmo ano, ver-se-á o «DL» chamar a atenção, também em editorial, para a importância de um artista como Carlos Botelho, velha glória da casa, algo esquecida e quando da sua morte em/82. Seria o pretexto para o lançamento de um concurso assente na republicação de desenhos de Botelho e que veria o jornal reencontrar-se com uma das suas melhores tradições.

Os anos recentes deste retomar do passado estão na memória dos leitores e demasiado próximos para quem procura um balanço. Tudo o que se pode dizer é que o «DL» hoje faz um esforço para estar à altura daquilo que, entre outras características, foi a sua vocação passada e a que mais o dignificou.

Um jornal é feito de muitas contradições, corpo vivo como é, se o é e este tem-no sido. É assim tão injusto como inevitável saber do passado de um jornal folheando as páginas antigas e ignorando que vivências, que confrontos, que dramas até se viveram nas Redacções. Estamos talvez perto de poder em Portugal esboçar uma História da Imprensa, longe de imaginar uma História do Jornalismo. E são coisas diferentes. Falta a uma a presença humana que nas páginas da outra se ocultará para o melhor e para o pior.

Para o melhor, neste caso, é um texto que o «DL» publicou a 5 de Julho de 1975, assinalando a independência de Cabo Verde. Assinava-o Alexandre Oliveira, o título era «Cabo Novo, Cabo Verde. Cabo Vida». Começava assim:

«Catavam água na terra e alimento no ar, tinham uma política clandestina e sigilosa, uma língua sua e sua resistência polida e secreta como o osso de uma flauta, foram ao outro lado do mar abrir o caminho e sangue para a liberdade, voltaram contra si próprios o inimigo cheio de ferro e de tortura e derrotaram-no e hoje mesmo, violentos de honra e força, são o povo mais belo do planeta e cravarão nos doze torrões de pedra oceânica uma bandeira que dança».

Um texto como este, que assim começa, não é apenas um belíssimo texto jornalístico, é um poema de um poeta que o jornalismo simultaneamente revelou e impediu que se expressasse. O seu autor - Alexandre Oliveira - teria apenas pouco mais de quatro anos para viver quando este texto escreveu. Morreria em 10 de Agosto de 1979. Tinha 33 anos de idade. Era o melhor jornalista da sua geração, que é também a minha, e eu estou hoje neste jornal que foi também o dele. ■

TÃO PERSONALIZADOS
COMO A SUA ASSINATURA.

TÃO PERSONALIZADOS
COMO O NOSSO ATENDIMENTO.



Serviços com personalidade
e assinatura



BANCO ESPIRITO SANTO
E COMERCIAL DE LISBOA

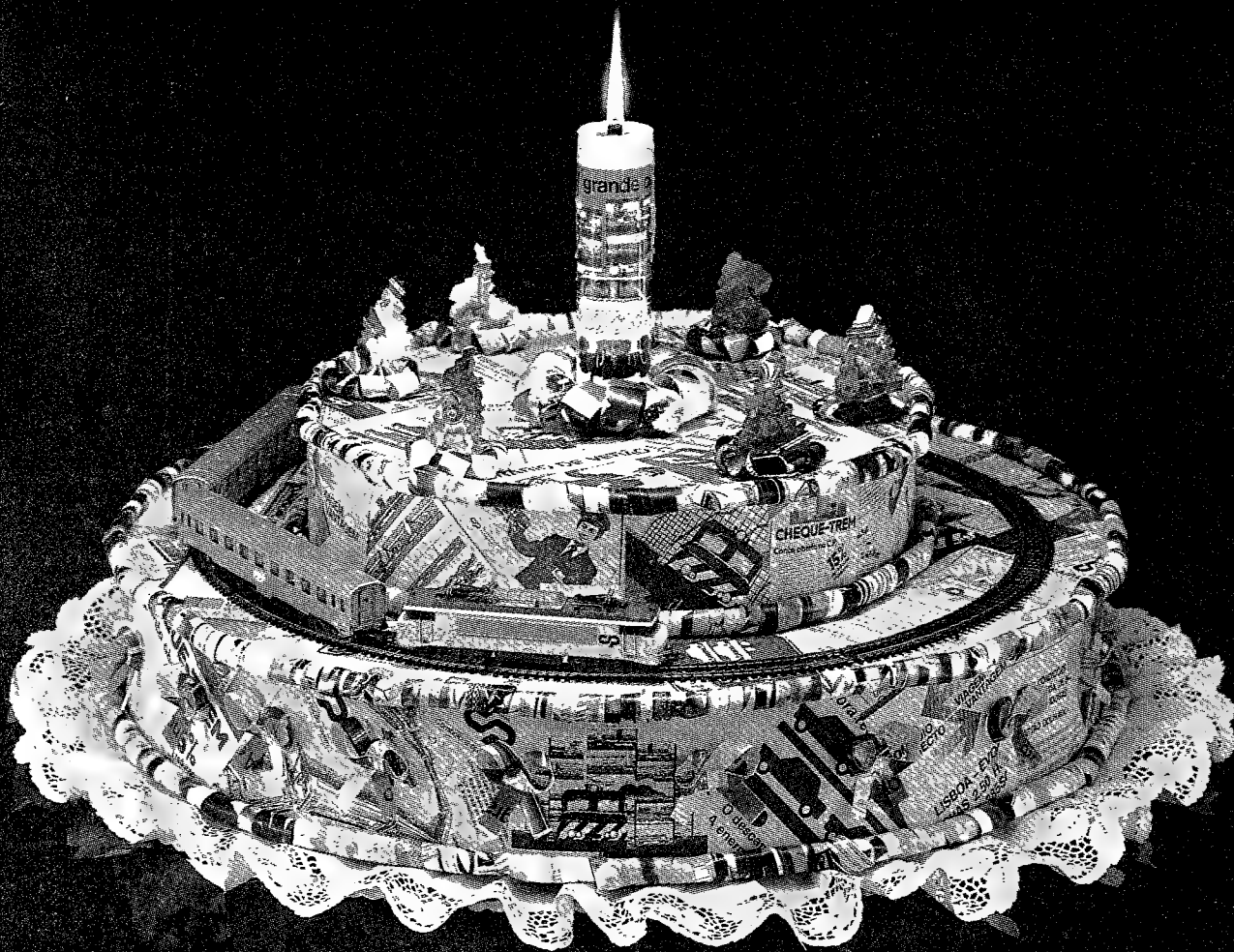
CAMINHOS DE DIÁLOGO SÃO VIAS DE COMUNICAÇÃO. HOJE, O COMBOIO SAÚDA A PALAVRA.

Fazer anos é uma festa. Festa duplamente merecida por quem optou por uma vida inteira dedicada à causa da aproximação entre os portugueses. Parabéns a Vocês!

É com o máximo orgulho que os Caminhos de Ferro Portugueses transportam diariamente para todo o País largos milhares de exemplares das mais diversas publicações nacionais.

Ajudando desta forma a levar a palavra mais longe, percorrendo caminhos de comunicação, promovendo a via do diálogo.

É, por isso, com todo o prazer que, hoje, o comboio saúda a palavra.



 Caminhos de Ferro
Portugueses

Comboio, a opção viva.



**Clube
Video**

Charlie Chaplin

C. C. OCEANO/ Loja 13/ Tel. 982 75 21
ODIVELAS

Edifício Mirante/ Loja A/ Av. 25 de Abril/ Tel. 99 55 70
PONTINHA

68 anos

QUE É UM JORNAL?



Dele se poderia dizer que é um intercomunicador indispensável à inserção do leitor num contudo dado socio-político e cultural.

Compete-lhe a missão de informar, a partir de dada perspectiva de origem, aquilo que ocorre ou se julga que ocorre ou se pensa que deveria ocorrer na cidade.

Compete-lhe a missão de informar, a partir de dada perspectiva de origem, aquilo que ocorre ou se julga que ocorre ou se pensa que deveria ocorrer na cidade.

Ao eleger dado jornal, o leitor explícita o seu modo de ser e de estar na terra que lhe coube em sorte.

O jornal de cada um de nós exprime-nos tanto como o jornal se exprime a si mesmo buscando os ecos que deseja e promove.

QUAL A NECESSIDADE DO «JORNAL»

Num mundo como o nosso em que prevalecem, esmagadoramente, os meios audiovisuais, dir-se-ia que o jornal vive uma conjuntura precária que o obriga a habilidades nem sempre fáceis que têm que ver, a um lado, com a publicidade e, a outro lado, com o sensacionalismo nas mais diversas expressões que este possa assumir. E, em não poucos casos, poderia até insinuar-se que a sua razão última, a sua sustentação como tal tem objectivos mais de empresa comercial do que, propriamente, os fins que, ideologicamente, é obrigado a assumir para alcançar os leitores.

Nos termos genericamente esboçados, pode e deve interrogar-se: há, hoje, efectiva necessidade de jornais? E amanhã, com a multiplicação dos audiovisuais e a massificação da terrível presença do ecrã televisivo, o «jornal» será ainda uma necessidade ou uma sobrevivência em transe de dificuldades crescentes?

QUE DEVERIA SER UM JORNAL, HOJE?

Não é, certamente, por acaso que, em toda a parte, os audiovisuais tendem à massificação do entretenimento - e as manifestações de índole efectivamente cultural são, aí, como que uma «honesta» justificação de outras razões que a razão, se entende, terá normativamente, de rejeitar.

É que, se bem descortino, o sensacionalismo do superficialmente episódico tende a sobrepôr-se ao que, tantas vezes, mais importaria pôr em relevo.

A pequenina habilidade de um político, ou uma monstruosidade ou uma catástrofe ou qualquer fait-divers entificado tendem, sensacionalmente, a um relevo cujas razões a razão desconhece.

Em suma, aquilo que pretendo sugerir reduz-se a pouca coisa e bem sei que, ao fazê-lo, incorrerei no «pecado» do utopismo. Mas que fazer se a utopia de hoje poderá, acaso, ser a realidade de amanhã?

Mal, com avanços e retrocessos, a mutação civilizacional e com ela as concomitantes aberturas culturais, são, todavia, factos irreversíveis. E nessa mutação em curso, a cultura, sob todas as suas virtualidades e formas, terá uma palavra decisiva a sugerir quanto ao futuro do homem neste complexo planetazinho que nos coube em sorte.

E, aí, entressonho uma Imprensa límpida com a consciência crescente de que lhe caberá, cada vez mais, uma palavra oportuna e decisiva na ajuda e na entrea-ajuda à explicitação daquilo que no homem são, acaso, os valores soberanos: a consciência do bem e os condicionaisismos da sua prática - a liberdade e a justiça social; a busca da verdade (ou, talvez, mais adequadamente, das verdades que forem sendo viáveis), a procura da beleza e da sua exemplificação.

A Imprensa de hoje que dir-se-ia estar em vias de perder o norte não teria, por aí, uma missão nova a inventar ou a reinventar?

Joel Serrão

UM JORNAL COM O NOME DA CIDADE

ANO 14.º

LISBOA - DOMINGO, 13 DE MAIO DE 1934

N.º 4126

Marina Tavares Dias

Destino conduzido
ou destino
adivinhado?
Durante 68 anos da
sua história, através
de todas as
mudanças e de
todos os acidentes
de percurso, houve
uma fé e uma
fidelidade de vida
inteira no «Diário de
Lisboa» que,
mantendo-se sempre
diário, sempre se
manteve, também,
ligado ao seu
primeiro e principal
epíteto. Tempos
houve em que a
cidade era um
desfile imenso de
costumes e de ruas
estreitas: o jornal os
narrou pela pena
dos melhores
olisipógrafos.
Vieram tempos em
que as demolições
começaram no
próximo coração da
cidade: o jornal as
acompanhou com
reportagens
ingénuas e
comoventes.
Passaram tempos em
que a cidade se
vestiu com as cores
de eras tumultuosas:
o jornal as adoptou e
as rejeitou, tal como
a cidade....



Diário de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor:
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO - Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: LITBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES - 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: LITBOA

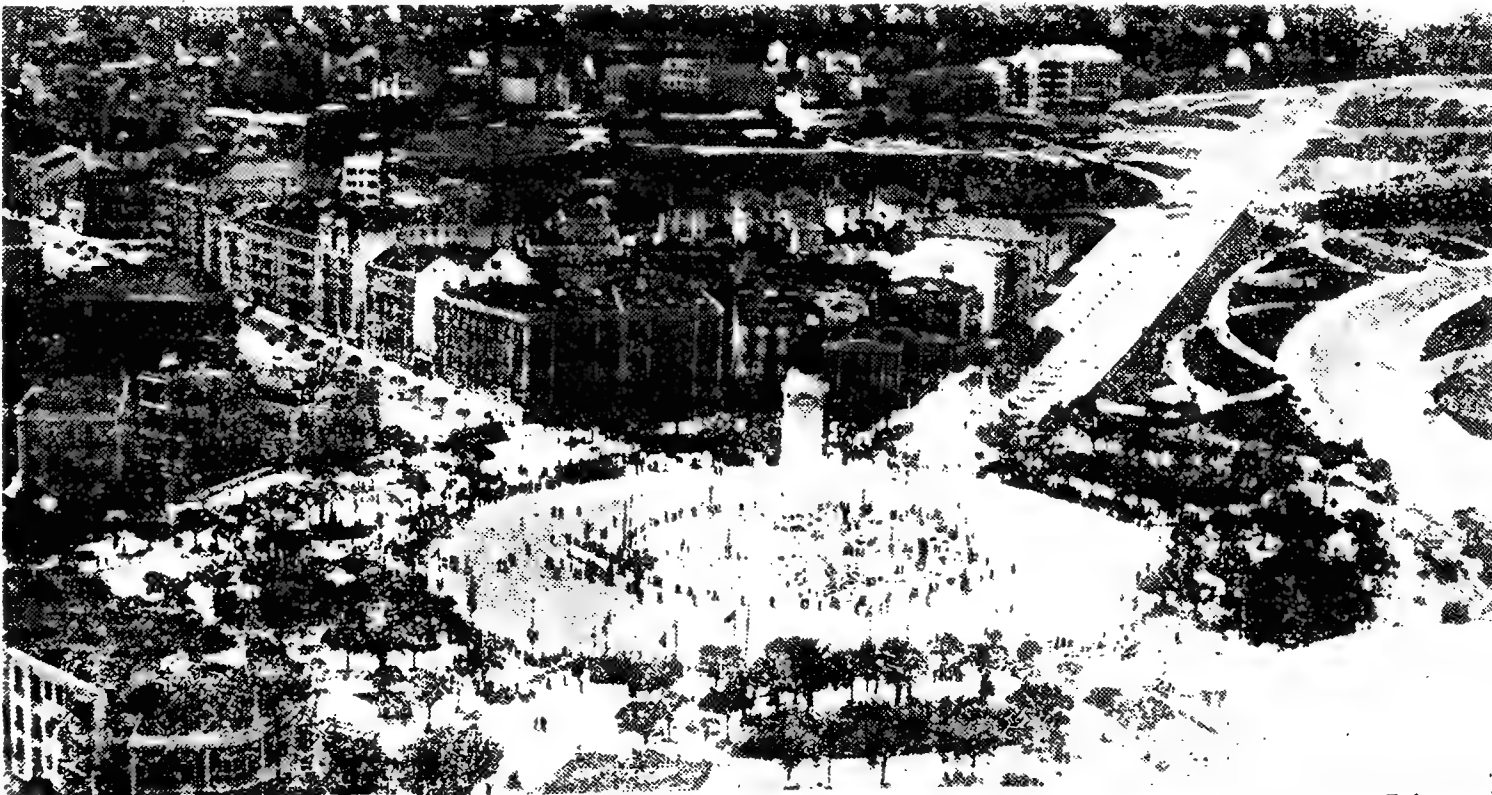
ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**Inaugurou-se
o monumento ao**

**esta tarde
Marquês de Pombal**



Um aspecto geral da inauguração do monumento, que dá bem a ideia da imponência de que se revestiu a cerimonia



Aspecto do monumento e da Rotunda, tirado hoje de avião, antes da cerimonia, pelo tenente-aviador Humberto Pais



Demolida em 1949, a Praça de Figueira era a Lisboa tradicional, dos pequenos bairros e dos hábitos seculares. O "DL" denunciou esta demolição: "estão a destruir a cidade!"

O que resta hoje da Lisboa que foi passando, neste jornal que ficou? Quando um dia algum olisipógrafo conseguir viver unicamente da sua especialização, talvez possa iniciar o estudo quase interminável das notícias de jornal que, em todos os títulos da nossa Imprensa, desde sempre, tiveram Lisboa como motivo e como alvo. E irá descobrir, sem dúvida, neste jornal com o nome próprio da cidade, um interminável rosário de pequenas pérolas: a casa seiscentista habitada pelo carvoeiro, o lanço de muralha encoberto pela hera, o convento arruinado que não deveria ter sido esquecido, os leilões de sucata após a demolição dos mercados, as obras de Santa Engrácia de todas as vereações numa terra que se habituou à incompetência camarária.

Lisboa inteira, das avenidas às mais pequenas lojas, eternizada para além das muitas mortes, em centenas de volumes encadernados, em dezenas de milhares de jornais, em milhões de linhas, biliões de caracteres. «Como em nenhum outro jornal», será escrito então.

Como em nenhum outro jornal, sabem já todos aqueles que um dia as aventuraram através

destas décadas de papel, gradualmente assaltados por uma paixão que este título não deixa vacilar nem voltar atrás. Era uma vez um jornal com o nome de uma cidade...

No início era a cidade

Lisboa nos anos 20. Quinta-feira, 7 de Abril de 1921. O «Diário de Lisboa» começa a publicação provisoriamente instalado no número 90 da Rua do Carmo, no Chiado elegante.

Apesar das suas janelas darem directamente sobre os requintes do comércio de luxo, o velho segundo andar deste prédio pomalino ainda se assemelha muito pouco ao que uma Redacção pode ser: cómodos, acanhados, luzes bruxuleantes, manhãs inteiras «a seco» sem serviço de bar, noites ameaçadoras com os ratos a cruzarem livremente as mesas dos redactores.

Almada Negreiros tem o seu pequeno estirador na sala da Redacção. Para o primeiro número desenha ele o destino advinhado de seu jornal de «vanguarda»: uma rua de Lisboa, um carro eléctrico, uma elegante que sai do automóvel, uma «manucure» que expõe monos na montra, uma casa de chapéus, uma luvaria. António Ferro escreve

um poema e é esta a primeira presença de Lisboa no «Diário de Lisboa». A Rua do Ouro, assim se chama a página, ao alto, em letras garrfaia. É a terceira do jornal, a página nobre. O «DL» informa ainda que, nesse dia longínquo, Lisboa amanheceu sem pão (por via da greve dos amassadeiros) e com bombas (por via da mesma greve).

Nesse mesmo mês, Afonso de Bragança narra aos leitores a sua relação de amor-ódio com «a capital de Lisboa», o Chiado: «Tive, como toda a gente, a paixão pelo Chiado. É uma doença que estraga todos os sentidos. Achava que a vida era um caso de rua. O homem um transeunte. O paralelepípedo pareceu-me a forma eleita da natureza. Amei a cidade - e o Chiado é a capital de Lisboa». Lisboa era o Chiado, claro, mas para lá do Chiado, rezavam os editoriais do início da década, Lisboa «aborrecia-se», por muito inquietantes que pudessem ser as notícias «da arcada» ou os ecos das ruas no pé de guerra da Primeira República. Almada desenha os intelectuais olisiponenses à porta da tradicional tabacaria chiadense («A Havaneza»), encostados à fachada, «passando pelas brasas». São «as forças vivas» da cidade.

Vêm passar os polícias e as sopeiras. Passam ocasionalmente pelo alfarrabista (outra figura típica alfacinha) onde - acusa o «DL» - costumam ir parar os registos e os arquivos dos nossos melhores conventos. Jaime Cortezão responde ao jornal. Mas nunca se apurou: os livros de S. Vicente de Fora deram ou não entrada na Biblioteca Nacional? E do Colégio de Campolide?

Lisboa maltratada, nas suas memórias, no seu património: eis uma constante já na primeira década de vida do «DL».

A década começa com sessões camarárias onde se discute - já! - a inauguração de uma rede de metropolitano (só 40 anos depois ela surgiria). O «DL» assiste aos debates em Maio de 22 e conclui o mais provável: ficaremos à espera. Também nesse ano, uma grande polémica entre olisipógrafos e outros historiadores dissecava a origem da Rua da Junqueira. Uma notícia mais alarmante toma entretanto conta dos debates camarários: a futura destruição da Mouraria. Irá ela desaparecer mesmo? - questiona, inquieto, o jornalista, em Julho de 1922.

O tempo é pródigo em disparates, por parte da CML: há mercados que vão fechar, o Rossio vai ser

destruído para passarem os eléctricos (nesse tempo, ainda existia na nossa praça principal, o tabuleiro de mosaico azul e branco que era um dos «ex-libris» de Lisboa) e a Casa dos Bicos está em ruína completa, sem que ninguém se preocupa com isso.

O ano de 23 começa com uma entrevista ao «último janota do Chiado» e com uma notícia preocupante para todos os frequentadores desta artéria lendária: morreu Gualdino Gomes. Mais tarde, é o «DL» quem descobre que a notícia divulgada por todos os jornais é, afinal, falsa. Gualdino, o maior «cavaqueador», o mais genial dos «chiadenses» de tertúlia, está vivo e recomenda-se. O Gualdino morto era outro, desconhecido. O Chiado sossegou. Mas por pouco tempo.

Em 1925, é o proprietário da Brasileira (contra o qual, por causa do preço da «bica», já tinham corrido abaixo-assinados) quem dá que falar. Remodela o estabelecimento e vai encomendar umas telas aos modernistas, para chacota de Lisboa inteira.

Mas o «DL» tem uma estima infinita pela Brasileira, símbolo do Chiado. Alguns redactores, entusiasmados com o «furo» tantas vezes conseguido em amena

OS NOVOSE OS MORTOS

Garcia Marquez escreveu que "precisamos de ter mortos enterrados numa terra para a chamarmos nossa". Será assim com os jornais?



Quase sempre, ao chegarmos à profissão, obrigam-nos a detestar "tradições". Elas podem querer dizer muitos anos de "casa", incompetências

várias, pouco trabalho e, mesmo assim, um salário infinitamente superior ao dos "novos". Anos mais tarde, ultrapassadas estas injustiças, sabe-se já demasiado para se poder amar um jornal apenas pelo seu título. Por isso me vi aqui chegada, na casa dos 20, vazia de mortos e de memórias, apesar de uma grande paixão: tendo percorrido, em dez anos de profissão, publicações bimestrais, mensais, quinzenais e semanais, nunca me curei do jornalismo - ou seja, dos jornais diários. No resto, o "Diário de Lisboa" seduziu-me por isto: encontra-se aqui - pela primeira vez em muitos anos, dizem-me - um ótimo ambiente de trabalho.

E só agora, quase um ano depois de chegar, só a frio, só gradualmente desce sobre mim a pesada história desta casa e de todas as obras, de todos os mestres cujos nomes se agruparam sob este título que fez uma das mais brilhantes páginas do jornalismo português da primeira metade deste século.

E ocorrem-me elos que também passam pela minha vida: o escritório de representações que o meu avô dirigia, na Rua do Ouro, primeiro assinante e primeiro anunciante, em 1921, do novo jornal de Joaquim Manso; o livro de fábulas por este escrito e que atravessou a minha infância; as vezes que ouvi dizer que o ilustrador desse livro (Almada Negreiros) morou em tempos longínquos na própria mansarda do "Diário de Lisboa" tal como Joaquim Manso, em períodos conturbados, se refugiou em casa dos meus avós, no próprio quarto onde durmo hoje.

E mais tarde, muitas décadas depois, iniciando eu as pesquisas sobre a cidade, encontrei uma única morada comum de todos os melhores textos: o "Diário de Lisboa".

Entre o projecto do futuro "DL" que nós faremos e o exemplo do passado "DL" que é impossível ignorar, o que vale o nosso contributo? O que podemos fazer com que ele valha? Se dermos a esta casa uma geração nova que não desmereça a primeira das "novas" gerações por aqui passadas, talvez o nosso presente venha, no futuro, a valer por si. Reconhecendo-se e recomendando-se quando formos, também nós, "eternizados" por este título semi-eterno que muitos não souberam merecer.

Marina Tavares Dias

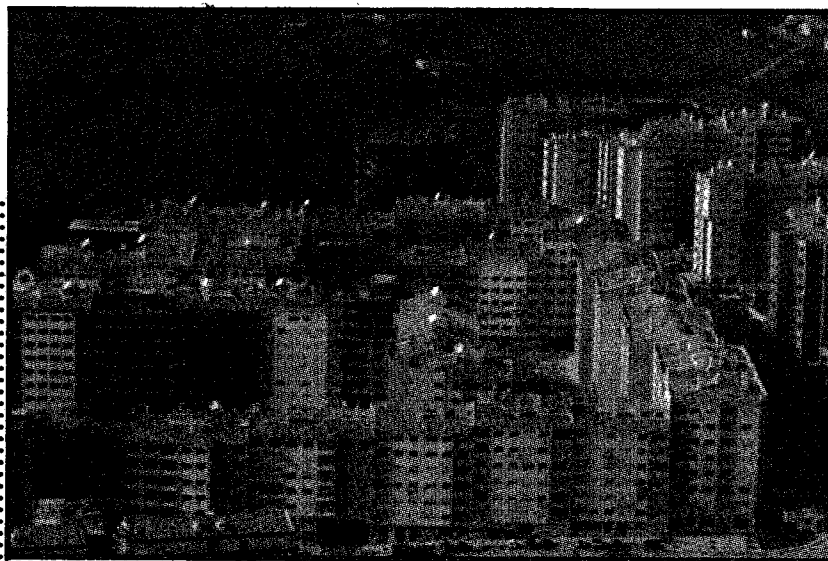
Lisboa nos anos 30

continuação da pag. 38

tertúlia, chegam a admitir passar mais horas no café do que na Redacção. Solidário com eles, o próprio director cosnegue o financiamento de uma viagem a Espanha para o célebre criado de mesa João Franco. Os aviões «Junkers» lá o levaram, a Madrid, servir a famosa «bica» que

iria popularizar a tradição dos nossos cafés.

Lisboa nos anos 30. A Câmara continua a debater projectos que nem os netos desses munícipes poderão ver inteiramente realizados: uma auto-estrada para o Porto, um plano para salvar casas antigas, etc. Um outro projecto esperará menos: a



VIVER A LIBERDADE COM QUALIDADE E SEGURANÇA

3/4 ASSOALHADAS

Lotes 233 e 234

2.ª fase Urb. Pimenta e Rendeiro

MASSAMA - QUELUZ



Cabouco

COOPERATIVA DE CONSTRUÇÃO CIVIL, CRL

R. Nova Trindade, 1 - 2.º Dto. — 1200 LISBOA Telef. 3460610



O Rossio antes e depois de 1925, altura em que, sob os veementes protestos do "DL", lhe foi retirado o tabuleiro de mosaico ondulado

ponte sobre o Tejo discutida na sessão de 30 de Março de 1930. Seria inaugurada em Agosto de 66...

Pelos meados da década, o «DL» volta a alertar os alfacinhas: os novos prédios da capital estão a ser construídos em condições que deixam muito a desejar. Entretanto, uma série de artigos dá a conhecer os comerciantes da primeira das nossas avenidas. No Parque Mayer, ao largo da mesma, a sensação da época são as espanholas. «Lisboa vai perdendo o seu ar provinciano», escreve A. Pardal a propósito dos bares da moda.

Mas a década de 30 é o tempo das festas da cidade. As marchas populares descem à rua pela mão de Leitão de Barros e pela pena de Norberto de Araújo, redactor da casa. Norberto - provavelmente o mais activo de todos os olisipógrafos - assegura a presença quotidiana da cidade no jornal a que esta deu o nome.

Logo em 1930 inicia ele uma série de reportagens em que entrevista gente ligada a todos os misteres que mantêm Lisboa acordada, alimentada, lavada, engomada, calçada, abastecida e em comunicação. Pelas páginas do jornal desfilam, madrugada adentro, os padeiros, os operários

das fábricas de Alcântara, os transportadores do porto, os carrascos dos animais que vão para a matança, etc.

Luís Pastor de Macedo é vereador da Câmara em 1933; o «DL» adere a uma homenagem organi-

zada a este olisipógrafo, em 1934. Pastor de Macedo visita o jornal dias depois. Em menos de um ano, pede a demissão na CML. Mas passará menos de uma década e será ele a apresentar, aqui no jornal, o Prémio Municipal Júlio de

Castiço. Outro olisipógrafo, Matos Sequeira, é um dos colaboradores que chegam na década de 30, tal como João Paulo Freire (Mário), o autor de «Lisboa do Meu Tempo e do Passado».

A 13 de Maio de 1934, a primeira página do «DL» é muito diferente do habitual na época. Valorizando a reportagem fotográfica, o jornal publica, a toda a largura, duas imagens da inauguração da estátua do Marquês de Pombal, um projecto do século XIX que levou décadas a executar. As avenidas confluentes na Rotunda estão praticamente desertas, na vista aérea «tirada pelo tenente-aviador Humberto Paes». É esta a imagem que nos ficou da pacata Lisboa dos anos 30.

Capital do Império

Nos anos 40, Lisboa é a última luz acesa numa Europa em guerra. Capital de uma esperança comum a muitos europeus e de uma exposição que ficará na lembrança dos lisboetas: a Grande Exposição do Mundo Português.

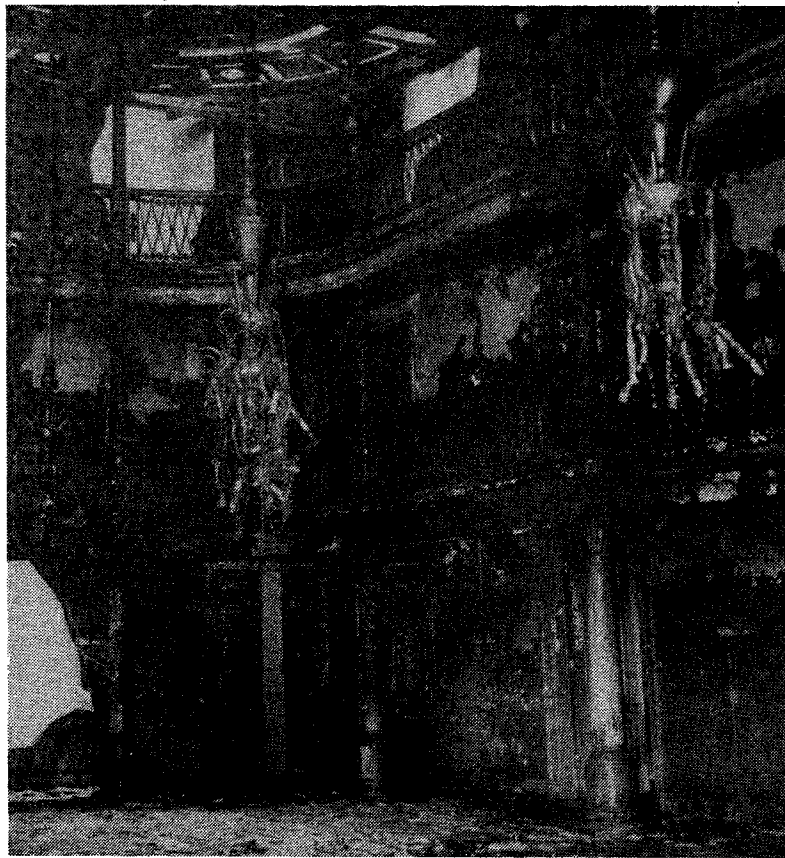
A Lisboa dos anos 40 irá também expandir-se para norte, ao mesmo tempo que a Câmara começará a destruir os bairros antigos do centro. Será, para sempre, uma década triste. Os bombardeamentos de que

foram vítimas as capitais europeias em guerra poderão comparar-se, em estragos, ao massacre da Mouraria pelo Estado Novo. Hoje, resta o Martim Moniz, um «buraco» que nunca será resolvido, para nos recordar as incompetências da vereação dos anos 40. Ao longo da década, vão multiplicar-se as notícias e as reportagens das demolições.

Década que começa com uma celebração: em Abril de 1940, o centenário do nascimento do primeiro dos olisipógrafos, Júlio de Castilho («Lisboa Antiga»). Inaugurada no dia 23 de Junho desse mesmo ano, a Exposição do Mundo Português é o grande acontecimento alfacinha durante os anos da guerra.

Em oposição às exposições universais (de Paris, por exemplo) e colocando-os propositadamente à margem da guerra que sacrificava a Europa, o Estado Novo seguia a sua política da «orgulhosa solidão», celebrando a «casinha portuguesa» em todas as suas épocas e moradas, através do Império. Durou apenas seis meses, a exposição, ao longo dos quais o «DL» acompanhou todas as iniciativas.

A década acaba com a demolição da Praça da Figueira, em 1949. O «DL» é o único jornal



Na madrugada de 2 de Dezembro de 1964, o "DL" acompanhou o trágico incêndio do Teatro Nacional

TOP GUN

TOP GUN

TOP GUN

VIDEO CLUBE DO BARREIRO

RUA STARA ZAGORA, 10

BARREIRO

CENTRO COMERCIAL DAS FONTAINHAS — LOJA 7
BAIXA DA BANHEIRA

TOP GUN 1
TOP GUN 2

1800
FILMES
BETA VHS

SEM JÓIA

1951: defendendo o Chiado...

que, neste caso, se mostra preocupado com a megalomania camarária. Entrevista os comerciantes da Praça, que vão ser transferidos ou indemnizados. Apura que há irregularidades, interroga-se sobre o futuro do largo aberto no centro de Lisboa, segue atentamente a demolição e o leilão de sucata.

Lisboa esquecida

No início de 1950, a Câmara começa a substituir o empedrado das ruas do Chiado. Informa-nos o «DL» que as obras estavam concluídas no final do Verão e que a CML tinha pago por elas 1500 contos. O mosaico azul e branco mudou de feitios e de adornos. A partir de 1950 será mais difícil identificar as fotografias do antigo Chiado elegante.

Nesse mesmo ano, e através dos anúncios, ficamos a saber que as especialidades do Café Martinho do Largo D. João da Câmara eram arroz à valenciana, caldeirada à fragateiro, bacalhau à Gomes de Sá e bacalhau no forno à Martinho.

Em 1951, os comerciantes do Chiado contam com o apoio da CML para uma iniciativa que, hoje, seria ainda mais pertinente: A Grande Quinzena do Chiado, com descontos em todos os artigos e anúncios em todos os jornais.

Defendendo o Chiado como a «nossa sala de visitas», o «DL» avisa a Câmara dos inconvenientes de não se cuidar das fachadas dos edifícios. Enquanto, ao longo da década, se vão anunciando as falências e os encerramentos dos principais cafés antigos de Lisboa, o «DL» noticia também datas mais felizes, como esta: no dia 26 de Março de 1955, Gustavo de Matos Sequeira celebrou 50 anos de jornalismo. É ele quem, uma dúzia de anos do grande incêndio, conta nestas páginas a história

completa do Teatro Nacional de D. Maria. No final da década, que tinha começado com a demolição da velha Mouraria, outra notícia triste: em 59, encerra definitivamente o Café Chaved'Ouro. Foi aqui que - o «DL» também noticia - Humberto Delgado disse, em conferência de Imprensa a propósito de Salazar: «Obviamente, demitir-o».

A Igreja de S. Domingos assinala o final da década com um incêndio que ficou na memória de todos os lisboetas. Era uma noite quente de Agosto e corria o ano de 1959. Lisboa vai mudando, à medida que os seus olisipógrafos também vão ficando mais velhos. Um deles, que ainda colaborou no «DL», Leitão de Barros, recebe em Outubro de 1958 o Prémio Júlio César Machado.

Retomar um hábito

Na década de 60, o Estado Novo marca o canto do cisne das suas intervenções arquitectónicas em Lisboa (que tinham atingido o apogeu nos anos 30-40) com as obras de adaptação da Igreja de Santa Engrácia a Panteão Nacional. Termina assim uma lenda da maldição secular que pesava sobre o templo e criou uma expressão popular: «obras de Santa Engrácia». Também no início da década, a polémica mais acesa situa-se na Mouraria onde, aberto o Largo do Martim Moniz, resta, imponente, um sobrevivente ao caos: o velho arco do Marquês do Alegrete. Os arqueólogos defendem-no, os olisipógrafos também: é o último arco da cerca fernandina. A Câmara manda demolir...

Enquanto Lisboa muda, todos os jornais - embora com destaques diferentes - falam das grandes polémicas. Mas o «DL» descobre o outro lado da Lisboa de sempre, o pequeno comércio, as casas cen-



A Rua do Carmo antes dos canteiros de Abecasis, motivo de reportagens sobre as lojas históricas...



CAMião
CARGA AÉREA
VAGÃO
CONTENTOR

GRUPOR

transitários

ONDE QUER QUE TENHA UMA CARGA NÓS TRANSPORTAMOS

AVEIRO

Edifício Laguna
Variante — Esqueira — Junqueira
3800 AVEIRO
Telef. 312043/5278
Telex 37615 — Telefax 312080

COVILHÃ

Centro Civico, Bl 3, 3.º, Esq. Frl.
6200 COVILHÃ
Telef. 22077/8
Telex 527 33 — Fax 22 124

FIGUEIRA DA FOZ

Edifício Central, Sala 10 — Araújo
3090 FIGUEIRA DA FOZ
Telef. 28640/1 — 23340/48
Telex 53324
Fax 24131

LISBOA

R. Proj. à Av. Afonso III, Lt. 2-1.
1900 LISBOA
Telef.:
820051 - 823312/3 - 823361/2/3 - 839416 - 839475
Telex 1404714835 - Fax 825210

PORTO

R. Mouzinho da Silveira, 164-2.º, 3.º, 4.º e 5.º
4000 PORTO
Telef. 31 32 95 / 31 32 17 / 31 46 17
Telex 28 179 / 26 874 - Fax 32 45 03

SETÚBAL

R. Ocidental do Mercado, 39 - b
2900 SETÚBAL
Telef. 25 061 / 2 - 23 771
Telex 42 309 - Fax 39 089

tenárias, por onde a mudança de hábitos e a terciarização da Baixa também passou. Apenas um exemplo: a 3 de Abril de 1963, o Chiado acorda mais opobre sem uma das suas lojas mais famosas, a Tabacaria Estrela Polar, centro de tertúlia e de conspiração. Três anos antes, a outra «tribuna chiadense», Tabararia Havaneza, tinha sido amputada para menos de metade.

Uma era da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro (e com ela do teatro português) termina tragicamente na madrugada do dia 2 de Dezembro de 1964. Um clarão ilumina o Rossio e é mais um dos incêndios que parecem amaldiçoar Lisboa. Do belo teatro, inteiramente restaurado pela companhia em 1929 («DL» dixit...), fica pouco mais do que as paradas exteriores e as zonas periféricas. A sala de espectáculos propriamente dita nunca mais voltará a ser a mesma... e vai levar muitos anos até voltar a abrir as portas.

Quem já não estava vivo para presenciar isso era Gustavo de Matos Sequeira. O autor de «A Nossa Lisboa» morreu em meados de 62. Em 1964 - acusa o «DL» - já os herdeiros estavam a vender a biblioteca.

No final dos anos 60 Lisboa assume finalmente a fisionomia dos novos prédios estilo pardieiro que começam a invadir as suas avenidas. Assume e oficializa, através da inauguração, em Janeiro de 68, da estátua deplorável que toma o lugar da Praça da Figueira: D. João a cavalo por Leopoldo de Almeida...

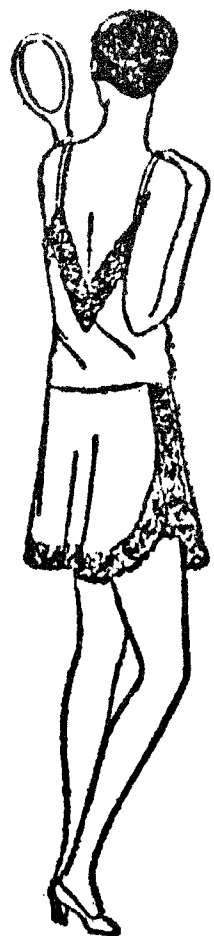
Os grandes acontecimentos lisboetas da década ficarão a ser a inauguração da ponte sobre o Tejo (6 de Agosto de 1966) e o tremor de terra que aterrorizou Lisboa na noite de 27 de Fevereiro de 1969 (7,3 da escala de Richter). Os lisboetas nunca deixaram de viver com o fantasma dos terramotos...

No próprio dia da inauguração da ponte sobre o Tejo, o «DL» publicou um suplemento exclusivamente dedicado aquele que (ainda

continua na pág. 46



O encerramento da Tabacaria Estrela Polar, no número 39 de Rua Garrett, foi motivo de notícia e 3 de Abril de 1963



LINGERIE DE LUXO

Visite V. Ex.^a a nova secção de Lingerie de A Pompadour e examine os lindos e originais modelos de Parures, Camisas, Combinações, Camisas-calças, etc., em magníficos crepes de Chine e «satins» laváveis.

PARURES COMPLETAS PARA NOIVAS

Preços de concorrência

A Pompadour

Casa de Espartilhos e Cintas

28, CHIADO, 30

Um dos primeiros anunciantes do "DL" foi -ainda nos anos 20, como provamos com esta reprodução da publicidade da época- A Pompadour. Instalada em pleno Chiado elegante, a "casa de espartilhos" resistiu a muitas épocas e impõe-se, hoje, como parte do património da nossa "artéria elegante". Fundada nos anos 30, é hoje dirigida pela família Pinto de Lima. Comparando os dois anúncios (separados por cerca de 65 anos), continuamos a encontrar os mesmos pontos de referência. Como diziam os nossos redactores de 1923... "a perfeição é eterna"



*Sempre a última
palavra em Cintas
Soutiens e Lingerie*

a
pompadour

LISBOA — R. GARRETT, 28 — R. AUGUSTA, 134
AV. 5 DE OUTUBRO, 51-A — EST. DE BENFICA, 455
CASCAIS — R. FREDERICO AROUCA, 72
NO PORTO
ARMAZÉNS DA CAPELA
R. DAS CARMELITAS, 70 — R. CÂNDIDO DOS REIS, 25

89.5
FM



A RÁDIO
EM DIRECTO

1992,
uma
data
nas
costas
dos
jovens



Reflex de um cidad

Reportagem fotogr

Lisboa vaidosa mira-se no Tejo, pa
Chiado. Sobem a Avenida as mar
levam bairros inteiros no
Há um povo que abastece com seu
turísticos nacionais, esses que ven
dade castiça com um povo que hab
gia medieval e tascas a morrer de v
Lisboa transformou-se numa cidade
é, quem tiver o cartão «Lisboa con
seu autarca-mor, beneficia de um
barato na cidade branca. E no entar
que se ama e de que se fala tanto p
nem é branca nem limpa, esboroa-
da-se em consequência do abandon

Lisboa Antiga está também v
A Lisboa que encantou poetas e es
reito a canções mediocres mas tip
mas musicais de génio, a Lisboa d
votas que se reflete no rio, a Lisbo
das à conquista doutros mundos
moderniza-se.

Há duas Lisboas? A Lisboa ameaç
da tradição portuguesa, e a outra
que está ensaiando os primeiros p
e por aí, na moda, nas noites do F
dutos jornalísticos? Haverá

Já um político monarca-ecologis
destruição da cidade de Lisboa g
do saque de Roma pelo

Já um arquitecto modernista ous
precisos muitos anos para que su
dade de ouro, um Almodovar, um

drid me Mata. «Teremos que es
tempo a chegada da nossa movida
biente que permita o nosso renasc
remos que esperar muito tempo p
Lisboa moderna, com paredes de
a vista já não chega, está de mo
nascendo uma nova cidade europ
Baixa lisboeta para novos espaço
quitectónicos. Lisboa mira-se no
das novas e nos cristais do moder
ra, passeia-se (elegante?) nos nov
cam alguns reflexos fotográficos
europeia.



As
mãos
não
têm
cor,
as
raças
também

Na
cidade
nova
até o
chão
brilha



flexos uma dade

Reportagem fotográfica e texto de Carlos Gil

no Tejo, passeia-se elegante no
ida as marchas populares que
inteiros no coração.

ce com seu tipismo os folhetos
es que vendem lá fora uma ci-
vo que habita bairros de nostal-
morrer de velhas. Mas é típico.

uma cidade com desconto, isto
Lisboa convida», assinado pelo
cia de um fim de semana mais

E no entanto, a Cidade Branca
fala tanto por esse mundo fora,
a, esboroa-se dia a dia, e degra-
do abandono a que está votada.

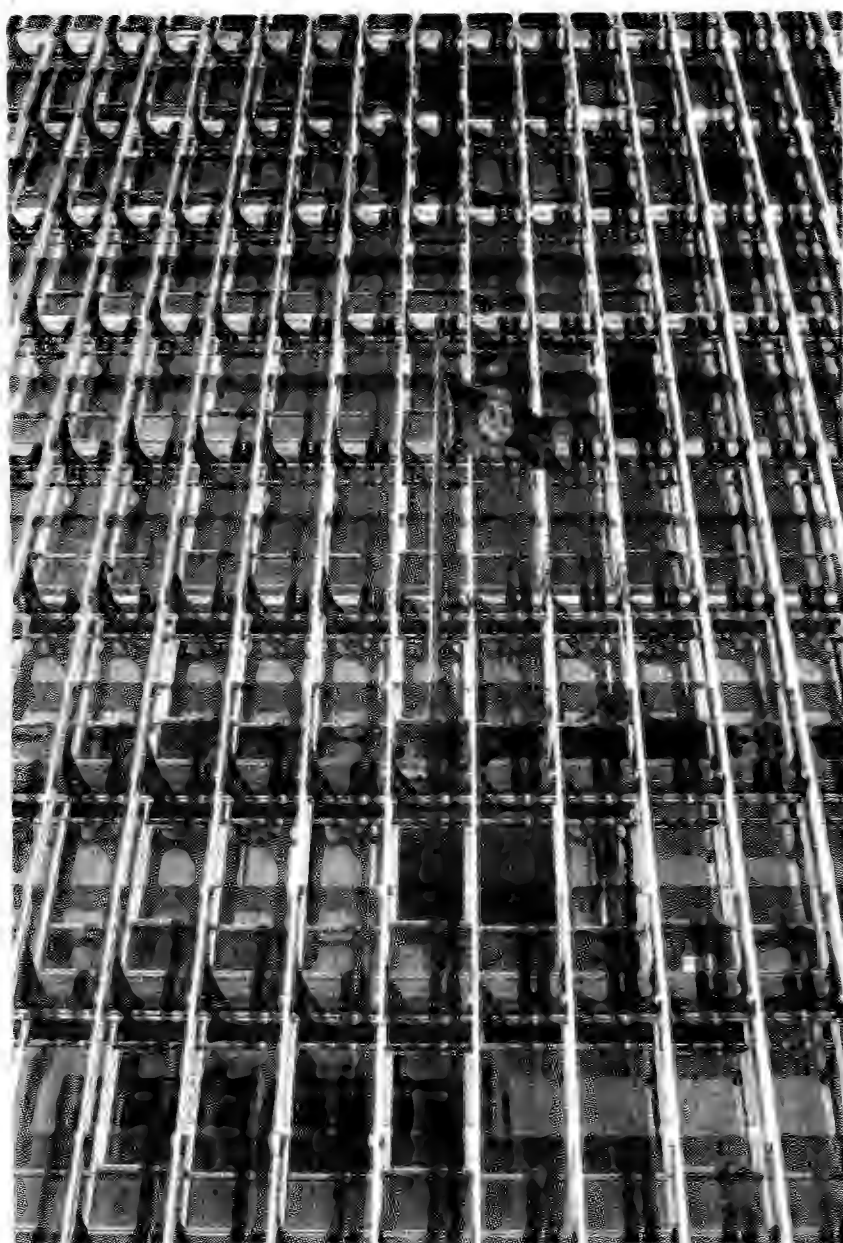
também velha e agoniza.

poetas e escritores, que teve di-
res mas típicas e também poe-
a Lisboa das Tágides e das gai-
rio, a Lisboa das grandes parti-
os mundos entrou na Europa e
derniza-se.

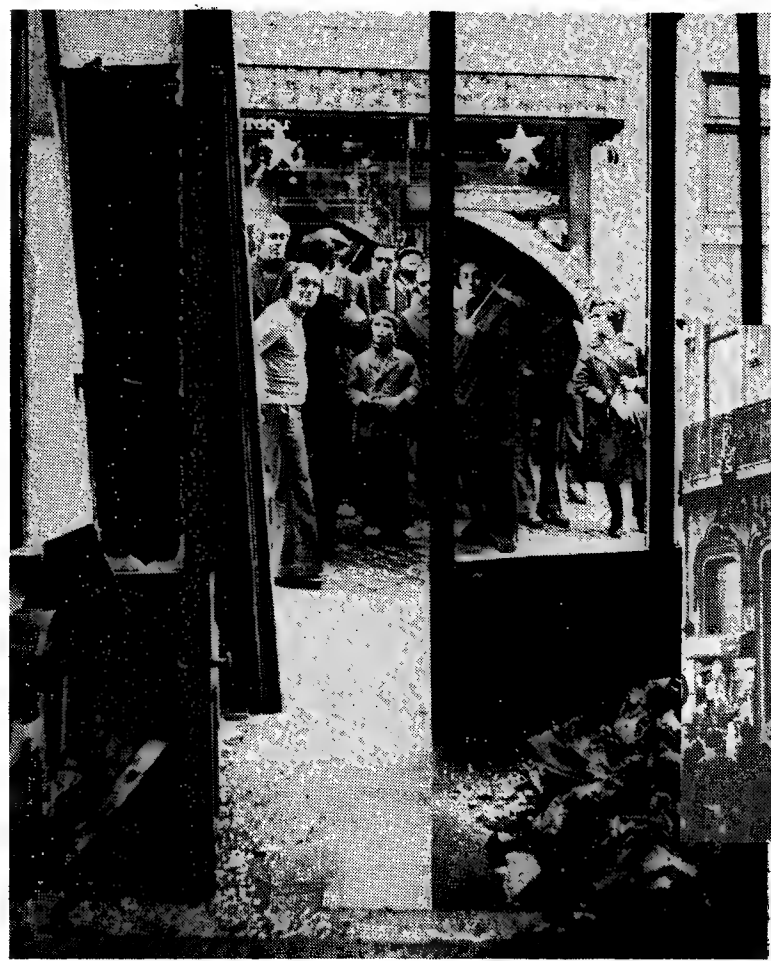
boa ameaçada e em ruínas filha
a, e a outra, a da modernidade
primeiros passos nas Amoreiras
oites do Frágil e em novos pro-
s? Haverá mais Lisboas?

o-ecologista ousou dizer que a
e Lisboa ganhou as dimensões
Roma pelos vândalos.

mista ousou afirmar que serão
ara que surja em Lisboa uma i-
dovar, um *La Luna*, ou um *Ma-*
nos que esperar todavia muito
sa *movida*, a criação de um am-
sso Unascimento artístico. Te-
to tempo pela nossa liberdade». *paredes de vidro e telhados onde*
está de moda. Timidamente vai
idade europeia que se afastou da
os espaços (curtos espaços) ar-
mira-se nos espelhos das aveni-
do moderno castro das Amorei-
?) nos novos Chiados... Aqui fi-
otográficos duma cidade agora
europeia.



1 - A
bandeira
foi sempre
a mesma,
os tempos
é que
mudaram;
2 - Lisboa
em reflexos
repartida;
3 - Nas
Amoreiras,
é um luxo...



mais do que o Metropolitano) tinha sido o sonho dos alfacinhas durante décadas. Até aos anos 60, a ponte esteve na ordem do dia em muitas discussões parlamentares e camarárias, numa espécie de folhetim cuja duração fazia lembrar as célebres obras de Santa

Engrácia. E o «DL» recorda (com os desenhos originais) aquele que tinha sido já, havia 85 anos, o «sonho» proposto por Fialho de Almeida na sua «Lisboa Monumental». No tempo de escritor, o empreendimento estava orçado em dez mil contos. «Hoje - informa o repórter - é da ordem dos 2 mil-

hões e 200 mil contos. Que distância separou o sonho da realidade!».

Nesse dia de Agosto, houve desfile fluvial e «Lisboa despovoou-se desde muito cedo para presenciar a inauguração nas duas margens do Tejo». Um dos anunciantes desse suplemento é a «primeira empresa na construção da maior ponte suspensa da Europa» (a US Steel International) que acompanha a ocasião com as frases de praxe em alegria apoteótica: «Setúbal está hoje a 40 minutos de automóvel de Lisboa». Nota-se uma certa inspiração que (veremos mais adiante) os construtores civis não vão deixar passar ao largo...

No início da década de 70 as periferias-dormitório são já uma realidade irreversível e Lisboa perdeu o seu centro histórico pleno de animação. Os jornais desta época anunciam vezes sem conta a «urbanização na margem Sul do Tejo» e os «andares de grande luxo para famílias em Miraflores, a cinco minutos do



Nos anos 70, o incêndio do Último Figurino (30 de Dezembro de 76) e o encerramento de muitos cafés importantes (na foto, o Paladium) foram notícia no "DL"

CASA AFRICANA

Lisboa

Porto

Rua Augusta, 161

Rua 31 Janeiro, 220



Estação de Inverno

Exposição deliciosa e imponente de todas as grandes e requintadas novidades da presente estação. Coleção «chic» e maravilhosa.

Modelos da mais rara elegância.

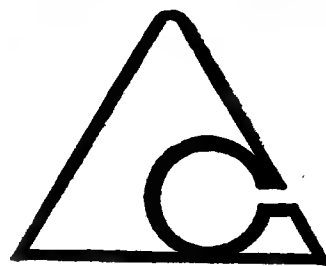
Chapeus e confecções

Apresentamos todas as criações dos maiores costureiros de Paris. Chapeus modelos exclusivos da nossa casa.

Secção de alfaiataria

Fazendas nacionais e estrangeiras para fatos e sobretudo para Homens. Corte primoroso. Preços sem competência.

A Casa Africana iniciou a sua publicidade no "DL" em 1926, com a revelação de que o estabelecimento possuía "seis montras monstruosas", o que, na época, era único na Baixa. Sessenta e três anos depois, aqui ficam anúncios de 1928 e de 1989



CASA AFRICANA

SABER ESTAR

Rua Augusta, 161 - 1100 Lisboa-Portugal
Telef. 32 42 64/65 Telex-42759

A vida a quarenta escudos

M. de Pombal». É o início da longa vigência do «a cinco minutos do Marquês» (que acabou por ser alterado, sucessivamente, para «a dez minutos», «a um quarto de hora», «a meia hora», etc., à medida que as promessas dos construtores iam sendo menos generosas). Nos anos 70, o «a cinco minutos de» é a frase-chave da construção civil. Uma espécie de substituição do centro histórico por um bilhete da Carris.

Também em 1970, uma das secções do «DL» chama-se «Lisboa Dia e Noite». O logotipo reproduz o lado ocidental do Rossio. A 23 de Outubro, num longo texto a propósito do crescimento desordenado da cidade, Duarte Castel-Branco analisa uma questão: «Como poderiam os habitantes de Lisboa participar nas decisões respeitantes aos problemas urbanos da cidade?».

No Suplemento Literário, ao jeito de «folhetim artístico», José-Augusto França tenta (quase sempre em vão) salvar a cidade histórica de ataques mais ou menos selváticos. Exemplos da oportunidade dos seus textos: «Continua por resolver definitivamente o escandaloso caso das obras da fachada do Grémio Literário - onde pintaram construtorocivilmente cantarias, balustrada, brasão, etc. De branco, para manifestar inocência» («DL» de 29 de Outubro de 70); ou «As pedras pertencem a quem as paga, mas, tal como nas outras obras de arte, há uma propriedade moral e intelectual que torna vivas as pedras aparentemente mortas» (idem).

Sinal dos tempos, o tema «hora de ponta em Lisboa» esgota já as páginas do «DL» habitualmente dedicadas à reportagem e prolonga-se através de seis edições com algumas variantes: camionetas de



O «Diário de Lisboa» está aqui, na Rua Luz Soriano, desde 1923. Hoje como ontem, o Bairro Alto é o mesmo...

foto de Mariana Tavares Dias

SÃO LUIZ A MULHER QUE NASCEU ONTEM Engracada comédia, com Judy Holiday T. 2172 - A's 21,30 - Matinées às 15,15 e 18,15	TIVOLI PEZ-SE JUSTIÇA A celebra obra-prima francesa, com Michèle Berthier e Jacques Castelot Matinées diárias T. 5055 - A's 21,30
EDEN A TABERNA DE NOVA ORLEANS com o extraordinário Errol Flynn e Micheline Presle Matinées às 15,30 e 18,15 Sessões às 15,15-21,30	SÃO JORGE TRÊS GRANDES AMIGOS com Stewart Granger, Walter Pidgeon e Robert Newton; GERALD SHAW, em órgão de cinema Plat. 5413 - Tel. 5415
MONUMENTAL A's 18,15 18,15 e 21,30 2.ª semana da história dramática TRÊS SEGREDO com Eleanor Parker, Patricia Neal e Ruth Roman	CAPITOLIO EM MARCHA! com Danny Kaye numa deslumbrante farça musical A's 21 e 30 Tel. 27403
GINÁSIO A vida pertence a Deus com Lino Vici A's 21 e 30 Tel. 20550	REX Meu louco coração Encruzilhada A's 21 e 30 Tel. 2000
LIS Canção Pagã O VALE DO DESTINO A's 21,15 Tel. 40580	TERRASSE O CORSÁRIO MALDITO Do seu lado uma estrela A's 21,30 Tel. 2007 - A's 21
CASINO ESTORIL Entre duas mães com Farley Granger A's 21,30	

Leia o jornal «SEMPRE FIXE»

Em Dezembro de 1951, eram estes cinemas publicitados no «DL». Estes pequenos rectângulos de publicidade são, também eles, o retrato de um época. Onde estão, hoje, o Monumental, o Lys, o Ginásio ou o Chiado Terrasse. São dependências bancárias, estúdios de gravação, futuros centros comerciais ou... buracos a render para os especuladores em pleno centro da cidade

ARMAZÉNS DO MINHO

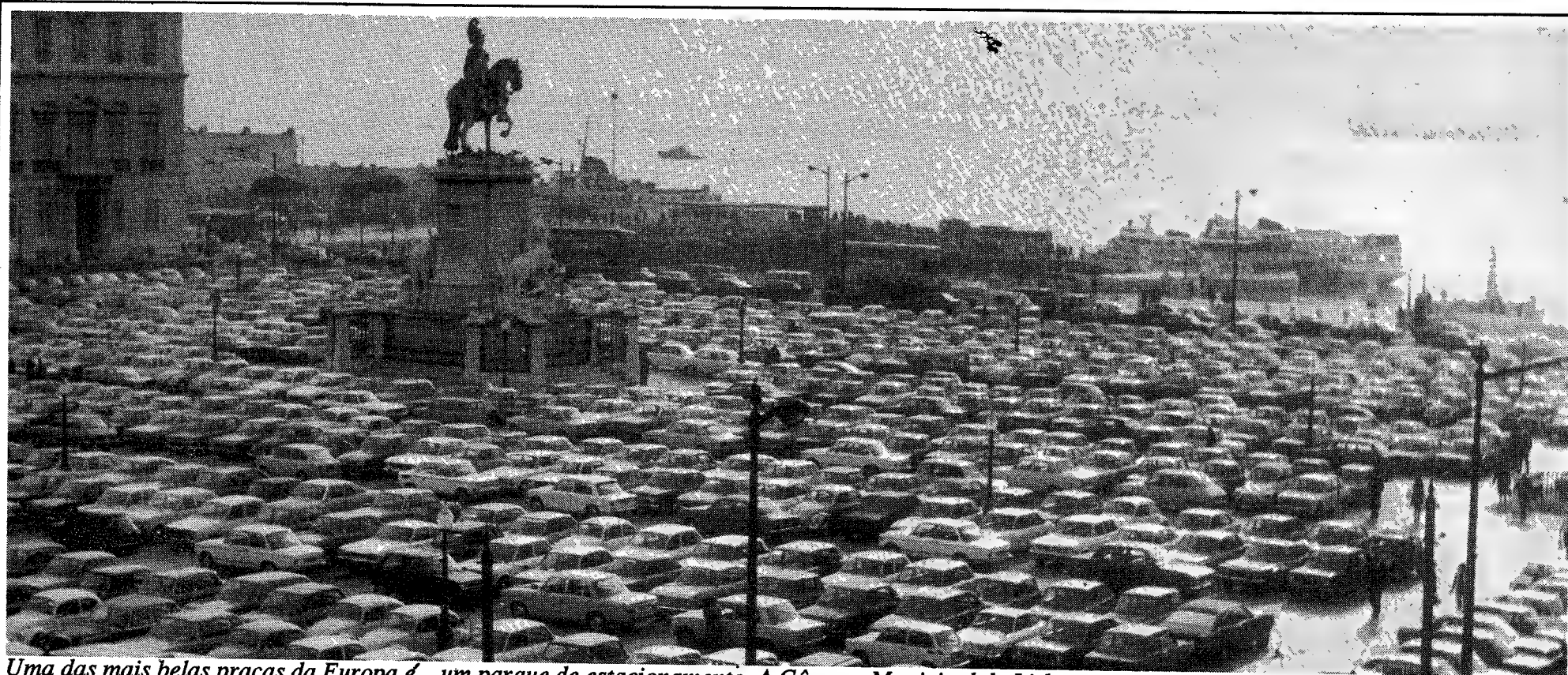
CARPETES • PAVIMENTOS • CORTIÇAS • ALCATIFAS E TAPEÇARIAS

Continuamos com as rebaixas de preços (motivo obras)

a inaugurar brevemente novas instalações na mesma rua no n.º 24 A e B.

Sede: Alvalade — Rua José Duro, 25-A

Telef. 893476 - 893564



Uma das mais belas praças da Europa é... um parque de estacionamento. A Câmara Municipal de Lisboa nunca passou por aqui...

Com Lisboa praticamente a saque

carreira, cacilheiros, táxis, eléctricos, etc. Um mês antes do 25 de Abril, as edições de domingo são parcialmente preenchidas com longos textos que contam «Como os Nossos Arquitectos vêem a Nossa Cidade».

Durante 12 semanas, o «DL» ouviu outros tantos arquitectos cujo testemunho é comentado, em balanço, por Nuño Portas: «(...) em vez de soluções para os problemas imediatos, do tráfego, da habitação ou do recreio, os entrevistados abordaram sobretudo desde pontos de vista políticos muito diferentes as relações de dependência entre a administração urbanística camarária ou central e as forças económicas privadas, sobretudo do sector imobiliário» - comenta o arquitecto. A política camarária, adivinha-se, poderia mudar radicalmente com uma brusca mudança da cena política. Assim poderia ter sido, com o 25 de Abril...

Na véspera do 25 de Abril, a reportagem do «DL» descreve os diálogos habituais no último dos mercados oitocentistas de Lisboa, a Praça do Campo de Santa Clara. «É tudo a 40 escudos - diz a Dona Maria - ou será que vocês não têm outro disco? Mas já viu a como é que está a vida?» A 24 de Abril de 1974, no mercado de Santa Clara, eram estes os preços: 6\$00 as cenouras, 7\$00 o molho de grelos, 15 tostões a couve portuguesa, 3\$50 as cebolas, 15 tostões a alface, 16\$00 o tomate, 5\$00 a

couve lombarda, 4\$20 a batata; o carapau a 12\$00, o peixe-espada a 48\$00, o chouriço a 68\$00 e a carne de vaca a 20\$00. Estes preços parecem tão arqueológicos como os das longínquas primeiras reportagens do primeiro ano do «DL». Mas, num ano em que ainda se pagava com tostões e em que um ordenado de seis contos de réis era razoável, os preços condiziam e - acusa a reportagem - eram demasiado altos para a entrevistada Dona Maria.

A 30 de Dezembro de 1976, como que profetizando alguma coisa, o «DL» mostra na primeira página uma fotografia ao alto e um título: «Incêndio do Chiado». O que ardia era o prédio do Novo Figurino, antigo armazém de modas, em tempos chamado «Ao Último Figurino» e vítima de outro incêndio havia poucos anos. O Novo Figurino fica na esquina oeste da Rua do Carmo com a Calçada do Sacramento e foi, nesta direcção, o primeiro prédio que não ardeu no incêndio do ano passado.

Com a política geral na ordem do dia, os anos 70 são a primeira década em que Lisboa quase se encontra ausente das páginas do «DL», como, de resto, aconteceu em quase todos os jornais. E talvez tenha sido por isso que, um belo dia, acordámos todos (já na década de 80) e descobrimos que a política camarária não era muito diferente da dos últimos anos do Estado Novo; ou, tendo mudado, pode bem ter sido para pior...

Os anos 80, iniciados também aqui no «DL» com várias polémias

Por
VIA AÉREA
chegou
Ao Último Figurino

o maior sortido de ALGODÕES FRANCESES E INGLESES
próprio para praia e campo, artigos laváveis e de cores
absolutamente garantidas

20, Rua Garrett, 24 - LISBOA

Chamou-se em tempos Ao Último Figurino - e é das lojas mais antigas do nosso Chiado. Este anúncio de 1949 mostra-nos um esboço daquilo que eram as modas da década (publicado no "DL" de 3 de Abril de 49). Hoje, o Novo Figurino é sobrevivente de incêndios e de mudanças de hábitos. Mas continua nosso anunciante e morador no Chiado elegante

cas sobre demolições de edifícios importantes, culminam no caso do incêndio do Chiado, como prova máxima de que Lisboa não pode esperar mais. Pela opinião pública que talvez venha a salvar a cidade e da qual os jornais são a primeira e mais atenta motivação. Condenando, abertamente (há cerca de cinco anos), a demolição oportunista do Monumental; relançando agora, constantemente, um alerta sobre aquilo que nos espera num Chiado reconstruído que não mantenha a sua tradição, o «Diário de Lisboa» cumpre mais uma etapa de um longo caminho.

Agora, mais do que nunca, com Lisboa praticamente a saque, é necessário que possamos manter e honrar a tradição de um jornal onde nunca se invocou o nome da cidade em vão. Há 68 anos, pelas palavras de Norberto de Araújo ou pelo traço de Almada Negreiros, Lisboa foi o nosso assunto e a nossa preocupação. Hoje, mais do que nunca, assim deverá continuar a ser. ■



O belo imóvel que Raul Rodrigues Lima projectou no início da década de 50 é hoje um buraco em plena Praça Duque de Saldanha. A Câmara Municipal de Lisboa passou por aqui...

NOVO FIGURINO

UM NOVO ESPAÇO

NO FUTURO CHIADO

RENOVAÇÃO TOTAL

LIQUIDAÇÃO DE STOCKS

PISOS SUPERIORES:

CRISTAIS • SERVIÇOS PORCELANA • LOUÇAS • FAIANÇAS • VIDROS •
BIBELOTS • CANDÊEIROS ITALIANOS • UTILIDADES DE COZINHA •
MENAGE • PEQUENOS ELECTRODOMÉSTICOS • LAVORES • PRONTO-A-
VESTIR PARA CRIANÇA ATÉ 14 ANOS E AFINS.

R/C E PISOS INFERIORES:

DISCOS • CASSETES • PERFUMARIA • PRONTO-A-VESTIR DE SENHORA
• HOMEM E MALHAS

RUA GARRETT, 20 a 26 — LISBOA

**MAIS ALTO
MAIS RÁPIDO
MAIS FORTE**



**Em alta competição a melhor técnica
pode ser decisiva.
A CCI Europe colocará a sua Empresa
na vanguarda da tecnologia...**

Desde que V. esteja à frente dos seus concorrentes, pouco importa a distância a que eles o seguem — o importante é que continuem atrás.

A si bastará estar à frente o suficiente para ganhar mais encomendas e garantir a satisfação dos clientes.

Mas como ficar à frente? Evidentemente que poderão trabalhar mais e durante mais horas, mas isso implicará custos de produção mais elevados. E a eficiência tenderá a diminuir. Alternativamente, poderá decidir-se a implementar um sistema front-end com terminais e software de uma empresa altamente conceituada, experiente e interessada — a CCI Europe, uma empresa com raízes profundas no campo das artes gráficas.

São muitos os impressores, editores e compositores em todo o mundo que já seguem à frente com a CCI Europe. Eles sabem que os produtos de vanguarda da CCI Europe — desenvolvidos e aplicados por profissionais para uso por profissionais — são exactamente o que necessitam para conseguirem aquela vantagem competitiva que permite os bons lucros.

Numa breve síntese, eis alguns dos benefícios que conseguirá juntando forças com a CCI Europe:

- Composição completa e poderosa com o famoso sistema «standard» CCI.
- Produção mais rápida e mais eficiente de revistas pela combinação imbatível da poderosa workstation Champion e o muito versátil programa PageChamp de montagem de páginas.

- Maior e mais simples produção de livro com o CCI BookBuilder — o sistema de composição de livros mais poderoso e de melhor qualidade existente no mercado.
- Produção mais rápida de grandes trabalhos com tabelas, por meio do CCI TabBuilder.
- Poderosas ligações aos scanners e programas de desenho de baixo custo existentes no mercado através do CCI DeskTop Integrator.
- Rápida e eficiente produção de grandes preços e catálogos usando o CCI MixBuilder.

Entre em contacto com a CCI Europe para ficar a conhecer a mais avançada tecnologia de composição.

Para informações adicionais dirija-se à Litoflex, distribuidor exclusivo da CCI Europe em Portugal, que terá o maior prazer em lhe fornecer detalhes completos.

Entretanto, leia o que o Seybold Report disse sobre a CCI após a IMPRINTA'88: «A CCI EUROPE é provavelmente o primeiro fornecedor de sistemas comerciais front-end de grande performance e alta qualidade às grandes gráficas de livro e de trabalho comercial da Europa. Instalou mais de 150 sistemas construídos sobre hardware NCR Tower — sistema operativo UNIX.»



CCI
EUROPE

LITOFLEX — Sociedade Importadora de Materiais Gráficos, Lda.
Qt.ª Alagoa, Lt. 3-A, 2.º dt.º
Carcavelos — 2775 PAREDE
Telef. 246 4768
Fax 247 7915 — Telex 44803

1993

Os ingleses chamar-lhe-iam de «brain storming». Nós, portugueses, tendemos a ser um pouco mais formais (viva a diferença!) e damos-lhe o nome de «mesa redonda».

Seja como for, as páginas que seguem são de cruzamento de ideias, debate vivo e por vezes polémico, testemunho de vontades que se reforçam, esclarecimento de atitudes e posições e, dominando num lugar acima das questões mais teóricas ou mais concretas, percebemos o prazer declarado de um desafio aceite e que, política e intelectualmente, poderá fazer mudar o estilo de actuação e pensamento dos nossos homens de Estado. Para falar da Europa e da cultura na aproximação do Mercado Único de 1993

o «Diário de Lisboa» juntou três destes «pioneiros»: Coimbra Martins, deputado em Estrasburgo pelo Partido Socialista, José Augusto Seabra, embaixador na Unesco e figura ligada ao PSD, e António Hespanha, do PCP.

Leia-se então...

A EUROPA NA LIÇA

Paulo David e Rui Eduardo Paes



O Mercado Único da Cultura

«DL» - *Dirijo esta questão directamente ao deputado em Estrasburgo: o que poderá trazer de novo e de substancialmente diverso o Mercado Único europeu para a cultura, sabendo-se que o Acto Único e o Tratado de Roma não estipularam medidas para uma política de cultura europeia? Será que um Mercado Único neste espaço da cultura como noutros não poderá sofrer as consequências da inexistência de uma ordem jurídica transnacional europeia que a comporte e por não se terem constituído ainda estruturas políticas com poderes totalmente assumidos que a coordenem?*

Coimbra Martins - A generalidade dos tratados europeus não fornece, de facto, uma base jurídica para a acção comunitária no sector cultural. Esquecem a cultura. Neste ou naquele parágrafo encontramos uma fresta - mas o que disse é verdadeiro na sua formulação geral. Em todo o caso eu creio que a construção europeia é uma opção no sentido da Europa possível. No princípio do sonho ou mesmo do projecto europeu não se esqueceu a cultura, ao contrário destes tratados. A via económica foi considerada uma via para a Europa. E foi sobre esta base económica que se pôde avançar. Creio que estamos agora a assistir a um regresso aos primeiros objectivos e às primeiras ambições, reconhecendo-se cada vez mais que é necessária uma política que se traduza numa acção cultural para a Europa se fazer enquanto tal. Diz-se que a realidade suprema da Europa é a cultura. Há uma pergunta que é muito eloquente: O que seria a Europa se não fosse a cultura? Creio, portanto, que se os tratados não fornecem ainda a base

jurídica para um programa comunitário no sector cultural, essa lacuna será preenchida, não sei se a breve prazo, mas será preenchida, e, pela minha parte tento contribuir para que assim seja no mais breve espaço de tempo possível.

«DL» - *... Mas para além da parte jurídica que falta, a coordenação cultural europeia que advirá em 1993 do Mercado Único não se amisca a não ter uma gestão política, com todos os perigos decorrentes?*

C. M. - O Grande Mercado Interior irá contemplar a cultura numa certa medida, porque a prática distancia-se já dos tratados e, embora a base jurídica não exista, a acção comunitária no sector cultural começou. Começou timidamente e é às vezes combatida ou restringida, mas começou e tem-se acelerado esse processo. O Mercado Único sem dúvida nenhuma que intensificará essa prática. De resto, todos nós queremos no Parlamento Europeu um reforço dos seus poderes.

O essencial é a liberdade

«DL» - *Verifica-se pois a indispensabilidade de uma interdependência entre um Grande Mercado Cultural e uma ordem jurídica que politicamente o apoie ou que leve os políticos a apoiá-lo e que também coordene a actividade económica das indústrias da cultura. Isto em relação à Europa. Mas temos aqui um observador privilegiado em relação à cultura mundial, em termos de UNESCO. Que diferenças é que o senhor embaixador faria entre esta escala europeia, de um Mercado Único da Cultura, e a escala planetária da cultura da UNESCO?*

José Augusto Seabra - A minha posição sobre o assunto é conhe-

cida. Acho que o essencial é a liberdade. Historicamente, há uma tradição europeia que é greco-latina, mediterrânica e depois de relação com outras culturas das Américas e da Ásia - mas o importante é que haja uma circulação livre de obras de arte e de serviços culturais. Ora, parece-me que as Comunidades Europeias caracterizam-se precisamente por assumir esse princípio: livre circulação de bens, serviços e pessoas, o que se aplica também ao âmbito da cultura. Não é apenas um problema da circulação interna num mercado único e interior, essa circulação deve ser feita também com o exterior. Estou à vontade para o dizer, porque sou presidente da Comissão Europeia para a Cultura da Federação dos Partidos Liberais, Democratas e Reformistas e nós acabámos de aprovar, em Bruxelas, um manifesto que tem o título «Por uma Cultura Europeia Livre e sem Fronteiras». Também se pode dizer que, historicamente, quer Atenas como Florença e Paris, capitais que foram e são marcos da cultura europeia, houve sempre uma relação íntima entre o comércio e a cultura. Quem o diz, aliás, é o Fernando Pessoa, num texto célebre e que eu me limito a parafrasear. Acho pois que temos de reconhecer que a Europa tem uma concepção global da liberdade da cultura: outra coisa é a dependência face às instâncias comunitárias. Aí posso dizer, até com satisfação, que não há uma política europeia...

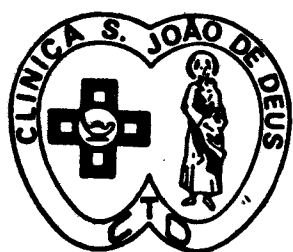
«DL» - *Com satisfação?*

J.A. S. - ... com satisfação, porque a verdade é que as instâncias comunitárias entendem que se deve preservar a diversidade cultural. Diversidade linguística e diversidade no que diz respeito às civilizações, que na Europa são múlti-



«Esquecem a cultura»

clínica S. JOÃO DE DEUS



CTD — CENTRO DE TRATAMENTO DE DOENTES
ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DOS MÉDICOS E DOS DOENTES

Internamentos — Bloco Operatório — Posto de Socorros — Médico ao Domicílio — Urgências oftalmológicas — Angiografias Fluoresceínicas — Raios Laser — Ecografias — Endoscopias Altas — Artroscopias — Urofluxometria — Cirurgia Endo-Urológica — Destruição de Cálculos por Ultra-Sons — Ureterorenoscopias — Consultas de Alergologia — Análises Clínicas — Radiografias — Mamografias e Clínica da Mulher

Rua António Patrício, 25 — 1700 LISBOA — Telef. 76 61 71 (10 Linhas)

CASA DE REPOUSO DE S. JOSÉ DE CAMARATE



ASSISTÊNCIA A IDOSOS E CONVALESCENTES

- Medicina Geral
- Posto de Colheitas de Análises Clínicas

QUINTA DA AREEIRA — CAMARATE — TELEF.: 947 22 24

«Acho que o essencial é a liberdade»

plas: vêm do Mediterrâneo e do Norte, são não só greco-romanas mas também célticas e por vezes têm um carácter religioso, judaico, cristão, muçulmano....

«DL» - Mas, senhor embaixador...

J. A. S. - ... portanto é normal que cada país da Europa queira manter a sua identidade, a sua personalidade própria.

«DL» - Isso não impede a existência de uma política cultural europeia...

J. A. S. - ...o que pode haver é, sob certos aspectos muito concretos, uma... orientação da Comunidade, mas desde que isso resulte em acordos e dos quais posso citar, por exemplo, um acordo entre ministros em que foram feitas determinadas recomendações sobre o mecenato. Houve já o Ano da Música, na Europa, como houve o Ano da Televisão e do Cinema. Sobre as indústrias da cultura ainda não há posições tomadas pelas instituições europeias mas os diferentes grupos parlamentares têm as suas posições, por vezes ligadas a alguns conjuntos de países. O essencial é que não se pode aplicar à cultura o mesmo esquema de um mercado que é puramente de meios económicos ou de serviços sociais. A UNESCO tem uma posição no domínio da cultura que vem do seu acto constitutivo: é ela, justamente, a defesa da liberdade de expressão, da liberdade de criação, da liberdade das culturas e das civilizações e do diálogo com respeito mútuo. Não vejo que haja entre as comunidades europeias e a comunidade internacional que está representada na UNESCO qualquer incompatibilidade, antes pelo contrário.

Circular, circular...

Temos um problema que é importante, o do livro. A verdade é que o livro irá circular livremente. Isso implicará evidentemente que

os editores estrangeiros, usando o direito de estabelecimento, possam implantar-se noutros países e os tradutores de um país possam trabalhar noutro - o facto em si levanta questões que não são só de ordem económica e comercial. Mas o que é certo é que a Europa dispõe de obras-primas, algumas delas fundamentais, de diferentes culturas e que deveriam ser postas em relevo, até para criarem uma consciência europeia. Eu defendo que não é apenas nos Doze que está o espírito europeu. Se encon-

tramos obras de países do Norte da Europa ou do Leste que interpretam o espírito europeu, não podemos deixar de dizer que essas obras devem ser adoptadas pela Comunidade Europeia. Pode ser uma Selma Lagerlof, um Tolstoi. Assim, eu diria, com toda a franqueza, e nisto creio estar plenamente de acordo com o dr. Coimbra Martins: não nos apeguemos à letra dos tratados nem ao espírito jurídico existente, importa é que assumamos aquilo que é próprio da Europa. Simplesmente, a Europa é - temos

de o afirmar modestamente - um espaço político e económico. Mas reparem: o político e o económico são sempre meios.

«DL» - Aproveitaria agora a sua dupla qualidade de historiador e de homem de Direito para o fazer entrar na liça, dr. António Hespanha...

A. H. - Bem... sobre este primeiro tema, as bases jurídicas e institucionais do Mercado da Cultura, eu distinguiria dois aspectos. Por um lado, há certos requisitos institucionais que são necessários

para que as coisas funcionem. É necessário que se regule a circulação dos produtores culturais, o reconhecimento internacional dos títulos, as questões fiscais e alfandegárias que respeitam à exportação e importação das obras de arte e até a extinção de certas barreiras à exportação de obras culturais. Este primeiro aspecto, a meu ver, é ainda assim o menos importante, porque enquanto não houver regulamentação o que pode acontecer? Pode acontecer que as coisas



«A Europa tem uma concepção global da liberdade da cultura»

Lubrificantes

GALP

super

Lubrificantes

GALP

GALAXIA

Lubrificantes

← não funcionem tão bem e o Mercado Cultural Europeu não funcione, portanto, tão bem. Mas há um segundo aspecto que a mim me parece mais premente: é que um mercado desregulado, um mercado não regulamentado, é o mercado dos mais fortes. E quando digo dos mais fortes ainda seria o menos se me estivesse a referir aos mais fortes do ponto de vista cultural. Mas não, estou a referir-me aos mais fortes do ponto de vista mediático, como agora se usa dizer. De modo que enquanto não houver uma espécie de legislação anti-«trust», como há para a economia nos Estados Unidos, penso que se podem correr grandes riscos de colonização cultural, ilegítima e contrária às intenções aliás tão bem expressas num relatório apresentado pelo professor Coimbra Martins. Nós já sabemos o que foi o livre-cambismo, na História económica. Bom! No aspecto cultural não iria ser diferente.

Esmagamentos

Será a mesma coisa, será o esmagamento dos mais fracos. Torna-se necessário pois que o Direito adquira uma dupla vertente, por um lado de constituição de uma base institucional para que as coisas funcionem e, por outro, de protecção da justa



→ «Não se trata apenas da pluralidade das culturas regionais...»

GSGS

TINTAS SCHMIDT

A QUALIDADE ALEMÃ FABRICADA EM PORTUGAL

TINTAS E ADITIVOS PARA:

- OFFSET – Folha-a-folha
- OFFSET – Bobina c/e sem estufa
- TIPOGRAFIA
- FOLHA DE FLANDRES
- FLEXO E ROTOGRAVURA

A SUA ESPECIALIDADE É IMPRIMIR?
A NOSSA É FABRICAR TINTAS DE IMPRESSÃO
PODEMOS TRABALHAR JUNTOS! CONTACTE:

LINDNER PORTUGUESA, TINTAS SCHMIDT, LDA.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL: ● PRODUTOS VARN
 ● SUPER-BLUE
 ● CAUCHUS PERFECT-DOT

GSGS

APARTADO 32 – 2806 ALMADA CODEX ☎ 276 54 75 FAX 2 76 84 79

casa LUCY'S

- Artigos de Desporto
- Pronto-a-vestir
- TRAFIC e TON SURTON
- Agente da Tabaqueira

Rua da Liberdade, 2 • ☎ 59 502
 8375 S. BARTOLOMEU DE MESSINES

TABACARIA ESPERANÇA

Oswaldo A. Montes

R. Marquês de Pombal, 26, r/c • Telef.: 6 02 69 • 8600 LAGOS

Não se trata de uma mania das efemérides, que a tenho. Assinalar aniversários é medir o tempo, por medida íntima e pensada, irmã especial da hora solar.

Hoje, porém, não posso - é ir-

resistível - esquecer que estamos a um mês de comemorar uma efeméride que, orgulhosamente, ponho nos píncaros da história europeia. E não é o caso de festejar um aniversário, simplesmente. É bem mais do que isso. É consagrar a conclusão de um período que na História Moderna da Europa só teve equivalente próximo na «Belle Époque». Embora nenhum historiador, escritor ou jornalista tenha ainda encontrado o nome a dar a este período para que agora vos chamo a atenção (alguém o fará um dia...), a verdade é que o dia-a-dia de nossos avós, de nós e de nossos filhos foi marcado, e por muito pouco que isso tenha sido notado, por esta raridade do século XX e mais do que raridade: único.

Em 1870, com a vitória de Bismarck na guerra franco-prussiana, com a proclamação, pelo príncipe prussiano, do Império Germânico e com a derrota de Napoleão III abriu-se uma fase brilhante na vida europeia: a segunda Comuna de Paris, a fértil decadência nas artes, «O Capital», de Marx; o apogeu do império britânico; Thomas Mann; a aviação; a TSF; a «Belle Époque».

Disse-se, depois, que muito de tudo isso foi fruto de uma benesse providencial: 44 anos de paz ininterrupta na Europa. Disse-o quem falou depois da Primeira Guerra Mundial, começada em 1914, 44 anos depois de 1870.

A paz que morreu jovem

Seguiram-se os «Loucos Anos Vinte», seguiram-se os anos negros dos fascismos e, vinte anos após o último tiro disparado na Primeira Guerra Mundial, os tanques nazis invadiam o corredor de Dantzig e Chamberlain, apesar das cedências em Munique, anunciava pela BBC o início do estado de guerra entre o Reino Unido e a Alemanha de Hitler. A paz, que fora frenética, não durara mais do que vinte anos, morria jovem.

Os milhões de mortos e as destruições da Segunda Guerra Mundial já se afundaram no vasto oceano da nossa memória. Lemos nos livros, vemos nos filmes, ouvimos em gravações históricas o silvo das bombas que os Stukas lançavam, notamos em fotografias o fumo que saiu pelas chaminés dos campos de extermínio nazis. Mas tudo isso já é noite descida sobre dias que nem nos parece terem alguma vez possuído substância.

Mais próximos e verdadeiros nos parecem a Guerra Fria, a era atômica, os sucessivos conflitos regionais aí pelo mundo, a descolonização, Guevara, Maio de 68, a chegada à Lua, a informática, a engenharia genética, o hipermercado....

Só que tudo isso coincidiu com ou resultou de uma nova «Belle Époque», porque no próximo dia 7 de Maio de 1989 comemoram-

Os anos da alegria?

entendem cobrar forças e dinamismo na ressurreição do fanatismo; salvar o ambiente... O mundo, e não só a Europa, é a casa comum dos homens. «Esta exigência não me impede, porém, de reconhecer que a 'paz eu-

se, de novo, 44 anos de paz ininterrupta na Europa, após a assinatura do armistício que nesse dia de 1945 assinalou o fim da Segunda Guerra Mundial.

E a este segundo período de 44 anos de paz vão seguir-se, não os Anos Loucos nem os Anos Fascistas, mas sim os Anos Racionais e Abertos do Mercado Único. O desafio é o de a esta paz consolidada e regulamentada acrescentar a imaginação, a paixão e a alegria.

Proposta

Quem vai responder a todo este desafio e como o fará é questão aberta para as instituições comunitárias e para cada um de nós.

Desde já algo pode, porém, começar a ser preparado para que a propósito do 7 de Maio de 1989 seja firmemente lembrado à Europa que estes 44 anos de paz ininterrupta não foram apenas uma benesse de usufruto fácil e para consumir como qualquer outro bem perecível. São uma responsabilidade e um capital a investir no futuro da Europa.

Que, portanto, para celebrar o que a 7 de Maio de 1989 se completa haja, no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, uma sessão comemorativa, em que o presidente Lord Plumb tenha como convidados especiais os presidentes de todos os parlamentos europeus.

Interessa reforçar os poderes do Parlamento Europeu, interessa desenvolver o hábito associativo entre todos os parlamentares dos Doze, interessa, solene e até espectacularmente, lembrar à Europa os benefícios da paz.

Depoimentos a favor

LUCAS PIRES: «Parece-me muito bem a ideia de celebrar estes 44 anos de paz por se tratar, provavelmente, do facto mais importante da história moderna europeia.

«A minha geração, nascida no fim da Segunda Guerra Mundial, seria sem dúvida particularmente sensível a essa lembrança simbólica. Seria com certeza, ainda, a ocasião para um qualquer sinal evocativo, quer ao nível de um órgão comunitário, como o Parlamento Europeu, quer ao nível dos vários Estados da Comunidade»

COIMBRA MARTINS: «Felicito-me por esta paz - a mais longa. Mas conheço-lhe os limites: não foi a paz do mundo, foi a paz da Europa. E ainda assim muito relativa. O meu voto? Alargar a área da paz: resolver os conflitos regionais; vencer as ameaças à vida, à liberdade e à dignidade do Homem, onde quer que surjam; condenar eficazmente as políticas apoiadas em religiões, que

ropeia', resultante de uma integração bem sucedida e de um código de coabitação - agora mais possível do que nunca entre o que se chamava 'as duas Europas' - é uma boa contribuição para a dimensão mundial da paz e as perspectivas desta paz em favor da Humanidade.»

ANTÓNIO HESPANHA: «Nunca é inconveniente ou trivial comemorar a paz, tanto mais que, como se salienta, a Europa não tem tido grandes ocasiões de o fazer nestas circunstâncias. Hoje, sobretudo, a comemoração parece poder ter um duplo sentido. Por um lado, o de celebrar quase meio século de convivência pacífica, ainda que eventualmente tensa. Por outro, o de dar testemunho do optimismo com que, de uns poucos anos a esta parte, é possível encarar o futuro. A Europa, zona tradicional de guerra, está a preparar uma situação de paz e, sobretudo, de uma paz estável, baseada na justiça e na liberdade.

«A única mancha neste quadro optimista é a que é dada pela consideração de que o mundo é um todo e de que a guerra e a miséria reinam em muitas zonas não europeias desse mundo. E a Europa não pode ignorar que muito disto tem sido e continua a ser o produto da sua cupidez, dos seus projectos de domínio ou, pelo menos, dos seus egoísmo e falta de solidariedade.»

JOSÉ AUGUSTO SEABRA: «O período de 44 anos de paz na Europa desde 1945 prova que é possível aos países europeus cooperar construtivamente para consolidar a paz não apenas neste continente mas no mundo inteiro. A Europa pode e deve desempenhar um papel decisivo para o equilíbrio, a negociação e a cooperação quer no seu interior quer nas relações com outros espaços geopolíticos. Assim, será útil comemorar adequadamente este quase meio século de paz europeia, que se deseja um exemplo para a Humanidade nesta viragem.

«Proponho que na ocasião sejam homenageados Adolfo Casais Monteiro e António Pedro, o primeiro como autor do poema «Europa», o segundo como seu leitor aos microfones da BBC em 23 de Maio de 1945. Tendo sido transmitido em língua portuguesa por aquela emissora livre, esse poema foi um acto de confiança na paz e na liberdade da Europa. Na sua dedicatória António Pedro afirmou que Casais Monteiro 'foi na hora própria a voz de todos os portugueses que não esqueceram a sua condição de europeus e cidadãos do mundo'. A reedição do poema «Europa» em todas as línguas da Comunidade Europeia seria a melhor forma de levar uma mensagem cultural de Portugal à Europa.»

P. D.

GARRETT

J. L. GLÓRIA

▷ TABACARIA

▷ LIVRARIA

▷ PAPELARIA

▷ DISCOS

▷ BRINQUEDOS

RUA GARRETT. 18

☎ 62 199

LAGOS



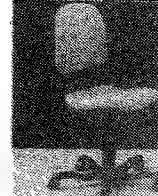
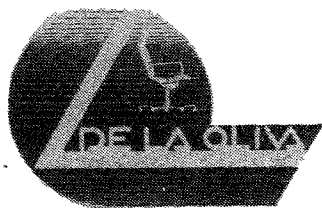
maquirema

SOCIEDADE IMPORTADORA E REVENDEDORA DE MÁQUINAS, LDA.

«UM ESPAÇO NO SEU ESCRITÓRIO»



Gabinets de Direcção de Pau-Santo e Lacados



Exposição e vendas:
Quinta da Figueira, lote A - loja A-5
Venda Nova
2700 AMADORA
Telefones: 474 50 74 - 474 46 52

Representantes exclusivos para Portugal de cadeiras anatómicas para escritório



«O Grande Mercado estabelece o quê?»

continuação da pág. 54

autonomia e liberdade de cada uma das regiões e dos sectores de produção cultural. Nessa medida e enquanto no primeiro aspecto se pode dizer que, bom... enquanto não houver regulamentação não se passa nada..., no segundo enquanto não houver regulamentação podem passar-se coisas extremamente graves. A regulamentação no aspecto jurídico parece-me de facto muito importante, como meio de defender os valores da diversidade e da pluralidade das culturas europeias. Devo aqui apenas insistir numa coisa que não é nada original: é que não se trata apenas da pluralidade das culturas regionais europeias mas também da pluralidade dos próprios grupos sociais dentro de cada região da Europa. Porque em Portugal, por exemplo, não há só uma cultura, há muitas culturas, umas mais europeias, outras menos europeias e tudo isto deverá estar protegido, sem querermos criar reservas de índios ou formas de preservação artificial de formas culturais ultrapassadas (o marido bater na mulher, por exemplo).

J. A. S. - Vejamos outro ponto. É evidente que os bens culturais põem muitos problemas, os que se ligam aos direitos de autor, os problemas de protecção do património, o tráfico ilícito, as falsificações das obras de arte e tudo isso. Bom... podemos dizer que mesmo com os instrumentos jurídi-

cos existentes é possível atender aos problemas específicos que se põem a esse nível. Surgiu nas áreas da televisão e do cinema uma nova prática de coproduções europeias, que entram já no âmbito da negociação política. Recordo que quando eu e o dr. Coimbra Martins pertencemos ao mesmo Governo, ele bateu-se por uma coprodução que eu apoiei e deu lugar ao «Soulier de Satin», um belo filme de Manoel de Oliveira: valeu a pena lutar por ele apesar das dúvidas de alguns, que não eram metódicas, mas na verdade o que interessa é que as coproduções são necessárias. Exigem um espírito comunitário, o que é diferente. Não tanto de regras, não tanto de decisões políticas - há um nível político da cultura, evidentemente, mas não é global, porque, não tenhamos ilusões, ainda não há coproduções europeias no âmbito da Comunidade, não aparecem filmes que sejam o resultado de um acordo entre os Doze. Não sei se é bom ou se é mau, o que é certo é que ainda não chegámos lá, talvez cheguemos, com o tempo. Há igualmente questões como as legendagens ou dobragens dos filmes. Pode-se discutir se será preferível legendar ou dobrar os filmes: eu, pessoalmente, defendo as legendas por uma razão - um filme é um conjunto semiótico, feito com a imagem, a fala e o

continuação na pág. 58

OTÍLIO LEONEL & MIGUEL, LDA

ESPECIALIZADA EM REPARAÇÕES HIDRÁULICA E MECÂNICA

Somos uma empresa com largos anos de experiência em reparações de todas as viaturas de recolha de resíduos sólidos

Fazemos orçamentos

SEDE E OFICINAS:

Alto da Cascalheira
2955 Pinhal Novo
Telefone 236 14 99



Café Restaurante MAX

MAXIMINO FRUTUOSO

ABERTO TODO O ANO

TORRES VEDRAS

PRAIA DE SANTA SRUZ



RG renascença gráfica, s.a.
Rua Luz Soriano, 44 - 1200 LISBOA - Portugal
Telefs. 32 02 71/2/3 - Telex 12363 DIARIO P - Ed. Teleg. DIBOA

CASA FITAS

FAZENDAS E RETROSEIRO

☎ 6 27 91

ELVAS

TIPOGRAFIA

GRÁFICA CENTRAL ALGARVIA, LDA.

Rua Mouzinho de Albuquerque, 37

☎ 22887

8500 PORTIMÃO

ELECTROCOOP



1975-1989

**14 ANOS AO SERVIÇO
DO PROGRESSO**

ESPECIALIZADA EM:

MONTAGENS ELÉCTRICAS EM
EDIFÍCIOS PÚBLICOS E PARTICULARES

R. ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA, 22-B
TELEF. 229 35 36
LARANJEIRO - 2800 ALMADA

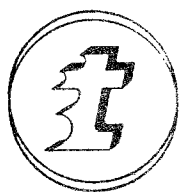
← sistema semiótico especial dado pela língua.

Pluralismo semiótico é importante

Penso que o próprio pluralismo semiótico é importante, porque um espectador é levado a ver a imagem de uma forma estética, a ouvir uma língua estrangeira com a sua acuidade auditiva, que pode ser muito importante também do ponto de vista estético. Se o filme for legendado em todas as línguas das Comunidades, isso é uma maneira inclusivamente de as preservar. Podem aparecer outras soluções, claro. Há quem defenda que nós temos uma cultura mais oral do que visual. Duvidô. A cultura europeia é muito visual, é muito literária, muito escrita, diferentemente das culturas africanas ou latino-americanas - o que é certo é que são problemas que não dependem apenas, penso eu, do quadro jurídico. Dependem é do espírito que exista, das



«A Europa pode incentivar ainda mais a internacionalização dos meios culturais?»



TOYOTA



PEUGEOT.



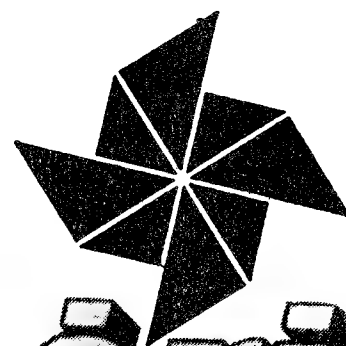
Garagem Mina Parque, Lda.

Vendas de Auto e Peças • Assistência Técnica
Estação de Serviço • Combustíveis

Sede — Rua D. Pedro IV, 35-a
Telefs. 4351863-4358263

Peças — 4363404 — 2745 QUELUZ

Amadora — Estrada da Serra da Mira, 24
Casal de S. Brás



ibérico

ABERTO TODOS OS DIAS COM OS MELHORES PREÇOS

GRANDE FEIRA

**DAS FRALDAS
A INICIAR EM 7 DE ABRIL**

PAÇO DO LUMIAR, 1600 LISBOA Telefone 758 00 19
autocarro 3 ou 4

ibérico

HIPERMERCADO

PAÇO DO LUMIAR 1600 LISBOA Telefone 758 00 19
autocarro 3 ou 4

Pela preservação da língua portuguesa

← decisões livres. Ninguém poderá obrigar os coprodutores a legendar, porque isso seria ir contra a liberdade da cultura. Ninguém poderá obrigar à utilização da dobragem. O que se pode é defender uma forma ou outra a partir de uma filosofia, de uma orientação.

Há necessidade de lutar contra a invasão dos produtos americanos de televisão, o que exigirá, da parte das televisões europeias, um esforço de qualidade, de concorrência também, para fazer face a tal invasão. Mais difícil seria que a Comunidade editasse qualquer diploma no Parlamento ou então qualquer decisão da Comissão ou mesmo do Conselho a dizer «não, não podemos transmitir nas televisões dos países da Europa os produtos americanos»: essa atitude iria contra o espírito europeu. A tendência actual é alcançar a grande troca, o grande intercâmbio cultural, seja com os Estados Unidos, com o Japão ou com os países do Leste.

Colonos e colonizações

«DL» - *Sim, mas o Mercado Único é especificamente europeu. Sendo assim, em relação à cultura como em relação... à carne com hormonas é legítima uma protecção do produto europeu em relação a mercados exteriores. Uma provocação agora ao dr. Hespanha: a propósito da colonização cultural poderíamos exagerar e referirmo-nos à exploração colonial. As mudanças de 1993 terão por trás as indústrias da cultura e estas, evidentemente, vão-se expandir e encontrar um mercado cultural da ordem dos 320 milhões. Essas indústrias da cultura terão que fazer como as outras, precisarão de matérias-primas, terão que inventá-las, trabalhá-las e vendê-las num fluxo constante. Não poderá essa colonização fazer em relação às culturas regionais, de Trás-os-Montes, do Baixo Alentejo, da Estremadura aquilo que as indústrias tradicionais fizeram nas colónias: buscá-las ao subsolo?*

A. H. - Creio que o panorama actual das indústrias da cultura ou das indústrias de comunicação é particularmente favorável aos mais fracos. Hoje está na disponibilidade de grupos parcamente equipados do ponto de vista económico, fazer coisas que ainda há pouco lhes era impossível: ter uma estação de televisão, por exemplo. Um pai de família que disponha de uma câmara de vídeo pode fazer um filme e num passado ainda recente era indispensável uma enorme equipa e todo um aparelho dispendioso. Ora bom, eu creio que isto dá vantagens muito grandes à diversidade e à descentralização culturais. Os países pequenos podem ter hoje, neste domínio, uma intervenção que não conheciam há uns anos. As novas tecnologias e o tratamento da informação por meio de computadores pessoais permitem a abertura de espaços de liberdade. Às vezes vimos na evolução tecnológica apenas a possibilidade do senhor Maxwell ou do senhor Berlusconi cobrirem

a Europa, via satélite, com uma emissão de televisão, mas não se trata só disso. Essa é apenas uma das caras do processo: a outra cara, dado o embaratecimento e a disponibilidade dos novos meios nas mãos dos particulares, é a viabilidade de relativamente com pouco dinheiro nascer uma estação de bairro, uma estação regional ou uma estação nacional.

Quanto à exploração das matérias-primas culturais regionais pelas grandes indústrias europeias da cultura, é evidente que é possível. Mas não sei se me engano ao afirmar que não é tão óbvio como isso produzir-se uma exploração da matéria-prima cultural que se assemelhe à das matérias-primas coloniais. É fácil pegar no cobre do Catanga porque o cobre é... cobre em qualquer parte do mundo. Mas não é a mesma coisa pegar na cultura portuguesa e transformá-la. A transformação da «massa cinzenta» portuguesa não será tão plástica assim. Enfim, talvez a capacidade de exploração cul-

tural não seja grave nesse grau: está na mão dos pequenos países, das regiões e até dos indivíduos criar os seus próprios espaços comunicativos com uma liberdade que não tinham antes.

Talvez seja bom

J. A. S. - Por isso mesmo eu disse, paradoxalmente, que talvez seja bom não haver uma política cultural europeia homogénea. Colegas meus embaixadores põem muitas reservas à ideia de uma política cultural europeia, a não ser tomando-a no sentido global. Teremos de admitir que podem haver políticas culturais diversificadas. Por exemplo: há uma política cultural dos países latinos que inclusivamente ultrapassa a Europa porque se traduz na União Latina. A União Latina é uma organização inter-governamental, de que Portugal faz parte, e que engloba países latinos como a Roménia, a Itália, a França, a Espanha e os países





«Houve tempos em que nós, portugueses, fomos um elemento activo...»

latino-americanos, embora nem todos. O que nós temos de dizer é que o domínio da política é já o domínio da decisão - que não daquilo que é da ordem jurídica, o jurídico não é o político. Aliás, uma das características mais importantes da Europa é não ter confundido o político com o jurídico, ter mantido a autonomia do jurídico relativamente ao político ou do político relativamente ao jurídico. O jurídico define um quadro, neste caso o dos tratados, que já são vários, existentes, e incluindo as legislações nacionais em vigor.

Podemos e devemos ter uma política de preservação da língua portuguesa, mas não esperemos que essa seja a política da Europa. A França tem uma política de francofonia, o que é normal. Significa tudo isto, talvez, que a sabedoria política da parte dos negociadores dos tratados levou a que não se aventurassem no campo cultural, preservando assim a ideia de que a cultura im-

Mapa dos ciclos de teatro

OEIRAS
Cine-Teatro

ALGÉS
1.º Acto
Clube de Teatro

Rua Mestre de Avis
(junto à Igreja)

Rua Eduardo Pedrosa

ABRIL

TEATRO DE MAIONETAS:

dia 1, 17.00 H
dia 8, 17.00 H
dia 15, 17.00 H

dia 2, 17.00 H
dia 9, 17.00 H
dia 16, 17.00 H

Luis Filipe, «O menino de todas as cores» e «Cabeçudo»
Marionetas de S. Lourenço, «Fernando Pessoa, visto, corrigido e aumentado»
Lanterna Mágica, «O Bispo Negro», de Alexandre Herculano»



MAIO

TEATRO PARA A INFÂNCIA:

dia 13, 17.00 H
dia 20, 17.00 H
dia 27, 17.00 H

dia 14, 17.00 H
dia 21, 17.00 H
dia 28, 17.00 H

Joana, «Uma história de amor»
Os Pápa Léguas, «Aqui há mistério»
Geraldo Tuché, «Fuga a pés juntos»



JUNHO

TEATRO PARA A JUVENTUDE:

dia 3, 21.00 H
dia 4, 21.00 H

O Bando, estilhaços com texto de Mário Carvalho. «O sentido da epopeia»

Bilhetes à venda (1 hora antes) no local do Espectáculo
ou nos Serviços Municipais de Cultura
na Rua Cândido dos Reis, n.º 84 em Oeiras
Tel.: 443 15 00 — ext. 222



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS



MUNICÍPIO DE CASTRO VERDE
CÂMARA MUNICIPAL

COMEMORAÇÕES DO XV ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL — CASTRO VERDE —

PROGRAMA

DIA 24 — SEGUNDA-FEIRA

21.30 HORAS — Espectáculo evocativo da Revolução, na Sala Polivalente da Escola Secundária, com a participação de:

GRUPO DE MÚSICA POPULAR «SEARA VERDE»

LUÍSA BASTO

BANDA DE MÚSICA DA SOCIEDADE DE REC. E FIL. 1.º JANEIRO

DIA 25 — TERÇA-FEIRA

09.00 HORAS — Alvorada

09.30 HORAS — Hastear da Bandeira Nacional no Edifício dos Paços do Município, com a participação do Corpo de Bombeiros da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Castro Verde e da Banda de Música

10.00 HORAS — Torneio de Jogo da Malha

Saída da Banda de Música para visitar as Freguesias

15.30 HORAS — Tarde Cultural e Recreativa no Auditório Municipal com a participação de:

Grupos Corais:

«AS CAMPONESAS», «OS CARAPINHAS» E «CEIFEIROS DE ENTRADAS»

GRUPO DE MÚSICA POPULAR «MAIO MOÇO»

E

FERNANDO TORDO

plica uma diversidade. Também é verdade, por outro lado, que as culturas políticas não são apenas as culturas de Poder e que as políticas da cultura não devem ser apenas as políticas do Poder...

«DL» - ...mas a propósito do Poder...

J. A. S. - ...porque têm de ser também das oposições. Acaba de ser dito e com razão pelo dr. Hespanha que a Europa tem culturas minoritárias, tem culturas que não são democraticamente de Poder. Admitir o princípio maioritário na cultura? É muito difícil. Na realidade o poder político limita-se àquilo que é perfeitamente comum a todos os cidadãos e que tem uma legitimidade própria, a da maioria. Só que a política cultural não pode ser apenas a política dos Poderes, até porque isso levaria a hegemonias.

**Ter ou não ter
uma acção cultural**

«DL» - Julgo que o dr. Coimbra



No exílio nunca houve problemas de identidade



**PELA CRIAÇÃO DA ÁREA PROTEGIDA
DO VALE DO GUADIANA**



CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA



CÂMARA MUNICIPAL DE PORTEL



COM ABRIL

**Ao serviço das populações
pelo desenvolvimento, e
melhorias das condições de vida**

← Martins tem algo a dizer...

C. M. - O dr. Seabra vincou muito bem a necessidade de orientarmos sempre a nossa acção cultural no sentido da liberdade. Digo acção cultural, porque no fundo trata-se de ter ou não ter uma acção cultural, de prosseguir ou não prosseguir uma acção cultural e mais, precisamente, uma «acção cultural» do que uma «política cultural». Esta acção não é e não será nunca uma acção SOBRE a cultura. Será uma acção PELA cultura. Esta diferença é fundamental. E é claro que - isto pode-se concretizar no âmbito da Europa - esta acção pela cultura é também uma acção pela diversidade. E na medida em que é uma acção pela diversidade, é uma acção que visa estabelecer equilíbrios onde existem distorções. O Tratado de Roma enuncia claramente este objectivo: fomentar o desenvolvimento das regiões desfavorecidas. Isto implica, embora o tratado não fale de cultura, uma acção cultural em favor dessas regiões desfavorecidas, a aplicar nos sectores da educação, da formação e nos sectores da cultura propriamente dita. Ainda agora admitiu-se que o Grande Mercado poderia criar, ele mesmo, distorções. E pode. Se não atendermos à dimensão social que deve acompanhar a construção europeia, que deve ser um objectivo da construção europeia, o Grande Mercado pode ter esses efeitos perversos.

Um exemplo característico: temos em Portugal um problema de orquestras. Somos um país sem UMA orquestra sinfónica. Temos um reportório que necessita de orquestras e as orquestras têm-se vindo a degradar e degradadas elas estão neste momento, num transe extraordinariamente difícil. O Grande Mercado estabelece o quê? O reconhecimento dos diplomas, a liberdade de circulação e a liberdade de estabelecimento. Portanto, quando uma acção cultural por parte do Governo determinar ou consentir a reestruturação das nossas orquestras, mediante a realização de concursos rigorosos, o que vai suceder? Os músicos estrangeiros serão a maioria esmagadora nas

A cultura de culturas tem uma ambivalência do primeiro termo, «cultura»



orquestras sinfónicas portuguesas. Então do que teria esta situação necessitado?

Um problema de orquestras

«DL» - Já é tarde?

C. M. - ... nunca é tarde para se fazer bem mas já se devia ter começado. Isto necessitaria da correcção de uma lacuna gritante no nosso sistema educativo, ao nível da educação e da informação musical. Se o Livre Mercado funcionar e os concursos forem inteiramente livres para o acesso às nossas orquestras porque ficarão os músicos portugueses prejudicados? Porque as condições de competitividade não estão criadas, pois há uma distorção e essa distorção deriva de a educação e a formação não serem o equivalente às dos outros países europeus. Assim, a Europa - que tem realmente o objectivo de restabelecer o equilíbrio cultural, achando-se em posição desvantajosa relativamente aos Estados Unidos e até, pelo menos nos objectos lúdicos e culturais do domínio da electrónica, relativamente ao Japão - a Europa dizia, mediante uma acção cultural forte e mediante uma aposta cultural com um grande investimento, pode recobrar a sua antiga posição cultural. Mas este objectivo terá de ser dobrado por outro.

Um objectivo simultâneo é não existirem lacunas, do ponto de vista cultural, dentro da própria Europa. E não haver uma região desfavorecida noutra região desfavorecida, seja Portugal ele todo uma região ou Trás-os-Montes uma região de Portugal. Todo o cidadão da Europa, onde quer que nasça, deverá beneficiar de uma igualdade de oportunidades.

Contra a Europa «nacionalista»

«DL» - Dirijo este repto especialmente ao eurodeputado e ao embaixador. Haverá, pelo menos pressupostas, duas perspectivas da Europa: uma em que predomina ou existe, de um modo geral, o diálogo, a autonomia das culturas e das regiões, como aqui já foi dito, mas também a ideia de uma Europa «nacionalista», super-estatal. Dá a ambiguidade que por

A MOBILADORA SILVENSE

DE

José dos Santos Mourinho & Filhos, Lda.

MOBÍLIAS • COLCHÕES DE MOLAS E DE ESPUMA • ESPUMA • ESTOFOS • TAPEÇARIAS • ELECTRODOMÉSTICOS • RÁDIOS • TV • AGENTES AUTORIZADOS DAS MARCAS AEG - TELEFUNKEN - SIEMENS
ESSO GÁS • AGÊNCIA FUNERÁRIA

☎ 4 25 68 (móveis) — ☎ 4 22 38 (electrodomésticos) — ☎ 4 28 52 (agência funerária)
Rua Miguel Bombarda, 4-14

6300 SILVES



«Quando se importa um frigorífico, com ele vem uma cultura diferente»

As oportunidades da «Nova Europa»

vezes encontramos ao falar-se de cultura europeia, entre uma coisa muito vaga e muito totalizadora e uma expressão que creio é do dr. Coimbra Martins, uma «cultura de culturas». Bom, aqui parece que se põe um problema de fundo. Uma Europa entendida em termos fechados, em termos totalizantes da ideia de Europa, não constituirá uma ameaça, de tal modo que Portugal, sendo periférico, pode arriscar-se ao perigo de em 1993 receber os produtos de indústrias culturais naturalmente mais fortes do que as nossas, sem capacidade de resposta ou de oferta?

C.M. - Eu diria que a Europa está a conhecer uma experiência de certa maneira dolorosa, experiência que para nós, portugueses, é habitual. Porque se, hoje, tem-se medo, com fundamento, de uma distorção no funcionamento do Grande Mercado que nos prejudique, devemos

lembrar-nos que fomos já culturalmente colonizados. E que nós, em matéria de cultura, somos tradicionalmente muito mais consumidores do que produtores. Esperemos que a Europa nos venha ajudar a restabelecer o equilíbrio perdido e que as grandes virtudes da construção europeia visam realmente assegurar. Nós somos consumidores. O nosso teatro foi no século XIX um teatro em grande maioria traduzido do francês. O nosso romance acusa uma influência muito grande do romance francês e um pouco também do inglês. Isto é muito bom, evidentemente. Mas seria melhor se simultaneamente e no sentido inverso nós tivéssemos sido os inspiradores e os influenciadores do romance americano e do romance inglês, o que só sucedeu muito excepcionalmente. Portanto, há um equilíbrio a estabelecer e o receio que tenho...

«DL» - não crê que esse equilíbrio passaria por um compro-

misso federalista, levando a coordenação das políticas ou das «acções» europeias de cultura a uma dimensão muito mais incisiva? A meu ver é isso que falta na perspectiva de um Mercado Único.

C.M. - Eu reclamaria que uma acção cultural a partir da Europa seja uma criação de condições-quadro para a potencialização das diversidades e para que cada qual não só preserve - preservar é uma palavra demasiado modesta - a sua diversidade mas que a Europa tire dela o máximo partido: é nesse sentido que eu digo a expressão «cultura de culturas». A cultura de culturas tem uma ambivalência no primeiro termo, «cultura». Cultura, portanto, como unidade sintética de culturas e, consequentemente, afirmação de um conjunto de valores fundamentais. Cultura também como CULTIVO.

Cultivo de culturas e, portanto, cultivo de potencialização das diversidades.

O FAROL DO MUNDO

«A livre circulação de pessoas, de mercadorias e de capitais, a criação de um mercado único, de um banco central único e de uma verdadeira moeda europeia arriscam-se a dar nascença em 1992 a uma selva e não a um mercado de livre troca, se antes e depois da instauração do Mercado Interno não pusermos de pé uma autoridade federal democrática, isto é, uma plena comunidade política, com uma organização única da Defesa e da segurança para o conjunto do território comunitário e uma só política externa» - quem o disse, e por sinal a um periódico jugoslavo, não é um defensor do intervencionismo estatal, é um homem da linha histórica do socialismo liberal italiano, herdado da geração antifascista de um Carlo Rosselli: Marco Pannella. Foi ele também, interrogado sobre se os actuais «nacionalismos» jugoslavos não contradiriam as pretensões de alguns reformadores daquele país em entrar na CEE, quem disse que os votos de independência, no mundo de hoje, são apenas a ilusão com que se mascara a maior das dependências económicas, políticas e culturais.

Na Jugoslávia já há, pois, quem fale na União Europeia. Na Hungria o processo de democratização está em marcha. Como afirmou recentemente François Fejto, historiador e politólogo de Nagykanizsa, «A grande esperança dos húngaros é poderem realizar-se económica, cultural e socialmente, recuperando 40 anos desprezados e perdidos, com a ajuda do Ocidente europeu. O modelo soviético que lhes foi imposto faliu e eles procuram um novo modelo; talvez sejam mais europeus que os próprios europeus, dado ansiarem tanto que a Europa se una». A Áustria apresentará o seu pedido de entrada na Comunidade dentro em breve. A Turquia aspira ao mesmo, e até Marrocos. Enquanto isso, mais a Ocidente, um passo andado tem equivalência em dois de retirada.

No entanto, os dados são muito simples. A inexistência de uma integração política europeia tem custos económicos visíveis, multiplicados em cada dia que passa. A burocracia parece ter afectado a sensatez da Europa e em 1993, quando o Mercado Único já estiver a funcionar, poderá ser o caos. Pouco apressados, os eurocratas juram que não, que tudo correrá bem, e enquanto isso vamos esperando uns pelos outros, estupefactos ao repararmos que ninguém se atreve. Jugoslavos, húngaros, austríacos, turcos e marroquinos têm uma candura que nós já desconhecemos, de facto.

Vivemos em pleno paradoxo, está claro: a Europa, não só aquela que se reflecte no ideal como a que já vai existindo, apesar de tudo, é um farol do mundo. O seu sistema político é uma referência, o seu corpo de ideias também. É verdade que a América foi longe e reivindicou a sua autoridade na matéria, mas a Democracia ainda é coisa europeia. Afinal Tocqueville, não obstante ter-se inspirado no sistema estado-unidense de Oitocentos, foi um europeu: reteve o que tinha a ver consigo. A Europa é uma civilização do livro, a Europa está quase inteira nos livros das nossas bibliotecas. Aí se configurou, em teoria, em espírito, em vontade, o nosso modelo liberal de democracia. Esta, a parlamentar. Predomina, é evidente, um certo complexo de esquerda que se recusa a entender a democracia europeia como uma democracia liberal, mas ela está aí, e socialistas democráticos, comunistas mais ou menos leninistas, democratas-cristãos, liberais de direita ou esquerda, conservadores e outros tantos sentam-se em torno da fórmula a que se chama «representação política», farol do mundo, para, apesar de «partidos rivais», realizarem uma «obra comum»: a Europa.

Talvez o que a Europa tenha de melhor para oferecer seja efectivamente a sua cultura política, filosófica e ética, uma cultura que fala de pluralismo e tolerância, diferença, autonomia, liberdade... Valores nem sempre concretizados, é verdade, mas a democracia nunca é trabalho acabado. Se eles existem nos EUA é porque os exportámos para lá: a invenção, essa, é nossa. Por isso há um sentimento europeu, mas que infelizmente é o mais das vezes a súplica de confusões que nunca conseguem esclarecimento. De Gaulle, que não era parvo, dizia de alguns políticos: «Fala-se de Europa e saltam que nem uns cabritos.» Felizmente, não são todos assim, os políticos europeus: alguns já perceberam convenientemente aquilo que um dia Edgar Morin, seguidor fiel de Denis de Rougemont, afirmou para quem quis escutar: «A questão agora é dar um conteúdo vivo a este sentimento europeu. É um problema de imaginação, de mudança de linguagem... Não tenho um programa preconcebido e muitas das interrogações que me ponho continuam abertas, não estou seguro sobre muitas coisas...» Isto, senhores, é ser europeu.

R. E. P.

A cultura como civilização

J. A. S. - Peço desculpa mas há alguns conceitos que têm de ser um pouco mais precisados. Estou de acordo com essa expressão de «cultura de culturas» na medida em que no primeiro substantivo se entende cultura como civilização. E culturas podem ser também as civilizações que entrem dentro de uma civilização mais ampla. Almada Negreiros, num texto célebre, diz que civilização é aquilo que une e cultura aquilo que diversifica. Ele até dá um exemplo: pegar numa mão-cheia de feijões e uni-los é um acto de civilização, separá-los cada um é um acto de cultura. Ora, a Europa tem, de facto, uma dimensão civilizacional - a civilização greco-latina, mediterrânica e depois com um prolongamento atlântico; uma religião que, de certo modo, deu uma matriz à Europa, embora esta sofresse igualmente a in-

fluência de outras religiões, como o judaísmo e o islamismo; componentes políticas do Norte da Europa, para não falar ainda da ideia de «pessoa» e de «indivíduo» que nos foi dada pela Revolução Francesa...

«DL» - E em termos de abertura...

J. A. S. - ...Eu matizaria um pouco mais. Houve épocas em que nós, portugueses, fomos um elemento activo, dinâmico e até exportador da Europa. No século XV nomeadamente, com as Descobertas. Tivemos alguns elementos positivos no século XVIII e no século XIX, embora sejam minoritários. Mas temos também uma outra época em que demos uma contribuição grande, que foi no início do século XX. Os homens do Orfeu falavam da Europa e até chegaram a assinar «Europa, tantos de tal...» e há aquela célebre definição «A Europa não é apenas um continente: nela está a Ásia, a América, a Oceânia, etc., etc». Uma



«Já temos o Manoel de Oliveira no cinema, a Vieira da Silva na pintura»

LOURES CÂMARA MUNICIPAL



**ESTA NOITE FALAMOS DE ABRIL
21 DE ABRIL 1989 — 21.30 HORAS
SALÃO NOBRE DOS PAÇOS DO CONCELHO
EM LOURES
RECITAL DE POESIA AFRICANA DE
EXPRESSÃO PORTUGUESA POR ELSA
NORONHA**

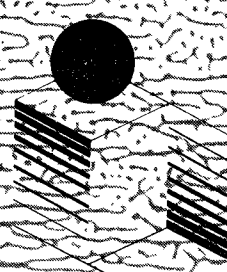
DEBATE SOBRE LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA COM: DR. MANUEL FERREIRA (autor de «Hora di bai», primeiro catedrático da cadeira de Literatura Africana da Faculdade de Letras de Lisboa)

DR. FERNANDO MARTINHO (Catedrático da Cadeira de Literatura Africana da Faculdade de Letras de Lisboa)

DR. PIRES LARANJEIRA (Catedrático da Cadeira de Literatura Africana da Faculdade de Letras de Coimbra)

O 25 DE ABRIL E A DESCOLONIZAÇÃO, A INFLUÊNCIA DE PORTUGAL NA LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA E A INFLUÊNCIA DE ÁFRICA NA LÍNGUA E EXPRESSÃO LITERÁRIA PORTUGUESAS.





BARRIND 89

TELEGRAMA

BARRIND 89

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E COMERCIAL
- de 23 de Junho a 2 Julho
Em 1988

- Estiveram presentes 105 Expositores
- Visitaram o certame mais de 100 mil pessoas
- Grande divulgação nos O.C.S.
- A BARRIND/89 conta com a sua presença



Câmara Municipal do Barreiro

207 38 84/213/417 - 207 31 06 - Telex 49371 CMBARR P

«Cabe-nos defender a cultura portuguesa»

visão europeia, portanto, muito mais larga e por isso temos de saudar alguns europeus precursores do espírito actual. Gostava de citar só dois: o Afonso Duarte e o Adolfo Casais Monteiro com o seu poema «Europa». Mesmo assim estou de acordo com quem diz que não demos um contributo muito activo. Fomos mais importadores. O que neste momento interessa, porém, é que a Nova Europa saída do Tratado de Roma nos dá outras oportunidades que não tínhamos. Quer dizer: nós estamos neste momento numa

situação de progresso relativamente ao salazarismo. Na altura até os emigrantes eram impedidos de circular.

Realismo e objectividade

Se formos realistas e minimamente objectivos, temos de concluir que mesmo que estejamos numa posição relativamente inferior às dos outros países, em certos domínios da cultura, a verdade é que estamos actualmente melhor.

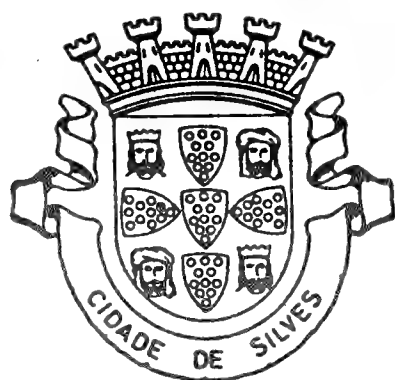
Continua na pág. 71



«Há uma relação inquieta entre Portugal e a Europa»

Silves

UM
MUNICÍPIO
NA
SENDA DO PROGRESSO



CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES

TELEFS. 4 23 25 — 4 22 94 / 8300 SILVES

SAKURAI OLIVER-52

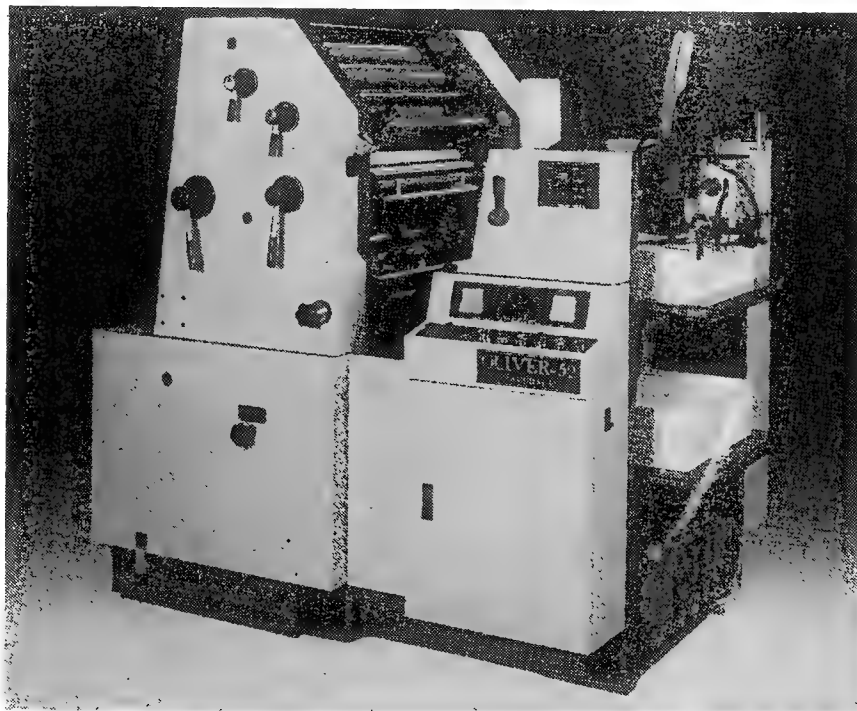
520mm × 360mm (20 1/2" × 14 1/16")

A SAKURAI OLIVER 52 é o pequeno gigante de impressão offset, capaz de igualar a capacidade de produção de uma máquina de maior formato.

A SAKURAI OLIVER 52 tem as melhores características de robustez, durabilidade, produtividade e qualidades únicas de impressão.

A SAKURAI OLIVER 52 está preparada para poder ser equipada com dispositivo de numeração e picote.

A SAKURAI OLIVER 52 foi construída de modo a poder imprimir, sem quaisquer problemas, em papel, extrafino a uma velocidade de 12 000/I.P.H.



SIGLA

SOCIEDADE DE IMPORTAÇÕES GRÁFICAS, LDA.

RUA RUBEN A. LEITÃO 2-B — 1200 LISBOA
TELS: 37 15 31 • 37 28 85 TELEX 1 40 31 HERGAR P.

LUCAS PIRES



Lucas Pires não pôde estar presente na mesa redonda organizada pelo «DL» sobre o Mercado Único da cultura para 1993. Não quisemos, porém, deixar de questioná-lo sobre as opiniões que defende em relação à matéria, pelo que as deixamos aqui expostas. Todos sabem que o dirigente do CDS é um super-candidato ao Parlamento de Estrasburgo, assim como é do conhecimento geral que factores como o peso político-partidário não explicam por si sós a sua posição. Já o fazem o seu dinamismo muito pessoal e uma perspectiva das temáticas europeias que o tornou respeitado em todos os espectros políticos. Não pretendemos, porém, dar-lhe um relevo privilegiado, e se as perguntas que lhe couberam não se assemelham as mais das vezes às que foram postas na mesa em que se sentaram Coimbra Martins, José Augusto Seabra e António Hespanha, foi porque, muito simplesmente, o calor do debate nos levou a consequências imprevistas. De resto, tudo igual: como as outras três figuras públicas, Lucas Pires confessa uma paixão. Chama-se Europa...

«NUNCA SE FEZ TANTO»

Paulo David e Rui Eduardo Paes

«DL» - A definição de Europa é um eterno problema. Podemos tentá-la segundo os parâmetros da geografia (Urals/Açores, continente subasiático), como da filosofia, da religião, da política, dos tipos de sociedade (enquanto o aberto e o fechado descobrem-se uma dezena de matizes), das raças, dos sistemas económicos, da CULTURA...

Lucas Pires - A dificuldade na definição da Europa resulta de duas condições aparentemente opostas. Por um lado, ela é a mais universal de todas as referências culturais e as próprias civilizações não-europeias adoptaram os seus principais padrões. Por outro lado,

a cultura europeia é uma cultura intrinsecamente pluralista. A definição da Europa é, aliás, «frágil», também sob o aspecto geográfico e histórico. No entanto, é essa «fragilidade» física, por assim dizer, que excita a sua força cultural. Em termos políticos, por sua vez, julgo que o interesse português não está num alargamento indefinido e imediato das Comunidades Europeias. Precisamos antes de consolidar o nosso poder dentro destas, e numa Europa do Atlântico aos Urals o peso e o valor da nossa condição atlântica e periférica sofreriam uma maior erosão, perda de significação e dissolução num campo muito vasto. Abertura das Comunidades

ao exterior e, em particular, ao Leste, isso sim - mas é outra coisa.

«DL» - E, dentro da Europa, como entender as identidades de mistura das zonas fronteiriças, aquelas onde serão aplicados, ou estão já a ser, planos integrados de desenvolvimento transfronteiriço (Portugal/Espanha, por exemplo)?

L. C. - Tal como o Governo português tem configurado tais planos, eles são mais planos de desenvolvimento conjunto, isto é, paralelo, de cada um dos lados da fronteira, do que propriamente «integrados». O Governo tem tido bastante cuidado. O risco de uma liderança pelo espaço mais desenvolvido (Zamora em relação a Bragança ou Badajoz em relação a Portalegre e Elvas) existe, no en-

tanto. Sob esse aspecto é essencial que Portugal progrida, também, do litoral para o interior e que a regionalização excite as energias de auto-afirmação do nosso interior. É preciso não esquecer que o interior espanhol também tem sido catapultado pela regionalização espanhola.

Interiores

Quanto aos aspectos culturais, e apesar da sua ligação ao interior espanhol, acho que o interior português tem características próprias, como aliás o sublinhou, nomeadamente em relação ao Alentejo, um homem como Joaquim Barradas de Carvalho. A nossa cultura mais atlântica chega até aí. A questão é que também chegue aí o desen-

volvimento. Devíamos, por isso, fazer com as regiões portuguesas menos desenvolvidas o que a CEE faz connosco - dispensar um apoio programado e criar nelas infra-estruturas modernas e comunicações rápidas com o litoral, no mínimo duplicando os apoios financeiros existentes. Também a regionalização ajudaria a a democratizar a pressão dessas zonas do País sobre o Poder Central.

«DL» - O que pode a Europa aprender com o modelo federativo da Suíça?

L. C. - A Suíça ensina que é possível uma unidade política e cultural apesar das disparidades linguísticas. Ensina também, em segundo lugar, que uma tal

«A cultura ocidental não está em crise»

unidade, para ser democrática, precisa de ser tão aberta e pluralista como a de uma confederação. Com várias línguas e tradições, a Suíça consegue não ser uma Torre de Babel nem uma «logocracia», isto é: nem uma anarquia nem um totalitarismo cultural e político. É um modelo possível para a Europa política, embora pondo de parte o «neutralismo» e os excessos de culto oficial do dinheiro que o calvinismo suíço fundamenta e alimenta.

Tal modelo mostraria não só como a «confederação» pode viabilizar progressos em relação ao actual Acto Único que rege as Comunidades, como exemplifica um modelo de «democracia parlamentar», em contraste com os modelos de «democracia presidencialista» das repúblicas americanas. De facto, julgo que o modelo constitucional da construção europeia deve ser também de democracia parlamentar. Essa opção é, aliás, quase inevitável, dada a dificuldade de imaginar uma solução presidencialista «à americana» no quadro europeu.

Nacionalismos e reunificações

«DL» - *Um tema actual é o renascimento dos nacionalismos na Europa socialista, mais acirrados do que os nacionalismos da Europa Ocidental. Excepção seja feita aos casos irlandês e basco e ao «apartheid en douceur» na Bélgica entre valões, flamengos e alemães...*

L. C. - Os dois fenómenos que assinalai antes, embora opostos, podem convergir. Ambos partem de bases diferentes mas para objectivos e métodos idênticos de «federalização» do Poder. O Poder, nos grandes espaços, oscila entre a visão democrática-federal e a visão totalitária-imperial. O que se verifica é que tanto as soberanias nacionais de base democrática como os «impérios» estão a avançar para o modelo federativo que concilia de modo democrático a AUTONOMIA e a UNIDADE indispensáveis dentro das novas organizações complexas do Poder. Julgo que, por esta via, a Europa Ocidental guardará as suas nacionalidades e o Leste virá a recuperá-las. Há nisto um caminho comum que parece paradoxal mas é real, no sentido da maior dimensão e ao mesmo tempo de maior pluralismo do Poder.

«DL» - *A Europa comunitária perspectivada na «federação» parece já servida por alguns agru-*



pamentos políticos transnacionais, nascidos no Parlamento Europeu, como é o caso do PPE. Há ainda o Partido Radical, que se apresenta como o primeiro partido político trans-fronteiras. Irão aplicar, por isso, propostas culturais substancialmente diferentes?

L. C. - Os partidos europeus são ainda meras reuniões conjuntas de partidos nacionais, a caminho de se tornarem, também eles, verdadeiras federações ou confederações partidárias europeias. Dão conta de uma nova geografia política. No Parlamento Europeu, por exemplo, os deputados do PSD sentam-se à minha direita e num grupo que é apenas o quinto em número de membros, enquanto os socialistas são os primeiros e os democratas-cristãos do PPE e os conservadores respectivamente o segundo e terceiro maiores grupos representados - somando em conjunto, como aconteceu em recente reunião em Lisboa, mais do que os socialistas: 180 deputados. Para além disso, as campanhas para as eleições europeias tenderão a ter um crescente número de factores e bandeiras comuns em toda a Europa, embora as de cada grupo político não estejam ainda unificadas. O Parlamento Europeu e os órgãos comunitários são, no entanto, as únicas entidades onde estas forças partidárias europeias verdadeiramente jogam.

Julgo que é do interesse nacional que o eleitorado português esteja mais representado nos maiores grupos políticos europeus. É simultaneamente um modo de dispor de melhores acessos à informação necessária e à decisão comunitária. As forças partidárias de localização puramente nacional não dispõem do mesmo acesso e desperdiçam assim um canal que jogará cada vez mais o seu peso - o canal dos partidos europeus. Quanto ao Partido Radical Transnacional, a história é outra. É uma proposta mais «radical» em todo o sentido e, por isso, quase só é simbólica.

Deus, amor e morte

«DL» - *A Europa, coração do Ocidente, tem valores muito próprios, não? Como em Rougemont: «L'amour et l'Occident», «La mort et l'Occident»...*

L. P. - É aí que eu julgo que a cultura ocidental não terá mudado tanto nem estará tão em crise como se diz. O amor e a morte no Ocidente e na Europa



«O século XXI será espiritual ou não será»

ainda são em grande parte os mesmos. Não se vê, de facto, que a singularidade e o dramatismo de ambos tenham desaparecido e até, provavelmente, a exaltação da individualidade que lhes está na origem terá sido um pouco mais exportado para outras culturas e continentes. É claro que, entretanto, se falou da «morte do Homem», da «morte de Deus» e da «morte do Amor» em todos os tons (estruturalistas, existencialistas, nihilistas) e a obsessão da «morte» começou a pairar sobre a própria cultura europeia e ocidental no seu conjunto. Mas os piores tempos já lá vão e, como diria Malraux, «o século XXI será espiritual ou não será...». Deus, o Homem e o Amor estão de volta. A capa do último «Le Nouvel Observateur» e uma longa reportagem no seu interior voltam a reconhecer Deus no

princípio do Universo, como se fôra uma «nova» surpresa. O Homem e o Amor esses têm cada vez mais direitos e fazem cada vez mais prodígios... A permanência de todos eles é afinal crescente.

«DL» - Até que ponto está presente na Europa a cultura judaica?

L. C. - Um aspecto útil da sua interrogação é o de saber o que vale a contraposição entre cultura indo-europeia (dita originária da Europa) e a cultura judaico-cristã, que representa como que um «novo testamento» da cultura europeia - a primeira pagã e imanentista, a segunda transcendental e monista do ponto de vista religioso. Afinal, talvez as duas continuem presentes, ainda que uma apenas mais sub-repticiamente do que a outra. O que me parece indiscutível, no entanto, é que o cristianismo se tornou «a religião da Europa» e a

cultura laicista que a desafia é mais uma crítica do que um desafio. Curiosamente, aliás, muitos valores cristãos foram laicizados e na própria tensão da IGUALDADE pode ver-se ainda uma reconversão da ideia da igualdade religiosa dos Homens perante um Deus uno. Tal cultura cristã está pois por toda a parte e mesmo no interior da cidadela adversa ou crítica.

A Humanidade em causa

«DL» - A sentença de morte a Salman Rushdie por Khomeini, condenando indirectamente editores, organizadores e investidores de cultura, não atinge no fundo a própria organização da sociedade?

L. C. - Sim, tem razão. Nunca foi tão real, o princípio de que é toda a Humanidade que está em

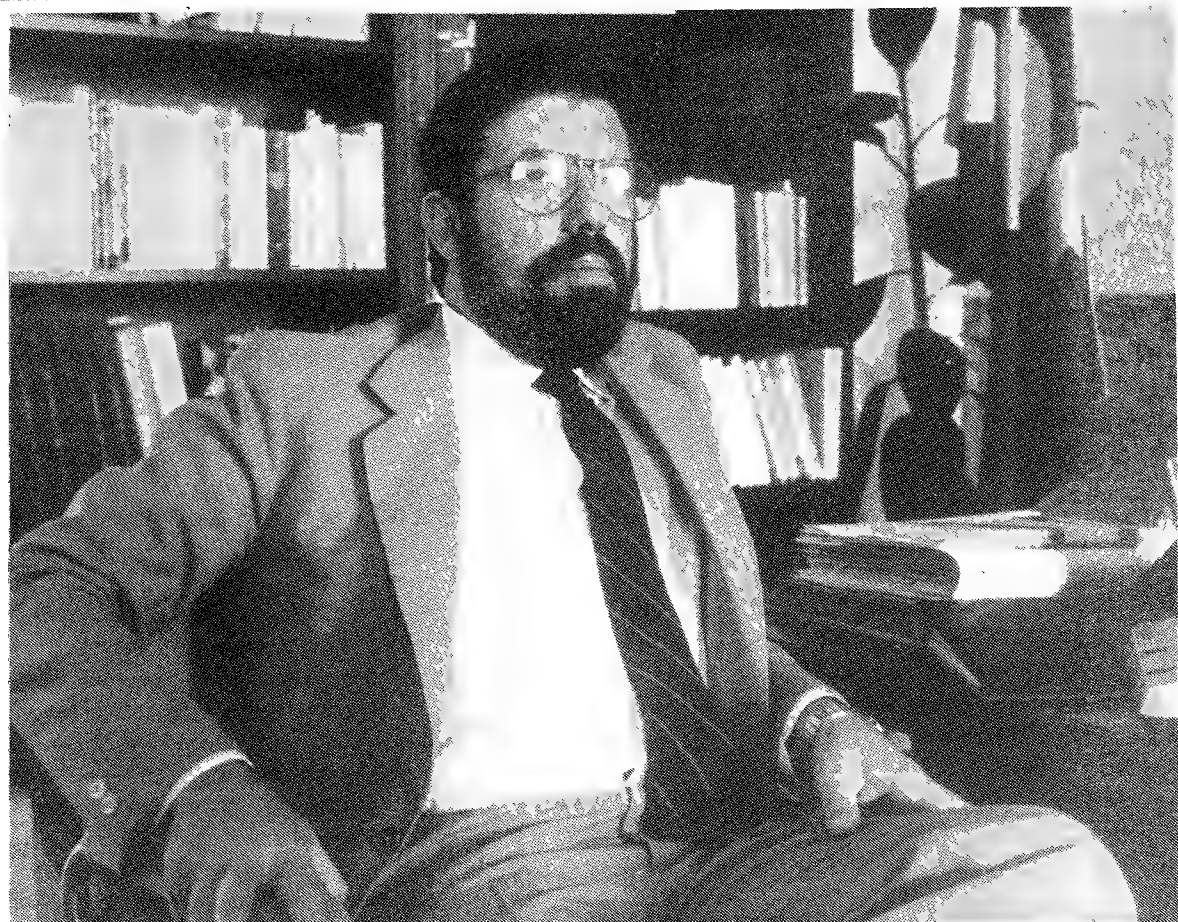
MOD. CLÁSSICO

Fabricado com as melhores matérias primas, e a mais avançada técnica

Bilhar adequado para casas particulares e casinos

Medidas da pista de jogo < 2,20x110 > mts c/4 pés
2,85x142 > mts c/6 pés

BILHARES CARRINHO
Apt. 3 Telef. (034) 741267/742583
Avelãs de Caminho - 3780 ANADIA - PORTUGAL



«Não há espírito sem dualidade»

L. P. - Noto as fracas representações dos países de Leste, dos países árabes, do Terceiro Mundo e dos não-europeus em geral. A estatística fala por si sobre o papel da Europa e dos europeus, na defesa das liberdades de expressão e criação.

«DL» - Os «Versículos Satânicos» foram cá escritos e cá publicados. Uma vez mais e no presente imediato somos o «espírito»...

L. P. - Não apenas o «espírito». Eu diria que, também, a «crítica». Não há «espírito» sem dualidade dialéctica, sem contraste, sem alternativas, sem renovação. A crítica é, pois, também uma possibilidade essencial no movimento da turbulenta cultura europeia e ocidental. Não é uma função perversa, mas natural.

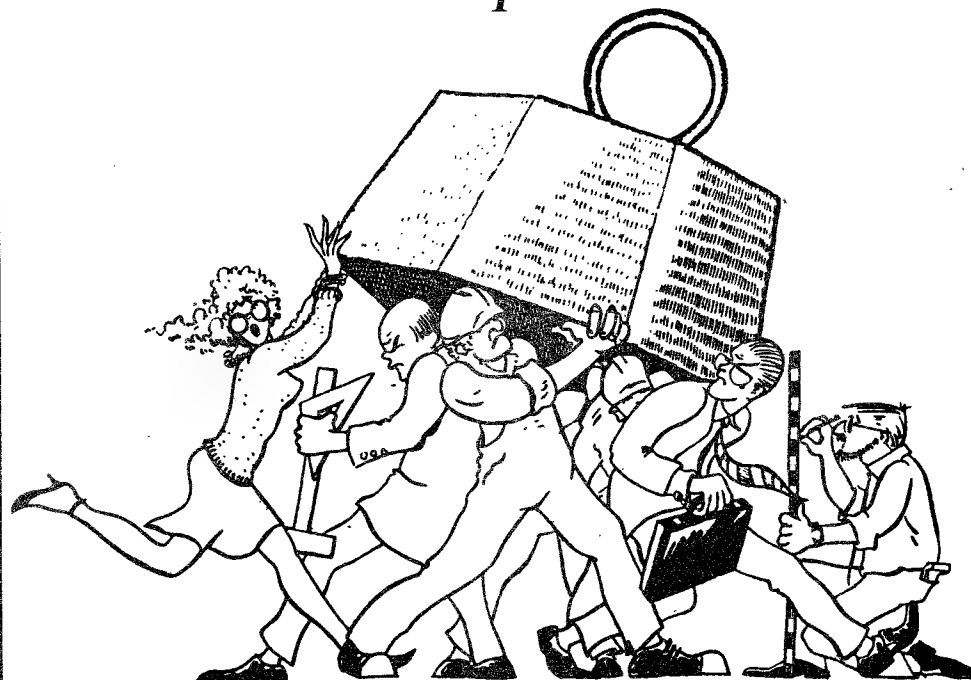
A mensagem é o Homem

«DL» - O Mercado Único das indústrias culturais... A proliferação da Imprensa e do negócio da edição, há 600 anos, não produziu uma esterilizante massificação da cultura. Como será com as indústrias da cultura? A Renascença foi acusada de matar a «identidade cultural europeia» da Idade Média...

L. P. - De facto, Guttenberg ajudou à multiplicação da criação literária mais do que qualquer criador... Questão é que as indústrias da cultura sejam um meio e não se confundam com a própria cultura. É que, ao contrário do que diz MacLuhan, a mensagem não deve ser o «meio». A mensagem é o Homem...

«DL» - É uma expressão do dr.

o problema da sua empresa
é... o peso!



CONFIE-NOS ESSE PROBLEMA. PESAMOS TUDO.
ATÉ AS NOSSAS PALAVRAS

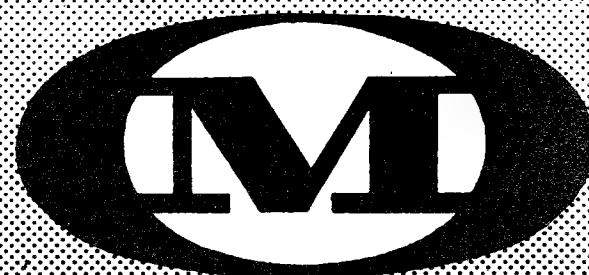
O PESO É A NOSSA PROFISSÃO

FABRICAMOS BALANÇAS, BÁSCULAS, BÁSCULAS-PONTE,
BÁSCULAS ENSACADORAS E DOSIFICADORAS,
INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS DE PESAGEM



EQUIPAMENTOS PARA PESAGEM, MECÂNICOS E ELECTRÓNICOS

TELEX 32125 CAXPUZ P. • TEL. 73604 APARTADO 12 • 4701 BRAGA CODEX



OSCAR
MOBILIÁRIO

ÓSCAR & CA., LDA.

FÁBRICA • BARBELÃES • FRAZÃO

☎ 96 34 90

4590 — PAÇOS DE FERREIRA



O ÓSCAR EM MOBILIÁRIO

«Portugal sentirá a positiva emulação da concorrência cultural»

ropeia como «cultura de culturas»...

L. P. - O pluralismo é PARADIGMÁTICO na cultura europeia. A história bélica do continente é uma das revelações do espírito de guerra e revolução cultural permanente que marcou a história das suas contradições.

Estou de acordo, pois, com a expressão «cultura de culturas», embora concedesse à Europa, também, para sublinhar o seu dinamismo criador, o epíteto de «mãe de culturas».

Fenómenos

«DL» - Os Verdes, a ecologia, o ambiente. Para além do pragmatismo de serem uma gestão dos bens da Natureza, da nossa base animal, vegetal, mineral e gasosa de vida, são também uma filosofia, um pensamento, um estilo, um elemento de CULTURA. Como lhe vê o próximo futuro, tendo em conta a inauguração do Mercado Único?

L. P. - A ecologia está na ordem do dia, de facto. É preciso não só respeitar a Natureza como encarar a solidariedade com a Criação, com toda a Criação, como uma forma de solidariedade dos homens e respeito destes por si próprios.

Questão é saber se a cultura ecologista é apenas uma crítica da cultura dominante (com função correctiva) ou uma nova cultura de substituição. Parece-me claro que funciona sobretudo na primeira onda, embora ganhando uma crescente importância.

«DL» - Os extremismos de direita e os fundamentalismos que têm crescido na Europa constituem fenómenos culturais que importa interrogar. Como prevê a sua evolução face a 1993?

L. P. - O aumento da competição e ao mesmo tempo do pluralismo e da abertura europeia está já a provocar, efectivamente, reacções extremistas. Digamos que a HETEROFILIA se está a transformar em HETEROFOBIA. É o

que o relativo sucesso do Partido Republicano Alemão (em Frankfurt e Berlim) ou a proposta do sr. Le Pen em França revelam. Mas não me parece que haja qualquer crise ou ameaça sobre a legitimidade política e económica definidas pela democracia e pelo mercado.

Haverá é que assegurar ao mesmo tempo condições de justiça e dignidade, face à inevitável explosão de contradições, fusões e concorrência que se irão verificar. Só assim se evitarão os radicalismos em perspectiva.

Portugal sentirá

«DL» - É pequena e continuará a ser pequena em 1993 a capacidade de resistência das nossas indústrias às suas congéneres europeias. Que acontecerá à nossa indústria cultural, perante a liberdade de circulação de pessoas e bens? Resistirão as nossas galerias de arte, os antiquários, as editoras? Serão à prova de fogo as nossas medidas de protecção do património?

L. P. - A verdade é que Portugal sentirá a positiva emulação da concorrência cultural. De resto, nunca exportámos tanta literatura como hoje na Europa. Veja-se o número de traduções e os verdadeiros fenómenos de moda e popularidade de alguns autores portugueses em vários países da Comunidade. Além disso, pelas nossas condições históricas, geográficas e sociais, podemos ser uma grande estação de criadores europeus. Com 300 dias de sol por ano, podemos igualmente ser o melhor estúdio europeu. É só um exemplo. É pena, aliás, que ainda não tenhamos podido transformar a comemoração dos Descobrimentos em algo de internacionalmente relevante e visível. No entanto, a nossa cultura sempre precisou de abertura e contraste e só ganhará com elas.

«DL» - A Nova Europa nascerá mais depressa do alargamento económico ou do alargamento cultural, será mais promovida pelo contágio que os eurocratas conseguem, «malgré eux», ou pela vontade e pela acção dos políticos?

L. P. - O que se sabe é que para já a Europa económica vai à frente da cultural e que, ainda por cima, é a Europa financeira que faz de locomotiva à económica. A Europa cultural está, porém, a ganhar crescente espaço e o alerta recente, como o de Alain Minc, ao pedir uma educação e uma TV europeias para 1992, tiveram grande eco. O Mercado Único será também um grande sistema de informação e não apenas de trocas comerciais ou industriais. O seu dinamismo contaminará, inevitavelmente, todas as formas de criação artística.

De resto, a acção cultural comunitária, mais do que qualquer outra, só deve ser subsidiária e compensatória, sobretudo fornecendo os meios e as oportunidades de que carecem as entidades em desvantagem. A nível nacional é que esses meios, por sua vez, devem ser exigidos, programados e aproveitados até aos limites, em todos os campos.

O desafio da Europa como tal, esse terá predominantemente a ver com a nova competição na área do audiovisual em todo o mundo. Além disso servirá de espetadora de acções de coordenação e cooperação.

Movimentos

«DL» - Crê que as necessidades das indústrias da cultura europeia, dimensionadas por um mercado de 320 milhões, obrigam os industriais a aproveitarem os filões que são as culturas minoritárias, regionais, até agora meio ignoradas?

L. P. - Julgo que sim. Nunca se fez tanto pelas línguas e culturas regionais. Aliás, os novos meios audiovisuais oferecem possibilidades de defesa e afirmação acrescidas a tais culturas. A expansão da cultura europeia trará consigo, inclusivamente, dois movimentos de sentido inverso mas coordenado: um no sentido da maior universalização, o outro no da maior regionalização.

«DL» - É possível prever algum hibridismo na futura cultura europeia... A informatização irá, por exemplo, multiplicar prodigiosamente a capacidade de mistura, combinação e síntese dos núcleos e átomos que formam o corpo, até agora relativamente integrado, da Europa cultural...

L. P. - A afirmação do particular, do singular e do novo terá, também, mais oportunidades. As sínteses serão mais amplas mas mais diversificadas. A cultura europeia é uma cultura de movimento e diferença. Criação para ela é, também, criar diferença, e as perspectivas disso mesmo parecem ainda maiores no futuro.

«DL» - O que pensa: irá Portugal sobreviver, culturalmente, em similitude com a Europa ou pela afirmação da sua diferença?

L. P. - Sou optimista a esse respeito e julgo que é pela afirmação da nossa diferença que ganharemos a aposta. A diferença está naquilo que temos para oferecer e contrapor à Europa. Teremos é que ter mais audácia. Por exemplo: se o pastel de bacalhau fosse italiano, provavelmente já seria mais popular na Europa... Teremos, também, de marcar mais a nossa autoria, seja na moda ou na indústria. Quando se fala de QUALIDADE quer-se justamente falar da exigência de diferenciação e qualificação «cultural» dos nossos produtos. Em similitude com a Europa, por outro lado, precisamos de formação e meios técnicos adequados. ■



«Temos de estimular o desenvolvimento de editoras capazes»

continuação da pág. 65

Outra coisa: a Europa constrói-se contra os nacionalismos. Com a Primeira Grande Guerra foi o nacionalismo alemão, depois o nacionalismo fascista italiano, o nacionalismo nazi, o salazarismo em Portugal e o nacionalismo franquista. Jean Monnet entendeu a construção europeia como uma luta contra os nacionalismos.

«DL» - Nós não temos...

J. A. S. - Só para terminar. Admitindo que fazemos parte de um espaço mais largo e que há liberdade de circulação, como vamos nós defender a cultura portuguesa no sentido patriótico e as culturas regionais portuguesas? Como iremos consolidar a nossa posição? Tentamos, aqui em Portugal, remar contra a maré. O problema da dança, que é um dos que conheço melhor, pode hoje ser encarado nesta nova perspectiva: há o Erasmus, um projecto europeu que implica a existência de programas comuns de estudo. Pois devo dizer que já está a ser negociado um programa de estudos para a dança que permitirá, por exemplo, respeitar as danças portuguesas como as danças gregas ou de outros países e amanhã a dança clássica, que é mais ou menos comum. Mas o problema que se põe é este: como é que vamos estimular o aparecimento de uma dança portuguesa que preserve tradições das danças populares e ao mesmo tempo esteja dentro das correntes estéticas modernas da dança? Temos de fazer um grande esforço para negociar, entre os projectos que existem, as condições da participação portuguesa.

O mesmo dilema apresenta-se aos gregos, que têm, como sabem, um peso civilizacional enorme embora culturalmente estejam numa posição difícil. É aí que entra a acção cultural: se não formarmos os dançarinos, não formarmos os músicos, não formarmos os cineastas é evidente que não poderemos desempenhar a nossa própria potencialidade de criadores. Já temos o Manoel de Oliveira no cinema, a Vieira da Silva na pintura.

Sejamos um pouco não direi modestos nem orgulhosos mas razoáveis: existem criadores portugueses de cultura com êxito internacional. É preciso desenvolver essa dinâmica, para que não nos

No decorrer da Mesa Redonda, o dr. António Hespanha deu-me, sem o suspeitar, o mote para as variações que se seguem.

Disse ele: «A cultura europeia não é bem isto que eu vou dizer mas... ser europeu passa também por ser pontual, por conduzir bem e não sei que mais. E nós não somos nada disto.»

Pois não! E eu que o diga, que o diga sobretudo a minha costela de estrangeirado. Segue-se a lista das minhas queixas, que podem ser naturalmente convertidas em Cartilha do Europortuguês...

- 1) fechar as portas que se abram;
- 2) limpar os pés nos capachos;
- 3) não deixar, nos restaurantes, desarrumadas e afastadas das mesas as cadeiras que foram por nós utilizadas;
- 4) não meter o dedo no nariz, com o ar pensativo e o modo demorado de quem medita sobre a relação profunda entre a sua alma e o seu corpo;
- 5) perder a obsessão subdesenvolvida de só ter férias no Verão;

A CARTILHA DO EUROPORTUGUÊS

6) usar o «Obrigado» mais frequentemente e com melhor articulação. A rosnadela indistinta não substitui;

7) nos dias de chuva não pensar que o nosso chapéu de chuva tem prioridade absoluta sobre todos os outros;

8) ser pontual e não usar a estafada justificação: «Desculpe-me o atraso mas foi-me impossível...». Mentira. Não era nada impossível chegar a horas, convenhamos.

9) não exigir ao telefone que se identifique quem fala do outro lado antes de nós nos identificarmos;

10) atravessar as ruas só nas passagens de peões e só quando para estes luz o verde;

11) usar o piaçaba nas retretes depois de...; não deitar para o chão os toalhetes de papel ao enxugar as mãos; quem fuma pedir insistentemente cinzeiros; falar em voz baixa nos lugares públicos; ser bem

educado com os gravadores de chamadas, nos telefones...

12) nas reuniões de trabalho não falar das histórias da avó, não desenvolver os meandros de uma personalíssima filosofia de vida, nem partir do princípio de que os outros são parvos, gastando vinte minutos a explicar o que obviamente fundamenta o que se quer propor e muito menos ainda repetir, em seguida, sete vezes o que já se propôs;

13) não levar filhos de dois ou três anos para as festas públicas dos adultos;

14) no táxi, não abrir a janela do lado direito, atrás, sem primeiro perguntar ao motorista se isso o incomoda (a abertura pode gerar correntes de ar más para o condutor);

15) reconhecer os erros que se cometam sem logo lhe acrescentar dramática e longa lista de atenuantes e justificações;

16) não exceder os limites democraticamente aceites para a corrupção...

P. D.

submetamos à fatalidade de termos que ser consumidores de cultura e para que estimulemos a exportação criativa, no sentido próprio do termo.

A questão dos médicos

«DL» - *Aí intervém precisamente o problema dos meios e o problema dos meios passa por um outro, como no caso do Erasmus, o do aproveitamento dos apoios comunitários. Creio que o dr. António Hespanha tem algo a dizer sobre o assunto...*

A. H. - Queria antes disso comentar as últimas considerações que foram feitas, e que me parecem muito justas, pelo embaixador Seabra... Bom, a questão dos músicos ou dos bailarinos é a questão dos médicos, é a questão de tudo. Parece-me que reforça o ponto de vista que há bocado quis expressar. Que seja inevitável haver uma internacionalização do Mercado da Cultura isso é com a Europa e com o Mercado Comum ou sem o Mercado Comum. Quando se importa um frigorífico, uma máquina de lavar, com eles vem logo uma cultura diferente. E havendo Mercado Comum económico é evidente que o simples facto contrabandeia imediatamente novas atitudes perante a vida e logo novos elementos culturais. Por outro lado, a internacionalização dos meios de comunicação tornam inevitável... Hoje não se pode ter uma política proteccionista na cultura porque basta ligar para o canal X para imediatamente receber não sei o quê vindo não sei de onde... Bom... De alguma maneira isso é inevitável e nesta posição estamos em confronto desigual com os meios culturais dos outros países europeus. Vejamos: o que é que isto da criação do Mercado Único cultural europeu tem a mais do que uma internacionalização forçosa, que já existe e que existiria de qualquer maneira? Tem, a meu ver, a esperança de a existência e formalização por meios políticos e jurídicos de um tal mercado único comportar uma racionalização desse mesmo mercado, com o estabelecimento de certas regras do jogo que sejam justamente contrárias à internacionalização selvagem.

A Europa pode incentivar ainda mais a internacionalização dos



«Do ponto de vista cultural somos dos mais europeus»

meios culturais? Muito bem. Mas devo dizer que não estou neste ponto totalmente de acordo com o embaixador José Augusto Seabra. Creio que não cabe só a nós defender a cultura portuguesa. Porque para isso não precisávamos de estar na Europa, isso sempre faríamos. O sentido positivo da nossa entrada para este mercado racionalizado e regulado dos meios culturais é, através dos seus elementos mais poderosos, sermos ajudados nessa tarefa...

Concorrências

J. A. S. - É por isso exactamente que eu disse que a Europa pode organizar-se para fazer face, por exemplo, à concorrência da televisão. Mas mais. Mesmo no plano interno defendo - e não sou só eu - que deve haver uma alta autoridade no domínio do audiovisual. Porque não é apenas um problema de controlo, é o problema de defender a qualidade, de defender regras, regras que sejam re-

almente iguais para todos...

A. H. - Eu não pretendi ser tão radicalmente anti-americano como o senhor embaixador...

J. A. S. - Não. Não se trata disso...

A. H. - ...há produções muito boas que são americanas...

J. A. S. - ... eu não sou anti-americano, pelo contrário... até penso que a cultura europeia...

A. H. - ... até gosto mais de algumas das produções americanas do que de algumas europeias...

J. A. S. - ... até penso que a cultura europeia é em grande parte realizada na América. Como sabe os Direitos do Homem tiveram na Revolução e na Imprensa americanas um grande papel e muitos aspectos da cultura europeia estão... aliás no seu aspecto mais protestante do que católico... mas agora nós temos na América os espanhóis e os portugueses. Bom, eu penso que pode haver alguns instrumentos de defesa da igual-



CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

CELEBRAÇÕES DO XV ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL NO CONCELHO DE ODEMIRA

- Dia 1 de Abril — «Um abraço de Amigos» — Confraternização entre autarcas, técnicos e outras entidades que, duma forma ou doutra, têm contribuído para o desenvolvimento do concelho de Odemira.
- Dia 11 de Abril — Lançamento da edição da Câmara Municipal de Odemira do livro «Odemira — SUBSÍDIO PARA UMA MONOGRAFIA», do dr. António Quaresma Martins, às 20.30 horas, em Odemira.
- Dia 15 de Abril — Prova de ciclismo para amadores
Encontro de grupos de teatro do concelho
- Dia 16 de Abril — Banda da Filarmónica de Moura, a partir das 9 horas, com percurso pela vila.
— Banda de Filarmónica de Silves e de Aljustrel, com percurso pelas freguesias
— X Circuito de Atletismo «Vila de Odemira»
— Passagem de Modelos — Organização da Associação de Comerciantes de Odemira.
- Dia 17 de Abril — Desfile nas ruas da vila pelos alunos das escolas primárias e infantários, a partir das 10.30 horas.

Semana de Cinema:

- 17/4 — «A Cor Púrpura», às 21.30 horas
18/4 — «A Balada da Praia dos Cães», às 21.30 horas
19/4 — «Quem Tramou Roger Rabbit», 2 sessões: 15 h. e 21.30 horas
20/4 — «Atracção Fatal», às 21.30 horas
21/4 — «Bom Dia Vietnam», às 21.30 horas
22/4 — «Bird — O Fim do Sonho», às 21.30 horas
23/4 — «O Conto Americano» (infantil), às 10.30 horas

Dias 19 e 20 — Pintura e modelagem pelos alunos das escolas primárias, jardins de infância e Infântario de Nossa Senhora da Piedade.

Dia 21/4 — «Corrida de Triciclos», com «I Grande Prémio da Liberdade em Triciclos», Organização da Associação de Estudantes da Escola Secundária de Odemira.
— «I Estafeta da Liberdade».

— Actividades desportivas, culturais e recreativas na comunidade onde a escola se insere.

Dia 22/4 — Concurso de Pesca no Mar — início às 7 horas, organização da secção de pesca do SC Odemirense.
— Demonstração de Karaté Shotokan e demonstração de ginástica infantil, início às 10.30 horas, em Odemira.
— Grupos corais de Odemira, Milfontes, Barrancos, Castro Verde e Rancho Folclórico de Viseu — início às 17.30 horas.
— BAILE, a partir das 0 horas, com o conjunto «Semi-Breve».

Dias 22 e 23 — II TORNEIO DE XADREZ PEDRO DAMIÃO

Dias 22, 23, 24 e 25 — II Mostra de Filatelia e Coleccionismo do Núcleo Desportivo e Cultural de Odemira.

Dia 23/4 — Prova de canoagem/Clube Fluvial Odemirense, início às 16 horas.

— Concertos: Fausto, UHF e Brigada Victor Jara.

Dia 24/4 — Volta ao Algarve em Bicicleta — final da etapa Vale de Lobo — Odemira, às 18 horas.

— Festival Pirotécnico — à noite.

— Baile com o conjunto «Europa».

Dia 25/4 — Mercado da Reforma Agrária — 9 horas.

— Fanfarra da Lousã — às 10 horas.

— Exposição Columbófila.

— Ranchos da Casa do Povo de Pegos/Abrantes, Passos de Felgueiras/Viseu e Rancho Etnográfico da Areosa/Viana do Castelo. Início às 14 h.

— Cornício às 16 horas.

— Concertos: Heróis do Mar, José Mário Branco, Delfins e Carlos do Carmo.

8/Maio — Entrega de prémios do concurso literário «Abril em Odemira», às 11 horas, na Câmara Municipal.



VISITAS
GUIADAS

O Forum Picoas, os CTT e TLP
apresentam Cinco Séculos de
Comunicação em Portugal.

Visite a exposição, até 8 de Abril.

Os Correios e as Telecomunicações de Portugal



Cinco Séculos de Comunicação

«É na relação com o Outro que mostramos o que somos»

←
dade de oportunidades, como este que seria a criação de uma alta autoridade no domínio do audiovisual, isto para estabelecer regras mínimas de qualidade, regras que poderiam inclusivamente decorrer de acordos. Não quer dizer que fossem necessariamente resultado de um voto no Parlamento Europeu ou de uma decisão da Comissão, para não falar já do Conselho de Ministros, onde poderão surgir divergências já que há concorrência neste domínio. Mas, de facto, pode-se caminhar para instrumentos desse tipo. Só que nenhum desses instrumentos deverá ser limitativo nem da liberdade de circulação de pessoas e de bens nem do direito de estabelecimento.

E no caso do livro, por exemplo - eu tenho alertado para isso - vamos ter editores estrangeiros

em Portugal. Vamos ter editores alemães, franceses... E vamos ter tradutores estrangeiros... Mas afinal o que podemos criticar?

Que não exista uma boa política do livro entre nós para estimular as edições, e que não haja uma formação dos tradutores. Se o editor estrangeiro traz consigo o direito de autor, se ainda por cima traz o tradutor, implanta-se aqui e dispõe de mão-de-obra barata mesmo que não traga a tipografia... pois evidentemente que ele dispõe de todos os elementos.

Mas se fizermos um esforço no sentido de preparar tradutores, se tivermos mais tipografias especializadas... Eu conheço uma no Porto que está a fazer composição tipográfica para muitos países europeus.



→ «Há uma relação irrequieta entre Portugal e a Europa»



ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS LISBONENSES

65 ANOS NA DEFESA DE UMA HABITAÇÃO DIGNA

Somos o elo associativo entre os inquilinos, hóspedes, sublocatários e condóminos. Existimos para analisar, esclarecer e denunciar os problemas que afectam os cidadãos na sua condição de locatários ou simples moradores.

LISBOA • ALMADA • BARREIRO • AMADORA

• INFORMAÇÃO

- Directa
- Através de Jornal Mensal

• CONSULTA DIÁRIA

• APOIO JURÍDICO E TÉCNICO PERMANENTE

- Inquilinos
- Sublocatários
- Condóminos

INSCREVA-SE

- Quota mensal Esc.: 130\$00

ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS LISBONENSES • Av. Almirante Reis, 12 • 1100 LISBOA • Tel.: 54 60 30
Metro: Intendente Eléctricos: 3, 17, 19, 28 Autocarros: 7, 8, 40

não é por acaso...

Por detrás das paredes de um contentor, há carga. Da mais prosaica a mais sofisticada. Desde uma rotativa a papel de jornal, passando, até, por um bolo de aniversário. Contentor. Parece quase um senhor! Contento de ser contentor, por conter a «carga» da nossa presença, hoje.

S.A. SERVIÇO PORTUGUÊS DE CONTENTORES S.A.

Ao serviço dos serviços que oferecemos.



SEDE: Rua Gonçalo Mendes da Maia - Cabo Ruivo - 1800 LISBOA
Telefs. 8595334 - 8596150 - 8595619 - Telex 16444 TAINERP - Teleg. POLYTAINER - Fax (01) 8596911

68 anos

TEREZA GOUVEIA



***TEMOS CAPACIDADE
PARA COMPETIR***

A figura de Tereza Gouveia, secretária de Estado da Cultura na Administração de Cavaco Silva, é indiscutivelmente simpática, e das pouquíssimas salvaguardas num Executivo que cada vez mais conhece o descrédito. É verdade que a responsável pela cultura portuguesa não é uma «política», pelo menos com a imagem que nos dá uma Leonor Beleza. Também é verdade que a cadeira que ocupa a abriga dos olhares do grande público, habitualmente alheado das coisas da cultura. Seja como for, Tereza Gouveia é o retrato sorridente de um Governo confrontado com uma baixa de sins no eleitorado, segundo o que as sondagens indicam. A Secretária de Estado que dirige também tem os seus detractores, é evidente, e as declarações que prestou ao «DL» em vésperas do Mercado Único de 1993 são explícitas das hesitações e das imprevisibilidades de um País que ainda não se preparou devidamente para o derrube das fronteiras na Europa. Como sempre, Tereza Gouveia é bem intencionada, mas está por esclarecer que força teremos na hora da verdade. É como segue...

Rui Eduardo Paes



«Creio que assistimos a uma emergência do que é particular»

«DL» - Gostaria de saber como a senhora secretária de Estado perspectiva em termos políticos a posição cultural do País face ao Mercado Único de 1993...

Tereza Gouveia - Bem... Veja que o próprio Tratado de Roma e o Acto Único determinam o enquadramento da intervenção da Comunidade no plano económico, social e político mas não fazem nenhuma referência às suas atribuições em matéria de cultura, levando a que ao nível comunitário exista alguma timidez. A própria visão da intervenção dos Estados na política cultural em cada país e iropeu é muito distinta. Vamos de posições tão extremas como a da França, em que um Ministério da Cultura conduz uma política estatal extremamente activa, até a uma República Federal da Alemanha, onde não há administração central mas uma organização por «lander», ou à Grã-Bretanha, com o Estado a não querer deliberadamente interferir nessas matérias, delegando nos «arts councils».

Concorrência entre regiões...

E temos a Espanha, que embora assumindo uma política cultural a nível central, utiliza-a como instrumento de unificação interna e como elemento de projecção internacional, sem deixar também de revelar as autonomias crescentes. Sendo assim, eu vejo as políticas culturais para 1993 mais numa situação de concorrência, no sentido positivo da palavra, e penso que para além das iniciativas conjuntas em vários planos, como o fiscal, o audiovisual ou o do livro, encarár-se-ão naturalmente medidas de apoio à produção cultural dos doze países.

É evidente que se me perguntar o que será a Europa cultural do futuro eu dir-lhe-ei que ela será cada vez mais a Europa das regiões e das minorias culturais. O conceito de uma cultura europeia parece-me completamente abstracto. Não existe. Existem isso sim os regionalismos, e culturalmente esta Europa será cada vez mais a Europa dos alsacianos ou dos bávaros, mais do que uma

OLIVEIRA & LEAL, LD.^a

Móveis em todos os estilos
Estofos — veludo e pele
Mobiliário em nogueira e pinho
Grande variedade em mobílias de quarto e salas de jantar
Luís XVI Estilo Romano e Séc. XVII
Sortido variado em peças soltas
Mobiliário por medida
Colchões por medida

Entregas em qualquer ponto do País.

Rua da Rosa, 73-81-158-160 A

(Ao Bairro Alto ao lado do «DL»)

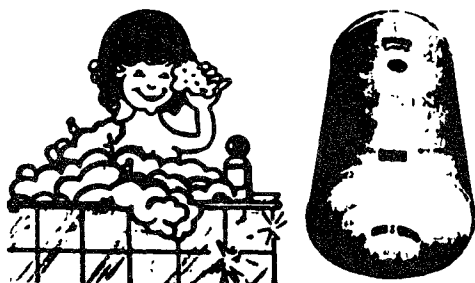
COOPERATIVA AGRÍCOLA DO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ

AO SERVIÇO DA LAVOURA DO CONCELHO

- ADUBOS
- PESTICIDAS
- HERBICIDAS
- SEMENTES
- RAÇÕES
- MAQUINARIA AGRÍCOLA

SEDE:
RUA DA REPÚBLICA, 28
TELEFS. 24926 - 22902

3080 FIGUEIRA DA FOZ



TERMOACUMULADORES ELÉCTRICOS EM COBRE

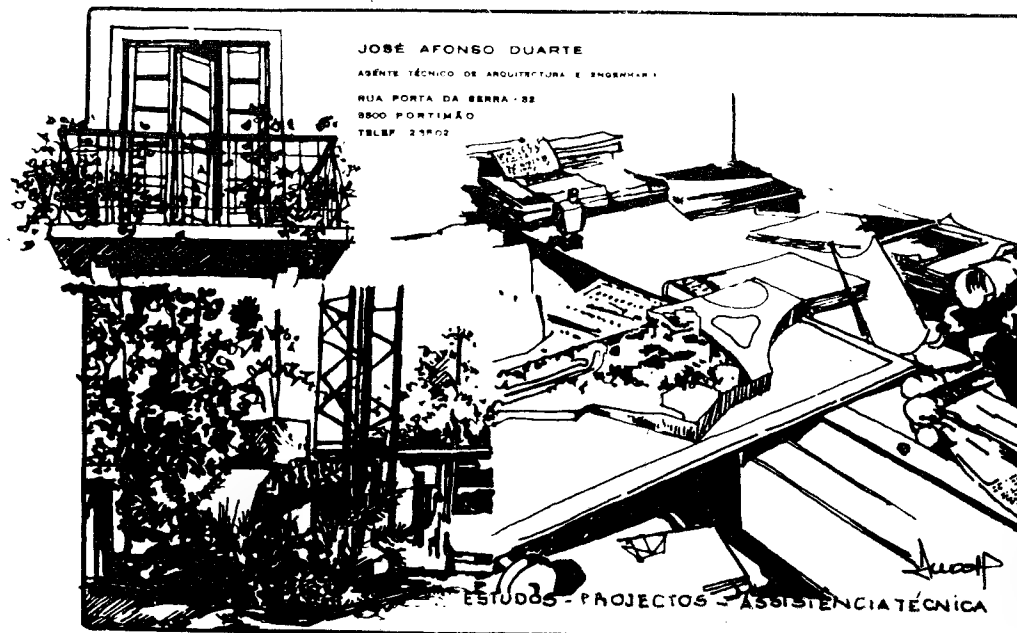
(COM TRIPLO SISTEMA DE SEGURANÇA)

- Válvula de segurança de descarga manual
- Térmico com alarmes luminoso e sonoro
- Qualquer capacidade e potência
- Montagem e assistência técnica especializada

AV. D. AFONSO HENRIQUES, 74-A

2830 BARREIRO

☎ 205 69 39



JOSÉ AFONSO DUARTE
ARQUITECTO TÉCNICO DE ARQUITECTURA E ENGENHARIA
RUA PORTA DA SERRA - 22
8500 PORTIMÃO
TELEF. 21902

COOPERATIVA DE CONSUMO 3 DE MARÇO UNIÃO PIENSE, C.R.L.

MERCEARIAS, CARNES, FAZENDAS
ELECTRODOMÉSTICOS E MOBÍLIAS

Rua da Cooperativa, 4 — Telef. 55170 - 7855 PIAS



LUSOALIMENTOS

SOC. COMERCIAL DE PRODUTOS
ALIMENTARES, LDA.

Rua 9, Moinhos da Funcheira,
Serra da Mina — Telef.: 4948785/723174
AMADORA 2700

ARMAZENISTA
DE TODA A GAMA
DE PRODUTOS ALIMENTARES,
BELEZA, HIGIENE E LIMPEZA

CASH & CARRY

PROMOÇÕES CONSTANTES
A BAIXOS PREÇOS

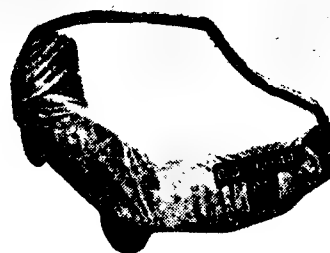
VISITE-NOS AINDA HOJE



PAPELARIA • LIVRARIA
TABACARIA • AGÊNCIA • JORNAIS
REVISTAS • ARTESANATO

Tel. 4 21 13

MONTE GORDO



COBERTURAS PARA AUTOMÓVEIS

TODAS AS MARCAS E MODELOS
ENTREGA IMEDIATA

- Peça amostras e preços
enviamos para todo o país

Joaquim Ezequiel, Lda

Tel. 208 06 13 (rede de Lisboa) Vila Nogueira

2925 AZEITÃO

Apoiados o C. C.
Tavira
Bom-pellico



À procura de melhores condições para a criação

Europa de culturas de Estados, contíguas às fronteiras políticas. Creio que assistimos a uma emergência do que é particular...

«DL» - *Mas diga-me: havendo uma maior permeabilidade do nosso país às indústrias culturais francesas, alemãs, etc., naturalmente mais fortes do que as nossas, como se poderá conjugar o impacto que aí vem com essa «tendência» para a regionalização cultural? As consequências não poderão ser negativas?*

T. G. - Tome o exemplo do audiovisual: estamos actualmente a proceder a um estudo cujas conclusões serão com certeza suficientes para podermos avaliar a necessidade de rever a legislação de apoio ao cinema, tendo em vista o quadro jurídico comunitário. A questão dos apoios do Estado às actividades económicas põe-se - ela foi já levantada na Comunidade, pela Dinamarca - e estou convencida que essa revisão torna-se mesmo imprescindível. Para além disso temos tentado estabelecer contactos, mediante a assinatura de acordos de co-produção com outros

países, nomeadamente de co-produção cinematográfica, e nos últimos dois anos e meio conseguimos já com a França, a Alemanha Federal e a Espanha no quadro europeu, mas também com o Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Angola.

Isolados não temos recursos

Julgo que isto é importante: resulta óbvio que Portugal teria isoladamente poucos recursos para enfrentar os grandes produtores, mas se alargar o seu mercado, e estes acordos são um instrumento que permitirá tal cenário, para além de um factor de captação de investimentos, então estou crente que o País poderá munir-se de alguns recursos suplementares para participar nessa «batalha» de produção que se desenha.

«DL» - *Embora nunca em termos de igualdade...*

T. G. - Seria difícil em termos de igualdade, mas penso que realisticamente é o que está ao nosso alcance. Há que contar também com a participação activa noutros projectos europeus, como seja um

surgido no âmbito do Conselho da Europa, o Euro-Image, que é em poucas palavras um fundo de apoio à produção audiovisual, subscrito por doze países que não coincidem com a totalidade dos comunitários: Portugal foi co-fundador, o que tem um grande significado já que se proporciona um quadro alargado de apoios e relações de produção que nos podem ser bastante úteis.

Uma das medidas mais recentes do Governo perspectivando o Mercado Único foi isentar de IVA os livros e algumas publicações periódicas, com a clara intenção de proteger os editores. Portugal defenderá a manutenção da taxa zero para os livros e outras medidas fiscais incidentes sobre a produção intelectual estão a ser estudadas, é o que posso adiantar.

«DL» - *Quando me aponta os exemplos do audiovisual e do livro julgo que é por se ter considerado que são as nossas indústrias culturais mais fortes, valendo a pena apostar nelas. Mas em termos genéricos, teremos o suficiente para oferecer ao resto da Europa e contrabalançar o muito que chegará de fora?*

T. G. - Isso é um problema que se põe em termos globais e é o mesmo que se coloca noutros sectores, no plano económico e industrial. Naturalmente que os produtos culturais não podem e não devem ser considerados como qualquer outro produto, devido ao seu valor simbólico e à sua condição de referentes de uma identidade que é a nossa: a especificidade das indústrias culturais reside no facto de que os seus produtos são suporte para ideias e mensagens. Em suma, veiculam a criação artística e intelectual e é nessa qualidade que em boa parte reside a sua competitividade.

Se essa indústria não for culturalmente atractiva não será procurada nem serão os subsídios do Estado que a poderão impor no mercado internacional, comunitário ou não. Ao Estado compete, penso eu, encontrar as melhores condições para a criação por isso mesmo existem os apoios e as ajudas da administração em determinadas áreas.

Sucessos e obstáculos

De um ponto de vista estético

creio que Portugal tem já uma capacidade actualizada de competir com outras produções europeias, o que se verifica no campo do cinema. Não me refiro à quantidade mas à qualidade: o ano passado filmes portugueses foram seleccionados em praticamente todos os festivais de cinema mais importantes. No campo das artes plásticas basta verificar o sucesso que os pintores e escultores portugueses têm tido ultimamente no estrangeiro. Valeria a pena meditar sobre isto.

Acresce um outro factor que ainda não abordei. Apesar de todas as medidas que na área da cultura o Estado prepara para o embate do Mercado Único, creio que nenhuma delas terá algum alcance se a Comunidade não tiver subjacente um sistema de educação efectivamente europeu. Mas é curioso: enquanto a educação parece ser para todos os países europeus uma prioridade, não encontro uma correspondência no plano comunitário. Não se fez muito pela criação de uma comunidade educativa eu-

Imagraf



produtos para
fotocomposição
difusão-transfert
offset
microfilme
fotografia
radiografia

AO DIÁRIO DE LISBOA, NESTA DATA,
AS NOSSAS SAUDAÇÕES AMIGAS.

Imagraf

Av. Miguel Bombarda, 91-1.º
1000 Lisboa — Tel. 54 95 71/56 04 03
Laboratórios em Venda Nova
2700 Amadora Portugal
Tel. 97 26 31

MODELOS DINABEL



Mod: Dina



Modelo Katy



Postiço: Cascata

Para a beleza feminina a moda das cabeleiras é um meio fascinante de mudar a cor dos cabelos e ter sempre ao seu dispor um lindo penteado. Perucas e Postiços para senhoras e próteses capilares para homens em cabelo natural garantido.

Participação: ADSE, Comp.ª de Seguros e Caixa de Previdência

Visite a Exposição de penteados na

CASA DINABEL

Rua Morais Soares, 82 - 2.º F (Metro de Arroios)
Tele.: 83 44 34 1900 LISBOA

PRONTO A VESTIR MARQUES

- UM DOS «PRONTOS A VESTIR» MAIS MODERNOS DE LOULÉ
- AS MELHORES MARCAS NOS MELHORES ARTIGOS
- VISITE-NOS, QUE VAI GOSTAR

TELEFONE 08963254

PRAÇA DA REPÚBLICA, 12 - LOULÉ



SODIPEL

O MELHOR FORNECEDOR DE PAPEL DE JORNAL
A NÍVEL NACIONAL

A SODIPEL deseja as maiores felicidades aos que diariamente
fazem o «Diário de Lisboa» na passagem do seu 68.º aniversário!

RESTAURANTE TÍPICO MURALHA DE AVIS

PRATOS REGIONAIS
PRATOS TÍPICOS ESPANHÓIS
ESPECIALIDADE: «ZARZUELA»

“PUB D. JAIME”

(Fechado ao sábado)

Cerca do Convento
Tel. (042) 4 23 01

7480 AVIS



REPRESENTANTES DE FÁBRICAS DE PAPÉIS,
CARTÕES E CORDOARIAS

ALPACO - SOCIEDADE COMERCIAL DE
PAPÉIS E CORDAS, LDA.

Calçada de Salvador Correia de Sá, n.º 30
Telef.: 328604-328785 — Telex 42502

1200 LISBOA



COOPERATIVA
DE
ESTUDOS
E
PROJECTOS
DE
DESIGN
E
ARQUITECTURA

Rua Quinta de Betunes, 19 • ☎ 6 28 79 • 8100 Loulé
Rua da Marombeira, 22-B • ☎ 6 38 79 • 8600 Lagos
Rua Manuel de Arriaga, 1 • ☎ 2 88 22 • 8000 Faro

- PROJECTO GERAL
- PROJECTO DE ESTABILIDADE
- PROJECTO DE ELECTROTECNIA E ILUMINAÇÃO
- PROJECTOS DE INSTALAÇÕES TÉCNICAS
- PROJECTO DE ARRANJOS EXTERIORES

CAFÉ - RESTAURANTE

O TRILHO

REFEIÇÕES TIPO REGIONAIS

RUA DE ST.º ANTÓNIO, 1
Tel.: 84 314

7960 VILA DE FRADES

INDESTRAL

Indústria de Desperdício e Trapo, Ld.ª

Fábrica — Estrada Nacional, 117
Valejas — Telefone 4355558
2795 — LINDA-A-VELHA

«Intervencionismo tem limites»



ropeia, se assim lhe quisermos chamar. Encontram-se maneiras de regular a fiscalidade, de promover políticas agrícolas, mas a educação, que me parece uma condição básica para o advento da Europa cultural, não merece atenções suficientes. Deram-se alguns passos com a equiparação de diplomas, por exemplo, mas um verdadeiro relacionamento de universidades europeias está longe de existir e a verdade é que seria importantíssimo que assim acontecesse, criando um maior equilíbrio na formação cultural dos europeus e uma maior igualdade de oportunidades culturais.

«DL» - *As nossas debilidades estruturais não chocariam, portanto, com o desejo de uma Europa culturalmente plural, a seu ver... Há quem refira o risco de um hibridismo cultural na Europa que acabasse por não ter a ver com nenhum dos seus povos. Acha que sim?*

T. G. - Os portugueses terão sempre problemas específicos e estarão interessados em conhecer a maneira como esses problemas são tratados, por exemplo, na literatura. O interesse pelo que nos diz respeito será sempre privilegiado, estou certa disso. Não é um palpite meu: os estudos que já se fizeram, nomeadamente a respeito do sucesso ou insucesso que poderá ter uma televisão europeia, demonstram-nos que a predilecção por produtos nacionais é inequívoca, e isto tanto para a informação como para os programas televisivos em geral.

O hibridismo é salutar

E repare que para todos os efeitos todas as culturas são híbridas. É uma falsa questão, essa: o que é a cultura portuguesa senão uma cultura híbrida? As culturas são sempre produtos de uma grande complexidade histórica e da integração de elementos díspares. Se não fosse assim qualquer cultura, tornada autista, morreria por degeneração. O resultado das interpenetrações culturais no todo da Europa será sempre autêntico e significativo. Os portugueses não irão deixar de falar Português por isso...

«DL» - *Eu perguntava-lhe, de qualquer modo, isto: ficou patente na Feira das Indústrias de Cultura a grande debilidade que têm os nossos produtores culturais. Difícilmente até se poderá dizer que muitos deles constituem verdadeiras indústrias*

culturais. Face aos sectores similares da Europa, muito mais desenvolvidos, não poderá haver uma desprivilegiação da oferta portuguesa? O nosso periferismo económico e mesmo cultural não representará um óbice numa Europa vista como «cultura de culturas»? O que pode ou não pode afinal o Governo português para evitar certas situações?

T. G. - Em todas as declarações políticas no plano comunitário tem havido sempre a preocupação de valorizar a diversidade cultural europeia. Logo penso que, à semelhança de outras áreas, a solidariedade comunitária também terá tradução no que à cultura diz respeito. Não excluo que nalgumas acções, apesar da actual timidez, venha a verificar-se também essa solidariedade e conforme se desenharem com mais convicção algumas políticas europeias em matéria cultural...

O intervencionismo tem limites

«DL» - *E em Portugal? Para onde aponta o Governo?*

T. G. - É-me muito difícil generalizar. Citei-lhe alguns exemplos - o audiovisual e o livro. Quanto à televisão pela nossa parte assinámos um protocolo com a RTP tendo em vista a realização de programas de ficção ou documentais produzidos conjuntamente. Penso porém que a maior ajuda que se pode proporcionar aos criadores é possibilitar-lhes meios de formação de muita qualidade e organizar os meios de expansão.

Ponho limites ao intervencionismo do Estado em relação a estes sectores, no sentido que referi há pouco. A actividade de uma Secretaria de Estado da Cultura, para além daquela que se dirige à salvaguarda do património, consiste apenas numa acção de apoio à actividade cultural e nessa medida a criação artística nacional não está propriamente desprotegida. A actividade artística recebe subsídios, mas há um limite para isto e eu de facto não tenho tão pouca convicção nas capacidades dos criadores portugueses que ache à partida que eles não conseguirão sobreviver numa Europa sem fronteiras.

Há um limite, de facto, para esse intervencionismo e, além disso, repito, pensa-se em Português há 810 anos. ■

«NEM EU NEM O OUTRO» (Mário de Sá-Carneiro)



«Eu não sou eu nem sou o outro, / Sou qualquer coisa de intermédio: / Pilar da ponte de tédio / Que vai de mim para o Outro»: é esta a quadra que na mesa-redonda o embaixador José Augusto Seabra cita para ilustrar o querer europeu do português. O autor dos versos foi Mário de Sá-Carneiro, e muitos preferem as suas palavras àquelas que Fernando Pessoa deixou escritas na «Mensagem». Mas também foi Mário de Sá-Carneiro quem escreveu o poema que de seguida citamos. Saibamos compreendê-lo em todas as ilacções:

ÂNGULO

Aonde irei neste sem-fim perdido,
Neste mar oco de certezas mortas? -
Fingidas, afinal, todas as portas
Que no dique julguei ter construído...

- Barcaças dos meus ímpetos tigrados,
Que oceano vos dormiram de Segredo?
Partiste-vos, transportes encantados,
De embate, em alma ao roxo, a que rochedo?...

Ó nau de festa, ó ruiva de aventura
Onde, em Champanhe, a minha ânsia ia,
Quebraste-vos também ou, porventura,
Fundaste a Oiro em portos de alquimia?...

Chegaram à baía os galeões
Com as sete Princesas que morreram,
Regatas de luar não se correram...
As bandeiras velaram-se, orações...

Detive-me na ponte, debruçado,
Mas a ponte era falsa - e derradeira.
Segui no cais. O cais era abaulado,
Cais fingido sem mar à sua beira...

- Por sobre o que Eu não sou há grandes pontes
Que um outro, só metade, quer passar
Em miragens de falsos horizontes -
Um outro que eu não posso acorrentar...

«Não temos que ter uma inquietação quanto à nossa identidade»

continuação da pág. 73

É evidente que isto acontece porque ela tem qualidade.

Proteccionismo não

Temos de estimular o desenvolvimento de editoras capazes. A nossa luta neste momento não pode, no entanto, ser proteccionista. Suponho que estaremos de acordo nisto. A atitude proteccionista hoje não é válida. Convinha termos uma atitude diferente, dinâmica.

A. H. - Não é só não ser válida, é que é impossível...

J. A. S. - Mas eu não estou a defender, de maneira nenhuma, que devamos abdicar diante do peso hegemónico de qualquer outra cultura. Agora o que nós temos de saber é que não conseguiremos ser, já não digo concorrentes mas europeus e universais se não estimularmos a nossa própria iniciativa privada. Não atribuamos à Europa deficiências próprias e não atribuamos à Europa situações que decorrem de hegemonias exteri-

ores contra as quais a Europa luta. Porque nós sabemos que o mesmo problema põe-se na Defesa, o mesmo problema põe-se na moeda. Quando isso acontece é porque se tem um certo receio - às vezes até de algumas das próprias moedas europeias ou dos sistemas defensivos europeus. Simplesmente, não podemos aceitar a hegemonia da cultura aristocrática ou da cultura burguesa quando há uma cultura camponesa, há uma cultura dos meios dos trabalhadores, com os seus valores próprios. Não podemos reduzir a cultura a uma média porque senão seria... seria...

«DL» - Não é como o problema do ecu, que esse é redutível a uma média... Mas seria interessante, agora, equacionar a identidade portuguesa com a identidade europeia...

J. A. S. - Posso começar dizendo que talvez sejamos, do ponto de vista cultural, não direi os mais europeus mas dos mais europeus. Tomo a definição de europeu de Edgar Morin, num colóquio organizado há pouco tempo,

em Paris: ele disse que toda a identidade é uma poli-identidade... Ora, a nossa identidade, se assim podemos afirmar, é plural. Assumimos a identidade mais como a relação com o Outro. Aliás, não há identidade sem alteridade, e por isso somos diversos quando nos relacionamos com a Espanha, com a França ou com a Inglaterra, e isto começou quando nos relacionamos com os africanos, com os sul-americanos ou com os asiáticos...

Personalidade, pouca ou muita

«DL» - Mas não se poderá dizer que essa capacidade de adaptação é uma falta de personalidade?

J. A. S. - Não, talvez seja demasiada personalidade. Não esqueçamos que semanticamente a palavra «pessoa» vem de «persona» e persona vem de máscara. Portanto ter personalidade pode ser entendido como ter o máximo de rostos possível. Bom... O



SINDEPESCAS/UGT
SINDICATO DEMOCRÁTICO DAS PISCAS
Rua da Esperança, 37-1.º 1200 LISBOA
Telefones: 66 17 26 - 60 17 96
Telex 12956 SINDEP P
Telefax 60 17 96



COOPERATIVA DE PESCA DOS ASSOCIADOS
DO
SINDICATO DEMOCRÁTICO DAS PISCAS
COOP SINDEPESCAS - CRL
Rua da Esperança, 37-1.º 1200 LISBOA
Telefones: 66 17 26 - 60 17 96
Telex 12956 SINDEP P

O PEIXE É FISH

— VENDEMOS O MELHOR PRODUTO
CONGELADO AOS MELHORES PREÇOS
— SOMOS UMA COOPERATIVA AO SERVIÇO
DOS TRABALHADORES.
— VISITE-NOS

Estamos a comemorar o 90.º Aniversário sempre ao serviço dos trabalhadores do sector das pescas — somos membros do Secretariado Nacional da UGT e de diversos comités sociais das comunidades europeias em Bruxelas



«O perigo de um snobismo europeu e de um casticismo ainda pior»

← problema, quanto a mim, é este: a afirmação da identidade portuguesa, que preocupa alguns, parece sem sentido na medida em que não precisamos de a afirmar porque a temos em demasia e, por outro lado, não devemos nunca ter receio do Outro. É justamente na relação com o Outro que nós mostramos o que somos. Prova: os marinheiros, descobridores, exploradores, emigrantes, exilados políticos.

Poderá o dr. Coimbra Martins concordar comigo: nós nunca tivemos lá fora, no exílio, um problema de identidade. Tivemos sim um problema de passaporte, que é outro aspecto da identidade. Como dizia o Bertold Brecht, a coisa mais preciosa do mundo é um passaporte, porque o homem a gente pode fazê-lo não importa em que situação mas um passaporte não... De qualquer modo, o passaporte foi abolido nas Comunidades Europeias. Identidade é, sim, a nossa possibilidade de realização como pessoas, de termos a nossa diferença...

«DL» - E qual é a nossa diferença em relação a uma identidade europeia, ela também bem difícil de definir?

J. A. S. - A diferença específica estaria nisto: na Europa nós somos o povo que, tendo herdado tudo aquilo que veio do Mediterrâneo e foi transmitido ao continente europeu, o transplantámos para a relação com povos doutros continentes. Isso é que é o acto original, como dizia Jaime Cortesão. O grande acto histórico dos portugueses foi ter contribuído para a unidade do homem e para o encontro das civilizações. E eu até iria ao ponto de considerar que todo o português devia ser simultaneamente cidadão de Portugal e cidadão do Mundo. Ninguém ignora que Jaime Cortesão tem a sua obra profundamente marcada pelo patriotismo. Toda a obra teatral

dele, a obra poética, a obra de historiador são profundamente patrióticas, às vezes até no sentido romântico da palavra. Mas a verdade é que ele foi o historiador que abriu a História dos Descobrimentos a uma visão ecuménica.

Intermediários seremos

«DL» - Deparamo-nos então com dois tipos de situação que se relacionam apesar de antinómicas. De um lado, haverá um discurso que pretende ver Portugal, a identidade portuguesa ou a cultura portuguesa como mais europeia do que a europeia. E do outro...

J. A. S. - ...mas...

«DL» - Não, não, não estou a pensar que seja assim da parte do senhor embaixador...

J. A. S. - ... pus o partitivo só para... Às vezes é muito agradável ter um interlocutor assim. Eu diria que aquilo que caracteriza essencialmente a nossa relação cultural com a Europa e com outras culturas, é nós sermos intermediários. Pegaria num verso célebre de Mário de Sá-Carneiro: «Eu não sou eu nem sou o outro / sou qualquer coisa de intermédio». Porquê? Porque qualquer coisa de intermédio, no bom sentido da palavra, nós fomos muitas vezes. Esse é o tema que está na ordem do dia da UNESCO: o inter-cultalismo. Nós fomos intermediários. Mas não entendendo intermediário no sentido comercial ou económico do termo. Não se pode aplicar o conceito de medianeiro ou intermediário cultural ao comércio. Acho que a identidade cultural europeia deve ser definida relativamente à identidade económica e à identidade política: há uma autonomia do cultural. Porque digo eu que somos «dos mais europeus» e não «os mais europeus»? Os gregos...

«DL» - ... de facto há uma questão cultural, ligada a uma certa visão da História portuguesa e do

nosso papel na época dos Descobrimentos... e que leva alguns sectores a uma leitura que parece apresentar-nos como mais europeus do que aquilo que é europeu... esta não é necessariamente a leitura do senhor embaixador. Mas por outro lado há ainda - o que é cultural também e sobretudo político, naturalmente - uma ligação muito íntima, muito forte, com a ideia clássica de Estado-Nação, que herdámos dos bancos da escola, do salazarismo e que está presente hoje em qualquer discurso... Qual é a sua opinião, dr. Coimbra Martins?

C. M. - Bem... Eu creio que há uma relação inquieta, do ponto de vista histórico, entre Portugal e a Europa. Esta inquietação do português perante a Europa manifesta-se já no século de Camões e nunca deixou de se manifestar até ao nosso tempo. É muito claro o significado do que Garret escreve: «É urgente e imprescindível reequilibrar Portugal na balança da Europa». Julgo que presentemente não temos de ter uma inquietação quanto à nossa identidade. Exactamente como diz o dr. José Augusto Seabra, a identidade portuguesa é muito forte, mesmo sem excluir essa inquietação. O Grande Mercado Interior pode, de facto, fazer-se com distorções. É preciso tomar a tempo as medidas adequadas a fim de essas distorções não se produzirem. Há-as que poderão prejudicar as empresas, como as que surjam em detrimento de uma maneira de ser portuguesa...

É preciso acordar

«DL» - Desculpe-me a interrupção. Não nos irá acontecer, uma vez mais, acordarmos demasiado tarde?

C. M. - O que é preciso é acordar. É claro que talvez estejamos a acordar tarde, mas o



LORILLEUX INTERNATIONAL

Este jornal foi impresso com tintas

LORILLEUX INTERNATIONAL



COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

PRINCIPAIS ACTIVIDADES DO PROGRAMA MUNICIPAL

TEATRO

7 Abril	9.30 H	Cineteatro Vila Franca de Xira
8 "	16.00	" " " "
12 "	15.00	«A ESTALAJADEIRA» de Goldoni pelo CDIAG — — Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett
13 "	11.00	Cineteatro Vila Franca de Xira
14 "	"	" " " "
		«AS PALAVRAS NÃO TÊM ESCAMAS» peça para crianças pelo CDIAG

CINEMA

7 Abril	16.30	Cineteatro Póvoa de St.ª Iria
12 "	19.30	" " " "
12 "	16.30	Cine-Foca Forte da Casa
14 "	19.30	" " " "
14 "	16.30	Cine-Orion Castanheira do Ribatejo
21 "	19.30	" " " "
21 "	16.30	Cineteatro Vila Franca de Xira
	19.30	" " " "
		Projeção do filme «GRITA LIBERDADE» de Richard Attenbrough, para alunos das escolas secundárias do concelho

MÚSICA

8 Abril	21.30	Largo da Cruz — Sobralinho
9 "	16.00	Pavilhão Abelheira — Póvoa St.ª Iria
16 "	16.00	Parque Desportivo da Ulmeira — Calhandriz
23 "	21.00	Anfiteatro Parque Residencial — Vialonga
14 "	21.30	Música Popular e actuação de Ranchos Folclóricos
21 "	21.00	Pavilhão da Vala do Carregado — Castanheira
		Jardim do Bairro — Alverca
		Espectáculo de Música Popular com
		Agrupamento «LUAR DE JANEIRO»
23 "	21.30	Integrado na inauguração da Casa da Juventude e Cultura de Vila Franca de Xira
29 Abril	22.00	Encontro com «MISE ENSEMBLE»
		Pavilhão Municipal do Forte da Casa
		Dia da Juventude
		Espectáculo musical com «TROVANTE»

EXPOSIÇÕES

7 Abril	19.00 H	Galeria Municipal Vila Franca de Xira
		Inauguração Exposição de Tapeçaria e Pintura de Teresa Ribeiro
7 "	21.30	Galeria Alves Redol — Vila Franca de Xira
		Exposição de Gravura de Jovens Artistas
15 "	15.00	Inauguração da Biblioteca Juvenil e Galeria Municipal de Exposições da Qt.ª da Piedade — Póvoa St.ª Iria
21 "	21.00	Galeria Alves Redol — Vila Franca de Xira
		Exposição documental sobre «BERNARDO SANTARENO»

DESPORTO

15 Abril		Torneio Feminino Futebol Salão — Mártir Santo
16 "		Vila Franca de Xira
22 "	16.00	I Festival de Basquetebol do 25 de Abril Pavilhão CHASA — Alverca
8 "		Actividades Náuticas
9 "		" " " "
22 "		" " " "
23 "		" " " "
23 "		IV Grande Prémio de Vila Franca de Xira em Ciclismo para seniores e seniores especiais
29 "		Torneio Internacional Juvenil
1 Maio		do Futebol Club de Alverca
25 Abril	10.00	Estafeta da Liberdade — Vialonga-Vila Franca de Xira

PROGRAMA DO DIA 25 DE ABRIL

09.00	—	Ícar da bandeira no edifício dos Paços do Concelho	— V F Xira
09.30	—	Actuação de Zés Pereiras pelas ruas da cidade	— V F Xira
10.00	—	Iniciação ao xadrez e simultâneas com a participação do prof. Jorge Guimarães — L.º da Câmara	— V F Xira
10.00	—	Partida da Estafeta da Liberdade — Vialonga	— V F Xira
14.00	—	Animação no Jardim Municipal com vários agrupamentos musicais e folclóricos	— V F Xira
	—	Rancho Folclórico de Bragadas	— V F Xira
	—	Loja Nova	— V F Xira
14.30	—	Exibição de xadrez no tabuleiro gigante com a participação do Prof. Jorge Guimarães e praticantes do Ateneu Artístico Vilafranquense	— V F Xira
15.00	—	Chegada do Desfile de Bateiras engalanadas	— V F Xira
16.00	—	Animação de rua com Circo ou Saltimbancos	— V F Xira
16.00	—	Desfile pelas ruas da cidade comemorativo do 15.º aniversário do 25 de Abril, acompanhado com Zés Pereiras, Fânfaras dos Bombeiros, Ranchos Folclóricos e Carros Alegóricos	— V F Xira
17.00	—	Largada de pombos no L.º César Pereira	— V F Xira
17.00	—	Concentração na Pç. Afonso de Albuquerque seguida de intervenções alusivas	— V F Xira

INTEGRADO NO FESTIVAL AMAR O TEJO VIVER A PAZ

7 Abril	22h00	Baile Popular — Conjunto «Convergência»	— V F Xira
8 Abril	10h00	Pç Afonso de Albuquerque	— V F Xira
		Manhã Infantil	— V F Xira
	15h00	Pç Afonso de Albuquerque	— V F Xira
		«Canta Quem Quer»	— V F Xira
	22h00	Ranchos Folclóricos	— V F Xira
		Espectáculo Popular Jardim Municipal	— V F Xira
		com FAUSTO, PAULO E FERNANDO	— V F Xira
9 Abril	24h00	FESTIVAL LASER	— V F Xira
	13h00	Convívio	— V F Xira
		Pavilhão do Cevadeiro	— V F Xira
	16h00	Espectáculo musical com «PACE MAKER»	— V F Xira



Câmara Municipal
de
Vila Franca de Xira

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS Tel: 22031 ext. 223 e

«A ideia europeia é uma ideia-prestígio»

que já se processou relativamente à integração de Portugal na Europa dá a medida de uma grande disponibilidade por parte do povo português quanto à mensagem europeia e sobre isso as próximas eleições europeias serão com certeza um teste muito importante. Em que medida o povo português irá às urnas, mostrando-se interessado na Europa? Eu arriscar-me-ia a prognosticar que o nosso eleitor votará numa proporção que nos deixará bem no quadro geral da afluência às urnas em toda a Europa dos Doze. Existem, seja como for, dois perigos neste processo de integração: o perigo de um snobismo europeu e o perigo contrário de um casticismo ainda pior.

«DL» - *Quer dizer snobismo ou elitismo?*

C. M. - Quero dizer snobismo. Em termos de fenómenos internos temos de conjurar estes dois perigos e, relativamente à Europa, ver-nos-emos obrigados a tomar o mais cedo possível as medidas adequadas. E havemos de mostrar, se não me engano, uma naturalidade face à Europa que será a maneira nova de viver esta relação, no lugar da inquietação, que foi a maneira histórica de reagirmos.

«DL» - *Parece-lhe mais fácil essa adaptação das «mentalidades» do que a adaptação económica?*

C. M. - Parece-me que serão simultâneas e que conseguir uma significará que a outra estará também em vias de se concretizar.

«DL» - *Creio que está aqui um bom ponto de partida para si, dr. António Hespanha....*

A. H. - Acho que efectivamente não temos um problema de indetidade cultural, como já foi aqui dito. Sendo tão pequenos e tão pobres, se ainda por cima se somasse a isso um problema de identidade já teríamos desaparecido. E sobrevivemos. E na vida de todos os dias, descendo dos grandes espíritos para a cultura do homem da rua, se é que eu sou competente para a apreciar, não creio que exista qualquer preocupação a esse nível...

Europeus há pouco tempo...

«DL» - *Essa despreocupação não estará eventualmente ligada a um certo casticismo, para usar a expressão do dr. Coimbra Martins?*

A. H. - Bem... eu contradiria um pouco uma coisa que o dr. José Augusto Seabra disse, ou pelo menos dar-lhe-ia uma formulação diferente. Julgo que nós portugueses somos muito pouco europeus. Não estou nada interessado na psicologia dos povos, isso dos fleumáticos ingleses, os «portugais toujours gais» e coisas assim - mas nos vários estratos da nossa cultura somos europeus mais tarde do que os outros e nalguns casos há pouquíssimo tempo. Nos estratos culturais eruditos fomos europeus muito tarde: basta ler as memórias dos viajantes estrangeiros em Portugal nos finais do século XVIII, ou consultar as memórias dos portugueses viajantes no estrangeiro para se verificar que Portugal e a Europa eram dois mundos completamente diferentes. Mesmo ao nível da corte. Nesse ponto não estou de acordo. Coisas que eram correntes na Europa de então, como por exemplo um certo gosto generalizado pela música, pelo colecionismo de obras de arte... Bom... Cá até muito tarde isso não existiu. A mulher de D. José, a princesa Mariana Vitória, queixava-se de que em Portugal se aborrecia soberanamente por não fazer nada, e pedia à mãe, por carta, para que mandasse alguém de Madrid para lhe pintar o retrato. Pedia também à mãe para enviar músicos e lamentava que os homens não convivessem com as mulheres e outras coisas do género.

Mas mesmo a cultura popular, que é estatisticamente mais importante, é europeia há muitíssimo pouco tempo, porque os horizontes internacionais da nossa gente, até aos anos sessenta deste século, foram o Brasil e a África. Apesar da emigração e de alguns portugueses terem conhecido as trincheiras na Primeira Grande Guerra, a experiência europeia dos portugueses, antes dos anos sessenta, praticamente não existiu. É certo que a emigração trouxe uma certa experiência de Europa, o que já preparou as coisas. Mas estamos neste momento a ser submetidos a uma viragem cultural muito grande, do ponto de vista das relações internacionais portuguesas. Pessoas como nós não o sentem tanto porque pertencemos a uma elite cultivada, que lia o francês e o inglês

PAPELARIA - LIVRARIA

ARTYS

Livraria diversa, escolar e técnica - Artigos de escritório, escolar e técnico
Fotografia - Cinema e...
Brinquedos, jogos, bazar, e material didáctico

RUA SANTO ANTÓNIO, 43/45

☎ 22074 - 8000 FARO

no original e que fa a França, mas para a generalidade da população portuguesa a Europa, e mesmo a Espanha, era ainda há pouco mais estranha do que o Brasil ou a África.

«DL» - *Prevê, portanto, que esteja errado o prognóstico sobre a afluência às próximas eleições para o Parlamento Europeu?*

A. H. - Não sei... Não tenho a sensibilidade do dr.Coimbra M

artins pelo facto de ser deputado. Não sei se votarão mais ou se votarão menos. Temo que se vote pouco, mas hoje a ideia europeia é uma ideia-prestígio, e é provável que isso também jogue, levando a votar na bandeira azul com as estrelinhas. Bom... Parece-me que do ponto de vista cultural estaremos submetidos a um choque tão grande ou maior do que no plano económico, porque da mesma maneira que muitas das nossas empresas industriais só eram competitivas para a África produzindo enxadas e foices, há muitas empresas culturais que também só são viáveis se voltadas para os países tradicionais de expansão ou de expressão portuguesas, para Moçambique, para Angola, para a Guiné, e já menos para o Brasil, valha a verdade...

Produtores de enxadas

«DL» - *Está a chamar produtoras de enxadas às nossas empresas culturais?*

A. H. - Muitas delas acho que sim, que estão ao nível da enxada, pelo menos quando comparadas com o nível da exigência e da competitividade europeias. Quer dizer isto que, no fundo, eu defenda aqui um protecçãoismo? De maneira nenhuma. Deveremos estar conscientes de que este é um grande empreendimento. A Europa não é uma coisa natural, apesar de nestes últimos cinco anos termos levado, certamente com boas intenções, uma autêntica lavagem ao cérebro. São doses maciças de informação quotidiana que nos chegam pela televisão com os temas europeus. Mas apesar disso

duvido que para muitos portugueses a Europa, do ponto de vista cultural, faça sentido. Numa perspectiva económica para muitos ainda não faz e isso não quer dizer que eu me compraz com a situação.

«DL» - *Mas diga-me: não haverá o reverso disso? Se observarmos a condução dos partidos políticos portugueses e das próprias estruturas democráticas, Governo, Assembleia da República, etc., verificamos que, ultimamente, tem havido algum cuidado relativamente à integração europeia e também muitas hesitações. Isto parece-me patente a nível governamental e a nível do PSD porque se hesita, parece-me a mim, entre um determinado atlantismo que quer lançar pontes para o Brasil e a África mas também para os Estados Unidos. No Partido Socialista, onde surgiram os maiores investimentos não só no sucesso da CEE mas também na construção de uma União Política Europeia, assistimos igualmente a alguns recuos. Não se tornou patente, de facto, esse tal reverso da situação, uma série de receios, de indefinições, de hesitações?*

A. H. - É a minha opinião de cidadão: todos os partidos fazem uma utilização da Europa. Todos eles.

«DL» - *Servem-se da Europa?*

A. H. - Uns para venderem umas coisas, outros para venderem outras. Estou convencido que há uma utilização, por vezes bastante hipócrita, da ideia europeia por todos os partidos do nosso espectro político. Estarão no seu direito. Mas também não tenhamos ilusões: creio que a ideia que os portugueses fazem ou farão da Europa não há-de provir apenas das estratégias dos partidos políticos. Eu até sou militante de um deles mas julgo que os partidos têm na conformação das atitudes culturais das pessoas um papel, apesar de tudo, muito limitado. A cultura europeia não é bem isto que eu vou dizer mas... ser europeu

passa também por ser pontual, por conduzir bem, por não sei quê e não sei que mais. E nós não somos nada disso. Note-se que se se definir a Europa como o lugar da diferença, ah, bom, então todos somos europeus na medida em que somos diferentes, mas...

Eurocratas ou políticos?

«DL» - *Será que face a este cenário não haverá a possibilidade de a Europa ser mais depressa feita pelos eurocratas do que pelos políticos? Os eurocratas como elementos de contágio, com todas as consequências ne-*

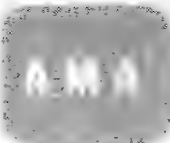
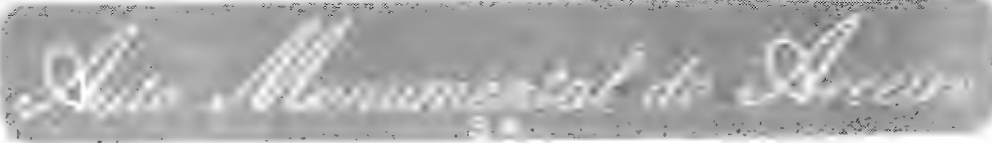
gativas disso...

C. M. - Esse perigo - talvez seja exagerada a palavra «perigo» - digamos essa tendência pode descortinar-se. Há uma importância muito grande dos eurocratas e a correcção do excessivo poder que lhes está entregue é o reforço dos

poderes do Parlamento Europeu. O Parlamento existe, tem poderes crescentes.....

«DL» - *Passarão pela criação de poderes constituintes?*

C. M. - ... tem poderes crescentes mas ainda muito reduzidos. Há, como fre-

concessionários
oficinas
e peças







Stand n.º 1 — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10
Tel.: 80 50 27 — LISBOA

Stand n.º 2 — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 11
Tel.: 88 49 75 — LISBOA

Stand n.º 3 — Estrada Lisboa-Sintra
Posto A.M.A./GALP — Alfragide
Tel.: 90 02 41/90 05 66

Sede: Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8, 8-C, 8-D — Stand-10
Telefones: PP C (4 linhas) 89 41 85/6/7/8
Telex: 63403 AMACARP — Telefax 804775
Telegramas: VOLCAR — 1000 LISBOA

mos com a Ásia, portanto tudo isto não deve ser excluído. A nossa posição é, sobretudo, a de medianeiros.

«DL» - Mas, em termos culturais, ser medianeiro não significará a inexistência de uma identidade própria?

J. A. S. - Não, porque eu defini a identidade como uma relação com o Outro. É para isso que somos vocacionados. Mas é preciso, neste momento, dar à Europa Ocidental uma coesão que ela não tem. É preciso evitar que haja de novo conflitos no centro da Europa - já que foi sempre no centro da Europa que se deram os conflitos. Não esqueçamos também que foi o próprio Jean Monnet quem, ao lançar e desenvolver a ideia da Europa comunitária, falou de que ela representaria talvez uma Nova Renascença. Na verdade a ideia de Europa está ligada à ideia de Renascença e à do Século das Luzes. E agora está a surgir uma outra ideia da Europa que só tem, quanto a mim, o realismo como novidade essencial. Quer dizer, não se pensa numa Europa do Atlântico aos Urais, o que seria o ideal, como utopicamente defendeu De Gaulle, embora eu não diga que um dia essa Europa não venha a existir.

Embrões e exílios

Considerou-se que o essencial é consolidar, primeiramente, a Europa dos Doze: um espaço único no plano económico, com instituições que embrionariamente podem levar à Europa política do futuro. Digo embrionariamente porque ainda estamos longe disso. Subjazendo está uma ideia cultural, mas com dois tipos de mentalidade sobrepostos. Uma mentalidade que, quanto a mim, é fundamental, a do pensamento e da criação e outra correspondendo à Europa do trabalho, da produção, uma Europa da técnica que é aquela que caracteriza a Revolução Industrial.

Viveram um pouco divorciadas, as duas formas de Europa, pelo que interessa uma maior aproximação entre elas. Penso que não pode haver uma Europa da indústria, do comércio e da agricultura sem uma Europa cultural. Por isso talvez nós devamos ser, ao mesmo tempo, mais exigentes e mais modestos. Não é necessário construir uma Europa cultural, porque ela sempre existiu. Mas é necessário construir uma Europa económica e política que se adapte a essa condição da Europa, mas



por círculos concêntricos. Eu admito que no futuro a Europa venha a alargar-se. Admito que ela venha a ter uma amplitude maior. Mas o que interessa é este momento e este momento é o do caminho para o Mercado Único. O realismo político e económico exigem que nós comecemos por construir este espaço.

«DL» - Mas voltemos à Europa do Leste, tendo em conta a perestroika e as liberalizações na Hungria e na Polónia, o desejo da Jugoslávia de aderir à CEE, o acordo recente entre a Comunidade Europeia e o COMECON...

C. M. - Traduzindo para a cultura esses movimentos: suponho que a cultura russa viveu, durante toda uma longa fase do poder soviético, consideravelmente exilada da Europa. E eu OUVI escritores soviéticos dizerem a escritores russos emigrados: «Somos tão exilados como vós. Vocês exilaram-se da União Soviética e nós vivemos na União Soviética exilados da Europa». Esse exílio está neste momento a ser superado. Portanto, eu tenho a convicção de que este diálogo é não só urgente e imprescindível...

«DL» - ...é inevitável?

C. M. - ... não... inevitável não creio que seja, pode-se evitar mas os custos seriam certamente pesados. Estamos num mundo que necessita de resolver os seus problemas ou de, pelo menos, não deixar agravar aqueles que tem, como a corrida aos armamentos ou a deterioração do ambiente. A corrida aos armamentos só se pode resolver

mediante um diálogo, tal como a segurança só se pode resolver mediante uma nova confiança e a qualidade de vida com uma cooperação muito estreita e muito franca, que evite as condições em que podem surgir novos desastres, como o desastre de Chernobyl, que não terá sido o único, aliás.

Legados e mal-entendidos

«DL» - Pareceu-me ter estabelecido um paralelo entre desarmamento e desenvolvimento cultural...

A. H. - O quadro institucional em que se desenvolve este esforço de construção da Europa cultural foi-nos legado pela construção da Europa económica. Esse quadro institucional agrupa um certo número de países contíguos, com laços económicos pré-existent, depois sucessivamente alargados até aos Doze. Há uma certa coerência, não tanta como se desejaria mas há uma certa coerência e lógica neste conjunto, embora alguns aspectos não sejam lógicos, como por exemplo o facto de estar fora do conjunto a Suíça, a Áustria ou os países nórdicos. Mas, a meu ver, e creio que isto no fundo é mais ou menos consensual, acumular-se-iam os mal-entendidos se pretendêssemos dar a esta Comunidade Europeia, que nasceu pela economia e pelos acasos da política europeia, uma identidade cultural. De facto, é difícil dizer que a Europa é a Europa Ocidental. A Europa não é só a Europa Ocidental. E com isto eu

não quero dizer que me pareça fácil englobar a Europa de Leste na Europa. É mais fácil a meu ver englobar os Estados Unidos. A Europa de Leste foi sempre um outro campo cultural...

«DL» - Disse «sempre»? Musicalmente, literariamente...

A. H. - Vamos lá a ver. Fala-se em Tolstoi, está bem...

«DL» - Não só... E a música russa...

A. H. - ... pois ponha num prato da balança a música russa e Tolstoi e quantos intelectuais russos do século passado queira e ponha no outro lado o grande peso da tradição cultural bizantina. A meu ver é claro que há um desequilíbrio enorme.

«DL» - Nos tempos modernos a cultura alemã é das mais universalmente ricas de toda a Europa, desde a filosofia e a literatura à poesia, ao teatro e à música. E continua a ter uma parte de Leste... Que é considerada para todos os efeitos Europa de Leste, mas culturalmente não é.

A. H. - Claro que não é. Porque a Alemanha que hoje está na Europa de Leste, a Silésia, etc., etc., é formada por ex-comarcas culturais alemãs e comarcas culturais europeias. O Império russo, esse, nunca foi integrante da Europa Central, à semelhança de uma boa parte dos países balcânicos que foram atraídos pela tradição bizantina.

O peso bizantino, que é político e religioso, e que é agravado ainda por cima pela ocupação turca de parte da Europa, cortou sempre a

Europa Ocidental da Europa Oriental...

Vivemos na mesma casa

«DL» - E a experiência de Pedro, o Grande, na Rússia? O fascínio pela Alemanha?

A. H. - Mas a própria história de Pedro o Grande, e das dificuldades que levantou toda a implantação da modernidade na Rússia provam isto mesmo que estou a dizer. E repare que em grande parte se pode perguntar se Pedro o Grande, triunfou ou não. Mas o que quero eu dizer? Não estou de maneira alguma a defender que se trace uma fronteira entre a Europa Ocidental e a Europa de Leste. Entendo que, não no plano da cultura mas no da paz e da segurança europeia, porque vivemos na mesma casa e porque no fundo qualquer desentendimento é sobre nós, sobre a cultura europeia de Leste e sobre a cultura europeia do Ocidente, que poderá cair...

«DL» - Dr. Hespanha, não cre que a matriz cultural de uma Checoslováquia, de uma...

A. H. - A Checoslováquia é ainda a Mitteleuropa. A Checoslováquia é Europa Central. Uma boa parte das comarcas do Sul da Polónia são Europa Central. A Hungria é até certo ponto e apesar de tudo Europa Central...

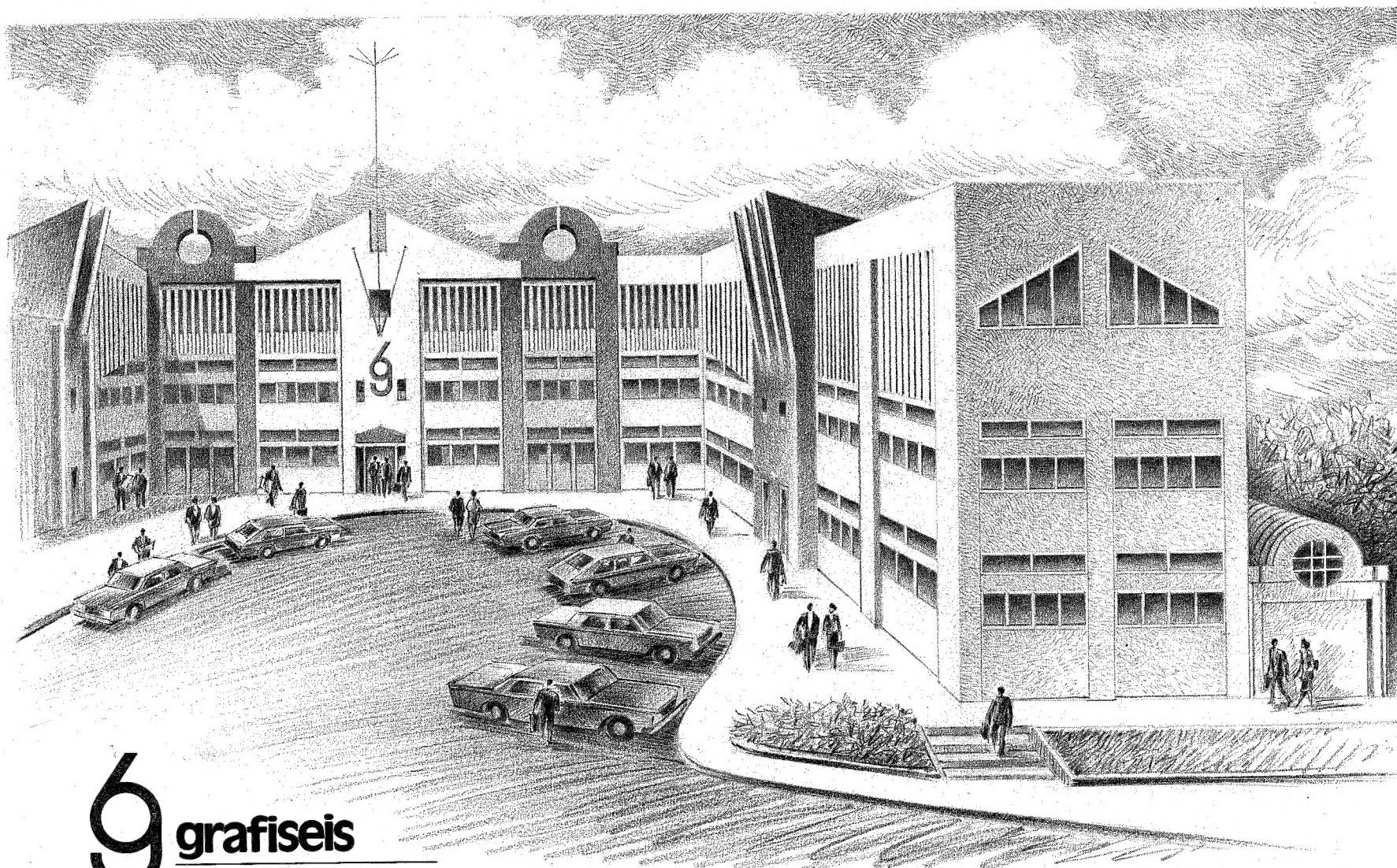
C. M. - Só queria dizer uma ou duas coisas mais....

A. H. - Para acabar, senhor professor. Não digo com isto que o entendimento europeu se deva



SOMOS UMA INDÚSTRIA GRÁFICA MODERNA
EQUIPADA PARA O REQUISITO
DA MAIS SOFISTICADA EXIGÊNCIA
RECONHECIDA NO PAÍS E ESTRANGEIRO

WE ARE A MODERN GRAPHIC INDUSTRY
EQUIPPED TO THE REQUISITE
OF THE MOST SOPHISTICATED EXIGENCY
ACKNOWLEDGED IN OUR COUNTRY AND ABROAD



6 grafiseis

ARTES GRÁFICAS, LDA.

Av. Hospitais Cíveis de Lisboa, 12-20 — 2700 AMADORA - PORTUGAL
Telefs.: 90 27 73 / 90 27 46 / 90 27 98 — Telex: 44680 FISEIS P

Somos doze mas outros querem entrar...

fazer sem a Europa de Leste. Parece-me é que pode provocar graves equívocos considerarmos que a outra Europa, a Europa de Leste, é uma Europa culturalmente como nós. Creio que, com todos os seus defeitos, a democracia parlamentar é a melhor que há...

«DL» - É o mal menor, como dizia o Churchill...

A. H. - ...é o mal menor, pronto. Dito isto estou à vontade para dizer também o seguinte: não é para mim seguro que a forma mais adequada de garantir a liberdade dos cidadãos seja a democracia parlamentar. Poderão existir formas de democracia participativa, e algumas já se ensaiam por aí: um pouco como as Iniciativas do Cidadão na Alemanha Federal. Mesmo em Portugal há formas não parlamentares de participação das populações que poderão ser os embriões de formas de organização política mais perfeitas do que a democracia parlamentar. É preciso ter um pouco de modéstia em relação à História, que nos mostra sempre coisas que não imaginámos, e não pensarmos que com a democracia parlamentar se atingiu o ómega da representação política.

Dizer coisas diferentes

Desconhecem-se as diferenças culturais que existem entre a Europa Ocidental e a Europa Oriental pode fazer precisamente com que não entendamos bem os europeus de Leste. Podemos pensar que estamos a dizer as mesmas coisas e afinal eles estão a dizer coisas diferentes, que até nos parecem horrorosas - e algumas são mesmo, não é? - esquecendo-nos de que a Europa bizantina vive uma tradição de vida e de organização política que não é a do Ocidente, a qual reage por vezes fortemente contra a ocidentalização. Vejam-se os dissidentes, de quem nos pensamos tão próximos, porque lutam pela liberdade e deles pensamos «cá estão, a lutar pela nossa democracia parlamentar e pela nossa cultura europeia»: a verdade é que quando vimos à fala mais concreta com eles descobrimos que temos conceitos completamente diferentes. E até já houve alguns mal-entendidos, como por exemplo com Soljenitsin, que tem discursos completamente incompreensíveis para nós.

«DL» - Pensa, então, como já foi aqui defendido, que a Europa é só a Europa Ocidental?

A. H. - Não, não concordo com ele porque entendo que a Europa é também os Estados Unidos, em termos culturais. Acho os Estados Unidos mais próximos culturalmente da Europa Ocidental do que, por exemplo, a Albânia, a Bulgária ou a União Soviética.

C. M. - Bom.... É evidente que há uma complementaridade entre a Europa e os Estados Unidos, mas os Estados Unidos não são uma Europa como nós...

«DL» - Nós também não somos uma Europa como eles...

C. M. - ...e a França não é uma Europa como a Alemanha.... E no entanto todos eles são Europa. É a tal questão da diversidade. Para mim é evidente que a Europa não é só a Europa Ocidental e também é evidente que há uma impropriedade de linguagem muito corrente hoje, com o uso da expressão Europa de Leste para abranger não só o Leste como também a Europa Central. Julgo que, efectivamente, a democracia parlamentar não é a última palavra. Não corresponde a todo o conteúdo da democracia mas é uma condição «sine qua non» da democracia. Quando se fala com o Soljenitsin verifica-se que não é bem uma aspiração à democracia parlamentar e europeia que ele defende: é verdade. Mas há um processo que se está a verificar neste momento: quando na União Soviética se abre caminho à publicação das obras de Soljenitsin ou de Pasternak é porque aquele país adoptou uma liberdade que o aproxima de nós. A literatura da perestroika está a ser, para já, a readmissão na Rússia dos

autores que o estado de coisas exilava.

A. H. - Talvez pudesse dizer...

C. M. - Já agora eu gostava de dizer ainda que...

«DL» - Não resisto à tentação de...

Uma novidade

C. M. - ...só uma nota. Quando afirmo que a democracia parlamentar não é tudo da democracia, eu gostaria de juntar o seguinte: o jogo parlamentar, o jogo partidário clássico, oferecia até agora o que era e continua a ser essencial, a alternância. Mas há uma novidade: é a Europa. E este edifício que estamos a construir não é uma fortaleza, como alguns lhe chamam. Não. É um espaço de habitação, trabalho e vida, é, conforme a expressão agora em voga, uma casa comum, com diversos compartimentos: deve-mos é estabelecer a comunicação entre eles.

«DL» - Uma vertente que entra nisto tudo e que parece, por acontecimentos recentes, bastante importante. Marrocos já manifestou o seu desejo de pertencer à Comunidade Europeia e tem por trás de si todo o Maghreb. E fala-se também de Israel. Ora, em relação ao Maghreb islâmico e a Israel, país judaico, aparece uma outra perspectiva de diversidade e de pluralidade. Mas com contradições inevitáveis entre os espíritos islâmico e judaico e o europeu. Este liberal, tolerante, aberto; aqueles com alguns aspectos totalitários, vide a condenação à morte de Salman Rushdie...

A. H. - Não generalizemos. Vamos lá a ver. Nós também tivemos e não foi há muito tempo.... Há dez anos em Espanha garrotava-se gente. Hoje na Europa isso

não se passa, mas há dez anos ainda acontecia. Oxalá me engane, mas pode passar-se daqui a uns anos outra vez. Também não é uma andorinha que faz a Primavera...

«DL» - O problema é que já há em território europeu um enfrentamento das duas culturas. O islamismo é já uma componente do caldo cultural europeu, graças aos emigrantes...

C. M. - Há poucos dias, na última sessão plenária de Estrasburgo, foi aprovado um relatório que preconiza o direito de voto para os emigrantes originários de um país da Comunidade nas eleições municipais dos países onde residam. Uma das críticas mais repetidas a esse relatório é a de que tal direito de voto deveria ser estendido a todos os emigrantes e não só aos provenientes de um país comunitário. A ser assim, envolveria na cidadania europeia os turcos, os muçulmanos...

A. H. - As coisas ficariam mais claras se as encarássemos de um modo mais simples. O que queremos nós, em termos práticos? Para já, para já queremos que os Doze tenham uma cultura competitiva em termos internacionais. No fundo é disto que se trata. Mas, neste campo, que interesses é que estamos a defender? Os da cultura europeia ou os dos grandes produtores de cultura na Europa? Não sejamos ingénuos. É evidente que atrás, ou melhor, participando deste interesse pela cultura europeia estão todos os grandes produtores europeus. Nós queremos tornar esta cultura competitiva, no mundo de hoje, com a cultura americana e a japonesa... é um dado assente.

A manta da cultura

Quem está interessado nisto? Um grupo de países que coincide com a ideia de Europa ou que por uma série de razões da História contemporânea recente está ali... e outros que não estão. Somos doze mas outros países querem entrar no grupo e nós estamos interessados em que isso aconteça. Mas não queiramos cobrir este monte heterogéneo de países com a manta da cultura europeia porque, doutro modo, dá-me a ideia de que ela passa a ser quase nada ou quase tudo.

«DL» - Uma cultura planetária...

A. H. - Mas assim, a certa altura, também seria o Japão, a China e a Índia. Se a cultura europeia é apenas o cultivo da diversidade então perde-se um bom bocado do conteúdo e apetee perguntar se ficará afinal alguma coisa de fora. Bom, um tipo de cultura fica de fora com certeza: refiro-me aos fundamentalismos, incluindo o católico. Desistamos de querer cobrir com a manta da cultura europeia todo este conjunto de países que poderão ser dezasseis, dezassete, vinte companheiros de viagens que, por razões tão aleatórias como as já existentes nos Doze, desejam construir um terceiro pólo cultural que se oponha aos já existentes. Tentar justificar isto em termos de unidade cultural começa a ser muito difícil. Parece-me que a manta cultural não chega, começa a faltar para cobrir certos pés...

C. M. - Acho que estamos a pôr de parte o critério continental, o critério geográfico. Há uma realidade geográfica...

A. H. - ... que em termos culturais vale o que vale...

C. M. - Até aos Urais ainda tem realidade geográfica...

«DL» - ... até Istambul também...

C. M. - ... mas Israel já não...

«DL» - ...em termos de cultura europeia a cultura judaica também cá está....

A. H. - mas a cultura judaica é uma cultura fundamentalista. Se há coisa que não caracteriza a cultura judaica é o ecumenismo... Eles são «o povo eleito».

«DL» - ... talvez fosse melhor falar de acção cultural desenvolvida por judeus na Europa...

A. H. - Sim, mas esses fizeram-no um pouco ao revés da sua própria tradição cultural.



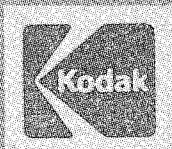
Quem chamou a Cegonha?

Baby BOOM

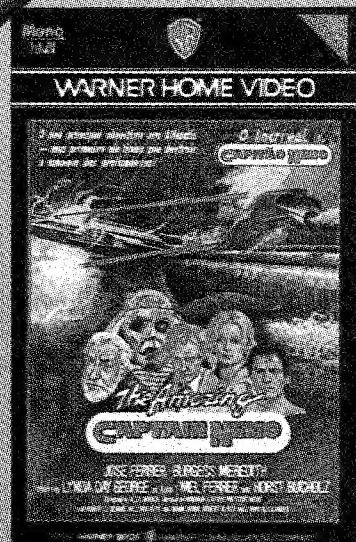
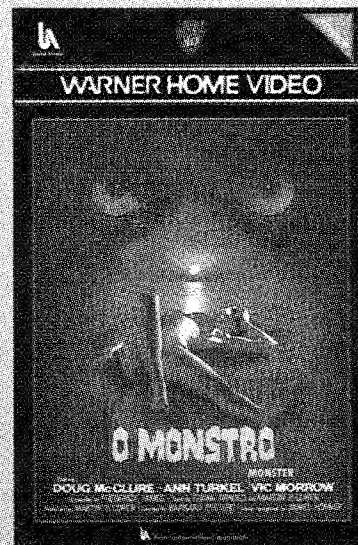
E MAIS UM «BOOM» DE BONS FILMES



DISTRIBUIDA EM
PORTUGAL POR:



WARNER HOME VIDEO



QUE SE PASSA, DOUTOR? • O MONSTRO • DECAMERON • O LADRÃO
PROFISSIONAL • O INCRÍVEL CAPITÃO NEMO • OS BURACOS ESTÃO NA MODA